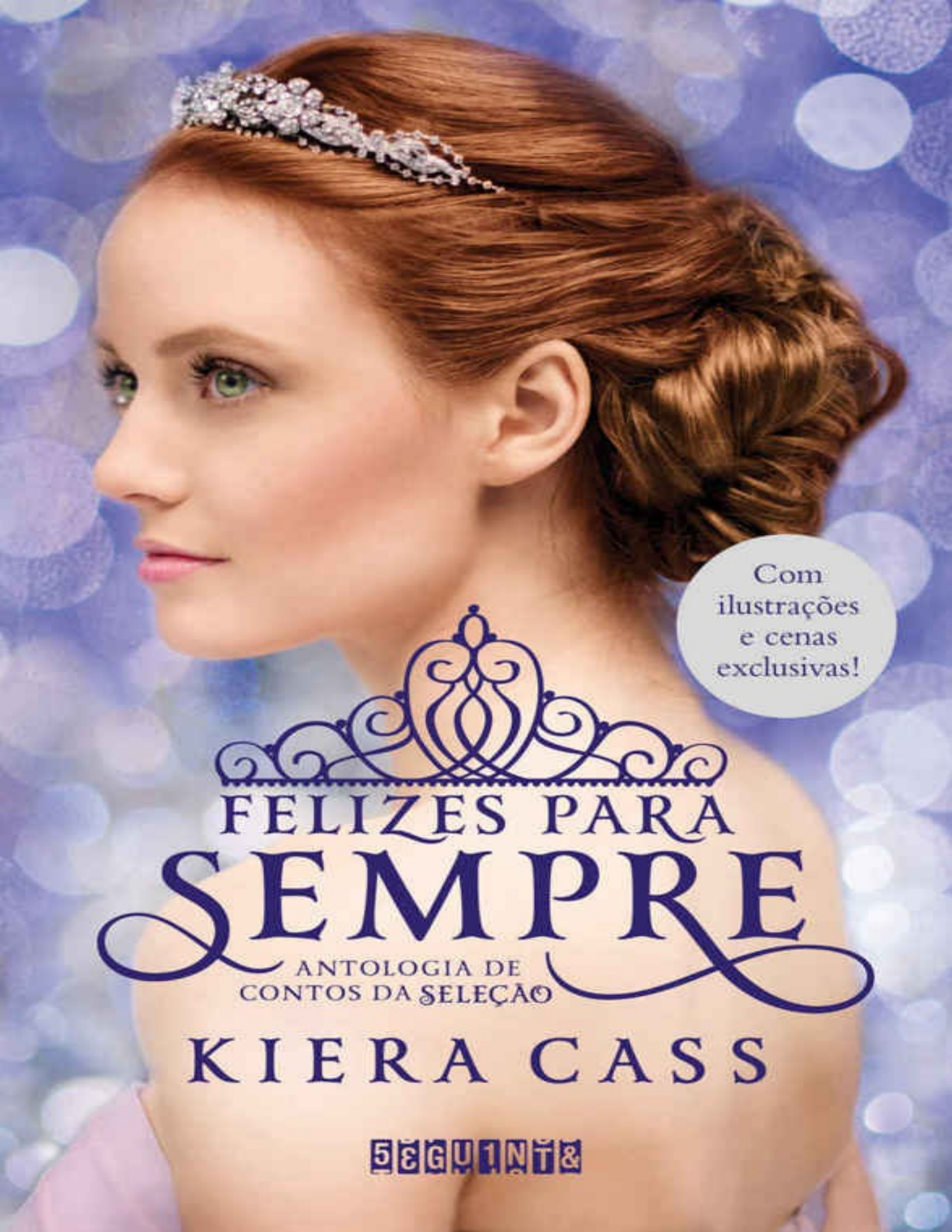

Com ilustrações e cenas exclusivas!
FELIZES PARA SEMPRE
ANTOLOGIA DE CONTOS DA SELEÇÃO
KIERA CASS
SEGUINTE



KIERA CASS

Ilustrações

SANDRA SUY

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

SUMÁRIO

A RAINHA

O PRÍNCIPE

O GUARDA

A FAVORITA

CENAS DE CELESTE

A CRIADA

Depois de A ESCOLHA

POR ONDE ELAS ANDAM?

Trecho de A SEREIA





A RAINHA



INTRODUÇÃO

ATÉ EU ESTAVA ANSIOSA PARA DESCOBRIR ESTA HISTÓRIA. Eu amo Amberly. Por ser mãe, olho para ela com uma grande admiração. Ela é encantadora, inteligente, elegante, bonita; e apesar de já ter vivenciado sua dose de tristeza, tenta ser alegre. Então *como* essa mulher maravilhosa pôde se apaixonar por alguém como Clarkson Schreave?

Foi interessante — para dizer o mínimo — ver não só Amberly na adolescência, mas também Clarkson. Observar a violência e a angústia que ele viveu na pele me fez perceber como o tempo e o medo podem transformar alguém numa pessoa má. Outra coisa incrível foi ver o esforço enorme que Amberly fazia para enxergar o lado positivo dele e da mãe dele, apesar de suas experiências pouco agradáveis. Acho que ela realmente acredita que ninguém é mau de propósito, que toda alma tem algo de bom, e é esse algo que ela sempre procura. Isso explicaria vários momentos ao longo de sua própria Seleção e também tornaria mais fácil entender o motivo de ela estar tão disposta a aceitar a esposa escolhida pelo filho, mesmo que o marido dela (e o país em geral) a riscasse da lista.

Uma das minhas preocupações com este conto é que ele diminui um pouco a figura de Amberly. Receio que a faça parecer boba por desconsiderar as palavras e as ações de Clarkson e querer ficar com ele apesar de tudo. Acho que esta é minha única chance de dizer o seguinte: nunca quis que este conto fosse uma justificativa para relacionamentos abusivos. Minha intenção era que esta história, como tudo que faço, fosse apenas honesta. Sabemos que Clarkson tem seus defeitos. Amberly também. O conto é uma espiada nos bastidores da vida de duas pessoas despedaçadas.

Kiera



A QUARTA ENXAQUECA EM DUAS SEMANAS. Como explicaria uma coisa dessas ao príncipe? Como se não bastasse o fato de quase todas as garotas que sobraram serem Dois. Como se as minhas criadas já não estivessem se matando para dar um jeito nas minhas mãos calejadas. Em algum momento, precisaria contar a ele sobre as ondas de mal-estar que vinham de repente. Bom, se ele ao menos me notasse.

A rainha Abby estava sentada do outro lado do Salão das Mulheres; parecia querer ficar longe das garotas de propósito. O menor movimento de suas costas já me dava a sensação de que, no que dependesse dela, não éramos bem-vindas.

Ela estendia a mão para a criada que, por sua vez, lixava suas unhas à perfeição. Contudo, mesmo rodeada de paparicos, a rainha parecia irritada. Eu não entendia, mas tentava não julgar. Talvez uma parte do meu coração também se endurecesse caso eu perdesse um marido tão jovem. Sorte que Porter Schreave, primo do falecido, a tomara como esposa, o que lhe permitira manter a coroa.

Corri os olhos pelo salão e passei a observar as outras garotas. Gillian era Quatro, como eu, mas uma Quatro adequada. O pai e a mãe eram chefs de cozinha, e pelo jeito como ela descrevia nossas refeições, eu imaginava que trilharia o mesmo caminho. Leigh e Madison estudavam veterinária e visitavam os estábulos sempre que recebiam autorização.

Eu sabia que Nova era uma atriz com milhares de fãs apaixonados torcendo para ela conseguir o trono. Outra garota, chamada Uma, era ginasta, e seu corpo pequeno e delicado era gracioso mesmo parado. Várias Dois ali sequer haviam escolhido sua profissão. Se eu também tivesse alguém para pagar as contas, me alimentar e me dar um teto, talvez também não me preocupasse com isso.

Esfreguei as têmporas doloridas e senti a pele rachada e os calos arranharem minha testa. Então parei para olhar minhas mãos maltratadas.

Ele jamais iria me querer.

Fechei os olhos e pensei no meu primeiro encontro com o príncipe Clarkson. Lembrava-me da força de sua mão ao me cumprimentar. Ainda bem que as minhas criadas acharam um par de luvas bordadas; do contrário, eu teria sido mandada de volta para casa no ato. Clarkson foi contido, polido e inteligente: tudo o que um príncipe deveria ser.

Eu tinha percebido durante as últimas duas semanas que ele não sorria muito. Dava a impressão de que temia ser julgado por achar graça nas coisas. Mas, minha nossa, como seus olhos brilhavam quando ele sorria! O cabelo loiro acinzentado, os olhos levemente azuis, seu porte robusto… Ele era perfeito.

Infelizmente, eu não era. Mas devia haver uma maneira de fazer o príncipe Clarkson me notar.

Querida Adele,

Afastei a caneta do papel por um instante, consciente de que aquilo era inútil. Ainda assim…

Estou me adaptando muito bem ao palácio. É lindo. É muito mais que lindo, mas não sei as palavras certas para descrevê-lo. Angeles é quente de um jeito diferente de casa, mas também não sei como explicar. Não seria maravilhoso se você pudesse vir e observar tudo e sentir o clima e os aromas por si mesma? E, sim, há muitos aromas.

Quanto à competição, ainda não passei um único segundo a sós com o príncipe.

Senti uma pontada no coração. Fechei os olhos e respirei devagar. Me forcei a manter o foco.

Com certeza você viu na TV que o príncipe Clarkson mandou oito garotas para casa, todas Quatro e Cinco e a única Seis. Restaram mais duas Quatro e um punhado de Três. Fico pensando se esperam que ele escolha uma Dois. Acho que faria sentido, apesar de isso partir meu coração.

Você poderia me fazer um favor? Poderia perguntar para a mamãe e o papai se temos um primo ou alguém na família nas castas mais altas? Eu deveria ter perguntado antes de partir. Acho que uma informação dessas seria bastante útil.

Eu estava começando a sentir as náuseas que às vezes acompanhavam as enxaquecas.

Preciso correr. Tem muita coisa acontecendo. Escrevo outra carta em breve.
Amo você para sempre,
Amberly

Me sentia fraca. Dobrei a carta e a enfiei no envelope já endereçado e selado. Esfreguei as têmporas de novo, na esperança de que a leve pressão me trouxesse algum alívio, embora nunca funcionasse.

— Está tudo bem, Amberly? — perguntou Danica.

— Ah, sim — menti. — Acho que estou cansada ou algo assim. Vou dar uma volta. Para fazer o sangue circular e tudo mais.

Sorri para Danica e Madeline e saí do Salão das Mulheres, em direção ao banheiro. Um pouquinho de água fria no rosto arruinaria a maquiagem, mas talvez fizesse eu me sentir melhor. Antes que pudesse chegar lá, a tontura veio de novo. Sentei em um dos sofazinhos dispostos pelos corredores e encostei a cabeça na parede para ver se melhorava.



Aquilo não fazia sentido. Todo mundo sabia que o ar e a água no sul de Illéa eram péssimos. Até os Dois de lá tinham problemas de saúde de vez em quando. Mas o palácio — um refúgio de ar puro, comida boa e cuidados impecáveis — não deveria me ajudar a ficar bem?

Eu perderia todas as oportunidades de impressionar o príncipe Clarkson se aquilo continuasse. E se eu não conseguisse participar da partida de croquet à tarde? Sentia meus sonhos escaparem entre os dedos. Seria melhor admitir a derrota logo. Doeria menos depois.

— O que houve?

Sobressaltada, levantei a cabeça e dei de cara com o príncipe Clarkson me encarando.

— Nada, Alteza.

— Você está indisposta?

— Não, claro que não — insisti, levantando. Foi um erro. Minhas pernas cederam e eu caí no chão.

— Senhorita? — ele perguntou, já ao meu lado.

— Sinto muito — murmurei. — Isso é tão humilhante.

Ele me pegou no colo.

— Feche os olhos se estiver tonta. Vamos para a ala hospitalar.

Que história engraçada para contar aos meus filhos: uma vez o rei me carregou pelo palácio como se eu não pesasse nada. Era bom estar ali, em seus braços. Sempre tinha me perguntado como seria senti-los.

— Minha nossa — alguém gritou. Abri os olhos e vi que se tratava de uma enfermeira.

— Acho que ela está com uma fraqueza ou algo assim — Clarkson disse. — Não parece machucada.

— Coloque-a aqui, por favor, Alteza.

Com extremo cuidado, o príncipe Clarkson me deitou num dos leitos que pontilhavam a ala hospitalar. Eu esperava que ele pudesse ver a gratidão em meu olhar.

Pensei que sairia imediatamente, mas o príncipe permaneceu ao meu lado enquanto a enfermeira checava meu pulso.

— Você comeu hoje, querida? Ingeriu bastante líquido? — ela perguntou.

— Acabamos de sair do café da manhã — o príncipe respondeu por mim.

— Você se sente doente?

— Não. Bem, sim. Digo, não é nada. De verdade.

A ideia era diminuir a importância daquilo para quem sabe conseguir participar da partida de croquet mais tarde.

A expressão da enfermeira era severa e doce ao mesmo tempo.

— Permita-me discordar, pois a senhorita precisou ser carregada até aqui.

— Isso acontece o tempo todo — deixei escapar, frustrada.

— Como assim? — ela pressionou.

Não era minha intenção confessar aquilo. Respirei fundo, tentando pensar num jeito de me explicar. Agora o príncipe saberia como a vida em Hondurágua tinha me prejudicado.

— Tenho muitas enxaquecas. E às vezes elas me dão tontura. — Engoli em seco, preocupada com o que o príncipe iria pensar. — Em casa, vou para a cama horas antes dos meus irmãos. Isso me ajuda a suportar o dia de trabalho. É mais difícil descansar aqui.

— Certo. Algo além das enxaquecas e do cansaço?

— Não, senhora.

Clarkson agitou-se um pouco ao meu lado. Eu esperava que ele não pudesse ouvir meu coração disparado.

— Há quanto tempo você tem esse problema?

— Há alguns anos, talvez mais — respondi, dando de ombros. — É meio normal agora.

A enfermeira pareceu preocupada.

— Sua família tem histórico disso?

Fiz uma pausa antes de responder:

— Não exatamente. Mas o nariz da minha irmã às vezes sangra.

— Sua família está sempre doente? — perguntou Clarkson, com um quê de repulsa na voz.

— Não — repliquei, querendo me defender, mas ao mesmo tempo sentindo vergonha por ter que explicar. — Eu moro em Hondurágua.

Ele arqueou as sobrancelhas em sinal de que tinha entendido.

— Ah…

Não era segredo para ninguém o quão poluído era o sul. O ar era ruim. A água era ruim. Havia tantas crianças deformadas, mulheres estéreis e mortes prematuras. Os rebeldes deixaram uma trilha de pichações quando passaram por lá; queriam saber por que o palácio não tinha dado um jeito naquilo ainda. Era um milagre a minha família toda não estar doente como eu. Ou eu não estar pior.

Respirei bem fundo. Que diabos estava fazendo ali? Tinha passado as semanas anteriores à Seleção construindo esse conto de fadas na cabeça. Mas não importava o quanto eu desejasse e sonhasse, jamais seria digna de um homem como Clarkson.

Virei o rosto para que ele não me visse chorar.

— Poderia sair, por favor? — pedi.

Depois de segundos de silêncio, ouvi os passos dele se afastarem. Assim que desapareceram, desabei em lágrimas.

— Calma, querida. Está tudo bem agora — disse a enfermeira para me confortar. Eu estava tão abalada que a abracei como se fosse minha mãe ou minha irmã. — É muito desgastante participar de uma competição como esta. O príncipe Clarkson sabe disso. Pedirei ao médico para lhe receitar algo para as enxaquecas, e isso vai ajudar.

— Sou apaixonada por ele desde os sete anos. Todos os anos canto parabéns para ele no travesseiro para que minha irmã não caçoe de mim por lembrar. Quando comecei a aprender as letras cursivas, praticava escrevendo nossos nomes juntos… E a primeira vez em que ele fala comigo de verdade é para perguntar se sou doente. Não sou boa o bastante — concluí depois de mais lágrimas.

A enfermeira nem tentou argumentar comigo. Apenas me deixou chorar e manchar seu uniforme todo com a maquiagem.

Eu estava tão envergonhada. Clarkson jamais me enxergaria como outra coisa além da garota fraca que o dispensou. Eu tinha certeza de que minha chance de ganhar seu coração tinha passado. Para que ele ia me querer depois disso?



NO FIM DAS CONTAS, o croquet só permitia seis jogadores ao mesmo tempo, o que para mim era ótimo. Sentei para assistir à partida, tentando entender as regras caso chegasse a minha vez. Contudo, tinha a sensação de que acabaríamos entediados e de que o jogo terminaria antes de todos terem chance de participar.

— Meu Deus, que braços — suspirou Maureen. Ela não estava conversando comigo, mas olhei mesmo assim. Clarkson tirara o paletó e arregaçara as mangas. Ele estava muito, *muito* bonito.

— Como faço para ele me envolver nesses braços? — brincou Keller. — Não dá muito para fingir uma contusão no croquet.

As garotas ao seu redor riram, e Clarkson lançou um olhar na direção delas; seus lábios sugeriam um sorriso. Era sempre assim: apenas um esboço. Aliás, eu nunca o vira dar risada. Talvez tivesse presenciado um riso solitário e inesperado escapando, mas nunca uma situação em que ele explodisse em gargalhadas de felicidade.

Ainda assim, um indício de sorriso em seu rosto bastava para me paralisar. Não me importava de não ver mais que isso.

Os times se movimentavam pelo campo. Para meu sofrimento, percebi que o príncipe estava bem próximo a mim. Quando uma das garotas acertou uma tacada com bastante habilidade, ele voltou os olhos na minha direção sem mexer a cabeça. Olhei-o de soslaio, e ele voltou a prestar atenção no jogo. Algumas garotas torciam e aplaudiam, e ele chegou ainda mais perto.

— Há uma mesa com lanche ali — o príncipe disse baixinho, ainda sem me encarar diretamente. — Talvez você devesse tomar um pouco d'água.

— Estou bem.

— Bravo, Clementine! — ele gritou para uma garota que conseguira destruir a jogada de outra. — Mesmo assim. Uma desidratação pode piorar as enxaquecas. Talvez a água lhe faça bem.

Seus olhos baixaram para encontrar os meus, e pude notar alguma coisa. Não amor, talvez nem mesmo carinho, mas algo um ou dois graus acima da simples preocupação.

Como não conseguia contrariá-lo, levantei e fui até a mesa. Comecei a me servir de um pouco de água, mas uma criada me tomou o jarro das mãos.

— Perdão — balbuciei. — Ainda não me acostumei.

— Não foi nada — ela respondeu com um sorriso. — Pegue uma fruta. É bem refrescante num dia como este.

Permaneci ao lado da mesa, comendo uvas com um garfinho. Também precisava contar isso a Adele: talheres para frutas.

Clarkson olhou para mim algumas vezes, aparentemente para se certificar de que eu seguira sua sugestão. Não sei se foi a comida ou sua atenção, mas fiquei mais animada.

Não cheguei a ter chance de jogar uma partida.

Passaram-se mais três dias até Clarkson falar comigo novamente.

O jantar estava no fim. Sem cerimônias, o rei se retirou da sala mais cedo, ao passo que a rainha praticamente esvaziou uma garrafa de vinho sozinha. Algumas garotas começaram a fazer reverência e sair, evitando assim a visão da rainha, que se apoiava nos braços, desajeitada, para não desabar na mesa. Decidida a comer o bolo de chocolate até a última mordida, fiquei sozinha na minha mesa.

— Como você está hoje, Amberly?

Ergui a cabeça na hora. Clarkson se aproximara de mim sem eu perceber. Agradeci aos céus por não ser pega de boca cheia.

— Muito bem. E o senhor?

— Excelente, obrigado.

Houve um breve silêncio enquanto eu esperava que ele falasse mais. Ou era eu quem deveria dizer algo? Existiam regras para quem falava primeiro?

— Reparei como seu cabelo é comprido — ele comentou.

— Ah — reagi, rindo um pouco e baixando o olhar.

Meu cabelo estava quase na cintura. Embora desse trabalho para cuidar, eu tinha vários jeitos de amarrá-lo — o que era fundamental para o trabalho no campo.

— Sim — continuei. — É mais fácil para fazer tranças, que são bem vistas na minha província.

— Você não acha que talvez esteja comprido demais?

— Hum… Não sei, Alteza. — Corri os dedos pelo cabelo, que estava limpo e bem cuidado. Será que eu parecia desleixada sem saber? — O que o senhor acha?

Ele inclinou a cabeça e respondeu:

— A cor é muito bonita. Acho que ficaria melhor se fosse mais curto.

Ele deu de ombros e começou a se afastar.

— É só uma ideia — finalizou, por cima do ombro.

Permaneci sentada por uns instantes para refletir. Em seguida, deixei o bolo de lado e fui para o quarto. Minhas criadas estavam lá, à espera como sempre.

— Martha, você teria problema em cortar meu cabelo?

— Claro que não, senhorita. Tirar um dedo ou dois das pontas vai mantê-lo saudável — ela respondeu, caminhando na direção do banheiro.

— Não — rebati. — Ele tem que ficar mais curto.

A criada parou.

— Quão curto?

— Bom… Abaixo dos ombros, mas sem chegar ao meio das costas.

— São quase trinta centímetros, senhorita!

— Eu sei. Mas você consegue? E de um jeito bonito? — perguntei, erguendo as mechas grossas até os ombros para imaginar o corte.

— Claro que sim, senhorita. Mas por que isso?

Passei à frente dela e entrei no banheiro antes de explicar:

— Acho que é hora de mudar.

As criadas me ajudaram a tirar o vestido e cobriram meus ombros com uma toalha. Fechei os olhos quando Martha começou, sem muita certeza do que eu estava fazendo. Clarkson achava que eu ficaria mais bonita com o cabelo mais curto, e Martha garantiria que ainda seriam longos o bastante para amarrar. Eu não tinha nada a perder.

Não arrisquei uma olhada sequer antes de o corte estar pronto. Escutava a mordida metálica da tesoura repetidas vezes. Deu para perceber quando as tesouradas se tornaram mais precisas, como se Martha estivesse dando uma uniformizada. Pouco depois, ela parou.

— O que você acha, senhorita? — ela perguntou, hesitante.

Abri os olhos. De início, nem consegui notar a diferença. Contudo, um mínimo movimento da minha cabeça fez com que um tufo caísse pelos ombros. Puxei uma mecha para o outro lado e vi meu rosto

como que rodeado por uma moldura de mogno.

Ele tinha razão.

— Amei, Martha! — exclamei correndo as mãos pela cabeça.

— Deixou a senhorita mais madura — acrescentou Cindly.

— Deixou, não é? — concordei.

— Esperem, esperem, esperem! — gritou Emon correndo até o porta-joias. Ela revirou todas as peças até encontrar algo especial. Finalmente voltou com um colar de pedras grandes e brilhantes. Eu ainda não tivera coragem de usá-lo.

Ergui o cabelo achando que ela queria que eu o provasse. Mas Emon tinha outra ideia. Com delicadeza, envolveu o colar na minha cabeça. Era tão belo que parecia uma coroa.

Todas as criadas suspiraram, mas eu estava sem fôlego.

Tinha passado tantos anos me imaginando como esposa do príncipe Clarkson, mas nem por um segundo o vira como o rapaz que poderia me tornar princesa. Pela primeira vez na vida, percebi que também queria isso. Eu não possuía contatos nem era podre de rica, mas tinha a sensação de ser capaz não só de ocupar o cargo, mas de exercê-lo com excelência. Sempre acreditei combinar bem com Clarkson, mas talvez combinasse com a monarquia também.

Me olhei no espelho. Além de imaginar "Schreave" atrelado ao fim do meu nome, adicionei "princesa" à frente. Naquele instante, desejei Clarkson, a coroa — absolutamente tudo o que podia ganhar — como nunca.



PEDI A MARTHA QUE ENCONTRASSE uma faixa de cabelo enfeitada com pedras e deixei os fios completamente soltos. Nunca tinha ficado tão empolgada para o café da manhã. Acreditava estar absolutamente linda e mal podia esperar para ver se Clarkson pensaria o mesmo.

Se tivesse sido esperta, teria chegado um pouco antes. Mas acabei entrando lentamente ao lado de várias outras garotas, o que me fez perder qualquer chance de atrair a atenção do príncipe. De segundos em segundos, eu lançava um olhar para a mesa principal, mas Clarkson estava concentrado em cortar devidamente sua refeição de waffles e presunto, de vez em quando passando os olhos por uns papéis ao seu lado. O pai praticamente só tomava café; levava a colher à boca apenas nas pausas que fazia durante a leitura de um documento. Considerei que ambos estudavam o mesmo assunto, e que se tinham começado tão cedo é porque teriam um dia bastante atarefado. Não havia qualquer sinal da rainha. Embora a palavra "ressaca" não tenha sido dita em voz alta, quase dava para ouvi-la no pensamento de todos.

Terminado o café da manhã, Clarkson saiu com o rei para fazer o que quer que fizessem para o país funcionar.

Soltei um suspiro. Talvez à noite.

O Salão das Mulheres estava silencioso. Já tínhamos esgotado todas as conversas do tipo "vamos nos conhecer" e estávamos acostumadas a passar os dias juntas. Sentei ao lado de Madeline e Bianca, como quase sempre fazia. Bianca viera de uma das províncias vizinhas de Hondurágua, e nos conhecemos no avião. O quarto de Madeline era ao lado do meu, e certa vez uma de suas criadas bateu à minha porta para pedir linha. Mais ou menos meia hora depois, Madeline apareceu para agradecer, e desde então ficamos amigas.

Desde o começo, o Salão das Mulheres dividiu-se em grupinhos. Estávamos acostumadas a ser separadas em grupos na vida cotidiana — as Três para um lado, as Cinco para o outro —, então parecia natural isso se repetir no palácio. E embora não nos dividíssemos exclusivamente por castas, não podia deixar de desejar que não houvesse divisão nenhuma. Por acaso não nos tornáramos iguais ao chegar ali, pelo menos durante a competição? Não estávamos passando pela mesmíssima coisa?

Se bem que, naquele momento, parecia que estávamos passando por um monte de nada. Bem que eu queria que acontecesse alguma coisa para que tivéssemos assunto.

— Receberam notícias de casa? — perguntei, na tentativa de começar uma conversa.

— Minha mãe escreveu ontem — respondeu Bianca, levantando a cabeça. — Disse que Hendly já está noiva. Você acredita? Ela saiu faz o quê? Uma semana?

Madeline entrou na conversa:

— Qual a casta dele? Ela vai subir?

— Ah, com certeza! — empolgou-se Bianca. — Dois! Tipo, isso dá esperança. Eu era Três antes de vir para cá, mas a ideia de casar com um ator e não com um médico velho e chato parece divertida.

Madeline riu e concordou com a cabeça. Já eu não estava tão certa:

— Ela o conhecia antes? Antes de vir para a Seleção, quero dizer?

Bianca inclinou a cabeça para o lado, como se a minha pergunta fosse ridícula.

— Bem difícil. Ela era Cinco; ele, Dois.

— Bom, ela contou que vinha de uma família de músicos. Talvez tenham tocado para ele alguma vez — conjecturou Madeline.

— É uma boa possibilidade — acrescentou Bianca. — Então talvez não fossem completos

estranhos.

— Hum… — murmurei.

— Dor de cotovelo? — perguntou Bianca.

Achei graça.

— Não. Se Hendly está feliz, também estou. Só é meio estranho casar com alguém que você nem conhece.

Houve uma pausa antes de Madeline dizer:

— Não é mais ou menos o que a gente está fazendo?

— Não! — exclamei. — O príncipe não é um estranho.

— Mesmo? — desafiou Madeline. — Então, por favor, conte tudo o que você sabe sobre ele, porque sinto que desconheço quase tudo.

— Na verdade… eu também — admitiu Bianca.

Respirei fundo para começar uma longa lista de fatos sobre Clarkson… Só que não havia muito o que falar.

— Não quero dizer que sei cada um dos segredos dele, mas o príncipe também não é um moleque qualquer com quem a gente tromba na rua. Crescemos com ele, ouvimos sua voz no *Jornal Oficial*, vimos seu rosto centenas de vezes. A gente talvez não conheça todos os detalhes, mas tenho uma impressão bem clara dele. Vocês não?

Madeline sorriu.

— Acho que você tem razão. Não é como se a gente tivesse entrado aqui sem ao menos saber o nome dele.

— Exatamente.

A criada foi tão discreta que só a notei quando ela já estava ao pé do meu ouvido, sussurrando:

— Sua presença é requerida por um momento, senhorita.

Encarei-a, confusa. Não havia feito nada de errado. Virei para as garotas e dei de ombros antes de levantar e segui-la porta afora.

Ao chegarmos no corredor, ela apenas fez um gesto para que eu me virasse. Foi então que deparei com o príncipe Clarkson, de pé ali perto, com aquele quase sorriso nos lábios e algo na mão.

— Fui postar um pacote na sala de correio, e o chefe dos carteiros estava com esta carta para você — ele disse enquanto me estendia um envelope preso entre dois dedos. — Pensei que talvez quisesse receber imediatamente.

Avancei o mais rápido possível sem perder a compostura de uma dama e fui pegar o envelope. O sorriso do príncipe assumiu um ar malicioso quando ele repentinamente ergueu o braço.

Comecei a rir, mas sem deixar de tentar apanhar a carta desesperadamente.

— Não é justo!

— Vamos, você consegue.

Eu conseguia pular bem, mas não com sapatos de salto; e mesmo com eles era um pouco mais baixa que Clarkson. Mas não me importava fracassar, porque entre uma tentativa frustrada e outra senti um braço envolver minha cintura.

Por fim, ele entregou a carta. Como eu suspeitava, era de Adele. Tantos momentos felizes se acumulavam naquele dia.

— Você cortou o cabelo.

Desviei os olhos da carta.

— Sim — confirmei, e então peguei uma mecha e joguei por sobre o ombro. — Gostou?

Havia algo em seus olhos. Não era malícia, também não era algo dissimulado.

— Gostei. Muito.

Com essas palavras, ele deu meia-volta e saiu pelo corredor, sem olhar para trás.

Era verdade: eu fazia uma ideia de quem ele era. Ainda assim, à medida que acompanhava sua rotina, me dava conta de que havia muito mais nele do que eu vira no *Jornal Oficial*. Mas essa descoberta não me intimidava.

Pelo contrário, se tratava de um mistério que eu estava empolgada para desvendar.

Sorrindo, rasguei o envelope e comecei a ler a carta ali mesmo, no corredor, perto de uma janela para aproveitar a luz.

Doce, doce Amberly,

Sinto tanta saudade que até dói. Dói quase tanto quanto pensar nas roupas lindas que você veste e na comida que experimenta. Não consigo nem imaginar os aromas! Quem me dera conseguir.

Mamãe chora praticamente toda vez que vê você na TV. Você parece uma Um! Se eu não soubesse a casta de todas as garotas, jamais imaginaria que você não é da família real. Não é engraçado? Se alguém quisesse, poderia simplesmente fingir que esses números não existem. Mas, parando para pensar, eles não existem para você, Pequena Senhorita Três.

A propósito, gostaria que existisse algum Dois há muito perdido na família para ajudá-la, mas você já deve imaginar que não. Pesquisei: somos Quatro desde sempre, e é só. Os únicos acréscimos dignos de nota não são bons. Nem queria te contar isso, e espero que ninguém ponha os olhos nesta carta antes de você, mas a prima Romina está grávida. Parece que se apaixonou por aquele Seis que dirige os caminhões de entrega para os Rake. Vão se casar no próximo final de semana, o que fez todos respirarem aliviados. O pai (por que não consigo lembrar o nome dele? Argh!) se recusa a ter um filho rebaixado a Oito, e isso já é bem mais do que alguns homens mais velhos que ele fariam. Então é uma pena você perder o casamento, mas estamos felizes por Romina.

Em todo caso, essa é a família que você tem agora. Um bando de fazendeiros e um punhado de foras da lei. Apenas seja a garota bela e amável que sabemos que é, e o príncipe sem dúvida irá se apaixonar por você apesar da casta.

Amamos você. Escreva de novo. Sinto falta da sua voz. Você cria uma paz ao seu redor, e acho que só notei quando você já não estava mais aqui para fazer isso.

Adeus por ora, princesa Amberly. Por favor, lembre-se de nós quando conquistar a coroa!



MARTHA DESFAZIA OS NÓS DO MEU CABELO com a escova. Mesmo mais curto, ainda era uma tarefa difícil por causa da espessura. Eu nutria a esperança de que ela demorasse bastante. Aquele era um dos poucos momentos que me faziam lembrar de casa. Se eu fechasse os olhos e respirasse fundo, era como se fosse Adele me penteando.

Enquanto imaginava o leve tom acinzentado de casa, mamãe a cantarolar com o som constante dos furgões de entrega ao fundo, alguém bateu na porta e me trouxe de volta à realidade.

Cindly correu até a porta e, um segundo depois de abrir, curvou-se em reverência.

— Alteza.

Levantei e imediatamente cruzei os braços sobre o peito, sentindo-me incrivelmente vulnerável. As camisolas eram tão finas.

— Martha — sussurrei aflita. Ainda curvada em reverência, ela me lançou um olhar. — Meu roupão. Por favor.

Ela se apressou em pegá-lo enquanto eu voltava o rosto para o príncipe Clarkson.

— Alteza, que gentileza sua vir me visitar.

Me curvei rapidamente e logo voltei a cruzar os braços sobre o peito.

— Pensei que talvez você quisesse se juntar a mim para uma sobremesa fora de hora.

Um encontro? Ele estava ali para um encontro?

E eu de camisola, sem maquiagem, cabelo penteado pela metade.

— Hummm… Será que devo… trocar de roupa?

Martha me entregou o roupão, que enfiei de uma só vez.

— Não, você está bem assim — insistiu ele, caminhando pelo quarto como se fosse o dono. O que, pensei, ele era mesmo. Por trás do príncipe, Emon e Cindly se esgueiravam porta afora. Martha me encarou em busca de orientação. Acenei a cabeça de leve, e ela também saiu.

— Está feliz com seu quarto? — perguntou Clarkson. — É bem pequeno.

Comecei a rir.

— Suponho que pareça assim para alguém criado no palácio. Mas gosto dele.

Clarkson caminhou até a janela.

— A vista não é grande coisa.

— Gosto do som da fonte. E quando alguém chega de carro, ouço o ruído das rodas sobre a brita. Estou acostumada com bastante barulho.

Ele franziu a testa.

— Que tipo de barulho?

— Música em alto-falantes. Só soube que isso não acontecia em todas as cidades quando cheguei aqui. E motores de caminhões e motos. Ah, e cachorros. Estou acostumada com os latidos.

— Que ótima canção de ninar… — ele comentou, voltando para perto de mim. — Está pronta?

Discretamente, procurei minhas pantufas, encontrei-as ao lado da cama e calcei.

— Sim.

Ele caminhou até a porta a passos largos para em seguida me olhar e oferecer o braço. Mordi o lábio para segurar o sorriso e me juntei a ele.

Ele não parecia gostar muito de ser tocado. Notara que quase sempre andava com as mãos nas costas, em passadas bruscas. Mesmo naquele momento, dava para perceber sua pressa enquanto cruzávamos o corredor.

Ao pensar nisso, senti de novo a emoção daquele dia em que ele brincou com a minha carta, e isso

me permitiu ficar à vontade ao seu lado.

— Aonde vamos?

— Há uma sala de estar esplêndida no terceiro andar. Uma vista excelente para os jardins.

— O senhor gosta dos jardins?

— Gosto de olhá-los.

Eu ri, mas ele estava completamente sério.

Chegamos a um par de portas abertas, e mesmo do corredor dava para sentir o ar fresco. Nada além de velas iluminava a sala, e achei que meu coração explodiria de tanta felicidade. Cheguei até a tocar meu peito para ver se tudo ainda estava intacto.

Três janelas enormes estavam abertas, e suas cortinas ondulavam com o soprar da brisa. Na frente da janela central, havia uma mesinha com um lindo arranjo de flores e duas cadeiras. Ao lado, um carrinho com ao menos oito tipos de sobremesa.

— Primeiro as damas — disse ele, apontando para o carrinho.

Eu não conseguia parar de sorrir à medida que me aproximava. Estávamos a sós. Ele tinha preparado aquilo para mim. Era a realização de todos os meus sonhos de menina.

Tentei focar no que estava diante de mim. Vi chocolates, mas cada um tinha um formato diferente, e eu não fazia ideia dos recheios. Tortinhas com chantili e aroma de limão estavam empilhadas ao fundo, enquanto na minha frente havia uma série de doces em massa folhada cobertos com alguma coisa.

— Não sei como escolher — confessei.

— Então não escolha — disse Clarkson pegando um prato e botando nele um doce de cada tipo. Ele pôs o prato sobre a mesa e puxou a cadeira. Me aproximei e o deixei empurrar a cadeira para mim. Fiquei então à espera de que fizesse o próprio prato.

Quando o príncipe terminou de se servir, comecei a rir de novo.

— É o suficiente? — provoquei.

— Gosto de torta de morango — ele argumentou. Havia provavelmente umas cinco delas empilhadas diante dele. — Então você é Quatro. O que faz da vida? — perguntou, para em seguida dar uma garfada numa das sobremesas e levar à boca.

— Sou agricultora — respondi, enquanto brincava com um chocolate no prato.

— Você quer dizer que tem uma fazenda?

— Mais ou menos.

Ele baixou o garfo e me encarou.

— Meu avô tinha uma plantação. Ele a deixou para o meu tio, porque ele é o mais velho, então meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu trabalhamos lá — confessei.

Ele ficou em silêncio por uns instantes.

— Mas… o que você faz exatamente? — perguntou, finalmente.

Deixei o chocolate cair de volta no prato e apoiei as mãos no colo.

— Em geral, trabalho na colheita. E ajudo a separar os grãos.

Ele voltou a fazer silêncio.

— Costumava ficar escondida entre as montanhas… a fazenda, quero dizer. Mas agora muitas estradas passam por lá. O que torna mais fácil transportar as coisas, mas aumenta a fumaça. Minha família e eu vivemos em…

— Pare.

Baixei os olhos. Não dava para mentir sobre minha ocupação.

— Você é Quatro, mas faz o trabalho de uma Sete? — ele perguntou em voz baixa.

Confirmei com a cabeça.

— Já comentou isso com alguém?

Pensei nas minhas conversas com as outras garotas. Eu tendia a deixá-las falar de si mesmas. Tinha contado histórias sobre meus irmãos e gostava muito de saber dos programas de TV que as outras assistiam, mas jamais falara do meu trabalho.

— Não, acho que não.

Ele levantou o olhar para o teto e depois o fixou em mim.

— Nunca conte a ninguém o que você faz. Se alguém perguntar, sua família é dona de uma plantação de café que você ajuda a administrar. Seja vaga e nunca, jamais, deixe escapar que você realiza trabalhos manuais. Estamos claros?

— Sim, Alteza.

Ele me encarou por um longo momento, como que para reforçar a importância daquilo. Mas sua ordem já me bastava. Jamais deixaria de fazer algo que ele me pedisse.

O príncipe voltou a comer, cortando as sobremesas com um pouco mais de agressividade que antes. Já eu estava nervosa demais para sequer tocar na comida.

— Acaso o ofendi, Alteza?

Ele se endireitou na cadeira e inclinou a cabeça.

— Por que raios você pensaria isso?

— O senhor parece… irritado.

— Garotas são tão tolas… — ele resmungou consigo mesmo. — Não, você não me ofendeu. Gosto de você. Por que acha que estamos aqui?

— Para o senhor me comparar com as Dois e Três e confirmar sua escolha de me mandar para casa.

Não era minha intenção desabafar assim. Era como se minhas maiores preocupações estivessem lutando por um espaço na minha cabeça, e uma delas tivesse enfim escapado. Baixei a cabeça outra vez.

— Amberly — ele sussurrou. Levantei o olhar por baixo dos cílios. Um sorriso esboçava-se em seu rosto à medida que ele estendia a mão sobre a mesa. Cuidadosamente, como se a magia fosse acabar assim que ele tocasse minha pele áspera, pus a mão sobre a dele. — Não vou mandar você para casa. Não hoje.

Meus olhos marejaram, mas pisquei para segurar as lágrimas.

— Estou numa situação única — ele se explicou. — Apenas tento compreender os prós e os contras de cada uma das minhas opções.

— E o fato de eu fazer o trabalho de uma Sete é um contra, suponho?

— Com certeza — ele replicou, mas sem qualquer traço de maldade na voz. — Assim, pelo meu bem, isso fica entre nós — pediu, ao que assenti com a cabeça. — Mais algum segredo que você queira compartilhar?

Ele puxou a mão devagar e tornou a cortar sua comida. Tentei fazer o mesmo.

— Bom, o senhor já sabe que eu fico doente de tempos em tempos.

— Sim — Clarkson confirmou depois de uma pausa. — O que se passa, afinal?

— Não sei ao certo. Sempre tive problemas com enxaquecas, e às vezes cansaço. As condições em

Hondurágua não são das melhores.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Amanhã, depois do café, em vez de ir ao Salão das Mulheres, vá à ala hospitalar. Quero que o doutor Mission lhe faça um exame completo. Se você precisar de qualquer coisa, tenho certeza de que ele será capaz de ajudar.

— Claro.

Finalmente consegui comer um bocado da massa folhada; fiquei com vontade de suspirar de tão gostosa que estava. Sobremesas eram raridade em casa.

— E você tem irmãos?

— Sim, um irmão mais velho e duas irmãs mais velhas.

Ele franziu a testa.

— Soa um pouco… lotado.

Achei graça.

— Às vezes. Eu dividia a cama com Adele em casa. Ela é dois anos mais velha que eu. Tem sido tão estranho dormir sem ela que às vezes coloco uma pilha de travesseiros do meu lado para criar uma ilusão.

— Mas agora todo aquele espaço é seu — ele comentou, balançando a cabeça.

— Sim, mas não estou acostumada. Não estou acostumada a nada disso. A comida é estranha. As roupas são estranhas. Até o cheiro é diferente aqui, mas não sei dizer direito qual é.

Ele baixou os talheres.

— Você quer dizer que a minha casa cheira mal?

Por um segundo, fiquei preocupada por talvez tê-lo ofendido, mas em seus olhos brilhava uma minúscula centelha de brincadeira.

— Nada disso! Mas é diferente mesmo. Parece que os livros antigos, a grama e sei lá que produto as criadas usam se misturam todos. Queria engarrafar o cheiro para tê-lo sempre comigo.

— De todos os souvenirs possíveis, esse é de longe o mais curioso que já ouvi — ele comentou, brincalhão.

— O senhor gostaria de um souvenir de Hondurágua? Temos uma poeira excelente.

De novo, ele endureceu os lábios para esconder o sorriso, aparentemente ainda receoso de rir abertamente.

— É muita generosidade — comentou. — Estou sendo rude fazendo todas essas perguntas? Há algo que você queira saber de mim?

Arregalei os olhos.

— Tudo! Do que o senhor mais gosta no trabalho? Em que lugares do mundo já esteve? Já ajudou o rei a elaborar alguma lei? Qual é a sua cor favorita?

Ele balançou a cabeça e esboçou outro daqueles quase-sorrisos arrasadores.

— Azul, azul-marinho. E já visitei praticamente qualquer país do planeta que você puder imaginar. Meu pai quer que eu tenha uma educação cultural bem ampla. Illéa é uma grande nação, mas jovem, no fim das contas. O próximo passo para assegurar nossa posição global é fazer alianças com países mais consolidados. — Soltou uma risada baixa e sombria para si mesmo antes de concluir: — Às vezes acho que meu pai queria que eu fosse mulher para me arranjar um casamento que garantisse mais alianças.

— É tarde demais para seus pais tentarem de novo, imagino?

Seu sorriso vacilou.

— Acho que a hora já passou faz tempo.

Havia algo mais na sua resposta, mas não quis me intrometer.

— A minha parte favorita do trabalho é a estrutura. Há ordem. Alguém põe um problema diante de mim, e eu encontro um modo de resolver. Não gosto de coisas em aberto ou inacabadas, embora geralmente isso não seja um problema para mim. Sou o príncipe, e um dia serei rei. Minha palavra é lei.

Seus olhos brilhavam de contentamento enquanto falava. Era a primeira vez que o via entusiasmado daquele jeito. E dava para entender. Embora não desejasse o poder para mim, compreendia seu apelo.

Ele continuou a me encarar, e senti um calor tomar meu corpo. Talvez por estarmos sozinhos, ou por ele aparentar tanta segurança, mas de repente senti sua presença de um jeito intenso. A sensação era como se cada nervo do meu corpo estivesse preso a cada nervo do corpo dele. Estávamos ali, sentados, e uma estranha eletricidade preenchia a sala. Clarkson traçava círculos na mesa com o dedo, negando-se a desviar o olhar. Minha respiração acelerou, e quando deixei meu olhar cair para o seu peito, parecia que o dele tinha feito o mesmo.

Eu via suas mãos se moverem. Pareciam determinadas, curiosas, nervosas… uma lista de palavras formou-se na minha cabeça enquanto observava as pequenas rotas que seus dedos traçavam na mesa.

Sonhei com ele me beijando, claro, mas um beijo raramente fica nisso. Com certeza ele seguraria minhas mãos, minha cintura ou meu queixo. Pensei em meus dedos, ainda ásperos dos anos de trabalho, e me preocupei com o que ele acharia se o tocasse novamente. Na hora, era o que eu mais queria.

Ele limpou a garganta e olhou para o lado, quebrando o momento.

— Acho que devo acompanhá-la de volta até o quarto. É tarde.

Apertei os lábios e desviei o olhar. Eu assistiria o nascer do sol ao lado dele se me pedisse.

O príncipe levantou, e o segui até o corredor principal. Não sabia ao certo o que pensar do nosso breve e tardio encontro. Para ser honesta, pareceu mais uma entrevista. A ideia me fez rir, e ele se virou para mim.

— Qual é a graça?

Considerei a possibilidade de dizer que não era nada. Mas queria que ele me conhecesse, e isso implicava superar o nervosismo.

— Bem… — hesitei. *É assim que as pessoas se conhecem, Amberly. Fale*. — O senhor disse que gosta de mim… mas mal me conhece. É assim que o senhor costuma tratar as garotas de quem gosta? Interrogando-as?

Ele revirou os olhos, sem irritação, mas como se eu já devesse ter entendido.

— Você esquece que, até pouco tempo atrás, eu nunca…

O estrondo de uma porta sendo aberta de repente atropelou a conversa. Reconheci a rainha no ato. Estava prestes a fazer uma reverência quando Clarkson me empurrou até outro corredor.

— Não dê as costas para mim! — a voz do rei ressoava pelo andar.

— Eu me recuso a falar com você desse jeito — replicou a rainha, as palavras levemente arrastadas.

Clarkson me envolveu nos braços, protegendo-me ainda mais. Mas eu suspeitava que ele precisava mais do meu abraço do que o contrário.

— Seus gastos este mês foram ultrajantes! — rugiu o rei. — Você não pode continuar desse jeito. É o tipo de comportamento que joga este país nas mãos dos rebeldes!

— Ah, não, querido! — reagiu ela com a voz repleta de uma doçura fingida. — Joga *você* nas mãos dos rebeldes. E acredite: ninguém vai sentir sua falta quando isso acontecer.

— Volte aqui, sua vadia conspiradora!

— Porter, me solte!

— Se você acha que é capaz de me derrubar com um punhado de vestidos caros, está muito enganada.

Veio o som de um deles estapeando o outro. Clarkson me soltou imediatamente. Ele agarrou a maçaneta de uma das portas e girou: trancada. Passou para a próxima, que estava aberta. Então me agarrou pelo braço e me arrastou para dentro, fechando a porta atrás de nós.

Ele começou a andar de um lado para o outro, puxando os próprios cabelos como se quisesse arrancá-los. Depois foi até o sofá, pegou uma almofada e a desfez em pedaços. Quando terminou, fez o mesmo com outra.

Espatifou uma mesinha de canto.

Atirou vários vasos contra a cantaria da lareira.

Rasgou as cortinas.

Enquanto isso, eu permanecia com o corpo colado à parede, tentando me fazer invisível. Talvez eu devesse ter saído correndo ou buscado ajuda. Mas achei que não poderia deixá-lo sozinho, não daquele jeito.

Quando parecia ter extravasado a maior parte da raiva, Clarkson se lembrou da minha presença. Ele cruzou o cômodo com passos fortes e parou na minha frente, com um dedo apontado para o meu rosto.

— Se algum dia contar a alguém o que ouviu, ou o que eu fiz…

Eu, porém, comecei a balançar a cabeça antes de ele concluir.

— Clarkson…

Com as lágrimas de raiva reluzindo em seus olhos, ele continuou:

— Jamais deixe isso escapar, entendeu?

Ergui as mãos em direção ao seu rosto, e o corpo dele se contraiu. Fiz uma pausa e tentei novamente, com movimentos ainda mais lentos. Suas bochechas estavam quentes, levemente recobertas de suor.

— Não há nada que contar — prometi.

Sua respiração estava acelerada.

— Por favor, sente — pedi. Ele hesitou. — Apenas por um instante.

Ele assentiu.

Eu o conduzi até uma cadeira e sentei ao lado dele no chão.

— Ponha a cabeça entre os joelhos e respire.

Ele me dirigiu um olhar de questionamento, mas obedeceu. Pus a mão em sua nuca e corri os dedos pelo seu cabelo e pescoço.

— Odeio os dois — sussurrou ele. — Odeio.

— Shhh. Tente se acalmar.

Ele levantou os olhos.

— É sério. Odeio os dois. Quando for rei, vou mandá-los embora.

— Tomara que não para o mesmo lugar — murmurei.

Ele tomou fôlego. E então riu. Uma gargalhada profunda e autêntica, do tipo que não conseguimos interromper mesmo se quisermos. Então ele era capaz de rir. O riso estava lá, enterrado sob todas as outras coisas que ele precisava sentir, pensar e controlar. Ele passou a fazer muito mais sentido, e a partir de então eu valorizaria ainda mais seus sorrisos. Cada um deles devia dar tanto trabalho.

— É um milagre eles não terem destruído o palácio — comentou o príncipe, acalmando-se afinal.

Apesar do risco de fazê-lo perder as estribeiras de novo, ousei perguntar:

— Sempre foi assim?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Bom, não muito quando eu era pequeno. Agora, porém, já não se suportam. Nunca entendi de onde veio isso. Ambos são fiéis. Ou, se têm casos, escondem muito bem. Têm tudo de que precisam, e minha vó dizia que se amavam muito antes. Não faz sentido.

— É uma situação difícil. A deles. A sua. Talvez estejam sentindo o peso — supus.

— Então é isso? Serei como ele, minha esposa como ela, e acabaremos por desmoronar?

Levantei o braço e toquei seu rosto novamente. Ele não se contraiu dessa vez. Em vez disso, inclinou-se para mais perto. Embora seus olhos ainda estivessem repletos de preocupação, o gesto pareceu acalmá-lo de verdade.

— Não. Você não precisa ser nada que não quiser. Gosta de ordem? Então planeje, prepare. Imagine o rei, o marido e o pai que quer ser e faça tudo o que for necessário para chegar lá.

Ele me encarou, quase com pena.

— Chega a ser bonito você achar que isso basta.



NUNCA TINHA FEITO UM EXAME MÉDICO ANTES. Imaginei que, se me tornasse princesa, isso provavelmente se tornaria uma parte constante da minha vida, o que me horrorizava.

Doutor Mission era gentil e paciente, mas mesmo assim não me sentia muito à vontade de deixar um estranho me ver sem roupa. Ele colheu sangue, fez inúmeros raios X e examinou meu corpo inteiro à procura de algum detalhe que pudesse ter escapado.

Saí de lá exausta. Claro, eu não tinha dormido bem, o que não ajudou. O príncipe Clarkson me deixara à porta do quarto com um beijo na mão. E entre a emoção daquele gesto e a preocupação com seus sentimentos, levei uma eternidade para pegar no sono.

Adentrei o Salão das Mulheres meio receosa de olhar nos olhos da rainha Abby. Preocupava-me a possibilidade de ela ter alguma marca visível no corpo. Claro: podia ter sido ela a bater no rei. E eu não tinha certeza se queria saber.

Mas tinha certeza de que não queria que ninguém mais soubesse.

A rainha não estava, então fui sentar ao lado de Madeline e Bianca.

— Ei, Amberly. Onde você esteve de manhã? — Bianca perguntou.

— Doente de novo? — emendou Madeline.

— Sim, mas estou bem melhor agora. — Eu não sabia se o exame deveria ser segredo ou não, mas julguei que era melhor manter a discrição.

— Ótimo, porque você perdeu o que aconteceu! — Madeline sussurrou inclinando-se na minha direção. — Há rumores de que Tia dormiu com Clarkson essa noite.

Meu coração parou.

— O quê?

— Olhe para ela — disse Bianca, lançando um olhar por cima do ombro na direção de Tia, que estava sentada com Pesha e Marcy ao lado da janela. — Veja como está convencida.

— É contra as regras — eu disse. — É contra *a lei*.

— Nada a ver — cochichou Bianca. — Você o rejeitaria?

Pensei no modo como ele me olhara na noite anterior, o modo como seus dedos deslizavam na superfície da mesa. Bianca tinha razão: eu não teria dito não.

— Mas é verdade? Ou só boato? — perguntei. Afinal, ele passara parte da noite comigo. Não toda, porém. Havia bastante tempo entre a nossa despedida e o café da manhã.

— Ela tem se mantido bem reservada quanto a isso — retomou Madeline.

— Bom, não é mesmo da nossa conta — concluí, para em seguida pegar as cartas de baralho que as duas tinham espalhado na mesa e começar a embaralhar.

Bianca jogou a cabeça para trás e soltou um suspiro alto, ao passo que Madeline pôs a mão sobre a minha e disse:

— É da nossa conta sim. Muda o jogo inteiro.

— Isto não é um jogo — respondi. — Não para mim.

Madeline estava a ponto de dizer mais, mas as portas se escancararam. A rainha Abby surgiu na entrada, parecendo furiosa.

Se havia algum machucado em seu corpo, ela tinha escondido muito bem.

— Quem de vocês é Tia? — quis saber.

O salão inteiro olhou em direção à janela onde Tia estava sentada, imóvel e pálida como uma folha de papel.

— E então? — insistiu a rainha.

Tia levantou a mão devagar, e a rainha marchou até ela com sangue nos olhos. Eu esperava que, fosse qual fosse a bronca que Tia estava prestes a levar, a rainha a retiraria do salão antes. Infelizmente, não foi o caso.

— Você dormiu com meu filho? — ela perguntou, sem qualquer preocupação em ser discreta.

— Majestade, é só um boato — sua voz mal passava de um ruído, mas o salão se calou de tal forma que eu podia até ouvir a respiração de Madeline ao meu lado.

— Que você não fez nada para desmentir!

Tia gaguejou. Começou cinco frases diferentes antes de escolher uma:

— Os boatos morrem quando os deixamos correr. Negar veementemente sempre implica culpa.

— E você nega ou não?

Encurralada.

— Não dormi com ele, minha rainha.

Não importava se era verdade ou mentira: o destino de Tia estava selado antes mesmo de ela abrir a boca.

A rainha Abby agarrou Tia pelo cabelo e começou a arrastá-la em direção à porta.

— Você vai embora já!

Entre gritos de dor, Tia protestou:

— Mas só o príncipe Clarkson pode fazer isso, Majestade. Está nas regras.

— Não se comportar como uma vadia também está nas regras! — rebateu a rainha. Tia mal conseguia se manter de pé, de modo que a rainha literalmente a levantava pelo cabelo. Aos tropeços, a garota tentava acompanhar o ritmo da rainha Abby, que com um empurrão a atirou no chão do corredor. — FORA DAQUI!

A monarca bateu a porta e logo se virou para o resto de nós. Correu os olhos afiados pelos nossos rostos por um bom tempo, para garantir que nos intimidássemos com seu poder.

— Vou deixar uma coisa bem clara — ela começou calmamente, flanando devagar por entre cadeiras e sofás ocupados pelas garotas, com um ar ao mesmo tempo glorioso e terrível. — Se alguma pirralha aqui pensa que pode entrar na minha casa e tomar minha coroa, está muito enganada. — A rainha agora estava parada na frente de um grupinho perto da parede. — E se vocês acham que podem agir como lixo e ainda assim levar o trono, não perdem por esperar.

Então, enterrando o dedo no rosto de Piper, concluiu:

— Não vou tolerar nada disso!

A força do gesto foi suficiente para jogar a cabeça de Piper para trás, mas ela não reagiu à dor até a rainha Abby se afastar.

— Sou a rainha. E sou amada. Se vocês querem casar com meu filho e viver na minha casa, vão se comportar como eu mandar. Serão obedientes. Refinadas. E silenciosas.

Ela se enfiou por entre as mesas e parou diante de mim, Bianca e Madeline.

— De agora em diante, vocês só precisam aparecer, sentar e sorrir.

Nossos olhares se encontraram quando ela terminou de falar e, tolamente, achei que fosse uma ordem. Então sorri. A rainha não ficou satisfeita. Pelo contrário, deu um passo para trás e arrancou o sorriso de meu rosto com um tapa.

Soltei um gemido e caí na mesa. Não ousei me mexer.

— Vocês têm dez minutos para sair daqui. As próximas refeições do dia serão servidas no quarto. Não quero ouvir um pio de nenhuma de vocês.

Ouvi a porta se fechar, mas ainda precisei ter certeza:

— Ela já foi?

— Sim. Você está bem? — Madeline perguntou tomando o assento à minha frente.

— Parece que meu rosto explodiu. — Levantei a cabeça, mas o inchaço fazia meu corpo todo latejar.

— Minha nossa! — gritou Bianca. — Dá para ver a marca da mão dela.

— Piper? — chamei. — Onde está Piper?

— Aqui — ela respondeu entre lágrimas, já caminhando na minha direção.

— Tudo bem com seu rosto? — perguntei.

— Dói um pouco.

Ela passou a mão na região que a rainha tinha machucado e pude ver a marca da unha.

— Ficou uma marquinha, mas um pouco de maquiagem deve cobrir.

Ela caiu em meus braços e ficamos abraçadas.

— O que deu nela? — perguntou Nova. Suas palavras expressavam o pensamento de todas nós.

— Talvez ela queira proteger demais a família — Skye sugeriu.

Cordaye bufou.

— Até parece que não vemos o quanto ela bebe. Dava para sentir o cheiro.

— Ela sempre é tão simpática na TV… — Kelsa cruzou os braços, confusa com toda a situação.

— Ouçam — falei —, uma de nós vai descobrir como é ser rainha. Mesmo de fora, a pressão parece insuportável. — Fiz uma pausa para esfregar a bochecha, que queimava. — Por ora, acho que todas deveríamos evitar a rainha o máximo possível. E não mencionar isso a Clarkson. Falar mal da mãe dele, independente do que ela tenha feito, não será nada bom para nós.

— E você acha que devemos simplesmente ignorar o que aconteceu? — Neema perguntou, ultrajada.

Dei de ombros.

— Não posso obrigá-las, mas é o que farei.

Puxei Piper para perto novamente. Todas permanecemos lá, em silêncio. A minha esperança no começo da competição era formar laços com aquelas garotas por causa de nossas músicas favoritas ou dos truques de maquiagem que uma ensinaria à outra. Jamais imaginara que seria um medo em comum a nos unir como irmãs.



DECIDI JAMAIS PERGUNTAR A ELE. Se o príncipe Clarkson teve momentos íntimos com Tia, eu não queria saber. E se não teve e eu perguntasse, estaria quebrando nossa confiança antes mesmo de tê-la consolidado. O mais provável era que tudo não passava de um boato, iniciado pela própria Tia a fim de nos intimidar. E vimos aonde isso a levou.

Era melhor ignorar essas coisas.

O que eu não conseguia ignorar era a dor latejante no rosto. Horas depois de a rainha ter me batido, minha bochecha ainda pulsava de dor.

— Hora de trocar o gelo — Emon disse ao me entregar outra bolsa.

— Obrigada — agradeci, devolvendo a antiga.

Quando voltei ao quarto implorando por algo para amenizar a dor, minhas criadas perguntaram qual das Selecionadas havia me batido, jurando denunciar imediatamente ao príncipe. Respondi várias vezes que não havia sido nenhuma das garotas. Uma criada jamais teria feito isso. E elas sabiam que eu tinha passado a manhã inteira no Salão das Mulheres, o que deixava apenas uma opção.

Elas não precisaram confirmar. Já sabiam.

— Quando fui pegar gelo, ouvi que a rainha vai tirar umas férias curtas sozinha semana que vem — Martha comentou, sentando no chão ao lado da cama. Eu estava sentada diante da janela, com a visão dividida igualmente entre a muralha do palácio e o céu aberto.

— É mesmo?

Ela sorriu.

— Parece que o número de visitantes exigiu muito de seus nervos, então o rei lhe pediu para tirar uns dias de descanso.

Revirei os olhos. Ele tinha gritado com ela por causa de vestidos caros para em seguida lhe dar férias. Mas eu não podia reclamar. Uma semana longe dela seria o paraíso naquele momento.

— Ainda dói? — perguntou Martha.

Desviei o olhar e fiz que sim com a cabeça.

— Não se preocupe, senhorita. Até o final do dia vai ter passado.

Quis contar que a dor não era o verdadeiro problema. Minha preocupação real era que aquele tinha sido um dos sinais de que a vida de princesa poderia ser, na melhor das hipóteses, desafiadora. Na pior, seria horrível.

Eu repassava aquilo que sabia: o rei e a rainha se amaram até determinado ponto, mas agora se esforçavam para conter o ódio. A rainha era uma alcoólatra obcecada pela coroa. O rei, no mínimo, estava à beira de um ataque de nervos. E Clarkson…

Clarkson fazia o máximo para parecer resignado, calmo e controlado. Mas debaixo dessa aparência, havia um riso infantil. E era um milagre que o príncipe conseguisse juntar os pedaços quando se despedaçava.

Não que eu ignorasse o que é sofrimento. Eu trabalhava até a exaustão. Suportava um calor escaldante. Apesar de ser Quatro, o que deveria me garantir algum nível de segurança, vivia à beira da pobreza.

A vida de princesa seria uma nova dificuldade para enfrentar. Isso, claro, se o príncipe Clarkson me escolhesse.

Mas se eu fosse escolhida significaria que ele me amava, certo? E será que tudo não valeria a pena então?

— No que a senhorita está pensando? — Martha perguntou.

Abri um sorriso e peguei sua mão.

— No futuro. O que não adianta nada, acho. O que tiver de ser será.

— A senhorita é doce. Ele vai tirar a sorte grande se a escolher.

— E eu se for escolhida.

Era verdade. Ele sempre foi tudo o que eu desejei. Eram as coisas que vinham junto que me assustavam.

Danica calçou outro sapato de Bianca.

— Serve direitinho! Muito bem, levo esse e você fica com o meu azul.

— Feito — Bianca disse ao apertar a mão de Danica sorrindo de orelha a orelha.

Ninguém nos dissera para ficar longe do Salão das Mulheres pelo resto da semana, mas todas as garotas optaram por isso. Em vez de ir ao salão, formávamos grupos e passávamos de um quarto a outro para provar as roupas das outras e conversar como sempre.

Com uma exceção: sem a rainha por perto, as garotas se transformaram em… bem, em garotas. Todo mundo parecia mais leve. Em vez de se preocupar com o protocolo ou com as boas maneiras de uma dama, nos demos o direito de sermos as garotas que éramos antes de nossos nomes terem sido sorteados, as garotas que éramos em casa.

— Danica, acho que vestimos quase o mesmo tamanho. Aposto que tenho vestidos que combinam com esse sapato — propus.

— Imagino que sim. Você ficou com uma das equipes boas. Cordaye também. Você viu as coisas que as criadas dela fazem?

Soltei um suspiro. Não sei como, mas as criadas de Cordaye faziam o tecido ter um caimento que não via em mais ninguém. Os vestidos de Nova também estavam um patamar acima dos outros. Me perguntei se a vencedora da Seleção poderia escolher as próprias criadas. Eu dependia tanto de Martha, Cindly e Emon que não era capaz de me imaginar no palácio sem elas.

— Sabem o que é mais estranho? — perguntei a todas.

— O quê? — Madeline disse enquanto revirava a caixa de joias de Bianca.

— Um dia as coisas não serão mais assim. No final, uma de nós ficará aqui sozinha.

Danica sentou ao meu lado na mesa de Bianca.

— Eu sei. Acha que esse é um dos motivos para a rainha ter tanta raiva? Talvez tenha ficado muito tempo sozinha.

Madeline balançou a cabeça.

— Acho que é uma escolha. Ela poderia convidar qualquer pessoa para vir ficar no palácio se quisesse. Poderia trazer uma família inteira para morar no palácio se fosse do seu agrado.

— Não se isso incomodasse o rei — replicou Danica.

— Verdade — concordou Madeline, já de volta à caixa de joias. — Não consigo captar muito o rei. Ele é meio alheio a tudo. Você acha que Clarkson vai ser assim?

— Não — respondi, rindo comigo mesma. — Clarkson tem sua própria personalidade.

Ninguém acrescentou mais nada. Levantei o olhar e deparei com um sorriso malicioso nos lábios de Danica.

— O que foi?

— Você está enfeitiçada — comentou, quase com pena de mim.

— O que quer dizer?

— Se apaixonou por ele. Pode descobrir amanhã que ele chuta cachorrinhos por diversão e ainda assim vai continuar a suspirar.

Me endireitei um pouco na cadeira.

— Ele pode ser meu marido. Será que não deveria amá-lo?

Madeline caiu no riso, e Danica insistiu:

— Ah, claro, mas o modo como você age… Parece apaixonada por ele desde sempre.

Fiquei vermelha e tentei não pensar na vez em que roubei moedas da bolsa da minha mãe para comprar um selo com o rosto dele. Eu ainda o tinha, colado em um papelão que usava como marcador de página.

— Eu o respeito — argumentei. — Ele é o príncipe.

— É mais que isso. Você levaria um tiro por ele se necessário.

Não respondi.

— Você levaria mesmo! Meu Deus!

Levantei.

— Vou pegar alguns vestidos. Já volto.

Tentei não me assustar com os pensamentos na minha cabeça. Porque se precisasse escolher entre Clarkson e mim, não sei se seria capaz de me colocar em primeiro lugar. Ele era o príncipe, e sua vida tinha um valor inestimável para o país. Mais que isso, tinha um valor inestimável para mim.

Dei de ombros na tentativa de afastar o pensamento.

Afinal, não era como se isso fosse acontecer algum dia.



SEMPRE LEVAVA UM TEMPO PARA ME ADAPTAR às luzes cegantes do estúdio. E havia também o peso do vestido cravejado de pedras que minhas criadas insistiram para eu usar. As duas coisas somadas tornavam a hora do *Jornal Oficial* quase insuportável.

O novo repórter entrevistava as garotas. Ainda havia muitas remanescentes, então era fácil passar despercebida. Naquele momento, essa era minha meta. Por outro lado, se eu precisasse responder alguma pergunta, pelo menos ela viria de Gavril Fadaye.

O antigo apresentador, Barton Allory, se aposentou na noite em que as novas candidatas da Seleção foram reveladas, dividindo o momento com seu substituto, escolhido a dedo. Apenas vinte e dois anos, parte de uma respeitável linhagem de Dois e dono de uma personalidade radiante: era fácil gostar de Gavril. Fiquei triste por ver Barton partir… mas nem tanto.

— Senhorita Piper, na sua opinião, qual é o papel principal de uma princesa? — Gavril perguntou. O brilho intenso de seus dentes fez Madeline cutucar meu braço para chamar minha atenção.

Piper abriu um sorriso vitorioso e respirou fundo uma vez. Então duas vezes. E então o silêncio começou a ficar constrangedor.

Foi então que me dei conta: todas ficaríamos um pouco aterrorizadas com aquela pergunta. Lancei um olhar em direção à rainha, que sairia correndo assim que desligassem as câmeras. Ela observava Piper como se a desafiasse a falar depois daquela ordem para que ficássemos em silêncio.

Conferi o monitor: era doloroso assistir à cara de sofrimento da garota.

— Piper? — Pesha, que sentava ao seu lado, sussurrou.

Por fim, Piper acabou por balançar a cabeça.

Os olhos de Gavril revelavam que ele estava à procura de um jeito de salvar a situação. Barton com certeza saberia o que fazer, mas Gavril era novo demais no cargo.

Levantei a mão, e Gavril ficou grato ao me ver.

— Tivemos uma conversa tão longa sobre isso outro dia que acho que Piper não sabe nem por onde começar — falei entre risos, imitados por outras garotas. — Todas concordamos que nosso primeiro dever é para com o príncipe. Servi-lo é servir Illéa. Pode parecer uma descrição estranha para o cargo, mas fazer nossa parte permite que o príncipe faça a dele.

— Muito bem colocado, senhorita Amberly. — Gavril sorriu para em seguida passar para a próxima pergunta.

Não olhei para a rainha. Em vez disso, tratei de me endireitar no assento à medida que outra enxaqueca começava a despontar. Será que eram provocadas pelo estresse? Mas se fosse assim, então por que às vezes surgiam do nada?

Notei pelos monitores que as câmeras não estavam focadas em mim nem na minha fileira. Então me permiti esfregar um pouco a testa. No fim das contas, pelo menos minhas mãos estavam ficando mais suaves. Queria apoiar a cabeça no braço, mas não era possível. Mesmo que a falta de modos fosse perdoável, o vestido não me permitia dobrar tanto o corpo.

Mantive a postura e foquei em minha respiração. A dor crescia firme e forte, mas me esforcei para permanecer ereta. Já tinha lidado com a doença antes e em situações muito piores. *Isso não é nada*, disse a mim mesma. *Só preciso ficar sentada*.

As perguntas pareceram durar para sempre, ainda que Gavril não tivesse falado com todas as garotas. Uma hora as câmeras pararam de rodar, mas lembrei que ainda não era o fim. Antes de voltar para o quarto, ainda precisava ir para o jantar, que durava mais ou menos uma hora.

— Você está bem? — Madeline perguntou.

Fiz que sim com a cabeça.

— Um pouco cansada.

Ouvimos o som de risos e nos viramos para ver de onde vinha: o príncipe Clarkson conversava com algumas garotas da primeira fila.

— Gostei do cabelo dele esta noite — comentou Madeline.

Ele levantou o dedo para as senhoritas para interromper a conversa e contornou a multidão com os olhos em mim. Fiz uma breve reverência à medida que ele se aproximava e, quando fui levantar, senti sua mão em minhas costas, puxando-me para si e escondendo nossos rostos de olhares alheios.

— Você está doente?

Deixei escapar um suspiro.

— Tentei esconder. Estou com a cabeça latejando. Só preciso deitar.

— Tome meu braço — disse, oferecendo o cotovelo para que eu passasse a mão em torno dele. — Sorria.

Curvei os lábios. Apesar do desconforto, era mais fácil ao lado dele.

— É muito gentil da sua parte me dar o prazer de sua presença — ele comentou em voz alta o suficiente para que as garotas mais próximas pudessem ouvir. — Estou tentando lembrar qual é sua sobremesa predileta.

Não respondi, mas continuei a parecer feliz enquanto saíamos do estúdio. Desmanchei o sorriso assim que cruzamos a porta. Quando chegamos ao fim do corredor, Clarkson me pegou no colo.

— Vou levá-la ao médico.

Apertei os olhos. Sentia náuseas de novo e meu corpo inteiro parecia encharcado de suor. Contudo, ficava mais confortável em seus braços do que em qualquer cadeira ou cama. Apesar de toda a tontura, estar aninhada com a cabeça em seu ombro era a melhor sensação do mundo.

Havia uma enfermeira nova na ala hospitalar, mas tão gentil que ajudou Clarkson a me botar em um leito e apoiar minhas pernas sobre um travesseiro.

— O doutor está dormindo — ela avisou. — Passou a noite e quase o dia inteiro de pé ajudando no parto de duas criadas. Dois meninos! Um depois do outro! Só quinze minutos de diferença.

A notícia feliz me fez sorrir.

— Não precisa incomodá-lo — falei. — É só uma enxaqueca que vai passar.

— Besteira — emendou Clarkson. — Chame uma criada para servir nosso jantar aqui. Esperaremos o doutor Mission.

A enfermeira concordou com a cabeça e se retirou.

— Não precisa fazer isso — cochichei. — Ele teve uma noite dura, e vou ficar bem.

— Eu seria omisso se não garantisse que você recebesse os cuidados adequados.

Na minha cabeça, tentei transformar aquelas palavras em algo romântico, mas soavam mais como se ele se sentisse obrigado. Ainda assim, se quisesse, ele poderia ter ido comer com as outras. Em vez disso, escolheu ficar comigo.

Belisquei o jantar, para não parecer rude, mas minha cabeça ainda causava mal-estar. A enfermeira me trouxe alguns remédios, de modo que quando o doutor Mission apareceu — com o cabelo úmido do chuveiro — eu já me sentia bem melhor. O latejar estava mais para uma leve palpitação do que para o badalar de um sino.

— Perdão pela demora, Alteza — ele se desculpou com uma reverência.

— Sem problemas — o príncipe respondeu. — Desfrutamos uma refeição adorável na sua

ausência.

— Como está sua cabeça, senhorita? — perguntou o médico, já com os dedos no meu punho para verificar o pulso.

— Muito melhor. A enfermeira me deu alguns remédios que ajudaram muito.

O doutor sacou uma lanterninha e a acendeu em meus olhos.

— Talvez você devesse tomar algo diariamente. Sei que tenta resolver as enxaquecas depois que elas começam, mas talvez pudéssemos evitar que aparecessem. Não é certeza, mas verei o que posso lhe receitar.

— Obrigada — agradeci, cruzando os braços sobre o colo. — Como estão os bebês?

O médico ficou radiante.

— Absolutamente perfeitos. Saudáveis e gordos.

Abri um sorriso ao pensar nas duas novas vidas que começavam no palácio naquele dia. Será que seriam grandes amigos? Cresceriam contando a todos a história de como nasceram tão perto um do outro?

— Por falar em bebês, gostaria de conversar sobre os resultados dos seus exames.

Todo o humor se esvaiu do meu rosto e meu corpo inteiro. Endireitei a postura para me preparar. Dava para ler em sua expressão que eu estava prestes a receber uma má notícia.

— Seus exames mostram várias toxinas diferentes na corrente sanguínea. Se ainda aparecem com tamanha intensidade depois de semanas longe da sua província natal, meu palpite é que esses níveis eram muito mais altos quando você estava lá. Para algumas pessoas, isso não seria um problema. O corpo reage, se ajusta e pode viver sem quaisquer efeitos colaterais. Baseado no que você me contou sobre sua família, diria que é isso o que acontece com eles. Mas o nariz de uma de suas irmãs sangra de vez em quando, correto?

Confirmei com a cabeça.

— E você tem enxaquecas constantes?

Confirmei de novo.

— Suspeito que seu corpo seja incapaz de ignorar essas toxinas. Entre os exames e algumas informações pessoais que você me contou, acredito que esses acessos de cansaço, náusea e dor provavelmente continuarão pelo resto da sua vida.

Suspirei. Bom, aquilo não seria muito pior do que minha situação atual. E ao menos Clarkson não demonstrava incômodo com a minha condição.

— Também tenho motivos para me preocupar com sua saúde reprodutiva.

Encarei o doutor Mission estarrecida. Pelo canto dos olhos, notei Clarkson se agitar na cadeira.

— Mas… por quê? Minha mãe teve quatro filhos. E tanto ela como meu pai vieram de famílias grandes. Eu só fico cansada, só isso.

Doutor Mission permaneceu calmo, clínico, como se não estivesse discutindo uma das questões mais íntimas da minha vida.

— Sim, e apesar de a genética ajudar, com base nos resultados, parece que seu corpo não seria… um habitat favorável para um feto. E qualquer criança que você venha a conceber… — ele fez uma pausa e desviou brevemente os olhos para o príncipe antes de voltar a fixá-los em mim. — … poderá ser incapaz de… determinadas tarefas.

Determinadas tarefas. Não inteligente o bastante, não saudável o bastante, não bom o bastante para ser príncipe.

Senti um nó no estômago.

— Tem certeza? — perguntei com a voz fraca.

Os olhos de Clarkson estavam fixos no médico à espera da confirmação. Imaginei tratar-se de uma informação vital para ele.

— Esse seria o melhor dos casos. Se você um dia for capaz de conceber.

— Com licença.

Pulei da cama, disparei rumo ao banheiro próximo à entrada da ala hospitalar, me enfiei em uma das cabines e vomitei tudo o que havia dentro do meu corpo.



UMA SEMANA SE PASSOU. Clarkson não fizera nada além de me olhar de vez em quando. Meu coração estava partido. Acreditara tolamente que seria possível. Depois de superarmos o constrangimento da nossa primeira conversa, ele parecia desviar de seu caminho para me ver, para cuidar de mim.

Estava claro que isso havia acabado.

Tinha certeza de que logo Clarkson me mandaria embora. Meu coração sararia um tempo depois. Com sorte, conheceria alguém novo, e o que lhe diria? Ser incapaz de produzir um herdeiro valioso para o trono era algo hipotético, uma possibilidade distante. Mas ser incapaz de produzir um Quatro sequer? Era muito para suportar.

Comia apenas quando achava que as pessoas estavam olhando. Dormia apenas quando não aguentava mais o cansaço. Meu corpo não ligava para mim, então por que eu ligaria para ele?

A rainha voltou das férias, as edições do *Jornal* continuavam, os intermináveis dias de sentar e sorrir emendavam-se uns nos outros. Nada disso me importava.

Eu estava no Salão das Mulheres, sentada à janela. O sol me fazia lembrar de Hondurágua, embora o clima fosse mais seco em Angeles. Imóvel, em oração, implorava a Deus para que Clarkson me mandasse de volta para casa. Estava envergonhada demais para escrever à minha família e contar as más notícias, mas estar cercada de todas aquelas garotas e suas aspirações de escalar castas piorava tudo. Eu tinha limites. Não podia ter essa esperança. Pelo menos em casa não precisaria pensar mais nisso.

Madeline se aproximou por trás e acariciou minhas costas.

— Está tudo bem?

Forcei um sorriso débil.

— Só cansada. Sem novidades.

— Certeza? — insistiu, ajeitando o vestido para sentar. — Você parece… diferente.

— Quais são suas metas de vida, Madeline?

— Como assim?

— Quais são seus sonhos? Se você pudesse obter o máximo da vida, o que pediria?

Ela sorriu, pensativa.

— Seria a nova princesa, claro. Com milhões de admiradores e festas todos os finais de semana e Clarkson na coleira. Você não desejaria o mesmo?

— É um lindo sonho. Agora, se você fosse pedir o *mínimo* da vida, o que pediria?

— O mínimo? Por que alguém iria querer o mínimo? — ela brincou, sem compreender.

— Mas não deveria haver um mínimo? Não deveria haver um mínimo aceitável que a vida nos desse? É demais pedir um emprego que você não odeie, ou alguém para chamar de seu de verdade? É demais pedir um filho? Mesmo um filho que alguns consideram defeituoso? Será que eu não poderia ter ao menos isso? — Minha voz vacilou, e levei os dedos à boca, como se meus ossos frágeis fossem capazes de conter a dor.

— Amberly — sussurrou Madeline. — O que houve de errado?

Balancei a cabeça.

— Não é nada, só preciso descansar.

— Você não deveria estar aqui agora. Vamos para o seu quarto.

— A rainha vai ficar brava.

Ela riu.

— Quando ela não está brava?

— Quando está bêbada — respondi com um suspiro.

O riso de Madeline dessa vez saiu mais leve e verdadeiro, e ela cobriu a boca na esperança de não chamar muito a atenção. Vê-la daquele jeito melhorou meu humor. Quando ela levantou, foi mais fácil ir atrás.

Madeline não fez mais perguntas, mas pensei em lhe contar tudo antes de voltar para casa. Seria bom que alguém soubesse.

Ao chegarmos no quarto, me virei para ela e lhe dei um abraço. Demorei para soltar, e ela não me apressou. Naqueles instantes, obtive o mínimo que necessitava da vida.

Caminhei até a cama, mas antes de me enfiar sob as cobertas, caí de joelhos e uni as mãos em prece.

— Será que é pedir demais?

Outra semana se passou. Clarkson mandou duas garotas para casa. Desejei com todas as forças que eu estivesse entre elas.

Por que não tinha sido eu?

Sabia que Clarkson não era lá muito polido, mas não o considerava cruel. Não imaginava que fosse me provocar com uma posição que jamais teria.

Me sentia uma sonâmbula, atravessando os estágios da competição como um fantasma que repete seus últimos passos de novo e de novo. O mundo parecia apenas uma sombra de si mesmo, e eu me arrastava por ele, fria e cansada.

Não demorou para as garotas pararem de perguntar. De tempos em tempos sentia o peso de seus olhares sobre mim. Contudo, já estava além do alcance delas, que pareciam compreender que o melhor era não se dar ao trabalho de insistir. Me encolhi tanto que já não era notada pela rainha… por quase ninguém, na verdade. Não ligava muito para isso, a sós com minhas preocupações.

Poderia ter continuado assim para sempre. Mas um dia — um dia tão insípido e maçante como os anteriores — estava tão alheia que não percebi a sala de jantar se esvaziar. Não registrei nada até um terno surgir diante de mim do outro lado da mesa.

— Você está doente.

Meu olhar encontrou o de Clarkson para logo em seguida desviar.

— Não, só estou mais cansada que o normal ultimamente.

— Você está magra.

— Já disse, tenho estado cansada.

Ele então deu um murro na mesa que me fez estremecer. Atônita, voltei a olhar para o rosto dele. Meu coração sonolento não sabia como reagir.

— Você não está cansada; está definhando — ele disse com firmeza. — Entendo o porquê, mas você precisa superar.

Superar? *Superar?*

Meus olhos marejaram.

— Com tudo o que o senhor sabe, como pode ser tão maldoso comigo?

— Maldoso? — redarguiu ele, quase cuspindo a palavra. — Isto é bondade. É tirar você da beira do abismo. Você vai se matar desse jeito. O que isso vai provar? O que isso vai trazer de bom, Amberly?

Por mais duras que fossem aquelas palavras, sua voz parecia acariciar meu nome.

— Preocupada que talvez não consiga ter um filho? E daí? Morta é que você não terá chances mesmo.

Ele então tomou o prato à minha frente — ainda cheio de presunto, ovos e frutas — e o empurrou na minha direção.

— Coma.

Sequei as lágrimas dos olhos e encarei a comida. Meu estômago dava voltas só de ver.

— É muito pesado. Não consigo comer.

Ele abaixou a voz e chegou mais perto.

— Então o que você consegue comer?

Dei de ombros.

— Pão, talvez.

Clarkson levantou e estalou os dedos para chamar um mordomo.

— Alteza — saudou o criado, curvando-se.

— Desça à cozinha e traga pão para a senhorita Amberly. Vários tipos.

— Imediatamente, senhor.

O mordomo deu meia-volta e praticamente saiu correndo.

— E, pelo amor de Deus, traga um pouco de manteiga também! — Clarkson gritou atrás.

Senti uma nova onda de vergonha. Como se não bastasse estragar minhas chances com coisas que não podia controlar, era ainda mais humilhante arruiná-las com coisas que eu podia.

— Ouça — a doçura da voz dele me fez encará-lo novamente. — Jamais faça isso de novo. Não desista.

— Sim, senhor — balbuciei.

Ele balançou a cabeça.

— Pode me chamar de Clarkson.

Aquilo valeu cada grão da força que precisei para abrir um sorriso.

— Você precisa ser impecável, entendeu? Precisa ser uma candidata exemplar. Até pouco tempo atrás, não achava que teria de lhe dizer isso, mas agora parece que sim. Não dê a ninguém motivos para duvidar da sua competência.

Eu estava imóvel, pasma. O que ele queria dizer? Se meus pensamentos estivessem um pouco mais claros, teria perguntado.

Menos de um minuto depois, o mordomo retornou com uma bandeja repleta de pães em pedaços, fatias e tranças. Clarkson se afastou.

— Até mais — despediu-se com uma breve reverência e saiu, com as mãos atrás das costas.

— É o bastante, senhorita? — perguntou o mordomo.

Arrastei o olhar até a pilha de comida, fiz que sim com a cabeça, peguei uma fatia e mordi.

É estranho descobrir o quanto você é importante para pessoas que não sabia que se importavam tanto. Ou descobrir que a sua lenta desintegração pode se refletir em outras pessoas numa escala menor.

Os olhos de Martha marejaram quando pedi a ela que, se não fosse um incômodo, me trouxesse uma tigela de morangos. Quando ri de uma piada de Bianca, notei Madeline suspirar de alívio antes de se

juntar a nós. E Clarkson…

A única outra vez em que o vira nervoso pra valer fora na noite em que flagramos a briga de seus pais; foi então que descobri que seu breve acesso de loucura tinha sido uma maneira de demonstrar o quão importante ambos eram para ele. O tanto que ele se chateou comigo… Não era meu jeito favorito para ele demonstrar que eu era importante. Mas se ele só conhecia esse jeito, fazia sentido.

Naquela noite, ao me acomodar na cama, prometi duas coisas a mim mesma. Primeira: se Clarkson se preocupava tanto comigo, eu ia parar de me fazer de vítima. Dali para a frente, seria uma competidora. Segunda: eu jamais daria a Clarkson Schreave um motivo para ficar irritado daquele jeito de novo.

Seu mundo parecia um furacão.

Eu seria o seu centro.



— VERMELHO — INSISTIA EMON. — Você sempre fica estonteante de vermelho.

— Mas acho que não precisa ser tão básico. Talvez algo mais intenso, como vinho — rebateu Cindly ao pegar outro vestido, bem mais escuro que o anterior.

Suspirei de alegria.

— É esse.

Eu não tinha o fogo que outras garotas tinham, e não era Dois. Mas começava a descobrir que havia outras maneiras de brilhar. Decidira parar de me vestir como princesa e começar a me vestir como rainha.

Não deu muito trabalho perceber que havia uma linha divisória entre as duas coisas. As Selecionadas recebiam vestidos estampados com flores ou feitos de tecidos leves. Já as roupas da rainha eram sólidas e imponentes. Se minha personalidade não era assim, ao menos meus trajes poderiam ser.

Além disso, passei a me esforçar para me portar de maneira diferente. Se alguém tivesse me perguntado em Hondurágua o que era mais difícil entre trabalhar o dia inteiro sob o sol e tentar manter uma postura decente por nada menos que dez horas, teria respondido a primeira opção. Agora já não estava tão certa.

Eu queria dominar as sutilezas, os detalhes inomináveis que giravam em torno dos Um. Naquela noite, no *Jornal*, queria parecer a escolha óbvia. Talvez se eu aparentasse ser a melhor escolha, também pudesse me sentir como tal.

Sempre que tinha uma pontinha de dúvida, pensava em Clarkson. Não houve um momento grandioso, definitivo entre nós, mas quando me preocupava por não ser boa o bastante, apegava-me às pequenas coisas. Ele tinha dito que gostava de mim. Ele me pedira para não desistir. Ele podia ter se afastado, mas depois retornou. Era o bastante para me dar esperança. Assim, botei meu vestido vermelho, tomei o remédio para prevenir enxaquecas e me preparei para dar meu melhor.

Ninguém nos avisava se teríamos de responder ou não a uma pergunta ou participar de um debate. Considerei aquilo parte do processo da Seleção: encontrar alguém capaz de pensar rápido. Por isso, fiquei frustrada quando o *Jornal* terminou sem que tivéssemos chance de falar. Haveria outras oportunidades. Contudo, enquanto todas ao meu redor suspiravam aliviadas, eu estava chateada.

Clarkson se pôs a caminhar, e me animei na hora. Ele vinha na minha direção. Para me convidar para um encontro. Eu sabia! Eu sabia!

Só que ele parou diante de Madeline. Cochichou algo em seu ouvido; ela soltou um risinho e, toda entusiasmada, fez que sim com a cabeça. Ele fez um gesto com a mão, como que dando à garota permissão para ir na frente. Antes de segui-la, porém, inclinou a cabeça até minha bochecha e sussurrou:

— Espere por mim acordada.

E partiu sem olhar para trás. Mas não era preciso.

— Tem certeza de que não quer mais nada, senhorita?

— Não, Martha, obrigada. Ficarei bem.

Diminuí as luzes do quarto, mas permaneci de vestido. Quase pedi para trazerem uma sobremesa,

mas tinha certeza de que ele já teria comido.

Eu não sabia por quê, mas senti meu corpo inteiro quente, como se minha pele tentasse dizer que aquela noite seria importante. E eu queria que fosse perfeita.

— A senhorita chamará, não é? Não convém passar a noite sozinha.

Levei as mãos às dela, que não hesitou em me deixar segurá-las.

— Assim que o príncipe sair, mando chamá-la.

Martha assentiu e apertou minhas mãos antes de me deixar só.

Corri até o banheiro, conferi o cabelo, escovei os dentes e ajeitei o vestido. Precisava me acalmar. Cada centímetro da minha pele estava desperto, à espera dele.

Sentada à mesa, passei a me concentrar nos dedos, palmas e pulsos. Cotovelos, ombros, pescoço. Passei por todas as partes na tentativa de relaxar. Claro, tudo isso se tornou inútil assim que Clarkson bateu na porta.

Ele não esperou resposta. Entrou direto. Levantei para cumprimentá-lo, e minha ideia era fazer uma reverência, mas algo em seus olhos me deixou perplexa. Apenas o observei avançar a passos lentos com um olhar determinado.

Levei a mão à barriga com o intuito de combater o frio lá dentro. Não deu muito certo.

Sem palavras, ele pôs a mão na minha bochecha e afastou meu cabelo, depois correu os dedos para o meu queixo. Antes de se inclinar para a frente, notei uma sugestão de sorriso em seu rosto.

Quando era mais nova, imaginara um primeiro beijo com Clarkson de cem maneiras diferentes. Aparentemente, não sonhara grande o bastante.

Ele conduziu, me puxando para si. Pensei que talvez fosse escorregar ou tropeçar, mas não sei como minhas mãos foram parar em seus cabelos, e os agarrei com a mesma intensidade que ele me segurava. Ele se curvou e me aninhei em seu corpo, feliz e surpresa ao descobrir como nos encaixávamos bem.

Aquilo era a felicidade. O amor. Tantas palavras que a gente ouve falar ou lê a respeito, e agora… agora eu sabia.

Quando ele enfim recuou, o frio na barriga e os calafrios já não existiam. Uma sensação inteiramente nova pulsava na minha pele.

Nossa respiração estava acelerada, mas isso não o impediu de falar:

— Você estava estonteante esta noite. Achei que deveria saber.

Ele correu os dedos pelos meus braços, pelo meu pescoço, até meu cabelo.

— Absolutamente estonteante — completou.

Me beijou mais uma vez e saiu, não sem antes parar diante da porta e lançar um último olhar para mim.

Rodeei a cama algumas vezes antes de deitar. Pensei em chamar Martha e pedir ajuda para tirar o vestido, mas me sentia tão bonita que deixei por isso mesmo.



NA MANHÃ SEGUINTE, minha pele arrepiava sem qualquer aviso. Qualquer movimento, qualquer toque ou brisa reacendia aquela sensação quente em meu corpo, e minha mente divagava para Clarkson.

Nossos olhares se encontraram duas vezes no café da manhã; em ambas, seu rosto trazia a mesma expressão de contentamento. Era como se um segredo delicioso pairasse entre nós.

Embora nenhuma de nós soubesse ao certo se os boatos a respeito de Tia eram verdadeiros, decidi tomar a expulsão dela como um aviso e guardei a noite anterior para mim. O fato de ninguém mais saber a tornava ainda melhor, mais sagrada até, e eu a protegia como um tesouro.

O único lado ruim do beijo foi ter tornado todos os momentos longe de Clarkson insuportáveis. Eu precisava vê-lo de novo, tocá-lo de novo. Se alguém viesse perguntar o que tinha feito naquele dia, seria incapaz de responder. Cada um dos meus suspiros pertencia a Clarkson, e nada teve importância até eu voltar ao quarto para me vestir para o jantar. A promessa de vê-lo novamente era a única coisa que me mantinha inteira.

Minhas criadas estavam em perfeita sintonia com minhas novas ideias de visual, de modo que o vestido daquela noite era ainda melhor. Um tom de mel, com cintura alta e a saia mais volumosa atrás. Talvez fosse meio extravagante demais para o jantar, mas adorei mesmo assim.

Tomei meu assento. Clarkson piscou para mim, me fazendo corar. Eu queria uma iluminação melhor para poder enxergar o rosto dele em detalhes. Tinha inveja das garotas do outro lado da sala: toda a luz do pôr do sol entrava pelas janelas e pousava sobre seus ombros.

— Ela está brava de novo — murmurou Kelsa.

— Quem?

— A rainha. Olhe para ela.

Levantei os olhos discretamente para a mesa principal. Kelsa tinha razão. A rainha parecia irritada até com o próprio ar. Ela pegou um pedaço de batata com o garfo, encarou-o e depois jogou de volta no prato.

Algumas garotas se sobressaltaram com o barulho.

— Queria saber o que aconteceu — comentei, também cochichando.

— Acho que nada. Ela é uma daquelas pessoas incapazes de ser feliz. Se o rei lhe desse férias a cada quinze dias ainda não seria o bastante. Ela não ficará satisfeita enquanto não formos todas embora. — A voz de Kelsa estava repleta de desprezo pela rainha e por sua postura irritada. Eu entendia o porquê, claro. Ainda assim, por causa de Clarkson, não conseguia odiá-la.

— Me pergunto o que ela vai fazer quando Clarkson escolher — cismei em voz alta.

— Não quero nem pensar nisso — Kelsa disse entre um gole e outro da sidra. — Ela é a única coisa que me faz não querer o príncipe.

— Eu não me preocuparia tanto — brinquei. — O palácio é grande o bastante para evitá-la sempre que possível.

— Bem pensado! — ela comentou, para em seguida olhar ao redor e conferir se alguém nos observava. — Acha que tem algum calabouço aqui para botarmos a rainha?

Tentei segurar mas caí na gargalhada. Não havia dragões para mantermos numa jaula, mas ela chegava perto.

Tudo aconteceu muito rápido; imagino que era essa a intenção. Vi as janelas se despedaçarem quase simultaneamente, atravessadas por objetos vindos de fora. Ouviram-se os gritos estridentes de algumas Selecionadas enquanto o vidro chovia em estilhaços sobre elas; aparentemente, Nova foi atingida na cabeça pelo objeto que quebrara a janela atrás dela. Ela se encolheu na mesa, abraçando

o próprio corpo, enquanto algumas tentavam olhar para fora e ver de onde vinham aquelas coisas.

Observei aqueles objetos esquisitos no meio da sala de jantar. Pareciam enormes latas de sopa. Quando apertei os olhos, tentando decifrar os rabiscos na lateral da que estava mais perto de mim, a lata bem ao lado estourou e começou a soltar fumaça pela sala.

— Corram! — berrou Clarkson, enquanto outra lata explodia. — Saiam!

Independente dos problemas entre ambos, o rei agarrou o braço da rainha e a arrastou dali. Vi duas garotas correrem para o meio da sala de jantar, e Clarkson as empurrou para fora.

Em questão de segundos, todo o ambiente se encheu de fumaça preta, que somada aos gritos dificultava minha concentração. Virei para o lado à procura das garotas sentadas perto de mim. Elas tinham sumido.

Tinham fugido, claro. Olhei para o outro lado, mas me perdi imediatamente na fumaça. Onde estava a porta? Respirei fundo para tentar me acalmar, mas em vez disso comecei a tossir por conta dos gases. Senti que era alguma coisa pior que simples fumaça. Já tinha chegado bem perto de uma fogueira antes, e aquilo… aquilo era diferente. Meu corpo queria descansar. Sabia que não estava certo. Eu deveria querer resistir.

Entrei em pânico. Só precisava encontrar um rumo. A mesa. Se eu encontrasse a mesa, bastava virar à direita. Agitei os braços ao redor, tossindo por conta da fumaça que inalava ao respirar tão rápido. Tropecei e dei com a mesa, que não estava onde eu pensava que estaria. Não importava: era suficiente. Apoiei as mãos sobre um prato, ainda cheio de comida, e corri as mãos pelo tampo da mesa, esbarrando em copos e tropeçando nas cadeiras.

Eu não ia conseguir.

Não conseguia respirar, e estava tão cansada.

— Amberly!

Ergui a cabeça, mas não dava para ver nada.

— Amberly!

Bati a mão contra a mesa, e o esforço me fez tossir. Não o escutei de novo, e só enxergava a fumaça.

Bati a mão contra a mesa outra vez. Nada.

Tentei novamente, e em vez de acertar a madeira, senti outra mão sob a minha.

Nos encontramos em meio aos gases, e ele me arrastou para fora às pressas.

— Venha — ele conseguiu dizer enquanto me puxava. Minha sensação era de que a sala de jantar não acabava nunca, mas então dei com o ombro no batente da porta. Clarkson segurava minha mão e insistia para eu continuar, mas tudo que eu queria era descansar. — Não. Venha.

Avançamos pelo corredor, onde vi algumas outras garotas, deitadas juntas no chão. Umas estavam sem fôlego, e pelo menos duas tinham vomitado por causa do gás.

Clarkson me puxou para o final da aglomeração de garotas e nos atiramos ao chão juntos, resfolegando em busca de ar puro. Era impossível que aquele ataque — e eu estava certa de que se tratava de um — tivesse durado mais de dois ou três minutos, mas me sentia como se tivesse corrido uma maratona.

Eu estava deitada sobre o braço, de forma bem desconfortável, mas me mexer requeria muito esforço. Clarkson estava imóvel, mas dava para ver seu peito subir e descer. Um segundo depois, ele se virou para mim.

— Você está bem?

Precisei de toda a minha força para responder:

— Você salvou minha vida — pausei, sem fôlego. — Eu amo você.

Várias vezes eu havia imaginado como seria dizer aquelas palavras, mas nunca daquele jeito. Ainda assim, não consegui me dar ao luxo de me arrepender: meu cérebro começou a apagar enquanto os sons dos guardas atacando ecoavam em meus ouvidos.

Havia alguma coisa presa ao meu rosto quando acordei. Levei a mão à cabeça e encontrei uma máscara de oxigênio, mais ou menos como a que vira depois de Samantha Rail ter sido pega por aquele incêndio.

Olhei para a direita e vi que a escrivaninha onde a enfermeira costumava sentar e a porta estavam praticamente ao meu lado. Na outra direção, quase todos os leitos da ala hospitalar estavam ocupados. Não consegui contar quantas garotas estavam lá, o que me levou a pensar em quantas estariam bem… e se havia alguma que não escapara.

Tentei sentar na esperança de ver mais. Quando estava quase ereta, Clarkson me viu e veio na minha direção. Não sentia muita tontura ou falta de ar, então arranquei a máscara. Mesmo ele estava devagar, ainda superando os efeitos do gás. Quando finalmente chegou até mim, sentou na beira do leito e perguntou em voz baixa:

— Como se sente? — sua voz soava áspera.

— Que… — Tentei limpar a garganta; minha voz também estava esquisita. — Que importância isso tem? Não consigo acreditar que você voltou lá para dentro. Existem vinte e poucas versões de mim aqui. Há apenas um de você.

Clarkson estendeu a mão, chamando a minha.

— Você não é exatamente substituível, Amberly.

Apertei os lábios; não queria chorar. O herdeiro do trono tinha corrido perigo por minha causa. A sensação que acompanhava tal constatação era quase bela demais para suportar.

— Senhorita Amberly — disse o doutor Mission, aparecendo do nada. — Fico feliz em vê-la finalmente desperta.

— As outras estão bem? — minha voz parecia a de outra pessoa.

Ele e Clarkson trocaram olhares rapidamente.

— Melhorando — o médico respondeu afinal. Ambos omitiam alguma informação, mas me preocuparia com isso mais tarde. — Mas a senhorita teve sorte. Sua Alteza resgatou cinco garotas, incluindo a senhorita.

— O príncipe Clarkson é muito corajoso mesmo. Sou tão sortuda.

Eu ainda segurava a mão dele, e naquele momento apertei-a um pouco.

— Sim — o doutor Mission respondeu —, mas me perdoe por questionar o propósito de tamanha coragem.

— Perdão?

— Alteza — ele replicou em voz baixa —, o senhor certamente sabe que seu pai não aprovaria tanto tempo dedicado a uma garota indigna do senhor.

Teria doído menos se ele tivesse me dado um tapa.

— As chances de ela gerar um herdeiro são, quando muito, irrisórias. E o senhor quase perdeu a vida para resgatá-la! Ainda não relatei a condição dela ao rei, pois estava certo de que o senhor

seria misericordioso e a mandaria para casa assim que soubesse. Mas se isso continuar, terei de informá-lo.

Houve uma longa pausa antes de Clarkson responder.

— Acho que ouvi várias garotas dizerem que suas mãos se detiveram um pouco demais no corpo delas durante os exames hoje — ele disse friamente.

O médico franziu a testa.

— O que o senhor…

— E qual delas disse que você cochichou algo bastante inadequado, mesmo? Não importa, imagino.

— Mas eu nunca…

— Não faz diferença. Sou o príncipe. Minha palavra está acima de qualquer questionamento. E se eu meramente sugerir que você ousou tocar minhas mulheres de maneira antiprofissional, acabará diante de um pelotão de fuzilamento.

Meu coração disparou. Queria detê-lo, dizer que não era necessário ameaçar a vida de ninguém. Com certeza existiam outras maneiras de contornar o problema. Contudo, eu sabia que não era hora de falar.

O doutor Mission engoliu em seco. Clarkson prosseguiu:

— Se você dá algum valor à própria vida, sugiro que não interfira na minha. Estamos claros?

— Sim, Alteza — concordou o médico, acompanhando as palavras de uma breve reverência para garantir.

— Excelente. A senhorita Amberly está em boas condições? Pode ir para o quarto descansar com conforto?

— Vou pedir para uma enfermeira verificar imediatamente.

Clarkson o dispensou, e o médico saiu.

— Você acredita na ousadia que ele teve? Vou me livrar dele de qualquer jeito.

Apoiei a mão no peito de Clarkson e pedi:

— Não. Não, por favor. Não o machuque.

Ele sorriu.

— O que quero dizer é que vou mandá-lo embora, arranjar um posto para ele em outro lugar. Muitos governadores gostam de ter um médico particular. Ele se sairá bem em algo assim.

Suspirei aliviada. Desde que ninguém morresse, estaria tudo bem.

— Amberly — ele sussurrou. — Você sabia que talvez não pudesse ter filhos antes de ele dizer?

Neguei com a cabeça.

— Tinha uma preocupação. Já vi acontecer com outras onde vivo. Mas minhas duas irmãs são casadas e têm filhos. Esperava que eu também pudesse ter.

Minha voz embargou, e ele me conteve:

— Não se preocupe com nada disso agora. Passo mais tarde para ver como você está. Precisamos conversar.

Ele beijou minha testa, ali mesmo na ala hospitalar, onde todos podiam ver. Todas as minhas preocupações desapareceram, ao menos naquele instante.





— TENHO UM SEGREDO PARA TE CONTAR.

Acordei com Clarkson sussurrando ao meu ouvido. Era como se meu corpo já soubesse reagir a ele, então não me assustei. Em vez disso, sua voz produziu em mim uma agitação suave, a melhor forma de acordar do mundo.

— Tem? — perguntei enquanto esfregava os olhos para ver seu sorriso travesso.

Ele assentiu.

— Será que devo revelar?

Respondi com risinhos, e ele inclinou a cabeça novamente até meu ouvido:

— Você será a próxima rainha de Illéa.

Me afastei querendo ver seu rosto, à procura de qualquer indício de que era uma piada. Mas, de verdade, jamais o vira tão calmo.

— Quer que eu conte como sei?

Clarkson parecia contente consigo mesmo por ter me deixado tão surpresa.

— Por favor — balbuciei, ainda sem acreditar nas palavras dele.

— Espero que você me perdoe pelos meus pequenos testes, mas há muito sabia o que procurava. — Ele mudou de posição na cama, e eu sentei para que ficássemos frente a frente. — Eu gostava do seu cabelo.

Levei a mão à cabeça por instinto.

— O que quer dizer?

— Não havia nada de errado com ele quando estava comprido. Pedi a várias garotas para cortarem o cabelo, e você foi a única a me dar mais que um dedo.

Arregalei os olhos, atônita. O que significava aquilo?

— E então veio a noite do nosso primeiro encontro… Você lembra?

Claro que eu lembrava.

— Apareci tarde, quando sabia que você estaria pronta para a cama. Você perguntou se poderia trocar de roupa, mas não discutiu quando eu disse que não. Veio comigo tal como estava. As outras me empurraram para o corredor e me fizeram esperar enquanto se vestiam. Foram rápidas, devo admitir, mas ainda assim…

Refleti por uns instantes.

— Não entendo — admiti.

Ele tomou minha mão.

— Você viu meus pais. A guerra por besteiras. Para eles, as aparências são questão de vida ou morte. E embora elas sejam importantes para o bem do país, eles deixaram que atrapalhassem qualquer possibilidade de paz entre os dois, muito menos felicidade.

"Se eu lhe peço algo, você dá. Você não é vaidosa. É segura de si o bastante para me pôr à frente da sua aparência, à frente de tudo. Sei disso por causa da maneira como recebe qualquer pedido que lhe faça. Mas há outras coisas…"

Ele respirou fundo e fixou os olhos em nossas mãos, como se ponderando se deveria me contar.

— Você guardou meus segredos, e garanto: se casar comigo, haverá muitos outros para guardar. Você não me julga nem se assusta com qualquer coisa. Você me tranquiliza. — Antes de continuar, ergueu o olhar até os meus olhos. — Estou desesperado por tranquilidade. Acho que você é a minha única chance de obtê-la.

Abri um sorriso.

— O centro do seu furacão?

Ele soltou o ar, aparentemente aliviado.

— Sim.

— Eu ficaria feliz em ser isso para você, mas há um problema.

Ele coçou a cabeça.

— Sua casta?

Tinha esquecido disso.

— Não. Filhos.

— Ah, isso… — ele disse, quase como se fosse uma piada. — Não ligo para isso de qualquer forma.

— Mas você precisa de um herdeiro.

— Para quê? Para continuar a linhagem? Suponha que conseguíssemos ter um bebê, uma menina. Não haveria chance de ela obter a coroa. Você não acha que existem planos alternativos?

— Eu quero filhos — balbuciei.

Ele deu de ombros.

— Não há garantia de que você não os terá. Pessoalmente, não gosto de crianças. Acho que para isso existem as babás.

— E sua casa é tão imensa que você nunca ouviria um deles gritar.

Clarkson achou graça.

— Verdade. Assim, haja o que houver, isso não é um problema para mim.

Ele estava tão calmo e despreocupado que acreditei, e aquele peso saiu de minhas costas. Meus olhos marejaram, mas não me permiti chorar. Guardaria as lágrimas para depois, quando estivesse sozinha.

— O verdadeiro problema para mim é a sua casta — ele reconheceu. — Bom, não tanto para mim, mas para o meu pai. Precisarei de tempo para descobrir o jeito certo de tratar o assunto. Isso implica que a Seleção deverá continuar por um tempo. Mas aguente firme — ele assegurou, se aproximando —, você será minha esposa.

Mordi os lábios, feliz demais para acreditar que aquilo era real.

Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Você será a única coisa no mundo realmente minha. E vou colocá-la em um pedestal tão alto que será impossível alguém não te adorar.

Sacudi a cabeça, tonta de alegria.

— Não sei o que dizer.

Ele me beijou rapidamente.

— Treine o seu "sim". Quero você pronta quando chegar a hora.

Nossas cabeças se tocaram e ficamos em silêncio por alguns instantes. Eu não conseguia acreditar que aquilo era real. Ele tinha dito todas as palavras que eu esperava ouvir desde sempre: rainha, esposa, adorar. Os sonhos que eu abrigara no meu coração estavam se tornando realidade.

— Você precisa voltar a dormir. O ataque desta manhã foi um dos piores até hoje. Quero que se recupere totalmente.

— Como quiser — falei.

Ele correu o dedo pela minha bochecha, satisfeito com a minha resposta.

— Boa noite, Amberly.

— Boa noite, Clarkson.

Voltei a me aninhar na cama assim que ele saiu, mas sabia que seria incapaz de retomar o sono. Como poderia, com o coração batendo duas vezes mais rápido e a cabeça repassando todas as possibilidades do nosso futuro?

Levantei devagar e fui até a escrivaninha. Só podia pensar em um jeito de tirar aquilo de dentro de mim.

Querida Adele,

Você pode guardar um segredo?





O PRÍNCIPE



INTRODUÇÃO

A PRIMEIRA VEZ QUE ENTREI NA CABEÇA DE OUTRO PERSONAGEM do universo da Seleção foi na de Maxon. Aqui no lado criativo da história, havia um monte de perguntas sobre nosso lindo príncipe. Por que ele parecia não saber o nome das garotas quando elas chegaram ao palácio? Quer dizer, aquilo era muito importante para ele, era estranho ele estar tão por fora. E como ele passava de alguém que tentava fazer as pessoas rirem para um sujeito bravo tão rápido? Parecia um grande salto para ele. E, claro, o que ele estava pensando quando conheceu America?

A esta altura do processo, já entrei na cabeça de sete personagens diferentes do elenco original da Seleção. Devo dizer que, de longe, Maxon foi o mais fácil. Apesar de suas preocupações e das explosões do seu temperamento, ele foi o personagem mais disposto a compartilhar seus sentimentos, até mais que America. Isso facilitou muito meu trabalho de contar a história, e sempre vou amar Maxon por isso.

Kiera



EU ANDAVA EM CÍRCULOS, como se isso pudesse aliviar a tensão do meu corpo. A Seleção parecia emocionante quando estava lá longe — uma possibilidade futura. Mas agora? Bem, eu já não tinha tanta certeza.

Censo compilado, números checados múltiplas vezes. Os funcionários do palácio estavam sendo realocados, e as roupas e os quartos das novas hóspedes já estavam sendo preparados. A pressão crescia, empolgante e assustadora ao mesmo tempo.

Para as garotas, o processo começara com o preenchimento dos formulários — milhares a esta altura. Para mim, tinha acabado de começar.

Completara dezenove anos. Agora, *eu* podia participar.

Parei diante do espelho e conferi a gravata mais uma vez. Naquela noite haveria mais olhos sobre mim do que o normal; eu precisava parecer o príncipe autoconfiante que todos esperavam. A gravata estava impecável, e eu segui para o escritório do meu pai.

No caminho, acenei com a cabeça para os assessores e guardas conhecidos. Era difícil imaginar que em menos de duas semanas os corredores estariam abarrotados de garotas. Bati de maneira firme na porta, uma requisição feita pelo meu próprio pai. Parecia que eu sempre tinha uma lição a aprender.

Bata com autoridade, Maxon.

Pare de andar em círculos, Maxon.

Você tem que ser mais rápido, mais esperto e melhor, Maxon.

— Entre.

Entrei. Meu pai desviou os olhos do espelho por um instante para me observar.

— Ah, que bom que você chegou. Sua mãe virá logo. Está preparado?

— Claro — respondi. Era a única resposta plausível.

Ele estendeu o braço e apanhou uma pequena caixa, que pôs na minha frente, sobre sua escrivaninha.

— Feliz aniversário.

Desfiz o embrulho prateado e dei com uma caixinha preta. Dentro dela, um par de abotoaduras novas. Provavelmente ele estava atarefado demais para se lembrar de que já havia me dado abotoaduras no Natal. Ou então eram os ossos do ofício. Quando eu fosse rei, talvez também desse um presente repetido para o meu filho sem querer. Mas é claro que, para chegar a esse ponto, primeiro precisava de uma esposa.

Esposa. A palavra pendeu dos meus lábios por um instante, sem chegar a sair. Soava estranha.

— Obrigado, senhor. Vou usá-las agora mesmo.

— Você precisa dar o seu melhor esta noite — ele disse, afastando-se do espelho. — Todos estão com a Seleção na cabeça.

Dei um sorriso tenso.

— Eu também estou.

Pensei em contar a ele como estava ansioso. Ele já havia passado por isso, afinal. Deve ter tido suas próprias dúvidas naquela época.

Mas é claro que o nervosismo estava estampado na minha cara.

— Ânimo, Maxon. A ideia é que seja emocionante — ele me incentivou.

— E é. Só estou impressionado com a rapidez com que tudo tem acontecido — respondi enquanto me concentrava em passar o metal pela casa da manga da camisa.

— Parece rápido para você, mas para mim foram anos de preparação — ele disse, rindo.

Apertei os olhos e o encarei.

— Como assim?

A porta se abriu e minha mãe entrou. Como sempre, o rosto do meu pai se iluminou com a sua presença.

— Amberly, você está estonteante — ele elogiou, caminhando para cumprimentá-la.

Ela sorriu com seu jeito de sempre, como se não acreditasse que alguém havia reparado nela, e abraçou meu pai.

— Não estonteante demais, espero. Não quero roubar a atenção.

Ela se afastou do meu pai e veio na minha direção.

— Feliz aniversário, filho.

— Obrigado, mãe.

— Seu presente vai chegar — sussurrou, e depois se dirigiu ao meu pai. — Estamos todos prontos, então?

— Sim, certamente — respondeu meu pai, oferecendo-lhe o braço, que ela agarrou. Caminhei à sombra deles. Como sempre.

— Quanto tempo teremos, Alteza? — um repórter me perguntou.

A luz dos refletores queimava meu rosto.

— Os nomes serão sorteados nesta sexta-feira, e as garotas chegarão na sexta seguinte — respondi.

— Está nervoso, senhor? — outra voz indagou.

— Porque vou me casar com uma moça que ainda nem conheço? Tudo sob controle — respondi, com uma piscadela que fez a plateia rir.

— Mas isso não o deixa nem um pouco nervoso, Alteza?

Desisti de tentar identificar o rosto do meu interlocutor. Apenas respondi na direção de onde viera a pergunta.

— Pelo contrário. Estou muito empolgado.

Mais ou menos.

— Sabemos que fará uma excelente escolha, senhor.

O flash de uma câmera me cegou.

— Aqui, aqui! — outros chamavam.

Dei de ombros.

— Não sei. Qualquer garota que se contentar comigo só poderá ser louca.

Todos riram mais uma vez, e essa frase me pareceu uma boa deixa para ir embora.

— Com licença. Alguns parentes estão aqui de visita e não quero ser indelicado.

Dei as costas para os jornalistas e fotógrafos e respirei fundo. Será que a noite inteira seria assim?

Corri os olhos pelo Grande Salão — toalhas azul-marinho cobriam as mesas e velas brilhavam forte para realçar o esplendor da decoração — e vi que não tinha muita escapatória. Em um canto do salão estavam as autoridades; no outro, os jornalistas. Nenhum lugar para eu ficar quieto e tranquilo. Como *eu* era o aniversariante, alguém poderia pensar que eu seria o responsável por definir como tudo aconteceria. Mas não era desse modo que as coisas funcionavam.

Assim que me desvencilhei da multidão, senti o braço do meu pai nas minhas costas e sua mão a

apertar meu ombro. Aquela pressão e aquela atenção súbita me deixavam tenso.

— Sorria — ele ordenou, sem mover os lábios. Obedeci, e ele virou a cabeça na direção de alguns de seus convidados especiais.

Percebi o olhar de Daphne, que viera da França junto com o pai. Tivemos sorte: a data da festa coincidiu com a necessidade de nossos pais continuarem as discussões sobre um tratado comercial. Sendo ela filha do rei da França, nossos caminhos já haviam se cruzado algumas vezes, e talvez ela fosse a única pessoa fora da minha família com quem eu tinha um pouco de intimidade. Era bom ver um rosto conhecido no salão.

Acenei com a cabeça, e ela ergueu sua taça de champanhe.

— Você não pode ser tão sarcástico em suas respostas. Você é o príncipe herdeiro. Nós precisamos da sua liderança.

A mão do meu pai apertava meu ombro mais do que o necessário.

— Perdoe-me, senhor. É uma festa. Pensei que…

— Pensou errado. Espero que na hora do noticiário você leve as coisas mais a sério.

Ele parou de andar e me encarou com seus olhos cinzentos e firmes.

Sorri mais uma vez, sabendo que ele me pedia aquilo por causa da multidão.

— Claro, senhor. Foi um lapso de julgamento temporário.

Ele abaixou o braço e levou a taça de champanhe aos lábios.

— Você costuma ter muitos.

Arrisquei lançar um olhar de enfado a Daphne, que riu, pois sabia muito bem como eu me sentia. Os olhos do meu pai seguiram meu olhar pelo salão.

— Sempre muito bonita essa garota. Pena que não pode participar do sorteio.

Dei de ombros.

— Ela é simpática, mas nunca senti nada por ela.

— Que bom. Seria uma estupidez sem tamanho da sua parte.

Ignorei a maldade do comentário e continuei:

— Além do mais, mal posso esperar para conhecer minhas verdadeiras opções.

Meu pai vibrou com a ideia e voltou a me conduzir pelo salão.

— Já é hora de você fazer algumas escolhas reais na vida, Maxon. Escolhas boas. Tenho certeza de que você acha que meus métodos são rígidos demais, mas preciso que você enxergue a importância de sua posição.

Segurei um suspiro. *Eu tento fazer escolhas. Você é que não confia em mim.*

— Não se preocupe, pai. Levo muito a sério a tarefa de escolher uma esposa — respondi, na esperança de que o tom da minha voz confirmasse o quanto aquilo era verdade.

— O objetivo não é só encontrar uma garota com quem você se dê bem. Por exemplo, você e Daphne. Muito amiguinhos, mas ela seria um completo desperdício — ele comentou antes de outro gole, e acenou para alguém que estava atrás de mim.

Mais uma vez, tive que controlar minha expressão. Desconfortável com o rumo da conversa, meti as mãos nos bolsos e inspecionei o salão.

— Acho melhor começar a circular pelas mesas.

Ele me dispensou com um gesto da mão e voltou a se concentrar em sua bebida. Aproveitei para me retirar rápido. Por mais que tentasse, não conseguia entender o que ele queria com aquela conversa. Não havia motivo para ele ser tão grosseiro sobre Daphne se ela sequer era uma opção.

O Grande Salão reverberava de entusiasmo. As pessoas diziam que toda a Illéa esperava por aquele momento: a emoção de uma nova princesa, a empolgação de ver que em breve eu seria rei. Pela primeira vez eu sentia toda aquela energia e receava que ela fosse me esmagar.

Apertei diversas mãos e aceitei com elegância presentes de que não precisava. Perguntei discretamente a um fotógrafo sobre as lentes de sua câmera. Beijei as bochechas de familiares, amigos e de uma boa parcela de completos estranhos.

Por fim, tive um momento sozinho. Inspecionava a multidão, certo de que havia algum lugar onde eu deveria estar. Meu olhar parou em Daphne, que veio em minha direção. Estava ansioso para ter pelo menos alguns minutos de conversa sincera, mas isso teria que esperar.

— Está se divertindo? — minha mãe perguntou, ao se aproximar.

— O que parece?

Ela correu as mãos pelo meu terno já meio amarrotado.

— Que sim.

Abri um sorriso.

— É o que importa.

Ela inclinou a cabeça levemente, com um sorriso terno nos lábios.

— Venha comigo por um minuto.

Ofereci o braço a ela, que aceitou com alegria, e caminhamos pelo corredor ao som dos cliques das câmeras.

— Podemos fazer algo menor no ano que vem?

— Pouco provável. É quase certo que você já estará casado. Sua esposa talvez queira uma comemoração bem sofisticada para o primeiro ano de vocês juntos.

Franzi a testa, uma liberdade que podia ter na frente dela.

— Talvez ela também goste de tranquilidade.

Minha mãe soltou uma risada suave.

— Desculpe-me, querido, mas uma garota que se inscreve na Seleção quer um jeito de *sair* da tranquilidade.

— Você também? — pensei em voz alta.

De fato, nunca tínhamos falado sobre a chegada dela ao palácio. Havia uma fronteira estranha entre nós. Uma fronteira que eu apreciava: eu fora criado ali, mas minha mãe havia escolhido ir para o palácio.

Ela parou e me encarou, com uma expressão calorosa.

— Fiquei encantada com o rosto que vi na TV. Sonhava acordada com seu pai, assim como milhares de garotas agora sonham com você.

Imaginava minha mãe jovem, em Hondurágua, com o cabelo trançado nas costas e o olhar ansioso fixo na televisão. Podia vê-la suspirar a cada palavra dele.

— Todas as meninas imaginam como é a vida de uma princesa — prosseguiu. — Se apaixonar perdidamente, usar uma coroa… Eu só conseguia pensar nisso na semana anterior à divulgação dos nomes. Não fazia ideia de que ia muito além.

O rosto dela ficou um pouco triste.

— Nem imaginava a pressão a que estaria submetida ou como teria pouca privacidade. Ainda assim, ser casada com seu pai e ter você como filho… é a realização de todos aqueles sonhos — concluiu, acariciando minha bochecha.

Ela mantinha os olhos nos meus e sorria, mas pude notar lágrimas brotando. Precisava puxar algum assunto.

— Então você não se arrepende?

Ela balançou a cabeça.

— Nem um pouco. A Seleção mudou a minha vida, e da melhor maneira possível. E é sobre isso que quero falar com você.

Arregalei os olhos.

— Não sei se estou entendendo.

Ela soltou um suspiro.

— Eu era Quatro. Trabalhava em uma fábrica.

Ela estendeu as mãos, com as palmas para cima, e continuou:

— Meus dedos eram secos e rachados. A sujeira se acumulava debaixo das unhas. Não tinha boas conexões nem status. Nada me fazia digna de ser princesa. E, no entanto, aqui estou.

Encarei-a, ainda sem saber ao certo o que ela queria.

— Maxon, este é o meu presente para você: prometo me esforçar para ver essas garotas através dos seus olhos. Não com os olhos de rainha ou de mãe, mas com os seus. Mesmo que você escolha uma moça de uma casta bem inferior, mesmo que os outros pensem que ela não tem valor, sempre escutarei seus motivos para querê-la. E farei o máximo para apoiá-lo em sua decisão.

Fiquei parado por um momento até compreender.

— O meu pai não teve esse apoio? Você não teve?

Minha mãe não respondeu diretamente.

— Toda moça que vier terá seus prós e contras. Algumas pessoas irão enfatizar o que há de pior em algumas de suas opções, e o que há de melhor nas outras. Essa intolerância não fará o menor sentido para você, mas eu estarei ao seu lado, não importa sua escolha.

— Você sempre está.

— Verdade — afirmou tomando-me o braço. — Sei que estou prestes a ficar em segundo plano em relação a outra mulher. Mas meu amor por você nunca vai mudar, Maxon.

— Nem o meu por você.

Esperava que ela pudesse notar a sinceridade na minha voz. Era incapaz de imaginar uma circunstância que ofuscasse minha completa adoração por ela.

— Eu sei — disse, e com um gesto suave nos guiou de volta para a festa.

Enquanto éramos recebidos por sorrisos e aplausos no salão, eu pensava nas palavras dela. Minha mãe era, mais do que qualquer pessoa que eu conhecia, incrivelmente generosa — uma qualidade que eu me empenharia em adquirir. Assim, aquele presente devia ser mais necessário do que eu podia imaginar naquele momento. Minha mãe nunca me dera um presente que não fosse bem pensado.



AS PESSOAS ACABARAM FICANDO NA FESTA por muito mais tempo do que me parecia apropriado. Outro sacrifício que vinha com o privilégio, pensei: ninguém queria que uma festa no palácio acabasse. Nem o próprio palácio queria.

Deixei o representante da Federação Alemã, que estava bastante bêbado, aos cuidados de um guarda, agradeci todos os conselheiros reais pelos presentes e beijei a mão de quase todas as damas que cruzaram as portas do palácio. A meu ver, tinha cumprido minha obrigação, e só queria passar umas horas em paz. Só que um par de olhos azul-escuros me interrompeu enquanto eu tentava escapar dos foliões retardatários.

— Você tem me evitado — afirmou Daphne, com a voz brincalhona e um sotaque cantado que me fazia cócegas no ouvido. Sempre havia um quê musical em suas palavras.

— Nem um pouco. É que havia bem mais gente do que eu esperava — repliquei, olhando para trás, para o punhado de gente decidida a ver o sol nascer pelas janelas do palácio.

— Seu pai gosta de espetáculos.

Caí no riso. Daphne parecia compreender várias coisas que eu nunca havia dito em voz alta. Quanto de mim ela compreendia sem que eu me desse conta?

— Acho que ele se superou — comentei.

— Só até a próxima festa — ela respondeu, dando de ombros.

Permanecemos calados por uns instantes, embora eu sentisse que ela queria falar mais. Mordendo os lábios, sussurrou:

— Poderia falar com você em particular?

Concordei, oferecendo-lhe o braço, e a conduzi até uma das saletas no final do corredor. Ela permanecia quieta, como se guardasse as palavras para depois que eu tivesse fechado as portas atrás de nós. Apesar de já termos conversado a sós muitas vezes, seu comportamento estava me deixando apreensivo.

— Você não dançou comigo — ela disse, parecendo magoada.

— Não dancei com ninguém.

Meu pai tinha insistido em músicos eruditos dessa vez. Embora os Cinco fossem muito talentosos, a música que tocavam pedia danças mais lentas. Talvez, se eu tivesse optado por dançar, teria escolhido Daphne. Só que me parecia errado fazer isso enquanto todos me perguntavam sobre a minha futura e desconhecida esposa.

Ela respirou bem fundo e começou a andar em círculos.

— Tenho um encontro assim que voltar para casa — disse. — Frederick é o nome dele. Já o vi antes, claro. Cavalga muito bem e também é muito bonito. É quatro anos mais velho, mas acho que esse é exatamente um dos motivos para meu pai gostar dele.

Ela olhou para mim por cima do ombro com um sorrisinho nos lábios.

Respondi com um ar sarcástico:

— E onde estaríamos nós sem a aprovação dos nossos pais?

Ela achou graça.

— Perdidos, é óbvio. Não faríamos ideia de como viver.

Também ri, grato por ter alguém com quem fazer piada da situação. Às vezes, essa era a única maneira de lidar com a pressão.

— Mas então, meu pai aprova. Ainda assim, fico pensando…

Ela baixou os olhos, tomada por uma timidez súbita.

— Em quê?

Daphne permaneceu imóvel por um segundo, ainda com o olhar no carpete. Até que cravou aqueles olhos azul-escuros em mim.

— Você é a favor?

— A favor do quê?

— De Frederick.

Comecei a rir.

— Não dá para falar, dá? Não o conheço.

— Não — ela disse, desanimada. — Não a pessoa, mas a ideia. Você concorda que eu me encontre com esse homem? Que no fim me case com ele?

O rosto de Daphne ficou imóvel, como se escondesse algo que eu ainda não entendia. Respondi um pouco conformado e confuso:

— Não cabe a mim aprovar. Tampouco cabe a você — afirmei, um pouco triste por nós dois.

Daphne esfregava as mãos, talvez nervosa ou magoada. Eu era incapaz de entender o que estava acontecendo.

— Então você não se incomoda nem um pouco? Porque se não for Frederick, será Antoine. Se não for Antoine, será Garron. Há uma fila de homens à minha espera, e nenhum deles tem comigo metade da amizade que tenho com você. Mas, no final, terei que aceitar um deles como marido. E você não se importa?

Era realmente deprimente. Dificilmente nos víamos mais do que três vezes por ano. E eu também a considerava minha melhor amiga. Como nós éramos patéticos!

Engoli em seco, procurando a melhor coisa a dizer.

— Tenho certeza de que no final tudo vai dar certo.

Sem qualquer aviso, as lágrimas começaram a rolar pelo rosto de Daphne. Olhei à minha volta, na tentativa de encontrar uma explicação ou solução, e me sentia mais desconfortável a cada momento.

— Por favor, Maxon, diga que você não se submeterá a isso. Você não pode — implorou.

— Do que você está falando? — perguntei, desesperado.

— Da Seleção! Por favor, não se case com uma estranha qualquer. Não *me* faça casar com um estranho qualquer.

— É minha obrigação. É assim que funciona para os príncipes de Illéa. Casamos com plebeias.

Daphne se lançou contra mim e agarrou as minhas mãos.

— Mas eu te amo. Sempre amei. Por favor, não se case com outra garota sem ao menos perguntar ao seu pai se eu podia ser uma opção.

Sempre me amou?

Engasguei com as palavras. Tentava descobrir por onde começar.

— Daphne, como… Não sei o que dizer.

— Prometa que vai perguntar ao seu pai — ela implorou, secando as lágrimas dos olhos, esperançosa. — Adie a Seleção ao menos por tempo suficiente para descobrirmos se vale a pena tentar. Ou me deixe participar também. Eu abro mão da minha coroa.

— Por favor, pare de chorar — sussurrei.

— Não consigo. Não agora que estou prestes a perdê-lo para sempre — disse, antes de enterrar a cabeça entre as mãos e começar a soluçar baixinho.

Fiquei ali, como uma estátua, com medo de piorar as coisas. Após alguns momentos de tensão,

Daphne ergueu a cabeça e falou, com o olhar perdido:

— Você é a única pessoa que me conhece. A única pessoa que sinto conhecer de verdade.

— Conhecer não é amar — repliquei.

— Não é verdade, Maxon. Temos uma história juntos, e ela está prestes a ser destruída. Tudo em nome da tradição.

Daphne continuava com os olhos fixos no centro da sala, e eu continuava sem fazer ideia do que ela estava pensando. Era evidente que eu não costumava prestar atenção em seus pensamentos.



Finalmente, Daphne virou o rosto para mim.

— Maxon, eu suplico, peça ao seu pai. Mesmo que ele diga não, ao menos eu tentei tudo o que podia.

Certo de que a minha resposta era a mais pura verdade, disse-lhe o que precisava ser dito:

— Você já tentou, Daphne. Acabou.

Cruzei os braços por um instante e depois soltei-os.

— Isso é tudo que nossa história poderia ser — acrescentei.

Seus olhos ficaram um bom tempo cravados nos meus. Ela sabia tão bem quanto eu que um pedido tão escandaloso estava muito além das minhas possibilidades. Percebi que ela buscava em sua mente um caminho alternativo, mas não havia saída. Ela servia à sua coroa; eu, à minha. E nossas dinastias nunca se cruzariam.

Concordando com a cabeça, ela desabou em lágrimas mais uma vez. Caminhou até o sofá e sentou, abraçando a si mesma. Fiquei parado na tentativa de não agravar seu sofrimento. Queria poder fazê-la rir, mas não havia graça nenhuma na situação. Não sabia que era capaz de partir um coração.

Com certeza, não gostei de saber.

Foi então que me dei conta de que isso logo se tornaria comum. Eu dispensaria trinta e quatro mulheres ao longo dos próximos meses. E se todas reagissem assim?

Bufei de cansaço só de pensar.

Ao me ouvir, ela ergueu o olhar. Aos poucos, a expressão em seu rosto mudou.

— Isso não te magoa nem um pouco? — perguntou. — Você não é um ator tão bom assim, Maxon.

— É claro que me incomoda.

Daphne se levantou e começou a me examinar, em silêncio.

— Mas não pelas mesmas razões que me incomodam — ela disse baixinho.

Ela caminhava pela sala, com olhos suplicantes.

— Maxon, você me ama.

Permaneci calado.

— Maxon — ela afirmou, enfática —, você me ama. Ama.

Desviei o rosto; a intensidade do brilho em seus olhos era forte demais para mim. Passei a mão pelo cabelo enquanto tentava colocar em palavras o que quer que eu sentia.

— Nunca vi alguém expressar seus sentimentos como você acabou de fazer. Não duvido da sinceridade de cada uma de suas palavras. Só que não consigo dizer o mesmo, Daphne.

— Isso não te impede de sentir. Você só não sabe como expressar. Seu pai pode ser frio como o gelo, e sua mãe esconde-se em si mesma. Você nunca viu as pessoas amarem livremente, e por isso não sabe demonstrar amor. Mas você sente. Sei que sente. Você me ama como eu amo você.

Balancei a cabeça devagar, temendo que qualquer sílaba que saísse da minha boca trouxesse tudo à tona novamente.

— Me beije — ela ordenou.

— Quê?

— Me beije. Se você for capaz de me beijar e ainda assim dizer que não me ama, nunca mais tocarei no assunto.

Recuei.

— Não. Sinto muito, mas não consigo fazer isso.

Não quis confessar o quão literais eram minhas palavras. Não sabia ao certo quantos garotos Daphne já beijara, mas tinha certeza de que mais que zero. Ela tinha deixado escapar que fora beijada havia um par de verões, quando estive na França em sua companhia. Bastava. Ela tinha mais experiência, e de maneira nenhuma eu iria bancar ainda mais o idiota naquele momento.

Sua tristeza transformou-se em raiva à medida que se afastou de mim. Ela chegou a rir, mas não havia sinal de humor em seus olhos.

— Então essa é a sua resposta? Você está dizendo *não*? Você prefere deixar que eu vá?

Encolhi os ombros.

— Você é um idiota, Maxon Schreave. Seus pais sabotaram completamente sua personalidade. Mesmo que você tivesse mil garotas diante dos seus olhos, não importaria. Você é burro demais para reconhecer o amor a dois palmos do nariz.

Ela secou os olhos e ajeitou o vestido.

— Rezo a Deus para nunca mais ver seu rosto novamente.

O medo no meu coração se transformou e, quando ela começou a sair, agarrei-a pelo braço. Não queria que partisse para sempre.

— Daphne, sinto muito.

— Não sinta muito por mim — ela disse friamente. — Sinta muito por você. Você encontrará uma esposa porque é obrigado a isso, mas você já conheceu o amor e o deixou partir.

Ela soltou a mão num puxão e me deixou sozinho.

Parabéns para mim.



DAPHNE CHEIRAVA A CEREJEIRAS E AMÊNDOAS. Seu perfume era o mesmo desde os treze anos. Ela o usava na noite anterior e eu ainda podia senti-lo, apesar de ela não querer me ver nunca mais.

Ela tinha uma cicatriz no pulso, de um arranhão que fez ao tentar subir em uma árvore aos onze anos. Foi culpa minha. Ela não era tão feminina na época, e eu a convenci — ou melhor, a *desafiei* — a apostar uma corrida até o topo de uma das árvores que cercavam o jardim. Ganhei.

Daphne tinha pânico do escuro, e como eu também tinha meus medos, nunca caçoei dela por isso. E ela tampouco caçoava de mim. Pelo menos não quando as coisas eram importantes.

Ela era alérgica a frutos do mar. Sua cor preferida era amarelo. Por mais que tentasse, era incapaz de cantar, mesmo que sua vida dependesse disso. Só que ela sabia dançar, então não a ter tirado para uma dança na noite anterior significou mais do que uma simples decepção.

Quando eu tinha dezesseis anos, Daphne mandou um estojo novo para a minha câmera como presente de Natal. Apesar de eu nunca ter dado qualquer indício de querer me livrar do estojo antigo, significou tanto para mim saber que ela prestava atenção nas coisas de que eu gostava que passei a usar o presente. E ainda o usava.

Eu me espreguicei sob os lençóis e virei a cabeça na direção do estojo. Perguntei-me quanto tempo ela teria gasto para escolher o modelo certo.

Talvez Daphne tivesse razão. Tínhamos mais história do que eu havia percebido antes. Mantínhamos uma relação através de visitas espaçadas e telefonemas esporádicos. Por isso, nunca passara pela minha cabeça que aquilo tinha tanto peso.

E agora ela estava num avião rumo à França, onde Frederick a aguardava.

Arrastei-me para fora da cama e arranquei a camisa amassada e a calça do terno para tomar uma ducha. Tentava silenciar meus pensamentos enquanto a água lavava os resquícios do meu aniversário.

Mas não conseguia pôr de lado a denúncia perturbadora que ela havia feito sobre os meus sentimentos. Será que eu não conhecia o amor? Será que eu o havia provado e descartado? Se sim, como lidaria com a Seleção?

Conselheiros corriam pelo palácio com pilhas de formulários de inscrição para a Seleção; todos sorriam para mim como se soubessem de algo que eu ignorava. De tempos em tempos, um deles me dava tapinhas nas costas ou cochichava palavras de incentivo, como se sentissem que eu repentinamente começara a duvidar da única coisa com que sempre havia contado e que aguardara minha vida inteira.

— O lote de hoje é muito promissor — dizia um deles.

— O senhor é um homem de sorte — assegurava outro.

Mas enquanto as pilhas de formulários cresciam, eu só conseguia pensar em Daphne e em suas palavras afiadas.

Eu deveria estar estudando os números do relatório financeiro que tinha na minha frente. Em vez disso, estudava o meu pai. Será que ele havia me sabotado? Havia me criado de forma que eu não tivesse qualquer noção do que significava um relacionamento amoroso? Já tinha reparado no modo como tratava minha mãe. Havia afeto entre eles, senão paixão. Não seria isso o bastante? Era isso que eu deveria buscar?

Olhava para o nada, perdido em pensamentos. Talvez, na cabeça dele, buscar algo além disso faria com que eu tivesse muita dificuldade em enfrentar a Seleção. Ou talvez eu ficasse decepcionado por

não encontrar algo capaz de mudar a minha vida. Então era melhor eu nunca mencionar que era exatamente isso que eu esperava.

Por outro lado, talvez não fossem esses seus planos. As pessoas são o que elas são. Meu pai era rígido, era como uma espada afiada pela pressão de governar um país que sobrevivia a guerras e ataques rebeldes constantes. Minha mãe era como um cobertor, compassiva devido à infância carente e sempre buscando proteger e reconfortar.

Eu sabia que, no fundo, era mais parecido com ela do que com ele. Não que isso me incomodasse, mas incomodava meu pai.

Então talvez o seu plano fosse mesmo me tornar uma pessoa incapaz de expressar sentimentos, como parte do processo para me endurecer.

Você é burro demais para reconhecer o amor a dois palmos do nariz.

— Acorde, Maxon.

Virei a cabeça rapidamente na direção da voz do meu pai.

— Sim, senhor?

Sua expressão era de cansaço.

— Quantas vezes preciso dizer? A Seleção consiste em uma escolha sólida e racional. Não é mais uma oportunidade para você ficar sonhando acordado.

Um engravatado entrou na sala e entregou uma carta ao meu pai. Eu ajeitava uma pilha de folhas batendo-as contra a mesa.

— Sim, senhor.

Ele leu a carta enquanto eu o observava.

Talvez.

Não.

No final das contas, não. Ele queria fazer de mim um homem, não uma máquina.

Bufando, ele amassou o papel e o atirou no lixo.

— Malditos rebeldes.

*

Passei a maior parte da manhã seguinte trabalhando em meus aposentos, longe de olhares curiosos. Eu me sentia muito mais produtivo quando ficava sozinho. E se não conseguisse ser produtivo, ao menos não haveria quem me castigasse. Suspeitei que aquilo não duraria o dia inteiro diante do chamado que recebi.

— O senhor me chamou? — perguntei ao cruzar a porta do gabinete de meu pai.

— Aí está você — ele disse com os olhos arregalados. Esfregou as mãos e continuou:

— Amanhã é o grande dia.

Tomei fôlego.

— Sim. Precisamos repassar o formato do noticiário?

— Não, não — ele apoiou a mão nas minhas costas, fazendo com que me endireitasse imediatamente, e me conduziu em frente. — Será bastante simples: introdução, um papo rápido com Gavril e depois transmitimos os nomes e os rostos das moças.

Concordei com a cabeça.

— Parece… fácil.

Quando nos aproximamos da escrivaninha, ele pôs a mão sobre uma grossa pilha de pastas.

— Aqui estão elas.

Olhei para baixo. Encarei a pilha. Engoli em seco.

— Mais ou menos vinte e cinco delas possuem qualidades evidentemente perfeitas para uma nova princesa. Famílias excelentes, laços valiosos com outros países. Algumas são apenas exuberantes.

Estranhamente, ele me deu uma cotovelada brincalhona no peito, e me afastei para o lado. Nada daquilo era brincadeira.

— Infelizmente, nem todas as províncias tinham algo digno de nota a oferecer. Então, para que as coisas parecessem mais aleatórias, incluímos essas regiões para dar um pouco mais de diversidade à Seleção. Você verá que temos até algumas Cinco no pacote. Nada abaixo disso, porém. Precisamos ter *alguns* parâmetros.

Repeti mentalmente suas palavras. Todo esse tempo eu pensei que a escolha seria feita ao acaso ou então pelo destino… E era apenas o meu pai.

Ele correu o polegar pela pilha com tanta força que as bordas das pastas se curvaram para cima.

— Quer dar uma espiada? — propôs.

Olhei novamente para a pilha. Nomes, fotos e qualidades. Todos os detalhes essenciais estavam ali. Ainda assim, eu sabia que o formulário não dizia o que as fazia rir ou pôr para fora seus segredos mais obscuros. Ali estava uma compilação de atributos, não de pessoas. E, com base naquelas estatísticas, eram minhas únicas opções.

— Foi você quem as escolheu? — perguntei, desviando o olhar da papelada e encarando-o.

— Sim.

— *Todas* elas?

— Basicamente — disse com um sorriso. — Como falei, há algumas aí apenas pelo espetáculo, mas acho que você tem uma leva bastante promissora. Bem melhor do que a minha.

— Seu pai também escolheu as suas opções?

— Algumas delas, mas naquela época a coisa era diferente. Por que pergunta?

Puxei pela memória.

— Então era isso que você queria dizer, não é? Quando falou que a Seleção consumiu anos de trabalho da sua parte?

— Bem, precisávamos garantir que certas garotas teriam a idade adequada, e tínhamos várias opções em determinadas províncias. Em todo caso, confie em mim, você vai amá-las.

— Vou?

Amá-las? Como se ele se importasse. Como se aquilo não fosse apenas mais uma maneira de a coroa, o palácio e ele próprio prevalecerem.

De repente, seu comentário infeliz sobre Daphne ser um desperdício fez sentido. Para ele, não importava se eu era próximo de Daphne por ela ser encantadora ou uma boa companhia; para ele, ela era *a França*. Não era sequer um ser humano. E como meu pai já tinha o que precisava da França, Daphne era inútil aos seus olhos. Ainda assim, se ela tivesse se mostrado valiosa, estou certo de que ele jogaria fora toda aquela amada tradição para obter seus fins. Mas como isso não aconteceu, ele quis manter todo o processo em suas mãos.

Ele soltou um suspiro.

— Que cara é essa? Pensei que você ficaria entusiasmado. Não quer nem dar uma olhadinha?

Endireitei o paletó e respondi:

— Como você disse, não é hora de ficar sonhando acordado. Verei as garotas junto com todos os demais. Com a sua licença, preciso terminar de ler seu projeto de emenda.

Parti sem esperar sua aprovação, mas tinha certeza de que minha resposta era justificativa suficiente para que me deixasse sair.

Talvez não fosse exatamente uma *sabotagem*, mas com certeza parecia uma armadilha. Encontrar uma garota de quem eu gostasse de verdade entre as dúzias que ele escolheu a dedo? Qual era a chance de isso acontecer?

Tentei me acalmar. Afinal, ele escolhera a minha mãe, e ela era uma mulher maravilhosa, linda e inteligente. Mas isso acontecera aparentemente sem tanta interferência. E as coisas eram diferentes agora, segundo ele.

Entre as palavras de Daphne, as intromissões do meu pai e meus próprios medos, cada vez maiores, passei a lamentar a Seleção como nunca.



FALTAVAM APENAS CINCO MINUTOS para o meu futuro se desenrolar diante dos meus olhos, e eu estava prestes a vomitar a qualquer momento.

Uma maquiadora muito gentil secava o suor da minha testa.

— O senhor está bem? — perguntou enquanto agitava o lenço.

— Estou apenas chateado porque nenhum dos tons de batom que você tem ali combina comigo.

Minha mãe às vezes dizia: "não é meu tom". Não sabia bem o que significava aquilo.

Ela achou graça, assim como minha mãe e sua maquiadora.

— Acho que estou bem — falei à moça, ao me olhar no conjunto de espelhos atrás do estúdio. — Obrigado.

— Eu também — minha mãe disse, e com essas palavras as duas maquiadoras se retiraram.

Eu brincava com um dos potinhos de maquiagem na tentativa de não pensar sobre o que se aproximava.

— Maxon, meu amor, você está bem mesmo? — minha mãe perguntou sem olhar para mim, vendo meu reflexo no espelho.

Devolvi o olhar.

— É só que…

— Eu sei. É estressante para qualquer um, mas no fim das contas é só ouvir os nomes de um punhado de garotas. Apenas isso.

Respirei fundo e fiz que sim com a cabeça. Era uma maneira diferente de encarar as coisas: nomes. Era esse o acontecimento do dia. Uma lista de nomes, nada mais.

Respirei fundo outra vez.

Ainda bem que eu não tinha comido muito naquele dia.

Dei meia-volta e caminhei até meu assento no estúdio, onde meu pai já me aguardava.

Ele balançou a cabeça.

— Recomponha-se. Você parece péssimo.

— Como você conseguiu passar por isto? — perguntei em tom de súplica.

— Encarei tudo com confiança, porque eu era o príncipe. E você fará o mesmo. Por acaso preciso lembrá-lo de que *você* é o prêmio?

Seu rosto manifestava o mesmo enfado de antes, como se eu já devesse ter entendido a situação.

— São elas que competem por você — continuou. — Não o contrário. Nada mudará em sua vida, apenas terá de lidar com um punhado de garotas eufóricas por algumas semanas.

— E se eu não gostar de nenhuma?

— Então escolha a que odiar menos. De preferência, alguma que seja útil. Não se preocupe quanto a isso. Vou ajudá-lo.

Se a intenção dele era me tranquilizar, não deu certo.

— Dez segundos — veio o anúncio. Minha mãe tomou seu assento e deu uma piscadela reconfortante.

— Lembre-se de sorrir — meu pai pediu, e se virou para as câmeras com ar confiante.

De repente, o hino estava tocando e eu ouvia as pessoas falarem. Tinha consciência de que devia prestar atenção, mas todo o meu esforço se concentrava em manter uma expressão calma e alegre.

Não entendi muita coisa até escutar a voz familiar de Gavril.

— Boa noite, Majestade — cumprimentou, e senti um frio na barriga até me dar conta de que ele se dirigia ao meu pai.

— Gavril, é sempre um prazer vê-lo.

— Ansioso por causa do anúncio, Majestade?

— Ah, sim. Ontem estive no salão onde o sorteio foi realizado e vi algumas das escolhidas. São todas adoráveis.

Meu pai agia tão naturalmente, tão à vontade.

— Então Vossa Majestade já sabe quem são? — perguntou Gavril, eufórico.

— Só algumas, só algumas.

Uma mentira completa tirada da manga com uma facilidade incrível.

— Por acaso ele compartilhou essas informações com Vossa Alteza?

Agora Gavril falava comigo. A luz refletida em seu broche piscava à medida que ele gesticulava.

Meu pai se virou para mim, pedindo com os olhos para que eu sorrisse. Foi o que fiz, e respondi:

— Não, de jeito nenhum. Vou conhecê-las ao mesmo tempo que as pessoas em casa.

Droga. Deveria ter dito *vou conhecer as senhoritas*, não *conhecê-las*. Elas eram hóspedes, não animais de estimação. Mereciam destaque. Sequei discretamente o suor das mãos na calça.

— Majestade — Gavril voltou-se para a minha mãe —, algum conselho para as Selecionadas?

Observei minha mãe. Quanto tempo levou para ela adquirir tanta compostura e ficar tão impecável? Será que sempre foi assim? Com um único gesto ela era capaz de derreter até Gavril.

— Aproveitem a última noite como uma garota normal. Amanhã, independentemente do que virá, a vida de vocês mudará para sempre. E um conselho antigo, mas valioso: sejam vocês mesmas.

— Sábias palavras, minha rainha, sábias palavras. E agora vamos revelar as trinta e cinco jovens escolhidas para a Seleção. Senhoras e senhores, unam-se às minhas felicitações para as seguintes filhas de Illéa!

Observei os monitores. O emblema nacional apareceu na tela e um pequeno quadrado no canto mostrava meu rosto ao vivo. O quê?! Minhas reações seriam vistas o tempo todo?

Minha mãe segurou a minha mão, fora do ângulo da câmera. Inspirei. Expirei. Inspirei de novo.

Só um bocado de nomes. Nada de mais. Não é como se estivessem anunciando uma garota só e pronto.

— Senhorita Elayna Stoles, de Hansport, Três.

Gavril lia os nomes em uma ficha, enquanto eu me empenhava em abrir mais o sorriso.

— Senhorita Tuesday Keeper, de Waverly, Quatro — continuou.

Ainda com cara de eufórico, eu me inclinei para meu pai.

— Estou passando mal — cochichei.

— Apenas respire — ele respondeu entre os dentes. — Você devia ter olhado ontem. Eu sabia.

— Senhorita Fiona Castley, de Paloma, Três.

Olhei para minha mãe, que sorriu:

— Muito bonita — comentou.

— Senhorita America Singer, de Carolina, Cinco.

Ouvi a palavra *Cinco* e me dei conta de que aquela era uma das escolhas aleatórias do meu pai. Nem consegui ver a foto, já que o meu plano era apenas olhar na direção dos monitores e sorrir.

— Senhorita Mia Blue, de Ottaro, Três.

Era muita coisa para absorver. Memorizaria seus nomes e rostos mais tarde, quando a nação inteira não estivesse vendo.

— Senhorita Celeste Newsome, de Clermont, Dois.

Levantei as sobrancelhas, mesmo sem ver a foto dela. Se era Dois, devia ser uma das importantes, então eu precisava parecer impressionado.

— Clarissa Kelley, de Belcourt, Dois.

Sustentei o sorriso enquanto a listagem avançava, a ponto de minhas bochechas doerem. Só conseguia pensar o quanto aquilo era importante para mim — uma grande parte da minha vida estava tomando rumo agora — e eu não conseguia me sentir feliz. Se eu mesmo tivesse sorteado os nomes de um saco em uma sala fechada e visse seus rostos sozinho, antes dos demais, as coisas seriam muito diferentes.

Aquelas garotas eram minhas, a única coisa no mundo que poderia me dar essa sensação.

Mas elas não eram.

— Aí estão elas! — anunciou Gavril. — Essas são as nossas belas candidatas para a Seleção. Ao longo da próxima semana, elas serão preparadas para a viagem ao palácio, e todos aguardaremos ansiosos por essa chegada. Sintonizem no noticiário da semana que vem, uma edição especial dedicada exclusivamente a apresentar essas mulheres espetaculares. Príncipe Maxon — ele disse, voltando-se para mim —, meus parabéns. São jovens estonteantes.

— Estou sem palavras — comentei, absolutamente sincero.

— Não se preocupe, senhor. Estou certo de que as garotas irão falar muito quando chegarem na próxima sexta-feira.

Gavril então encarou a câmera e exclamou:

— E você em casa, não se esqueça de ficar ligado nas últimas notícias da Seleção aqui, no canal da rede pública. Boa noite, Illéa!

Tocaram o hino, apagaram as luzes, e eu finalmente pude relaxar.

Meu pai se levantou e deu uma palmada firme nas minhas costas.

— Bom trabalho. Você se saiu infinitamente melhor do que eu esperava.

— Não faço ideia do que aconteceu.

Ele riu, junto com um punhado de conselheiros que permaneciam no estúdio.

— Eu disse, filho, você é o prêmio. Não há motivo para estresse. Não concorda, Amberly?

— Garanto, Maxon, que as moças têm muito mais com que se preocupar do que você — minha mãe confirmou, acariciando meu braço.

— Exatamente — meu pai disse. — Estou morrendo de fome. Vamos desfrutar das nossas últimas refeições tranquilas.

Levantei e comecei a caminhar devagar. Minha mãe acompanhou meu passo.

— Que confusão — sussurrei.

— Vamos pegar as fotos e formulários para você estudar à vontade. É como conhecer qualquer outra pessoa. Encare a situação como se você fosse passar o tempo com algum de seus outros amigos.

— Não tenho muitos amigos, mãe.

Ela deu um sorriso compreensivo.

— Eu sei, ficamos um pouco confinados aqui — concordou. — Bem, pense em Daphne.

— O que tem ela? — perguntei, um pouco impaciente.

Minha mãe não notou.

— É uma garota, e vocês sempre foram amigos. Finja que é a mesma coisa.

Olhei para a frente. Sem perceber, minha mãe aliviou um dos grandes medos no meu coração, ao

mesmo tempo em que despertou outro.

Desde nossa briga, sempre que pensava em Daphne, não queria saber se ela e Frederick estavam se dando bem ou se eu sentia falta de sua companhia. Só conseguia pensar em suas acusações.

Se eu fosse apaixonado por ela, com certeza estaria pensando em todas as suas qualidades. Ou então, durante o programa, enquanto Gavril anunciava as Selecionadas, eu teria desejado que seu nome aparecesse ali de algum jeito.

Talvez Daphne tivesse razão, e eu era mesmo incapaz de demonstrar amor de verdade. Ainda que fosse o caso, estava cada vez mais certo de que não a amava.

Uma parte de mim se alegrou por saber que eu não estava perdendo uma oportunidade. Poderia começar a Seleção de coração aberto. Só que outro pedaço de mim lamentava. Se eu de fato não tivesse compreendido meus sentimentos, ao menos poderia me gabar de um dia ter amado alguém, de ter conhecido o amor. Mas eu ainda não fazia ideia de como era. Imaginei que desde o início era para ser assim.



NO FIM DAS CONTAS, NÃO VI OS FORMULÁRIOS. Tinha muitos motivos para não fazer isso, mas o que me convenceu de verdade foi achar que seria melhor começarmos da estaca zero quando nos conhecêssemos. Além disso, se meu pai havia se preocupado tanto com os detalhes de cada candidata, talvez eu não quisesse fazer a mesma coisa.

Mantive uma distância confortável entre mim e a Seleção… até o evento cruzar a minha porta.

Enquanto circulava pelo terceiro andar na sexta de manhã, ouvi o riso musical de duas garotas na escadaria principal do segundo andar. Uma voz empolgada exclamou:

— Dá para acreditar que estamos aqui? — e ambas riram.

Soltei um palavrão e corri para o cômodo mais próximo. Haviam me dito algumas vezes que eu conheceria todas as garotas de uma só vez, no sábado. Não explicaram a importância disso, mas eu suspeitava que tinha a ver com a maquiagem. Se uma Cinco pusesse os pés no palácio sem qualquer ajuda… Bom, eu acho que ela não teria grandes chances. Talvez isso deixasse as coisas mais justas. Saí discretamente do meu esconderijo e voltei para o quarto, tentando esquecer aquele episódio de uma vez.

Mas, de novo, enquanto eu caminhava para deixar algo no escritório do meu pai, ouvi a voz oscilante de uma garota que eu não conhecia, causando um sobressalto por todo o meu corpo. Voltei para o quarto e limpei meticulosamente todas as lentes da minha câmera, e organizei todo o equipamento. Pretendia me manter ocupado até o cair da noite, quando eu sabia que as garotas estariam em seus dormitórios e eu poderia circular livremente.

Essa era uma das minhas características que dava nos nervos do meu pai. Ele dizia que eu o deixava nervoso por andar tanto pra lá e pra cá. O que eu poderia fazer? Eu penso melhor de pé.

O palácio estava quieto. Se eu já não soubesse, não poderia adivinhar que tínhamos tamanha companhia. Talvez as coisas não parecessem tão diferentes se eu não focasse nas mudanças.

Enquanto caminhava até o fim do corredor, fui interrompido por vários "e se?" que me atormentavam. E se eu não conseguisse amar nenhuma das garotas? E se nenhuma delas me amasse? E se minha alma gêmea não tivesse sido escolhida para participar, em favor de uma garota mais útil de sua província?

Sentei nos degraus da escada e apoiei a cabeça sobre as mãos. Como eu poderia fazer isso? Como poderia encontrar alguém que eu amasse, que me amasse, que meus pais aprovassem e o povo adorasse? Sem contar que ela precisava ser inteligente, atraente e talentosa; precisava ser alguém que eu poderia apresentar a todos os presidentes e embaixadores com quem cruzássemos.

Repeti a mim mesmo que devia me recompor, e pensar nos "e se?" positivos. E se fosse maravilhoso conhecer essas garotas? E se todas fossem encantadoras, divertidas e lindas? E se exatamente a garota que eu quisesse agradasse ao meu pai, superando todas as nossas expectativas? E se meu par perfeito estivesse naquele momento deitada em sua cama, desejando o melhor para mim?

Talvez… Talvez a Seleção pudesse se tornar tudo aquilo com que havia sonhado antes, quando ela ainda não era tão real. Era minha chance de encontrar uma companheira. Por muito tempo, Daphne fora a única pessoa em quem eu podia confiar. Ninguém mais entendia bem nossas vidas. Mas, agora, eu poderia compartilhar meu mundo com outra pessoa, e seria a melhor experiência de todas, porque… porque essa pessoa seria minha.

E eu seria dela. Estaríamos sempre juntos. Ela seria para mim o que minha mãe é para meu pai: seu porto seguro, a calma que o mantém com os pés no chão. E eu poderia ser seu guia, seu protetor.

Levantei e comecei a descer as escadas, confiante. Só precisava me agarrar a esse sentimento.

Disse a mim mesmo o que a Seleção seria para mim: esperança.

Já estava sorrindo quando cheguei ao primeiro andar. Não estava exatamente relaxado, mas determinado.

— … sair — clamava uma voz frágil, que ecoava pelo corredor. O que estava acontecendo?

— Senhorita, vá para seu quarto agora.

Espiei o fim do corredor e vi, graças à luz da lua, um guarda bloqueando a passagem de uma garota — uma garota! — para o jardim. Estava muito escuro, então não pude distinguir muito bem suas feições, mas seus cabelos eram vermelhos e brilhantes, como uma mistura de mel, rosas e sol.

— Por favor.

Sua angústia parecia crescer a cada momento e seu corpo tremia. Então me aproximei, ainda tentando decidir o que fazer.

O guarda disse algo que não pude compreender. Continuei a avançar, sem entender muito toda aquela cena.

— Eu… não consigo respirar — ela disse antes de cair nos braços do guarda, que precisou soltar seu bastão para segurá-la. Ele parecia um pouco irritado.

— Deixem-na sair! — ordenei assim que cheguei até eles.

Danem-se as regras. Eu não podia permitir que aquela garota sofresse daquela maneira.

— Ela desmaiou, Alteza — explicou o guarda. — Queria sair.

Eu sabia que os guardas estavam apenas tentando nos manter em segurança, mas o que eu podia fazer?

— Abram as portas — ordenei.

— Mas… Alteza…

Encarei-o com o olhar sério.

— Abram as portas e deixem-na sair. Agora!

— Imediatamente, Alteza.

O guarda ao lado da porta a destrancou. Notei então a moça oscilar nos braços do outro guarda, na tentativa de se reerguer. Assim que as portas se abriram, uma lufada do vento morno e doce de Angeles nos envolveu. Quando a moça sentiu o vento em seus braços, começou a se mexer.

Cruzei a porta e observei-a cambalear pelo jardim. Seus pés descalços produziam sons secos ao bater no chão de cascalho. Nunca tinha visto uma garota de camisola antes, e embora aquela jovem em particular não estivesse muito graciosa no momento, ainda assim me fascinava de um modo estranho.

Percebi que os guardas também a observavam e fiquei incomodado.

— Voltem aos seus postos — disse em voz baixa.

Os dois limparam a garganta e viraram-se de costas, para o corredor.

— Fiquem aí até que eu os chame — eu os instruí antes de avançar pelo jardim.

Mal podia vê-la, mas era capaz de ouvi-la. Ela arfava, dando a impressão de estar soluçando. Tive esperança de que não fosse esse o caso. Por fim, ela se deixou cair sobre a grama, com a cabeça e os braços apoiados em um banco de pedra.

Ela não pareceu notar minha aproximação, então esperei ali por alguns momentos até que ela levantasse o olhar. Depois de um tempo, comecei a me sentir um pouco constrangido. Imaginando que ela ao menos gostaria de me agradecer, tomei a palavra:

— Está tudo bem, querida?

— Eu não sou sua querida — ela replicou, lançando um olhar de raiva. As sombras ainda ocultavam suas feições, mas seu cabelo brilhava sob um facho de luar que escapara das nuvens.

Entretanto, rosto visível ou não, captei plenamente suas intenções com aquela frase. Onde estava a gratidão?

— O que eu fiz para ofender a senhorita? Por acaso não lhe dei exatamente o que queria?

Ela não respondeu. Deu-me as costas e retomou o choro. Por que as mulheres demonstravam tamanha propensão às lágrimas? Não quis ser grosseiro, mas tive que perguntar:

— Com licença, querida, mas você vai continuar chorando?

— Não me chame assim! Não sou mais querida para você do que as outras trinta e quatro estranhas que você mantém aqui nessa jaula.

Sorri comigo mesmo. Uma das minhas maiores preocupações era a de que aquelas garotas tentassem o tempo todo me mostrar suas virtudes, na tentativa de me impressionar. Atormentava-me a possibilidade de passar semanas conhecendo uma garota, escolhê-la e, depois do casamento, descobrir uma personalidade nova e insuportável.

E ali estava alguém que não dava a mínima para quem eu era. Ela estava me dando uma bronca!

Caminhei ao seu redor enquanto pensava em suas palavras. Perguntei a mim mesmo se minha mania de circular a incomodava. Se sim, será que ela diria?

— Sua afirmação é falsa. Todas vocês são queridas por mim.

Sim, eu estava tentando me esquivar de tudo relacionado à Seleção, mas isso não queria dizer que aquelas garotas não eram especiais aos meus olhos.



— Trata-se simplesmente de descobrir quem há de ser a mais querida — completei.

— Você disse mesmo "há de ser"? — ela perguntou, cética.

— Receio que sim — respondi com um risinho. — Perdoe-me. É fruto da minha educação.

Ela murmurou algo ininteligível.

— Perdão?

— É ridículo! — gritou.

Céus, como ela era geniosa. Meu pai não devia saber muito a seu respeito. Com certeza, nenhuma garota com tal determinação entraria no grupo se ele soubesse. Sorte dela que fui eu — e não ele — a encontrá-la. Ela já teria sido mandada para casa cinco minutos atrás.

— O que é ridículo? — indaguei, embora estivesse certo de que ela se referia àquela situação. Eu nunca tinha passado por algo assim.

— O concurso! Tudo! Você nunca amou ninguém na vida? É assim que quer escolher sua mulher? Você é baixo a esse ponto?

Aquilo doeu. Baixo? Sentei no banco para facilitar a conversa. Queria que aquela garota — quem quer que ela fosse — compreendesse o meu lado, como as coisas eram pela minha perspectiva. Tentei não me distrair com as curvas de sua cintura, quadris e pernas, ou mesmo com a aparência de seus pés descalços.

— Entendo que possa dar essa impressão, que tudo possa ser visto como entretenimento barato — disse, concordando com a cabeça. — Mas meu mundo é muito fechado. Não conheço tantas mulheres. As poucas que conheço são filhas de diplomatas, e geralmente temos pouquíssimos assuntos em comum. Isso quando falamos a mesma língua.

Sorri à lembrança dos momentos constrangedores durante os longos jantares sentado ao lado de uma jovem a quem teria de fazer sala, mas com quem não podia conversar porque os intérpretes estavam ocupados tratando dos negócios. Olhei para a garota, esperando que ela risse comigo dos meus problemas. Como seus lábios se recusaram a mexer, limpei a garganta e continuei:

— Sendo essas as circunstâncias — disse, esfregando as mãos de nervosismo —, nunca tive a oportunidade de me apaixonar.

Ela pareceu se esquecer de que eu não tinha autorização para me envolver com ninguém até aquele momento. Fiquei curioso. Na esperança de não estar sozinho, articulei minha pergunta mais íntima.

— E você?

— Tive — ela respondeu, com uma mistura de orgulho e tristeza na voz.

— Então você teve muita sorte.

Fixei o olhar na grama por uns instantes. Prossegui, pois não queria prolongar aquela situação que deixava clara a minha vergonhosa falta de experiência.

— Minha mãe e meu pai se casaram assim e são muito felizes. Tenho esperança de alcançar a felicidade, de encontrar uma mulher que toda a Illéa possa amar, alguém que possa ser minha companheira e que me ajude a receber os líderes de outras nações. Alguém que seja amiga dos meus amigos e minha confidente. Estou pronto para encontrar minha esposa.

Até eu notava o desespero, a esperança e o desejo em minha voz. A dúvida voltou a se insinuar. E se ninguém ali pudesse me amar?

Não, disse a mim mesmo, *isto vai dar certo*.

Observei a garota, que à sua maneira também parecia desesperada.

— Você realmente acha que aqui é uma jaula?

— Sim, eu acho — retrucou. E acrescentou, um segundo depois: — Majestade.

Achei graça.

— Eu mesmo já pensei nisso mais de uma vez. Mas você deve admitir que é uma jaula muito bonita.

— Para você — ela emendou rapidamente. — Encha sua jaula com mulheres brigando pela mesma coisa e veja que legal é.

— Mas já ocorreram discussões por minha causa? Será que vocês não percebem que sou eu que faço a escolha?

Não sabia se devia me sentir animado ou preocupado. Em todo caso, era interessante pensar nisso. Talvez, se eu conhecesse uma moça que me desejasse muito, acabaria desejando-a também.

— Na verdade, não é bem assim. Elas brigam por duas coisas. Algumas por você, outras pela coroa. E todas pensam já saber o que falar e fazer para que sua escolha seja óbvia.

— Ah, sim. O homem ou a coroa. Receio que algumas não saibam ver a diferença — comentei, balançando a cabeça e baixando o olhar para a grama.

— Boa sorte com isso — foi seu comentário cômico.

Só que não havia nada cômico na situação. Era a confirmação de outro dos meus maiores temores. Mais uma vez fui vencido pela curiosidade, embora tivesse certeza de que ela mentiria.

— E você, pelo que luta?

— Na verdade, estou aqui por engano.

— Engano?

Como era possível? Se ela tinha se inscrito, se fora escolhida e viera por livre e espontânea vontade…

— É, mais ou menos. Bem, é uma longa história…

Uma história que eu precisaria conhecer mais cedo ou mais tarde.

— Estou aqui. E não estou lutando. Meu plano é aproveitar a comida até você me chutar — completou.

Não pude evitar. Explodi em gargalhadas. Aquela garota era a antítese de tudo o que eu esperava. Até ser chutada? Estava ali pela comida? Por incrível que pareça, eu estava gostando daquilo tudo. Talvez as coisas fossem simples como minha mãe dissera; eu conheceria as candidatas aos poucos, como tinha sido com Daphne.

— O que você é? — perguntei. Ela não devia ser mais do que Quatro, visto seu entusiasmo pela comida.

— Como? — ela perguntou, sem entender o que eu quis dizer.

Não quis insultá-la, de modo que comecei pelo alto.

— Dois? Três?

— Sou Cinco.

Então aquela era uma das Cinco. Sabia que meu pai não ficaria muito feliz em saber da minha gentileza com ela, mas foi ele quem a deixou entrar, afinal.

— Ah, sim. Então a comida deve ser um bom motivo para ficar.

Soltei mais uma risada e tentei descobrir o nome daquela jovem tão divertida.

— Sinto muito, não consigo ler seu broche no escuro.

Ela inclinou levemente a cabeça. Para o caso de ela perguntar por que eu não sabia seu nome ainda, comecei a pensar o que soaria melhor: uma mentira — dizer que tinha muito trabalho e não

conseguira memorizar todos os nomes — ou a verdade — dizer que estava tão nervoso com toda a situação que adiei aquilo até o último segundo.

Que, por acaso, tinha acabado de passar.

— Meu nome é America.

— Muito bem, perfeito — eu disse, com um sorriso. Se dependesse do nome, não acreditava que ela pudesse servir. Era o nome do antigo país, uma nação teimosa e problemática que transformamos em algo mais forte. Mas, pensando bem, talvez tenha sido esse o motivo de meu pai deixá-la entrar: para mostrar que não tinha medo ou preocupações com nosso passado, mesmo que os rebeldes se apegassem tolamente a ele.

Para mim, a palavra tinha um quê musical.

— America, minha querida, espero muito que encontre algo nesta jaula por que valha a pena lutar. Depois de tudo isso, não posso deixar de imaginar como seriam as coisas se você realmente se esforçasse.

Levantei do banco, ajoelhei-me a seu lado e tomei sua mão. Felizmente, seu olhar estava fixo em nossos dedos, não em meus olhos. Se ela visse meu rosto, notaria como fiquei boquiaberto quando eu, enfim, a vi pela primeira vez. As nuvens se abriram no momento exato, e a lua iluminou completamente seu rosto. E como se não bastasse ela ser capaz de me enfrentar e não ter medo de ser ela mesma, America tinha uma beleza impressionante.

Sob seus cílios grossos surgiam olhos azuis como o gelo, uma cor fria para balancear as chamas de seus cabelos. Suas bochechas eram macias e estavam um pouco coradas por causa do choro. Seus lábios, suaves e rosados, abriram-se um pouco enquanto ela inspecionava nossas mãos.

Senti uma palpitação estranha no peito, como a luz de uma lareira ou o calor da tarde. Aquela sensação permaneceu alguns momentos comigo, brincando com as batidas de meu coração.

Repreendi a mim mesmo mentalmente. Que previsível era eu ficar tão encantado pela primeira garota pela qual tinha autorização de nutrir algum sentimento. Era tolice, rápido demais para ser verdade. Expulsei o calor de mim. Ao mesmo tempo, porém, não queria dispensá-la. O tempo diria se ela era digna de estar no páreo. Evidentemente, America era alguém que eu precisaria conquistar, e isso levaria tempo. Mas eu começaria naquele exato momento.

— Se isso a deixar feliz, posso informar aos funcionários que você prefere ficar no jardim. Assim, você pode vir aqui à noite sem ser incomodada pelos guardas. No entanto, acho que seria bom se houvesse sempre um deles por perto.

Eu não precisava importuná-la revelando a frequência dos ataques rebeldes. Se ela mantivesse um guarda por perto, ficaria bem.

— Não… não sei se quero algo que venha de você — ela soltou a mão gentilmente e cravou os olhos na grama.

— Como quiser.

Fiquei um pouco decepcionado. Que coisa horrível eu teria feito para que ela me rejeitasse daquele jeito? Talvez aquela garota fosse inconquistável.

— Você vai voltar para dentro daqui a pouco?

— Sim — sussurrou.

— Então vou deixá-la com seus pensamentos. Haverá um guarda perto da porta esperando.

Queria que ela tivesse o tempo que fosse necessário, mas temia que um ataque inesperado ferisse alguma das meninas — mesmo aquela, que parecia nutrir uma verdadeira aversão a mim.

— Obrigada, errr… Alteza.

Sua voz deixava entrever certa vulnerabilidade, e então percebi que o problema talvez não fosse eu. Talvez ela só estivesse sobrecarregada com todos os acontecimentos ao seu redor. Como culpá-la por isso? Decidi me expor outra vez à rejeição.

— Querida America, você poderia me fazer um favor? — perguntei, tomando novamente sua mão. Ela me lançou um olhar cético. Algo em seus olhos me dizia que ela procurava a verdade em mim, e que não desistiria até conseguir.

— Talvez.

Seu tom me deu esperanças e abri um sorriso.

— Não conte isso às outras. Tecnicamente, não devo conhecê-las até amanhã. Não quero irritar ninguém.

Funguei um pouco, e logo me arrependi. Às vezes minha risada era a pior.

— Embora não possa dizer que seus gritos tenham qualquer semelhança com um encontro romântico, não acha? — concluí.

Enfim America sorriu para mim, brincalhona.

— Nem de longe! — disse, para depois respirar fundo e afirmar: — Não contarei.

— Obrigado.

Deveria ter me contentado com seu sorriso e ido embora. Mas algo em mim — talvez minha criação, sempre voltada a avançar, a conquistar — me forçava a dar um passo a mais. Ergui sua mão até meus lábios e beijei-a.

— Boa noite.

Parti antes que ela tivesse chance de me criticar ou que eu fizesse qualquer burrice.

Quis olhar para trás e ver sua reação, mas seria incapaz de suportar se me deparasse com qualquer indício de desgosto. Se meu pai pudesse ler meus pensamentos naquele momento, ficaria bastante insatisfeito. Àquela altura, depois de tudo, eu precisava ser mais duro.

Ao chegar à porta, me dirigi aos guardas:

— Ela precisa de um tempo sozinha. Se não entrar em meia hora, peçam-lhe *delicadamente* para entrar.

Olhei ambos nos olhos para ter certeza de que haviam captado a mensagem.

— Também seria conveniente se vocês evitassem falar sobre isso com as pessoas. Entendido?

Os dois fizeram que sim com a cabeça, e eu segui para a escadaria principal. Enquanto caminhava, ouvi um dos guardas cochichar:

— O que significa "conveniente"?

Soltei um suspiro e continuei a subir as escadas. Quando cheguei ao terceiro andar, praticamente corri até meu quarto. Eu dispunha de uma imensa sacada, que dava para os jardins. Não arrisquei sair e ser pego no flagra, espionando, mas fui até as portas de vidro e puxei a cortina.

America permaneceu lá por cerca de dez minutos, e foi acalmando-se aos poucos. Observei-a secar o rosto, limpar a camisola e entrar. Considerei a possibilidade de dar um pulo até o corredor para que nos encontrássemos outra vez, "sem querer querendo". Mas pensei melhor. Ela estava nervosa e provavelmente fora de si. Se eu queria ter ao menos uma chance, teria que esperar pelo dia seguinte.

O dia seguinte… Quando outras trinta e quatro garotas seriam postas diante de mim. Ah, como fui burro de esperar tanto. Fui até a minha mesa e desenterrei a pilha de fichas para estudar as fotos delas. Não sei quem teve a ideia de pôr os nomes no verso, era completamente inútil. Peguei uma

caneta e transcrevi os nomes na frente. Hannah, Anna… Como seria capaz de decorar tudo aquilo? Jenna, Janelle, Camille… Sinceramente? Seria um desastre. Precisava aprender pelo menos alguns nomes. De resto, confiaria nos broches até memorizar todos.

Porque eu ia conseguir fazer isso. E direito. Era minha obrigação. Precisava provar que podia ser um líder e tomar decisões. Do contrário, quem confiaria em mim como futuro rei? Como o próprio rei confiaria em mim?

Detive-me nos destaques. Celeste… Lembrei-me do nome. Um dos meus conselheiros mencionara que ela era modelo e até chegou a me mostrar uma foto dela de maiô nas páginas reluzentes de uma revista. Tratava-se provavelmente da candidata mais sexy, e eu certamente não a julgaria mal por causa disso. Lyssa saltou aos meus olhos, mas não de uma maneira positiva. A não ser que ela tivesse uma personalidade campeã, não estava no páreo. Talvez fosse uma atitude medíocre da minha parte, mas era tão ruim assim querer isso? Ah, Elise. Pelos traços exóticos de seus olhos, ela devia ser a garota que meu pai dissera ter familiares na Nova Ásia. Só por isso já era forte na disputa.

America.

Detive-me em sua foto. Seu sorriso era absolutamente radiante.

O que lhe fez abrir um sorriso tão luminoso naquele dia? Eu? Será que os sentimentos que nutria por mim naquele dia — fossem quais fossem — já tinham passado? Ela não pareceu muito feliz em me conhecer. Mas… até que sorriu no final.

Recomeçaria do zero com ela pela manhã. Eu não sabia bem o que buscava, mas muito do que me parecia *certo* estava presente naquela foto. Talvez sua força de vontade ou sua honestidade; talvez a pele suave das costas de sua mão ou seu perfume… O que eu sabia com certeza é que queria que ela gostasse de mim.

Como exatamente conseguiria isso?



SEGUREI A GRAVATA AZUL. Não. A creme? Não. Será que todos os dias eu teria esse trabalho para me vestir?

Queria passar uma boa primeira impressão às garotas — e uma boa segunda impressão a uma delas —, e aparentemente estava convencido de que tudo dependia de escolher a gravata certa. Deixei escapar um suspiro. Aquelas garotas já estavam me transformando em um poço de estupidez.

Tentei seguir o conselho da minha mãe e ser eu mesmo, com os defeitos e tudo. Escolhi a primeira gravata que tinha pegado, terminei de me vestir e ajeitei o cabelo para trás.

Saí do quarto e dei com meus pais cochichando junto à escadaria. Considerei a possibilidade de ir pela escada dos fundos, para não interrompê-los, mas minha mãe fez um gesto para que me aproximasse.

Assim que cheguei até eles, minha mãe começou a esconder as mangas da minha camisa e me virou de costas para ajeitar a parte de trás do paletó.

— Lembre-se de que elas estão com os nervos à flor da pele — ela disse. — O melhor a fazer é deixá-las se sentindo em casa.

— Aja como um príncipe — insistiu meu pai. — Lembre-se de quem você é.

— Não há pressa para decidir — minha mãe comentou, e tocou minha gravata. — Bela escolha.

— Mas não mantenha aqui ninguém que não queira. Quanto mais rápido chegarmos às verdadeiras candidatas, melhor.

— Seja educado.

— Seja confiante.

— Apenas converse.

Meu pai bufou.

— Isso não é uma brincadeira. Lembre-se disso.

Minha mãe se distanciou um pouco para me olhar de cima a baixo.

— Você vai ser ótimo.

Em seguida, ela me puxou para si e me abraçou. Depois se afastou de novo para ajeitar minha roupa.

— Muito bem, filho. Vá em frente — meu pai disse, apontando para as escadas.

— Estaremos à sua espera na sala de jantar.

Senti uma tontura.

— Ah, sim. Obrigado.

Fiz uma breve pausa para tomar fôlego. Sabia que eles queriam ajudar, mas conseguiram desmantelar toda a tranquilidade que eu havia construído. Repetia a mim mesmo que se tratava apenas de um olá, e que as garotas tinham as mesmas expectativas que eu.

E então me lembrei de que encontraria America mais uma vez. No mínimo, seria divertido. Com isso em mente, avancei escada abaixo rumo ao primeiro andar e ao Grande Salão. Respirei fundo e bati à porta antes de abri-la.

Lá, atrás dos guardas, o bando de garotas me esperava. Os flashes das câmeras espocavam à medida que cada reação minha e delas era captada. Sorri para seus rostos esperançosos. Fiquei mais calmo só de notar que todas pareciam contentes em estar ali.

— Majestade.

Olhei para trás e me deparei com Silvia, que terminava sua reverência. Quase me esquecera de que ela estaria presente para instruir as garotas sobre o procedimento, como fizera comigo quando eu era

mais jovem.

— Olá, Silvia. Se não se importa, gostaria de me apresentar a essas jovens.

— Absolutamente — ela disse quase sem fôlego, antes de fazer uma nova reverência. Às vezes ela era tão dramática.

Inspecionei os rostos em busca do fogo daqueles cabelos. Demorou um pouco, por causa da distração que o brilho de praticamente todos os pulsos, pescoços e orelhas do salão causava. Afinal a encontrei, em uma das fileiras mais ao fundo; ela me olhava de um jeito diferente das outras. Sorri, mas em vez de devolver o gesto ela pareceu confusa.

— Senhoritas — comecei —, se não lhes incomodar, chamarei cada uma de vocês para me conhecer individualmente. Estou certo de que estão com fome, assim como eu, de modo que não tomarei muito do seu tempo. Por favor, perdoem-me se demorar para gravar seus nomes. É que há muitas de vocês.

Algumas riram. Fiquei feliz por perceber que era capaz de identificar mais garotas do que tinha imaginado. Caminhei em direção à jovem na ponta da primeira fileira e estendi a mão. Ela a tomou entusiasmada, e ambos fomos para os sofás que eu sabia que estavam ali exatamente para aquele fim.

Infelizmente, Lyssa não era mais atraente em pessoa do que na foto. Ainda assim, ela merecia o benefício da dúvida, então conversamos do mesmo jeito.

— Bom dia, Lyssa.

— Bom dia, Alteza.

Ela abriu um sorriso tão largo que fiquei com a impressão de que suas bochechas deviam doer.

— O que está achando do palácio?

— É lindo. Nunca vi algo tão lindo. Aqui é muito lindo. Poxa, já tinha dito isso, né?

Respondi com um sorriso.

— Está tudo bem. Fico feliz por você estar tão encantada. O que você faz em casa?

— Sou Cinco. Toda a minha família trabalha exclusivamente com esculturas. Há estátuas incríveis aqui. Muito lindas.

Tentei fingir interesse, mas ela não me empolgava nem um pouco. Ainda assim, não podia abrir mão de uma delas sem um bom motivo.

— Obrigado. Hum, quantos irmãos você tem?

Após alguns minutos de conversa em que ela usou a palavra *lindo* nada menos do que doze vezes, eu tinha certeza de que não havia mais nada que eu queria saber sobre aquela garota.

Era o momento de seguir em frente, mas seria crueldade mantê-la ali sabendo que não havia chance alguma para nós. Decidi que começaria a fazer os cortes já no salão. Seria mais justo com as garotas. E talvez impressionasse o meu pai. Afinal, ele queria que eu fizesse algumas escolhas de verdade na vida.

— Lyssa, muito obrigado por seu tempo. Assim que eu terminar de falar com todas, você poderia ficar um pouco mais para conversarmos de novo?

Ela corou.

— Com certeza.

Levantamos. Eu me sentia péssimo por ela ter entendido errado meu pedido.

— Poderia chamar a próxima moça, por favor? — pedi.

Ela fez que sim com a cabeça e inclinou o corpo em uma reverência, para depois chamar a moça ao seu lado. Reconheci de imediato que se tratava de Celeste Newsome. Um homem precisava ser muito

tapado para esquecer aquele rosto.

— Bom dia, senhorita Celeste.

— Bom dia, Alteza — ela disse, fazendo uma reverência.

Sua voz era doce, e logo me dei conta de que muitas daquelas garotas podiam me deixar fascinado. Talvez aquela preocupação de não amar nenhuma delas não fosse o verdadeiro problema. Talvez eu ficaria apaixonado por todas e seria incapaz de escolher.

Apontei-lhe o assento à frente do meu.

— Ouvi dizer que você é modelo.

— Sim — ela respondeu animada, radiante por ver que eu já sabia algo sobre ela. — Principalmente de roupas. Dizem que tenho um bom corpo para isso.

Naturalmente, essas palavras me levaram a conferir o tal corpo. Não havia como negar que era incrível.

— Gosta do seu trabalho?

— Ah, sim. É fantástico como a fotografia consegue capturar uma fração de segundo de algo maravilhoso.

Fiquei animado.

— Com certeza. Não sei se você sabe, mas sou um grande fã de fotografia.

— É mesmo? Precisamos fazer uma sessão de fotos um dia desses.

— Seria ótimo.

Ah, as coisas estavam indo melhor do que o esperado. Em dez minutos eu já havia eliminado uma candidata absolutamente sem chances e encontrado outra com um interesse comum.

Poderia ter continuado com Celeste por mais uma hora, mas se quiséssemos comer, eu realmente precisava me apressar.

— Minha querida, sinto muito interromper nossa conversa, mas preciso conhecer todas esta manhã — justifiquei-me.

— Claro.

Ela se levantou e prosseguiu:

— Estou ansiosa para terminar nossa conversa. Espero que em breve.

O jeito que ela me olhou… Eu não sabia explicar. Fiquei vermelho na hora, de modo que precisei abaixar um pouco a cabeça para esconder a cor das minhas bochechas. Tive que respirar fundo algumas vezes para me concentrar na próxima garota.

Bariel, Emmica, Tiny e tantas outras passaram batidas. Até o momento, a maioria tinha se mostrado agradável e bem portada. Só que eu esperava muito mais que isso.

Foram necessárias mais cinco garotas até que algo realmente interessante acontecesse. Quando dei um passo para cumprimentar a morena esbelta que vinha na minha direção, ela estendeu a mão.

— Olá, meu nome é Kriss.

Olhei para sua mão aberta e estava a ponto de apertá-la quando ela recuou.

— Ah, não! Era para eu ter feito uma reverência — o que ela fez, balançando a cabeça inconformada enquanto levantava.

Eu ri.

— Me sinto tão idiota. Fui capaz de errar a coisa mais básica.

Seu sorriso ofuscou a gafe, e devo reconhecer que era bem charmoso.

— Não se preocupe, minha querida — assegurei, enquanto indicava seu assento. — Já fizeram

muito pior.

— Mesmo? — sussurrou, empolgada com a notícia.

— Não darei detalhes, mas sim. Pelo menos você tentou ser educada.

Seus olhos se arregalavam à medida que ela inspecionava as outras moças, imaginando quem teria sido grossa comigo. Fiquei feliz por ter optado pela discrição, já que alguém me chamara de "baixo" na noite *anterior*, e ninguém poderia saber disso.

— Então, Kriss, me conte sobre sua família.

Ela deu de ombros.

— Normal, acho. Vivo com minha mãe e meu pai, e ambos são professores universitários. Às vezes penso em lecionar também, embora flerte com a literatura. Sou filha única, condição que só agora começo a aceitar melhor. Por anos implorei por um irmão aos meus pais. Eles nunca quiseram.

Sorri. Era difícil ser sozinho.

— Tenho certeza de que queriam concentrar todo o amor em você.

Ela achou graça.

— Foi isso que os seus pais lhe disseram?

Congelei. Ninguém ainda havia feito uma pergunta sobre *mim*.

— Bom, não exatamente. Mas entendo sua sensação — contornei.

Estava a ponto de retomar as questões que havia preparado quando ela foi mais rápida.

— Como está se sentindo hoje?

— Tudo bem. Um pouco sobrecarregado — deixei escapar, talvez com honestidade demais.

— Pelo menos não precisa usar vestidos — ela comentou.

— Mas pense em como seria divertido se eu os usasse.

Ela soltou uma gargalhada e eu me juntei a ela. Imaginei Kriss ao lado de Celeste, comparando-as. Kriss tinha um ar muito positivo. Terminei nossa entrevista sem formar uma ideia completa dela, uma vez que ela sempre me punha no foco da conversa. Mas notei que era uma pessoa boa, na melhor acepção da palavra.

Passou-se quase uma hora até chegar a vez de America. No intervalo entre as primeiras garotas e ela, eu já havia conhecido três candidatas bem fortes — Celeste e Kriss entre elas, as quais eu sabia que seriam as preferidas do público. Porém, a garota logo antes de America estava tão longe de servir para mim que acabou por apagar essas boas impressões. Quando America se levantou e veio na minha direção, era a única pessoa que eu tinha em mente.

Algo em seus olhos revelava certa malícia, proposital ou não. Pensei no seu comportamento na noite anterior e percebi que ela era uma revolução ambulante.

— America, certo? — brinquei quando ela se aproximou.

— Sim, sou eu. E sei que já ouvi seu nome antes, mas poderia refrescar minha memória?

Achei graça e a convidei para sentar. Inclinei-me para ela e sussurrei:

— Você dormiu bem, minha querida?

Seu olhar me dizia que eu estava brincando com fogo, mas seus lábios traziam um sorriso.

— Ainda não sou sua querida. Mas dormi. Assim que me acalmei, dormi muito bem. Minhas criadas tiveram que me derrubar da cama. Estava confortável demais — ela confessou essa última parte como se fosse um segredo.

— Fico feliz em saber que você estava confortável, minha… — ah, eu precisava parar com essa mania ao lidar com ela — … America.

Deu para notar que ela gostou do meu esforço.

— Obrigada.

O sorriso então sumiu do seu rosto e ela se entregou aos seus próprios pensamentos, enquanto mordia o lábio e dava voltas com as palavras em sua cabeça.

— Mil desculpas por ter sido grossa — ela disse afinal, desviando os olhos dos meus. — Enquanto eu tentava dormir, tomei consciência de que, embora a situação me pareça estranha, não posso culpá-lo. Não é sua culpa que eu tenha me metido em tudo isso, e essa história de Seleção não é ideia sua.

Que bom que alguém percebeu.

— Além disso — continuou —, você me tratou com simpatia naquele momento de dor, enquanto eu fui, bem, péssima.

Ela balançou a cabeça para si mesma e eu senti meu coração acelerar.

— Poderia ter me expulsado ontem mesmo, mas não o fez. Obrigada — concluiu.

Sua gratidão me comoveu, porque eu sabia que ela estava muito longe de ser mentirosa. E isso me levou a um tema que eu teria de abordar se quisesse fazer algum progresso. Inclinei-me ainda mais em sua direção, apoiando os cotovelos sobre os joelhos, em uma postura mais à vontade e mais intensa do que a que adotara com as outras.

— America, você tem sido muito sincera comigo até agora. É uma qualidade que admiro profundamente. Vou pedir-lhe que responda uma pergunta, se não for um incômodo.

Ela aquiesceu com a cabeça, embora hesitasse.

— Você diz que está aqui por engano. Isso me faz supor que não quer ficar. Há alguma possibilidade de nutrir qualquer tipo de… sentimento amoroso por mim?

A sensação foi de que ela brincou com as ondas em seu vestido por horas antes de responder. Aguentei aquilo convencido de que ela não queria parecer afoita demais.

— Vossa Majestade é muito gentil — *Sim.* — e atraente… — *Sim!* — e atencioso — *SIM!*

Eu sorria feito um idiota, isso era certo, de tão feliz que estava por saber que ela tinha visto algo positivo em mim depois da noite anterior.

Ela continuou em um tom de voz mais baixo:

— Mas tenho motivos muito pertinentes para achar que não.

Pela primeira vez, agradeci meu pai por ter me treinado a não perder a compostura. Soei bastante razoável ao perguntar:

— Poderia explicá-los?

Ela hesitou novamente.

— Acho… Acho que meu coração está em outro lugar.

E as lágrimas despontaram em seus olhos.

— Por favor, não chore! — implorei em voz baixa. — Nunca sei o que fazer quando as mulheres choram!

Ela riu da minha falta de jeito e limpou o canto dos olhos. Fiquei feliz em vê-la assim, aliviada e autêntica. É claro que havia alguém à sua espera. Uma garota tão real fatalmente seria logo arrebatada por um jovem esperto. Eu não conseguia imaginar como ela tinha vindo parar no palácio, mas tampouco aquilo era problema meu.

Tudo o que sabia era que, mesmo que ela não se tornasse minha, gostaria de deixá-la com um sorriso no rosto.

— Você quer que eu lhe deixe voltar para seu amado hoje? — propus.

Ela abriu um sorriso amarelo.

— Esse é o problema… Não quero ir para casa.

— Mesmo?

Recostei-me na poltrona e passei a mão no cabelo enquanto ela ria mais uma vez de mim.

Se America não queria estar comigo nem com o outro, então *o que* ela queria?

— Posso ser totalmente sincera com você?

Por favor. Fiz que sim.

— Preciso ficar aqui. Minha família precisa de mim aqui. Mesmo que me deixasse ficar apenas uma semana, já seria uma dádiva para eles.

Então ela não lutava pela coroa, mas eu ainda possuía algo que lhe interessava.

— Você quer dizer que precisa do dinheiro?

— Sim.

Pelo menos ela teve a decência de se envergonhar.

— Também há… certas pessoas na minha província — prosseguiu com um olhar cheio de significado — que eu não aguentaria ver no momento.

Precisei de um segundo para me dar conta do sentido daquilo tudo. Os dois não estavam mais juntos. Ela ainda gostava dele, mas ele não lhe pertencia mais. Assenti com a cabeça diante da situação. Se eu pudesse escapar das pressões do meu mundo por uma semana, certamente faria o mesmo.

— Se me permitir ficar, mesmo que por pouco tempo, podemos fazer um trato.

Eis uma coisa interessante!

— Um trato?

O que diabos ela poderia me dar em troca?

Ela mordeu os lábios.

— Se me deixar ficar… — ela fez uma pausa e respirou. — Tudo bem, veja só. Você é o príncipe. Fica ocupado o dia inteiro ajudando a administrar o país e tal, e agora tem que encontrar tempo para escolher uma entre trinta e cinco, ou melhor, trinta e quatro garotas. É pedir muito, não acha?

Embora soasse como uma piada, ela acertou em cheio as minhas preocupações, com uma precisão absoluta. Concordei com suas palavras.

— Não acha que seria muito melhor se tivesse alguém aqui dentro? Alguém para ajudar? Tipo… Uma amiga?

— Uma amiga?

— Sim. Se me deixar ficar, posso ajudar. Serei sua amiga. Não precisa se incomodar em correr atrás de mim. Já sabe que não sinto nada por você. Mas pode falar comigo a qualquer momento e tentarei ajudar. Ontem à noite você disse que estava em busca de uma confidente. Bem, posso ser essa pessoa enquanto não encontrar a definitiva. Se quiser…

Se eu quiser... Eu não parecia ter muita opção, mas ao menos poderia ajudar aquela garota. E talvez desfrutar um pouco mais de sua companhia. E, claro, meu pai ficaria pasmo se soubesse que eu usava uma das garotas para tal finalidade… O que me fez gostar muito, mas muito mais daquela proposta.

— Conheci quase todas as garotas deste salão e não penso em outra que seria uma amiga melhor do que a senhorita. Será um prazer deixá-la ficar.

Notei a tensão se desfazer em seu corpo. Apesar de saber que seu carinho estava fora de meu

alcance, não podia deixar de tentar.

— Você acha que eu ainda posso chamá-la de "minha querida"? — perguntei em tom de provocação.

— Sem chance — cochichou.

Não sei se ela estava falando sério ou não, mas tomei suas palavras como um desafio.

— Continuarei tentando. Não costumo desistir.

A expressão em seu rosto parecia quase irritada, mas não era bem isso.

— Você chamou todas de "minha querida"? — perguntou, apontando para o resto das garotas com a cabeça.

— Sim, e todas parecem ter gostado — respondi com ar alegre e orgulhoso.

O desafio ainda estava presente em seu sorriso quando ela disse:

— É exatamente por isso que eu não gostei.

America se levantou, pondo fim à entrevista. Não pude deixar de ficar impressionado com ela mais uma vez. Nenhuma das outras quis acabar logo com a conversa. Inclinei a cabeça, gesto que ela retribuiu com uma reverência malfeita antes de seguir seu caminho.

Sorria comigo mesmo pensando em America. Comparava-a com as outras. Ela era linda, ainda que um pouco rústica. Era uma beleza incomum, e pude reparar que ela não tinha consciência disso. Ela não parecia ter nenhum ar de realeza, embora talvez houvesse algo de nobre em seu orgulho. E, claro, ela não nutria qualquer desejo por mim. Ainda assim, não conseguia me livrar do impulso de ir atrás dela.

E foi assim que a Seleção me prestou seu primeiro favor: com America no palácio, eu teria a chance de tentar.



— AQUELAS A QUEM PEDI QUE PERMANECESSEM, por favor, fiquem em seus lugares. As outras podem acompanhar Silvia até a sala de jantar. Em breve vou juntar-me a vocês.

Observei as garotas trocarem olhares entre si, algumas confusas e outras orgulhosas. Tinha certeza de que fizera as escolhas certas; agora vinha a tarefa de dispensá-las. Seria bastante simples, principalmente porque o nosso contato tinha sido muito breve. A que elas teriam se apegado?

O salão se esvaziou, com a exceção de oito moças, todas sorridentes diante de mim.

Voltei os olhos para elas e, de repente, desejei ter preparado algum tipo de discurso antes de separá-las das demais.

— Obrigado por permanecerem mais alguns instantes — comecei, e logo travei. — Hã, quero agradecê-las por… por… virem ao palácio e darem-me a oportunidade de conhecê-las.

A maior parte delas ria baixinho ou desviava o olhar. Clarissa jogou o cabelo para o lado.

— Sinto dizer… Mas acho que não vai dar certo. Hã… vocês podem ir agora?

O final pareceu mais uma pergunta do que uma afirmação. Agradeci aos céus por meu pai não estar presente para testemunhar aquilo.

Uma garota — Ashley, acho — começou a chorar imediatamente, o que me deixou tenso.

— É porque tingi o cabelo? — perguntou a menina ao seu lado.

— Hein?

— É porque sou Cinco, não é? — Hannah perguntou.

— Como?

Clarissa correu até mim e agarrou minha mão.

— Posso melhorar, eu juro!

— O quê?

Felizmente, um guarda arrancou-a de mim e a conduziu para fora do salão. Fiquei ali, parado, observando-a sair, completamente atordoado por aquela explosão de emoções. Era para elas se comportarem como damas. O que estava acontecendo?

— Mas por quê? — uma das garotas perguntou. Sua voz era tão doce que chegou a doer. A história com Daphne se repetia…

Não vi quem falou. Virei para elas e percebi que todas traziam expressões similares no rosto, aparentemente de rejeição, de esperança frustrada. Nos conhecíamos havia menos de vinte minutos. Como era possível?

— Perdoem-me — eu disse, me sentindo realmente mal —, mas não senti nada.

Mia deu um passo à frente; seu rosto mal deixava entrever que ela estava à beira de lágrimas. Parte de mim admirava seu autocontrole.

— E o que nós sentimos? Não importa?

Ela inclinou a cabeça, seus olhos castanhos exigindo uma resposta.

— Claro que importa…

Talvez eu devesse voltar atrás. Eu não era *obrigado* a eliminar alguém no primeiro dia. Mas que tipo de relacionamento isso criaria? Tomo uma decisão, ela diz que me precipitei, e eu cedo?

Não. A escolha era minha. Eu precisava levá-la adiante.

— Sinto muitíssimo por ter magoado vocês, mas é um desafio considerável reduzir trinta e cinco mulheres talentosas, charmosas e lindas a apenas uma, com quem deverei me casar — falei, de maneira honesta e humilde. — Preciso seguir minha intuição. Faço isso tanto pela felicidade de vocês quanto pela minha. Espero que possamos nos despedir desse curto tempo juntos como amigos.

Mia, sem se deixar impressionar pelo discurso, me lançou um olhar gélido e depois passou reto por mim rumo à porta. Praticamente todas as outras garotas a seguiram. Tudo indicava que não nos despediríamos em bons termos.

Ashley, que parecia a mais abalada, se aproximou e me deu um abraço. Meio sem jeito, envolvi-a com meus braços, quase imobilizados pela garota.

— Não consigo acreditar que acabou tão rápido. Achei que realmente tivesse uma chance.

Suas palavras saíam sem vida e perdidas. Era como se estivesse falando consigo mesma.

— Sinto muito — repeti.

Ela se afastou, secou os olhos e, uma vez recomposta, fez uma reverência digna de uma dama.

— Boa sorte, Alteza.

Ela ergueu a cabeça e saiu.

— Ashley — chamei, antes que ela chegasse à porta.

Ela se deteve, esperançosa.

Não. Não podia. Eu tinha que ser firme.

— Boa sorte para você também.

Ela sorriu para mim e foi embora.

Após um instante de silêncio, me dirigi aos guardas no salão:

— Podem ir — ordenei, desesperado por um momento de privacidade.

Fui até o sofá onde entrevistara as garotas e escondi a cabeça entre as mãos.

Você só pode casar com uma delas, afinal. Precisava fazer isso. Talvez tenha parecido precipitado, mas não foi. Foi ponderado. Você precisa ser ponderado.

Não conseguia deixar de duvidar de mim mesmo. Ashley fora doce no final. Será que eu já tinha cometido um erro? Mas não havia sentido nada quando ela se sentara diante de mim, nem sequer uma pontinha de afinidade.

Respirei fundo e pus-me de pé. Estava feito. Hora de seguir em frente. Havia outras vinte e sete garotas em que focar agora.

Forçando um sorriso, atravessei o amplo corredor até a sala de jantar, onde todos já comiam. Notei algumas cadeiras sendo arrastadas para trás.

— Por favor, senhoritas, não se levantem. Desfrutem do café da manhã.

Não há nada errado. Está tudo perfeito.

Beijei minha mãe na bochecha e apertei o ombro de meu pai antes de sentar, na tentativa de formar o retrato de família perfeita que o público esperava de nós.

— Algumas já partiram, Alteza? — Justin perguntou enquanto me servia café.

— Sabe, uma vez li um livro sobre povos que praticavam a poligamia. Um homem com várias mulheres. Loucura. Acabo de sair de um cômodo com oito mulheres muito insatisfeitas, e não consigo entender por que alguém escolheria isso — eu disse em um tom divertido, embora a sensação fosse verdadeira.

— Que bom que o senhor só precisa de uma, Alteza — Justin disse, rindo.

— É mesmo.

Bebi o café, puro, pensando nas palavras de Justin.

Eu só precisava de uma. Mas como encontrá-la?

— Quantas saíram? — meu pai perguntou, cortando a comida no prato.

— Oito.

Ele assentiu com a cabeça.

— Bom começo.

Apesar de toda a dúvida que eu sentira, pelos menos houve um reconhecimento.

Soltei um suspiro, tentando formular um plano. Precisava conhecer cada uma das garotas. Corri os olhos pela sala de jantar, pensando no tempo e na energia que precisaria investir para ficar íntimo de vinte e sete garotas.

Algumas Selecionadas flagraram meu olhar perambulante e sorriram quando meus olhos passaram por elas. Havia tantas mulheres lindas. Tive a impressão de que algumas delas já haviam saído com outros rapazes e, talvez por tolice, fiquei intimidado.

E lá estava America, com a boca cheia de torta de morango, revirando os olhos como se estivesse no paraíso. Sufoquei o riso e, de repente, tive uma ideia.

— Senhorita America? — chamei-a educadamente, quase caindo na risada de novo quando ela parou de mastigar, arregalou os olhos e se virou para mim.

Ela cobriu a boca com a mão, tentando terminar logo.

— Sim, Majestade?

— O que está achando da comida?

Imaginei se ela teria lembrado da noite anterior, quando admitiu que a comida era seu maior motivo para ficar. De certa forma era um alívio poder contar uma piada que só uma pessoa entendia diante de um salão lotado.

Talvez fosse minha imaginação, mas vi um brilho de malícia em seu olhar.

— Excelente, Majestade. Esta torta de morango… bem, tenho uma irmã que gosta mais de doces do que eu. Acho que ela choraria se a experimentasse. Está perfeita.

Levei a colher à boca. Precisava de um instante para orquestrar o plano.

— Acha mesmo que ela choraria? — perguntei.

O rosto adorável de America se contorceu em pensamentos.

— Sim, é isso que eu acho. Ela não consegue controlar muito bem suas emoções.

— Você apostaria dinheiro nisso? — rebati.

— Se tivesse dinheiro para apostar, com certeza o faria — ela respondeu com um sorriso.

Perfeito.

— E o que gostaria de apostar em vez disso? A senhorita parece ter um talento para os acordos.

Meu pai lançou um olhar cortante na minha direção. Nossa piada interna não tinha passado despercebida.

— Bem, o que Vossa Alteza quer? — ela perguntou.

Um primeiro encontro de que possa dar conta. Uma noite com alguém que eu não precisaria tentar impressionar porque ela diz ser impossível. Um jeito de botar as coisas de volta nos trilhos sem fazer todas as outras garotas me odiarem.

— O que a *senhorita* quer? — repliquei com um sorriso.

Ela ponderou. De verdade, ela poderia ter pedido qualquer coisa. Estava pronto para suborná-la se fosse necessário.

— Se ela chorar — America começou, um pouco hesitante —, quero usar calça por uma semana.

Apertei os lábios enquanto o resto da sala de jantar dava risada. Até meu pai pareceu gostar, ou pelo menos entrou na brincadeira. Mas o que mais me agradou foi o fato de ela não baixar a cabeça ou corar ou pensar em outro pedido enquanto todos riam de sua proposta. Ela queria usar calça e

pronto.

Havia algo charmoso nisso.

— Feito. E, se ela não chorar, a senhorita me deve um passeio pela propriedade amanhã à tarde.

Murmúrios vieram de todos os cantos da sala, e ouvi meu pai bufar com a escolha. Provavelmente ele sabia muito mais sobre as candidatas do que eu. E America não estava em sua lista de favoritas. Droga, ela nem estava no páreo, para dizer a verdade.

America pensou por um segundo e depois assentiu.

— Alteza, seus termos são severos, mas eu os aceito.

— Justin? Embrulhe as tortas de morango e envie-as para a família da senhorita America. Peça que alguém espere enquanto a irmã experimenta e nos informe se ela, de fato, chora. Estou curiosíssimo quanto a isso.

Justin acenou com a cabeça e sorriu brevemente antes de se retirar. Continuei:

— A senhorita deveria escrever um bilhete dizendo que está bem para acompanhar o embrulho. Na verdade, todas vocês deveriam escrever a suas famílias. Façam isso depois do café. Garantiremos que as cartas sejam entregues ainda hoje.

As garotas — minhas garotas — sorriram, contentes. Em apenas uma manhã, eu tinha conhecido todas as moças, guardado quase todos os nomes, dispensado várias e marcado meu primeiro encontro. Embora tudo aquilo tivesse me deixado um pouco sem fôlego, arriscaria dizer que fora um sucesso.

— Peço desculpas pela demora, Alteza. Tivemos que ir até uma loja na cidade — Seymour explicou enquanto arrastava uma arara com várias calças penduradas.

— Sem problemas — respondi, pondo de lado os papéis na minha escrivaninha. Eu havia decidido trabalhar no quarto naquele dia. — O que você trouxe?

— Temos diversas opções, senhor. Estou certo de que encontrará algo para a senhorita aqui.

Encarei as roupas completamente confuso.

— Então, de quais calças as mulheres gostam?

Seymour balançou a cabeça e sorriu.

— Não se preocupe, Alteza. Tenho tudo sob controle. Esta calça branca é mais feminina e combina com qualquer blusa que as criadas dela fizerem. O mesmo vale para esta.

Ele apresentou várias opções. Tentei distinguir o que tornava uma melhor do que a outra e adivinhar de qual America gostaria.

— Seymour, talvez isso não importe, mas ela é uma Cinco. Você acha que ela vai se sentir confortável com essas roupas?

Ele olhou para a arara.

— Se ela está aqui, senhor, é provável que esteja em busca de luxo.

— Mas se estivesse em busca de luxo, por que teria pedido uma calça para começo de conversa? — rebati.

Ele assentiu.

— Jeans.

Seymour estendeu o braço e puxou uma calça jeans da parte de trás do carrinho. Para ser sincero, eu nunca tinha usado jeans antes. Não parecia muito atrativo.

— Acho que esta é a vencedora — ele comentou.

Olhei mais uma vez para minhas opções.

— Sim, leve essa, mas junte com aquela primeira calça que você mostrou. E talvez mais uma, para completar. Vão servir nela?

Seymour sorriu.

— Vamos ajustá-las até o entardecer. A jovem senhorita ganhou a aposta, então?

Dei de ombros.

— Ainda não, mas tenho esperança de que, caso ela vença, ainda vai querer me encontrar se eu lhe der mais do que esperava.

— O senhor deve gostar mesmo dela — Seymour disse enquanto saía, empurrando a arara pelo corredor.

Não respondi, mas pensei nisso ao fechar a porta. Havia algo nela… Mesmo seu jeito de não gostar de mim era atraente. Não pude evitar um sorriso.



— TEM CERTEZA? — perguntei.
— Absoluta — o mensageiro disse.
— Nem uma lágrima sequer?
Ele abriu um sorriso malicioso.
— Nenhuma.

Detive-me diante da porta do quarto de America, sem saber ao certo por que meu coração batia tão rápido. Ela não sentia nada por mim, e deixara isso bem claro. E esse tinha sido o principal motivo para eu escolhê-la primeiro. Seria um encontro fácil.

Esperava que uma das criadas atendesse a porta, mas quando se abriu, me deparei com a própria America, que lutava para esconder o sorriso sarcástico.

— Em nome das aparências, você poderia segurar meu braço? — pedi, oferecendo-o a ela. Ela soltou um suspiro, aceitou, e ambos seguimos pelo corredor.

Pensei que ela começaria a reclamar, a dizer que deveria ter ganhado, mas permaneceu calada. Estaria chateada? Será que não queria mesmo passear comigo?

— Sinto muito que ela não tenha chorado — consolei-a.
— Não, não sente — ela provocou.

Isso me deu a certeza de que estava tudo bem. Talvez ela estivesse distraída com alguma coisa, mas as piadas pareciam ser a nossa língua. Se continuássemos por esse caminho, ficaríamos bem.

— Nunca tinha apostado antes. Foi bom ganhar.
— Sorte de principiante — ela rebateu.
— Talvez. Da próxima vez podemos apostar se ela ri.

Ela desviou o olhar para o teto, pensativa, e eu podia imaginar por onde sua mente andava.

— Como é sua família?
Ela estranhou.
— O que você quer dizer?
— Só isso mesmo. Sua família deve ser bem diferente da minha.

America tinha vários irmãos, sua casa era pequena… as pessoas choravam com doces. Eu era incapaz de imaginar como seria a vida em sua família.

— Eu diria que sim. Para começo de conversa, ninguém em casa usa coroa no café da manhã.

Sua risada era como música, tão adequada a uma Cinco.

— Vocês usam coroa apenas no jantar?
— Mas é claro.

Não consegui segurar o riso. Gostava de seu senso de humor. Parecia um pouco com o meu quando ela o deixava transparecer. Achava curiosa a possibilidade de duas pessoas que cresceram em mundos completamente diferentes serem tão parecidas.

— Bem, sou a filha do meio de cinco irmãos.
— Cinco!
Nossa, devo ter falado muito alto.
— Sim, cinco — ela confirmou, sem entender minha surpresa. — A maioria das famílias por aí tem montes de filhos. Eu teria vários se pudesse.
— Mesmo?

Outra semelhança, dessa vez bem pessoal.

Seu "sim" encabulado revelou que aquilo também era algo íntimo para ela. Talvez não devesse, mas foi constrangedor conversar sobre construir uma família com America — uma garota com quem teoricamente eu deveria ter uma chance, mas não tinha.

— Não importa — ela continuou. — Minha irmã mais velha, Kenna, é casada com um Quatro. Ela trabalha numa fábrica agora. Minha mãe quer que eu me case ao menos com um Quatro…

Qual o problema com um Um?

— … mas não quero ser forçada a parar de cantar. Amo a música.

Ah, faz sentido. O cara que ficou para trás deve ser um incrível Cinco, então.

— Mas agora sou uma Três — ela prosseguiu, com a voz triste. — É estranho… Acho que vou tentar permanecer na música, se puder. Depois vem Kota. Ele é artista. Não o temos visto muito. Ele foi se despedir de mim, mas é só.

Havia algo em seu tom de voz que indicava dor ou arrependimento, mas ela foi em frente antes que eu pudesse perguntar.

— Depois eu — ela disse ao nos aproximarmos da escada.

Fiquei radiante.

— America Singer, minha melhor amiga.

Ela fez uma careta brincalhona e seus olhos azuis brilharam sob a luz.

— Isso mesmo.

Senti um estranho conforto ao ouvir essas palavras.

— Depois de mim vem May. É a que me traiu e não chorou. Para ser sincera, fui roubada. Não acredito que ela não tenha chorado! May é uma artista… e eu a amo muito. Por fim, vem Gerad, meu irmão caçula de sete anos. Ele ainda não sabe direito se vai para a música ou para outras artes. Na verdade, ele gosta de jogar bola e estudar insetos, o que é bom. Só que não vai conseguir ganhar dinheiro com isso. Tentamos fazer com que ele experimente outras coisas. Bem, já falei de todos.

— E os seus pais? — perguntei, tentando formar uma imagem completa dela.

— E os *seus* pais? — ela disparou.

— Você conhece meus pais.

— Não. Conheço a imagem pública deles. Como eles são de verdade?

Ela assumiu um ar de súplica, puxando meu braço. Achei graça daquele gesto infantil.

Mas divagava. O que poderia contar a ela sobre meus pais?

Receio que minha mãe seja doente. Ela sofre de enxaquecas e fadiga. Não sei se tem a ver com sua criação ou com algo que aconteceu depois. Tenho certeza de que eu deveria ter pelo menos mais um irmão, e talvez a doença esteja relacionada a isso. Meu pai… Às vezes, meu pai…

Adentramos o jardim, onde as câmeras nos esperavam. Me senti desconfortável instantaneamente. Queria privacidade em momentos como aquele. Não sabia o quanto America e eu revelaríamos sobre nossas vidas, mas tinha certeza de que não chegaríamos a lugar nenhum se tivéssemos plateia. Depois de sinalizar para que a equipe nos deixasse, olhei para America e percebi que ela estava distante outra vez.

— Você está bem? Parece tensa.

Ela deu de ombros.

— Você fica confuso com choro de mulher, e eu com caminhadas ao lado de príncipes.

Abri um sorriso.

— Por que deixo você confusa?

— Seu caráter. Suas intenções. Não sei direito o que esperar dessa nossa voltinha.

Será que eu era tão misterioso assim? Talvez eu fosse. Era um mestre dos sorrisos forçados e das meias verdades. Mas certamente não queria passar essa impressão.

Fiz uma pausa e a encarei.

— Ah. Acho que você já percebeu que não sou um homem que se esconde. Vou dizer exatamente o que quero de você.

Quero conhecer alguém. Conhecer alguém de verdade. E quero que esse alguém seja você, ainda que você vá embora.

Dei um passo em sua direção e fui subitamente interrompido por uma dor lancinante. Aos gritos, me curvei e recuei. Aqueles poucos passos foram quase insuportáveis, mas não havia chance de eu me jogar no chão, encolhido, embora esse fosse o meu instinto. Senti vontade de vomitar, e também lutei contra ela. Príncipes não vomitam nem rolam na grama.

— Por que fez isso?

Aquela era minha voz? Mesmo? Eu soava como uma garotinha de cinco anos.

— Se encostar um dedo em mim, vou fazer pior!

— O quê?

— Se encostar um dedo em mim…

— Não, sua louca. Eu ouvi da primeira vez. Mas o que quer dizer com isso?

Ela permaneceu imóvel, os olhos mais uma vez arregalados, a mão cobrindo a boca como se ela tivesse cometido um terrível engano. Me virei na direção dos passos dos soldados e os dispensei com um braço — enquanto tentava me apoiar desesperadamente no outro.

O que eu tinha feito? O que ela pensou que eu estava…?

Me recompus para ao menos tentar descobrir.

— O que achou que eu queria? — perguntei.

Ela baixou o olhar.

— America, o que você achou que eu queria? — indaguei.

Tudo em sua atitude dava a entender o que ela pensava. Nunca tinha sido tão insultado.

— Em público? Você pensou… por Deus! Eu sou um cavalheiro!

Apesar de sentir uma dor excruciante, endireitei o corpo e me afastei. Então uma coisa passou pela minha cabeça.

— Por que se ofereceu para ajudar se me considera tão baixo?

Ela não respondeu.

— Você jantará em seu quarto hoje. Cuido disso amanhã de manhã.

Caminhei o mais depressa possível, ansioso para ficar longe dela e superar o ódio e a humilhação. Bati a porta do quarto, furioso.

Um segundo depois, meu mordomo apareceu.

— Ouvi o senhor entrar, Alteza. Deseja algo antes de se deitar?

— Gelo — resmunguei.

Ele se apressou para cumprir meu pedido, e eu caí na cama, consumido pelo ódio. Cobri os olhos na tentativa de processar tudo o que tinha acontecido. Não conseguia acreditar que poucos minutos antes estivera prestes a me abrir com ela, a compartilhar meus sentimentos.

Era para ter sido o meu primeiro encontro *fácil*!

Enquanto bufava, ouvi meu mordomo deixar uma bandeja no criado-mudo e logo se retirar.

Quem ela pensava que era? Uma Cinco agredindo seu futuro rei… Se fosse do meu feitio, poderia fazer com que fosse punida severamente.

Ela voltaria para casa, sem dúvida. Não havia chance de mantê-la depois daquilo.

Analisei o ocorrido por muito tempo, pensando no que eu deveria ter feito ou dito na hora. Cada vez que relembrava, ficava enfurecido. Que tipo de garota fazia uma coisa dessas? O que a levava a pensar que tinha o direito de atacar o príncipe?

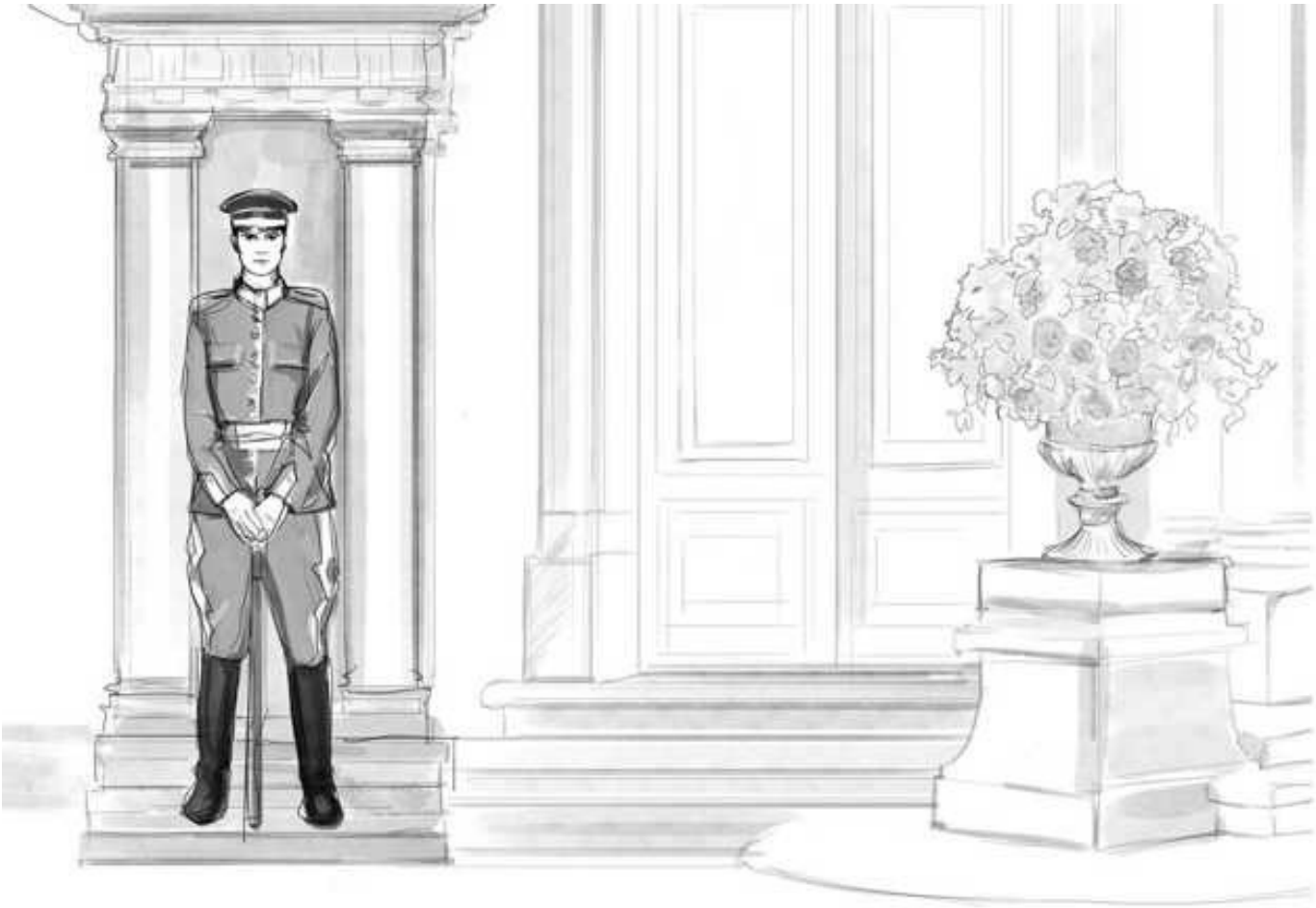
Fiquei remoendo aquilo sem parar, mas lá pela centésima vez em que pensava no assunto, a irritação se transformou em uma espécie de admiração.

America não temia nada?

Não era uma teoria que eu pretendia testar, mas me perguntei: quantas das outras garotas, se postas em uma situação em que pensassem que eu queria me aproveitar delas, cederiam? Só para poder contar vantagem depois, ou por medo do que eu faria caso não cedessem?

America me interrompeu antes mesmo que tal situação se apresentasse, sem se preocupar nem um pouco com o que eu diria. Apesar de ter interpretado minhas intenções completamente errado, ela soube se defender. E eu admirava isso, de verdade. Era uma qualidade que eu mesmo desejava ter. Talvez se eu ficasse próximo dela o suficiente, um pouco disso passaria para mim.

Droga. Tinha que deixá-la ficar.





O GUARDA



INTRODUÇÃO

NO LADO OPOSTO AO ESFORÇO DE MAXON PARA CONQUISTAR America estava o garoto que conquistou o coração dela primeiro. Nunca deixei de me surpreender com a rapidez com que as pessoas julgavam Aspen por seus erros, mas perdoavam Maxon, embora algumas vezes eu achasse as motivações dele um pouco mais egoístas.

Já me perguntaram qual dos dois garotos eu preferia, mas escolher sempre foi impossível para mim. Tanto Maxon como Aspen têm traços do meu marido, então são duas pessoas diferentes incorporando características que me atraem. Em Maxon é o bom humor, mas em Aspen é a paixão.

Sempre tive esperança de que o conto de Aspen fizesse todo mundo enxergar o que eu sempre soube: Aspen nunca deixara de amar America, se martirizava por ter sido tão burro e estava disposto a qualquer coisa para tê-la de volta. Aspen é generoso em vários sentidos e, nossa, é um gato. Minha preocupação era que ele acabasse como um dos poucos sem um final feliz. Nem consigo dizer o quanto fiquei contente de ele ter chegado lá! Ainda que não tenha sido do jeito que ele esperava.

Kiera



— ACORDE, LEGER.

— Dia de folga — balbuciei, cobrindo a cabeça com o cobertor.

— Ninguém está de folga hoje. Levante e eu explico.

Suspirei. Geralmente ficava empolgado para trabalhar. A rotina, a disciplina, a sensação de dever cumprido no final do dia: amava tudo isso. Mas aquele dia era outra história.

A festa de Halloween da noite anterior tinha sido minha última chance. Quando America e eu dançamos, e ela me contou que Maxon estava distante, consegui um minuto para lembrá-la da nossa história… e pude sentir. Os laços que nos ligavam ainda estavam lá. Talvez frouxos pelo desgaste da Seleção, mas ainda presos.

"Me diga que vai esperar por mim", eu implorara.

Ela não respondeu, mas não perdi a esperança.

Não até ele aparecer, caminhando na direção dela, exalando charme, riqueza e poder. Estava acabado. Eu tinha perdido.

O que quer que Maxon tenha sussurrado no ouvido dela na pista de dança foi o bastante para varrer todas as preocupações de sua cabeça. Ela se agarrou a ele, canção após canção, olhando-o nos olhos como costumava olhar nos meus.

Então talvez eu tenha bebido um pouco demais enquanto testemunhava a cena. E talvez aquele vaso do vestíbulo tenha quebrado porque eu o arremessei. E talvez eu tenha abafado meus gritos mordendo o travesseiro para Avery não ouvir.

A julgar pelas palavras de Avery naquela manhã, provavelmente Maxon a havia pedido em casamento na noite anterior, e nós todos teríamos de ficar a postos durante o anúncio oficial.

Como eu iria encarar aquela situação? Como poderia ficar lá e *protegê-los*? Ele daria a ela uma aliança que eu jamais poderia comprar, uma vida que eu jamais poderia oferecer… e eu o odiaria até meu último suspiro por isso.

Me sentei na cama, mas mantive os olhos no chão.

— O que houve? — perguntei. Minha cabeça latejava a cada sílaba.

— Uma coisa ruim. Muito ruim.

Franzi a testa e levantei os olhos. Avery estava sentado na cama dele, abotoando a camisa. Nossos olhares se cruzaram e notei sua preocupação.

— Como assim? O que aconteceu?

Se fosse algum drama bobo porque ninguém conseguia encontrar as toalhas de mesa da cor certa ou algo do tipo, eu voltaria para a cama. Avery respirou fundo.

— Você conhece Woodwork? Um cara simpático, que sorri o tempo todo?

— Sim. Às vezes fazemos a ronda juntos. Ele é legal.

Woodwork antes era um Sete, e fizemos amizade logo de cara porque ambos tínhamos famílias grandes e pais já falecidos. Ele trabalhava duro; era evidente que merecia a nova casta.

— Por quê? Qual o problema? — perguntei.

Avery parecia atordoado.

— Ele foi flagrado ontem à noite com uma das garotas da Elite.

Gelei.

— O quê? Como?

— As câmeras. Havia jornalistas tirando fotos casuais das pessoas que circulavam pelo palácio, e um deles escutou ruídos atrás de uma porta. Quando abriu, deu com Woodwork e a senhorita Marlee.

— Mas é… — quase disse "a melhor amiga de America", mas me segurei a tempo de completar — … loucura.

— Nem me diga — Avery concordou enquanto pegava as meias e continuava a se aprontar. — Ele parecia tão esperto. Deve ter bebido demais.

Provavelmente sim, mas eu duvidava que essa fosse a razão para o que tinha acontecido. Woodwork era inteligente; queria cuidar da família tanto quanto eu. O único motivo que o levaria a arriscar ser pego era o mesmo que me levara a fazer exatamente a mesma coisa: ele devia amar Marlee desesperadamente.

Massageei as têmporas na tentativa de dissipar a dor de cabeça. Não podia passar mal naquele momento, não com algo tão grande acontecendo. Meus olhos se arregalaram assim que entendi o que aquilo significava.

— Eles vão… Eles vão matá-los? — perguntei baixinho, como se falar em voz alta pudesse lembrar a todos como o palácio lidava com traidores.

Avery negou com a cabeça, e senti meu coração voltar a bater.

— Vão açoitá-los. As outras garotas da Elite, assim como suas famílias, estarão na primeira fila. As estruturas já foram montadas do lado de fora do palácio, por isso estamos todos em serviço. Vista o uniforme.

Ele se levantou e, antes de sair, comentou, olhando para trás:

— E tome um café antes de se apresentar. Pela sua cara, parece que é você quem vai ser açoitado.

O terceiro andar e o quarto eram altos o suficiente para que a vista alcançasse além das muralhas espessas que protegiam o palácio do resto do mundo. Assim, rapidamente segui para uma janela ampla no quarto andar. Olhei para baixo e vi os assentos da família real e da Elite, bem como o palanque para Marlee e Woodwork. Aparentemente, muitos dos guardas e funcionários do palácio tiveram a mesma ideia que eu: próximos à janela também estavam dois outros guardas e um mordomo de uniforme engomado, contrastando com o rosto enrugado de preocupação. Assim que as portas do palácio se abriram e as garotas e suas famílias caminharam em direção à multidão que gritava entusiasmada, duas criadas surgiram correndo atrás de nós. Reconheci as duas — Lucy e Mary — e abri espaço para elas ao meu lado.

— Anne vem? — perguntei.

— Não — Mary respondeu. — Não achou certo vir com tanto trabalho a fazer.

Concordei com a cabeça. Era o jeito dela.

Eu topava com as criadas de America o tempo todo, já que montava guarda à sua porta durante a noite. Sempre tentei ser profissional no palácio, mas tendia a deixar a formalidade um pouco de lado quando me relacionava com elas. Queria conhecer as pessoas que cuidavam da minha menina; a meu ver, eu tinha uma dívida eterna com elas por tudo o que fizeram por America.

Olhei para Lucy e reparei que ela retorcia as mãos, inquieta. Apesar do meu pouco tempo de palácio, já tinha percebido que, quando ela ficava estressada, sua ansiedade ficava evidente em uma dúzia de tiques nervosos. O treinamento do exército me ensinara a prestar mais atenção nas pessoas que adentravam o palácio demonstrando nervosismo. Mas eu sabia que Lucy não representava ameaça nenhuma e, quando a via conturbada, sentia necessidade de protegê-la.

— Você tem certeza de que quer ver isso? — cochichei para ela. — Vai ser horrível.

— Eu sei. Mas gostava muito da senhorita Marlee — ela respondeu, também baixinho. — Sinto obrigação de ficar aqui.

— Ela já não é uma senhorita — comentei, certo de que ela seria jogada na casta mais baixa possível.

Lucy pensou por um instante.

— Qualquer garota que arrisca a vida por alguém que ama com certeza merece ser chamada de senhorita.

— Você tem razão — eu disse, sorrindo. Observei enquanto as mãos de Lucy se acalmavam e, por uma fração de segundo, um sorriso se abriu em seu rosto.

Os vivas da multidão se transformaram em gritos de desprezo quando Marlee e Woodwork passaram cambaleando pela trilha de cascalho até a clareira aberta diante dos portões do palácio. Os guardas os conduziam aos empurrões. Ao ver o modo como Woodwork caminhava, supus que ele já tivesse levado uma surra.

Não dava para ouvir as palavras, mas observamos seus crimes serem anunciados a todos. Concentrei-me em America e em sua família. May parecia estar se esforçando para não desabar, com os braços em volta da barriga, defensivamente. A expressão no rosto do senhor Singer era de desconforto, mas serena. Meri parecia apenas confusa. Desejei que pudesse abraçá-la e dizer que tudo ia ficar bem sem que eu mesmo acabasse num cadafalso.

Lembrei do dia em que vi Jemmy ser açoitado por roubo. Se pudesse, teria trocado de lugar com ele sem hesitar. Ao mesmo tempo, lembrei do imenso alívio que senti por nunca ter sido pego nas poucas vezes em que roubei. Imaginava que America devia sentir o mesmo naquele momento: desejava que Marlee não precisasse passar por isso, mas estava grata por não sermos nós.

Quando as varas baixaram sobre os condenados, Mary e Lucy pularam assustadas, embora não conseguíssemos escutar nada além da multidão. As pausas entre os golpes só serviam para que Woodwork e Marlee sentissem o máximo de dor: antes que a ardência passasse, uma nova pancada vinha e queimava mais fundo. Fazer as pessoas sofrerem é uma arte — e o palácio parecia tê-la dominado.

Lucy cobriu o rosto com as mãos e chorou baixinho, enquanto Mary a abraçava para reconfortá-la.

Eu estava prestes a fazer o mesmo quando um vulto ruivo chamou minha atenção.

O que ela estava fazendo? Lutando contra o guarda?

Senti meu corpo entrar em conflito. Queria correr até lá e botá-la de volta em seu lugar, mas também queria pegar sua mão e levá-la embora dali. Queria encorajá-la e, ao mesmo tempo, suplicar que parasse. Aquela não era a hora nem o lugar de atrair atenção para si.

Vi America saltar a grade, a cauda do vestido esvoaçando enquanto ela caía. Foi quando ela se recompôs da queda que percebi que ela não estava tentando fugir daquele pesadelo que se desenrolava diante de seus olhos. Em vez disso, foi em direção aos degraus que levavam até Marlee.

Meu peito se encheu de orgulho e medo.

— Ah, céus! — Mary exclamou.

— Sente-se, senhorita! — Lucy suplicou, com as mãos coladas na janela.

America corria. Perdeu um sapato no caminho, mas se recusava a desistir.

— Sente-se, senhorita America! — berrou um dos guardas ao meu lado.

Ela alcançou o primeiro degrau da plataforma. Minha cabeça ardia com o sangue que pulsava.

— Tem câmeras por toda parte! — gritei para ela através do vidro.

Um guarda finalmente a apanhou e a prensou contra o chão. Ela resistiu e ainda tentou lutar. Desviei o olhar para os membros da realeza: os três tinham os olhos cravados na garota ruiva que se debatia no chão.

— É melhor vocês voltarem para o quarto dela — falei para Mary e Lucy. — Ela vai precisar de vocês.

Ambas se retiraram correndo.

— Vocês dois — me dirigi aos guardas. — Vão lá para baixo e certifiquem-se de que não estão precisando de mais ajuda. Não dá para saber quantas pessoas assistiram tudo isso e ficaram abaladas.

Eles saíram às pressas, rumo ao primeiro andar. Eu queria estar ao lado de America, ir ao seu quarto naquele mesmo segundo. Mas sob aquelas circunstâncias, sabia que o melhor era ser paciente. Era mais seguro que ela ficasse a sós com as criadas.

Na noite anterior, tinha pedido a America que me esperasse, imaginando que ela voltaria para casa antes de mim. Mais uma vez esse pensamento tomou conta da minha mente. Será que o rei toleraria aquilo?

Eu sofria tentando respirar, pensar e processar os acontecimentos ao mesmo tempo.

— Magnífico — sussurrou o mordomo. — Quanta coragem.

Ele se afastou da janela e voltou ao trabalho, e eu fiquei me perguntando se ele se referia ao casal no palanque ou à garota de vestido sujo. A punição chegara ao fim. Permaneci ali, na tentativa de entender tudo o que acontecera. A família real se retirou, a multidão se dispersou e alguns guardas ficaram encarregados de levar os dois corpos exaustos que, mesmo inconscientes, pareciam inclinar-se um na direção do outro.



LEMBREI DOS DIAS EM QUE ESPERAVA ansiosamente para correr até a casa da árvore e os ponteiros do relógio pareciam andar para trás. A situação, porém, era mil vezes pior. Eu *sabia* que havia algo errado. *Sabia* que ela precisava de mim. E não podia ir até ela.

O melhor que podia fazer era trocar de posto com o guarda escalado para vigiar a porta dela naquela noite. Enquanto a noite não caísse para que eu pudesse vê-la novamente, teria de me enterrar em trabalho.

Estava indo para a cozinha, para finalmente tomar café da manhã, quando ouvi as queixas.

— Quero ver a minha filha!

Nunca tinha ouvido tanto desespero na voz do senhor Singer.

— Sinto muito, senhor. Por motivos de segurança, precisamos tirá-lo do palácio agora — um guarda respondeu. Lodge, pela voz.

Espiei o canto de onde vinham as vozes e, de fato, lá estava Lodge tentando acalmar o senhor Singer.

— Mas vocês nos mantiveram enjaulados desde aquele espetáculo horrendo. Minha filha foi arrastada para cá e não a vi mais! Quero vê-la!

Assumi um ar determinado e interferi na conversa:

— Permita que eu cuide disso, soldado Lodge.

Lodge assentiu e se afastou. Na maioria das vezes em que eu agia como quem estava no controle, as pessoas me davam ouvidos. Era simples e eficaz.

Assim que Lodge sumiu pelo corredor, me aproximei do senhor Singer.

— O senhor não pode falar assim por aqui. Não viu o que acabou de acontecer? E tudo por causa de um beijo e um vestido desabotoado.

O pai de America concordou com a cabeça e passou a mão pelo cabelo.

— Eu sei. Sei que você está certo. Não acredito que a obrigaram a assistir aquilo. Não acredito que obrigaram *May* a assistir aquilo.

— Se serve de consolo, as criadas da America são muito dedicadas, e tenho certeza de que estão cuidando bem dela. Não há notícias de que ela tenha dado entrada na ala hospitalar, então talvez não tenha se machucado. Pelo menos não fisicamente. Até onde eu sei — Deus, como odiava dizer aquilo em voz alta —, ela é a preferida do príncipe Maxon.

O senhor Singer abriu um leve sorriso, que não se refletia em seus olhos.

— É verdade.

Lutei com todas as forças para não perguntar tudo o que ele sabia.

— Estou certo de que ele será bastante paciente com America enquanto ela estiver lidando com essa perda.

Ele concordou e depois murmurou, como se falasse para si mesmo:

— Esperava mais dele.

— Senhor?

Ele respirou fundo e se recompôs.

— Nada — o senhor Singer disse, e então deu uma olhada no palácio, mas não pude distinguir se era um olhar de admiração ou desprezo.

— Sabe, Aspen, America nunca acreditaria se eu dissesse que ela é boa o suficiente para este lugar. Em certo sentido, ela está certa. Ela é boa demais para isso.

— Shalom?

O senhor Singer e eu olhamos para trás e nos deparamos com a senhora Singer e May dobrando a esquina do corredor com as malas.

— Estamos prontas. Você viu America?

May se afastou da mãe e correu para se aconchegar na perna do pai. Ele a envolveu com o braço de maneira protetora.

— Não. Mas Aspen vai garantir que ela fique bem.

Eu não tinha dito nada do gênero, mas nossas famílias eram muito próximas e ele sabia que eu faria isso. É claro que faria.

A senhora Singer me deu um abraço rápido.

— Não tenho palavras para descrever como é reconfortante saber que você está aqui, Aspen. Você é mais inteligente que todos os outros guardas juntos.

— Não os deixe ouvir isso — brinquei. Ela sorriu e se afastou.

May correu até mim, e me abaixei para ficarmos na mesma altura.

— Aqui vão uns abraços extras. Você poderia ir até a minha casa e repassá-los para minha família?

Ela fez que sim com a cabeça. Esperei May me soltar, mas ela não o fez. De repente, levou os lábios ao meu ouvido:

— Não deixe ninguém machucá-la.

— Jamais.

Ela apertou mais forte. Fiz o mesmo, com um desejo enorme de protegê-la do mundo à sua volta.

May e America tinham mais semelhanças do que elas mesmas percebiam. Só que May ainda não havia desenvolvido uma armadura. Ninguém a protegia do mundo além dela mesma. America era poucos meses mais velha do que May quando começamos a namorar; ela tomara uma decisão que muita gente mais velha do que nós não tinha coragem de enfrentar. Mas enquanto America tinha consciência do mal ao seu redor, das consequências que viriam se as coisas dessem errado, May vivia praticamente alheia ao que existia de pior no mundo.

Tive medo de que um pouco dessa inocência tivesse sido roubada naquele dia.

May enfim me soltou. Levantei e estendi a mão para o senhor Singer. Ele a tomou e falou serenamente:

— Fico contente por ela ter você. É como se tivesse um pedaço de casa.

Nossos olhares se cruzaram, e mais uma vez tive o ímpeto de perguntar o que ele sabia. Imaginava que, no mínimo, ele suspeitava de algo. O olhar do senhor Singer permaneceu firme, mas eu tinha sido treinado para procurar segredos nos rostos das pessoas. Não podia sequer imaginar o que ele escondia de mim, mas sem dúvida havia alguma coisa.

— Cuidarei dela, senhor.

Ele abriu um sorriso.

— Sei que vai. Cuide de si mesmo também. Há quem diga que este posto é mais perigoso que a Nova Ásia. Queremos que você volte para casa são e salvo.

Fiz que sim com a cabeça. Dentre milhões de palavras, o senhor Singer parecia sempre escolher aquelas que faziam você se sentir especial, importante.

— Nunca fui tratado com tanta grosseria — veio um resmungo do corredor. — E justo no palácio!

Nossas cabeças se viraram ao mesmo tempo. Aparentemente, os pais de Celeste também não tinham recebido com agrado a ordem de partir. A mãe dela arrastava uma mala enorme e concordava com o marido, jogando o cabelo para trás de tempos em tempos. Parte de mim quis se aproximar e oferecer

um grampo de cabelo.

— Ei, você aí! — o senhor Newsome me chamou. — Venha pegar estas malas — ele ordenou, soltando a bagagem no chão.

O senhor Singer disparou:

— Ele não é seu criado; está aqui para nos proteger. Você pode carregar suas próprias malas.

O senhor Newsome fez uma cara de enfado e voltou-se para a esposa.

— Não acredito que nossa filhota é obrigada a se relacionar com uma Cinco — apesar de falar baixo, era óbvio que ele queria que todos nós ouvíssemos.

— Espero que Celeste não tenha adquirido os maus modos dela. Nossa menina é boa demais para esse lixo — a senhora Newsome comentou, jogando o cabelo para trás mais uma vez. Dava para ver onde Celeste aprendera a afiar as garras. Não que eu esperasse algo diferente de uma Dois.

Eu não conseguia desviar os olhos da felicidade maligna no rosto da senhora Newsome, até que ouvi um som abafado perto de mim: era May, chorando agarrada à mãe. Como se aquele dia já não estivesse difícil o suficiente.

— Boa viagem, senhor Singer — sussurrei. Ele respondeu com um aceno e acompanhou o resto da família até a porta da frente. Os carros já os esperavam. America iria odiar não ter podido se despedir.

Me aproximei do senhor Newsome e falei:

— Não se incomode com ele, senhor Newsome. Deixe sua bagagem aqui. Vou providenciar para que cuidem dela.

— Bom garoto — ele elogiou, me deu um tapinha nas costas, ajeitou a gravata e arrastou a esposa dali.

Assim que os dois saíram, fui até a mesa próxima à entrada e tirei uma caneta da gaveta. Não havia como sair impune se fizesse aquilo duas vezes, então precisava decidir qual dos Newsome eu odiava mais. Naquele momento era a senhora Newsome, pelo que fizera com May. Abri a mala dela, enfiei a caneta dentro e a quebrei no meio. Fiquei com uma mancha de tinta na mão, mas como havia milhares de dólares em roupas diante de mim para limpá-la, logo me livrei dela. Observei os Newsome entrarem em um dos carros e então joguei a bagagem no porta-malas e me permiti um sorrisinho. Embora tenha sido prazeroso destruir algumas roupas da senhora Newsome, eu sabia que aquilo não a afetaria definitivamente. Ela as substituiria em questão de dias. Já May teria de viver com aquelas palavras na cabeça para sempre.

Eu segurava a tigela perto do peito enquanto levava garfadas de ovos e linguiça à boca, ansioso para ir lá fora. A cozinha estava lotada de guardas e criadas engolindo as refeições antes de os turnos começarem.

— Ele ficou dizendo que a amava o tempo todo — Fry contava. — Eu estava de guarda perto do palanque e pude ouvir durante o evento inteiro. Woodwork continuou falando mesmo depois de ela ter desmaiado.

Duas criadas prestavam atenção a cada palavra. Uma delas baixou a cabeça, triste.

— Como o príncipe pôde fazer isso com eles? Os dois estavam apaixonados.

— O príncipe Maxon é um homem bom. Apenas seguiu o que diz a lei — a outra criada replicou.
— Mas… o tempo todo?

Fry assentiu, em silêncio.

A segunda criada balançou a cabeça e comentou:

— Não foi à toa que a senhorita America tentou socorrê-los.

Dei a volta na grande mesa em direção ao outro lado da cozinha.

— Ela me deu uma joelhada bem forte — Recen acrescentou, fazendo uma careta ao lembrar do ocorrido. — Não pude impedi-la de pular; mal conseguia respirar.

Ri por dentro, embora sentisse pena do cara.

— Essa senhorita America é bem corajosa. O rei poderia tê-la posto no palanque também por uma atitude dessas — disse um jovem mordomo de olhos arregalados e brilhantes, que aparentemente achava tudo aquilo um entretenimento.

Mudei de lugar outra vez, com receio de fazer algo idiota se escutasse mais alguma coisa. Passei por Avery, que apenas acenou. Sua expressão bastou para eu perceber que ele não estava interessado em companhia naquele momento.

— Podia ter sido muito pior — uma criada suspirou.

A colega dela concordou.

— Pelo menos estão vivos.

Era inevitável. Uma dúzia de comentários sobrepunha-se e misturava-se nos meus ouvidos. Eu estava cercado pelo nome de America, presente nos lábios de quase todo mundo. Em um momento, ficava cheio de orgulho; no outro, mergulhava em raiva.

Se Maxon de fato fosse decente, America nunca teria passado por aquela situação para começo de conversa.

*

Dei mais um golpe com o machado e parti a madeira. A sensação do sol sobre meu peito era boa, e a ação de destruir algo me ajudava a descarregar minha fúria. Fúria por Woodwork e Marlee, por May e America. Fúria por mim.

Ajeitei outro pedaço de madeira e o golpeei, soltando um berro.

— Você está cortando lenha ou tentando espantar os pássaros? — alguém perguntou.

Virei para trás e avistei um senhor de idade a uns poucos metros dali. Ele puxava um cavalo pela rédea e vestia o uniforme dos funcionários externos do palácio. Apesar do rosto enrugado, a idade não tinha apagado seu sorriso. Tive a sensação de já tê-lo visto antes, mas não me lembrava de onde.

— Desculpe. Assustei o cavalo? — perguntei.

— Nada — ele respondeu. — Mas parece que seu dia não está muito bom.

— Bem — eu disse, levantando o machado —, hoje foi difícil para todo mundo.

Dei mais um golpe e parti a madeira ao meio.

— É. Acho que sim — ele concordou enquanto fazia carinho atrás da orelha do cavalo. — Você o conhecia?

Fiz uma pausa antes de responder; não sabia se estava a fim de falar.

— Não muito. Mas tínhamos bastante em comum. Não consigo acreditar no que aconteceu. Não acredito que ele perdeu tudo.

— Ah, tudo não significa nada quando se ama alguém. Especialmente na juventude.

Examinei o homem. Evidentemente, era um dos tratadores de cavalos, e embora eu pudesse estar

errado, tendia a achar que ele era mais jovem do que aparentava. Talvez tivesse passado por algo que judiara dele.

— Tem razão — concordei. Eu mesmo não estava disposto a perder tudo por Meri?

— Ele arriscaria tudo novamente. E ela também.

— E eu também — murmurei, cabisbaixo.

— O que disse, filho?

— Nada.

Apoiei o machado nas costas e peguei outro pedaço de madeira, esperando que ele entendesse a indireta.

Em vez disso, escorou no cavalo.

— É normal ficar irritado, mas isso não vai levá-lo a lugar nenhum. Você precisa pensar no que pode aprender com tudo isso. Até agora, parece que só aprendeu a bater em algo que não pode reagir.

Errei o golpe.

— Olha, sei que você quer ajudar, mas estou trabalhando aqui.

— Não vai funcionar. É um monte de raiva desperdiçada.

— Bom, e onde você quer que eu descarregue a raiva? No pescoço do rei? No do príncipe Maxon? No seu? — Acertei um golpe. — Porque isso não está certo. Eles se safam de tudo.

— Quem?

— Eles. Os Um. Os Dois.

— Você é Dois.

Larguei o machado.

— Sou Seis! — bradei, batendo no peito. — Não importa o uniforme com que me vistam, por dentro ainda sou um moleque de Carolina. E isso nunca vai mudar.

Ele balançou a cabeça e puxou o cabresto do cavalo.

— Parece que você precisa de uma namorada.

— Eu tenho namorada! — rebati enquanto ele se afastava.

— Então se abra com ela. Você está cerrando os punhos para a luta errada.



DEIXEI A ÁGUA QUENTE CAIR SOBRE O CORPO com a esperança de que aquele dia também seguisse ralo abaixo. Continuava pensando nas palavras do tratador de cavalos, com mais raiva do que ele dissera do que de qualquer outra coisa.

Eu me abrira com America. Eu sabia pelo que estava lutando.

Me sequei devagar, esperando que a rotina de me vestir colocasse a mente no lugar. O uniforme engomado cobriu minha pele e trouxe consigo uma sensação de propósito e força. Eu tinha trabalho a fazer.

Cada coisa viria em seu tempo e, no final do dia, lá estaria Meri.

Tentei permanecer concentrado enquanto caminhava até o gabinete do rei no terceiro andar. Quando bati à porta, foi Lodge quem abriu. Nos cumprimentamos com um aceno e entrei na sala. Nem sempre me sentia intimidado pelo rei, mas entre aquelas paredes, podia testemunhá-lo mudando milhares de vidas num estalar de dedos.

— E proibiremos as câmeras no palácio até segunda ordem — o rei Clarkson declarou, enquanto um conselheiro tomava notas freneticamente. — Tenho certeza de que as meninas aprenderam uma lição hoje, mas diga a Silvia para trabalhar seu decoro — prosseguiu, sacudindo a cabeça. — Sou incapaz de imaginar o que possuiu aquela garota para que fizesse uma coisa tão idiota. Ela era a favorita.

Talvez a sua *favorita*, pensei ao cruzar o cômodo. A mesa do rei era ampla e escura, e me aproximei discretamente para apanhar o cesto com as correspondências a serem enviadas.

— Além disso, não tirem o olho da menina que correu.

Apurei os ouvidos. Comecei a caminhar mais devagar.

O conselheiro balançou a cabeça.

— Ninguém sequer a notou, Majestade. Garotas são criaturas muito temperamentais. Caso alguém venha a perguntar, podemos simplesmente culpar suas emoções instáveis.

O rei fez uma pausa e recostou-se na cadeira.

— Talvez. Até Amberly tem seus momentos. Ainda assim, nunca gostei da Cinco. Ela era uma das descartáveis, nem deveria ter chegado tão longe.

O conselheiro concordou, pensativo.

— Por que o senhor simplesmente não a manda para casa? Que tal tramar um motivo para eliminá-la? Com certeza podemos fazer isso.

— Maxon descobriria. Ele vigia essas garotas como um falcão. Mas não importa — disse o rei, voltando a se debruçar sobre a mesa. — Ela claramente não é qualificada, e cedo ou tarde isso virá à tona. Seremos agressivos se necessário. Mudando de assunto, onde está aquela carta dos italianos?

Recolhi a correspondência e fiz uma breve reverência (que passou despercebida) antes de me retirar. Não sabia como encarar a situação. Queria America o mais longe possível do alcance de Maxon. Mas a forma como o rei Clarkson falara da Seleção me fez pensar que havia algo mais naquela história, talvez algo obscuro. Será que America poderia ser vítima de um dos caprichos dele? E, se ela era uma das "descartáveis", estaria lá de propósito? Trazida com o objetivo de logo ser dispensada? Se sim, será que havia uma garota trazida especialmente para ser escolhida? Ela ainda estava no palácio?

Ao menos já tinha em que pensar quando fosse montar guarda diante da porta de America a noite inteira.

Enquanto caminhava, corria os olhos pela correspondência e lia os endereços.

Na pequena sala de correio, três homens de mais idade separavam as cartas recebidas das enviadas. Havia uma cesta com o rótulo "SELECIONADAS" que transbordava com cartas de admiradores. Não sabia ao certo quantas delas as garotas tinham chegado a receber.

— E aí, Leger? Como vai? — Charlie perguntou.

— Já estive melhor — confessei ao entregar a correspondência em suas mãos, para não arriscar que se perdesse em uma das pilhas.

— Todos já tivemos dias melhores, não é? Pelo menos os dois estão vivos.

— Você ouviu falar da garota que correu para ajudá-los? — Mertin perguntou, girando na cadeira. — Não é incrível?

Até Cole se virou para nós. Ele era um cara bem quieto, perfeito para trabalhar no correio, mas também ficou curioso com o assunto.

— É, ouvi — concordei, cruzando os braços.

— O que você acha? — Charlie quis saber.

Dei de ombros. Ao que tudo indicava, a maioria considerava a atitude de America heroica, mas eu sabia que se alguém dissesse isso diante de um devoto ardoroso do rei Clarkson, esse alguém poderia acabar com sérios problemas. Por ora, era melhor ficar neutro.

— Foi tudo muito louco — respondi, deixando que Charlie decidisse se eu usara "louco" no sentido bom ou ruim.

— Sem dúvida — Mertin comentou.

— Preciso fazer minha ronda — falei, encerrando a conversa. — Vejo você amanhã, Charlie — me despedi com uma leve continência.

— Cuide-se — ele respondeu, com um sorriso.

Segui até o final do corredor para pegar meu bastão no armazém, embora não visse sentido naquilo. Preferia o revólver.

Quando subi a escadaria e cheguei ao segundo andar, dei com Celeste vindo em minha direção. Assim que reconheceu meu rosto, ela mudou todo o porte. Parecia que, diferente da mãe, ela pelo menos era capaz de sentir vergonha.

Ela se aproximou com cautela e parou.

— Soldado.

— Senhorita — disse, com uma reverência.

Seu rosto estava tenso. Ela ficou parada, ponderando as palavras.

— Só queria ter certeza de que você entendeu que nossa conversa ontem foi puramente profissional.

Quase ri na cara dela. Suas mãos podiam ter ficado apenas nas minhas costas e braços, mas não havia como esconder a insinuação em seu toque. Ela também tinha levado as regras ao limite. Depois que lhe contei que tinha sido Seis antes de me tornar soldado, ela sugeriu que eu seguisse a carreira de modelo em vez da militar.

Suas palavras exatas tinham sido: "Somos iguais agora. Se isto aqui não der certo para mim, me procure quando sair".

Celeste não era o tipo de garota que ficava esperando os outros tomarem uma atitude, então não achava que ela estivesse apegada a mim de modo algum. Também suspeitava que seus lábios estivessem especialmente soltos naquela noite pelo excesso de álcool. Mas de uma coisa eu tinha certeza absoluta: ela não amava Maxon. Nem um pouco.

— Claro — respondi, cuidadoso.

— Só quis dar um conselho para sua carreira. É difícil se adaptar a um salto tão grande de casta. Desejo toda sorte a você, mas quero deixar claro que meu afeto pertence única e exclusivamente ao príncipe Maxon.

Quase a questionei quanto a isso. Quase! Mas vi o desespero em seu olhar misturar-se a um medo avassalador. No fim das contas, acusá-la seria acusar a mim mesmo. Eu sabia que ela não se importava com Maxon, e não tinha certeza se alguma daquelas garotas importava para ele — pelo menos como deveriam —, mas condená-la ou fazer algum tipo de joguinho não nos levaria a nada.

— E eu me dedico totalmente à proteção do príncipe. Tenha uma boa noite, senhorita.

Pude notar a dúvida pairando em seus olhos. Eu sabia que Celeste não estava completamente satisfeita com a minha resposta. Mas nada faria melhor a uma garota como ela do que um pouco de medo.

Respirei fundo e dobrei o corredor em direção ao quarto de America. Estava morrendo de vontade de entrar. Queria abraçá-la, conversar com ela. Parei diante da porta e encostei o ouvido ali. Consegui ouvir as criadas, o que significava que ela não estava sozinha. Mas depois distingui sua respiração difícil, os soluços de seu choro cansado.

Não conseguia suportar o fato de que ela tinha passado o dia inteiro chorando. Foi a gota d'água.

Eu tinha jurado a seus pais que ela era a preferida de Maxon e que seria reconfortada. Se ela ainda estava aos prantos era porque ele não tinha feito nada por ela. Se America não seria minha, então ele deveria tratá-la como uma princesa! Até então, Maxon falhara catastroficamente.

Eu sabia — *sabia* — que ela deveria ser minha.

Bati na porta sem dar a mínima para as consequências. Lucy a abriu e sorriu para mim, esperançosa. Isso bastou para que eu chegasse à conclusão de que podia ajudar.

— Perdão pelo incômodo, senhoritas, mas ouvi o choro do lado de fora e quis checar se estava tudo bem.

Passei por Lucy delicadamente e me aproximei da cama de America o máximo que minha ousadia permitia. Nossos olhares se encontraram. Ela parecia tão indefesa ali que precisei me controlar para não levá-la para longe daquele lugar.

— Senhorita America, sinto muito por sua amiga. Ouvi dizer que ela era especial. Se precisar de qualquer coisa, estou aqui.

Ela ficou calada, mas notei pelo seu olhar que juntava cada pequena memória dos nossos últimos dois anos e as tecia no futuro que sempre sonháramos ter.

— Obrigada — sua voz soava tímida e esperançosa ao mesmo tempo. — Sua gentileza significa muito para mim.

Abri o mais sutil dos sorrisos, mas meu coração queria saltar para fora. Eu já tinha examinado seu rosto sob os mais variados ângulos, em milhares de momentos roubados. Pelas suas palavras, eu sabia sem dúvida alguma: ela me amava.



AMERICA ME AMA. *America me ama. America me ama.*

Eu precisava encontrá-la a sós. Daria um pouco de trabalho, mas eu conseguiria.

Na manhã seguinte, me aprontei horas antes de meu turno começar. Conferi todo o posicionamento dos guardas, os turnos da limpeza, os horários das refeições da família real, dos soldados e dos funcionários. Estudei aqueles dados até que tudo se juntou na minha cabeça e eu pude ver as lacunas na segurança. Às vezes me perguntava se outros guardas também faziam isso ou se só eu prestava tanta atenção.

Em todo caso, eu tinha um plano. Só precisava avisar America.

Meu posto naquela manhã era no gabinete do rei, onde eu tinha a missão incrivelmente tediosa de guardar sua porta. Eu gostava mais de fazer as rondas, ou pelo menos ficar em uma parte mais aberta do palácio. Para ser sincero, preferia qualquer lugar longe do olhar frio do rei Clarkson.

Observei Maxon tentando trabalhar. Ele parecia distraído naquele dia, sentado em sua mesinha que aparentava ter sido um acréscimo de última hora à sala. Não pude deixar de considerá-lo um idiota por ser tão descuidado com America.

No meio da manhã, Smiths, um soldado antigo do palácio, irrompeu pela porta. Ele se apressou até o rei e fez uma breve reverência.

— Majestade, duas garotas da Elite, senhorita Newsome e senhorita Singer, acabam de brigar.

Todos na sala pararam para encarar o rei.

Ele suspirou.

— Gritando como loucas mais uma vez?

— Não senhor. Elas estão na ala hospitalar. Houve um pouco de sangue.

O rei Clarkson encarou Maxon.

— Sem dúvida a Cinco é responsável por isso. Só pode ser brincadeira sua mantê-la aqui.

Maxon levantou e disse:

— Pai, todas estão com os nervos à flor da pele depois de ontem. Tenho certeza de que estão tendo dificuldade para processar o que aconteceu.

O rei apontou o dedo na cara do filho.

— Se foi ela quem começou, está fora. Você sabe disso.

— E se foi Celeste? — ele rebateu.

— Duvido que uma moça de calibre tão alto se rebaixaria tanto sem ser provocada.

— Ainda assim, o senhor a dispensaria? — Maxon disparou.

— Não foi culpa dela.

— Vou descobrir o que aconteceu. Tenho certeza de que não foi nada de mais.

Minha mente começou a girar. Eu não conseguia entender. Era óbvio que ele não tratava America como ela merecia, então por que estava tão determinado a mantê-la ali? E, se ele falhasse em provar que a culpa não tinha sido dela, eu ainda teria tempo para vê-la antes de partir?

Os rumores corriam depressa pelo palácio. Quase de imediato, fiquei sabendo que Celeste provocou, mas Meri deu o primeiro soco. Juro, queria dar uma medalha à minha garota. Ambas continuariam na competição — aparentemente suas ações se anulavam entre si —, mas parecia que America não tinha ficado animada com a ideia.

Ouvir essas palavras fez meu coração ter ainda mais certeza de que a tinha reconquistado.

Corri para o meu quarto e tentei resolver tudo nos poucos minutos de que dispunha. Rabisquei um bilhete que fosse o mais claro e breve possível. Então segui para o segundo andar e fiquei esperando as criadas de America saírem para comer. Quando entrei em seu quarto, fiquei em dúvida sobre onde deixar o bilhete, mas na verdade havia apenas um lugar onde colocá-lo. Só esperava que ela visse.

Enquanto voltava pelo corredor principal, o destino sorriu para mim. America não parecia sangrar, então fora Celeste quem saiu ferida. Quando ela se aproximou, consegui distinguir um pequeno inchaço em sua cabeça, quase totalmente oculto sob seus cabelos. Apesar disso, vi o entusiasmo em seus olhos no segundo em que ela me notou.

Deus, como eu desejava apenas sentar com ela. Respirei fundo. O autocontrole daquele momento seria recompensado pela privacidade mais tarde.

Parei quando ela chegou perto e fiz uma reverência.

— Jarro.

Me endireitei e saí, mas sabia que ela tinha entendido. Após pensar por um instante, ela quase correu pelo corredor sem olhar para trás.

Sorri, feliz em ver a vida retornar a ela. Aquela era a minha garota.

— Morto? — perguntou o rei. — Pelas mãos de quem?

— Não sabemos ao certo, Majestade. Mas não esperávamos menos dos simpatizantes que foram rebaixados de casta — o conselheiro respondeu.

Ao entrar discretamente para apanhar a correspondência, logo me dei conta de que ele falava da população de Bonita. Mais de trezentas famílias tinham perdido ao menos uma casta por suspeita de apoio aos rebeldes. Aparentemente, não aceitaram a decisão sem lutar.

O rei Clarkson balançou a cabeça antes de, de repente, dar um soco na mesa. Levei um susto, como todos na sala.

— Essas pessoas não veem o que estão fazendo? Destruindo tudo que trabalhamos para construir, e para quê? Para defenderem uma causa correndo o risco de fracassar? Ofereci segurança a eles. Ofereci *ordem*. E eles se rebelam!

Claro que um homem que tinha tudo o que poderia querer ou precisar não entendia por que uma pessoa comum gostaria de ter as mesmas oportunidades.

Quando fui recrutado, fiquei ao mesmo tempo animado e aterrorizado. Sabia que muitos consideravam o recrutamento uma sentença de morte. Mas pelo menos meu futuro seria mais emocionante do que os serviços burocráticos e domésticos que eu encararia se permanecesse em Carolina. Além do mais, minha vida já não era mais a mesma depois da partida de America.

O rei levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Essas pessoas precisam ser detidas. Quem governa Bonita agora?

— Lamay. Ele decidiu realocar a família dele por enquanto e começou a preparar o funeral do ex-governador Sharpe. Parece orgulhoso com seu novo cargo, apesar dos obstáculos.

O rei ergueu a mão.

— Aí está. Um homem que aceita seu fardo e cumpre seu dever visando o bem comum. Por que todos não são assim?

Cheguei perto do rei para pegar as cartas. Ele ainda falava:

— Mande Lamay eliminar qualquer suspeito do assassinato imediatamente. Mesmo se ele errar o

alvo, o aviso estará dado. E precisamos recompensar quem repassar informações. Precisamos ter algumas pessoas do sul em nossas mãos.

Dei meia-volta rapidamente, desejando não ter ouvido aquilo. Eu não apoiava os rebeldes. Quase sempre eram assassinos. Mas as atitudes do rei nada tinham a ver com justiça.

— Você aí. Pare.

Olhei para trás sem ter certeza se o rei tinha falado comigo. Tinha, e observei enquanto ele escrevia um bilhete.

— Leve isto ao correio. Os rapazes de lá têm o endereço certo.

O rei atirou o bilhete de qualquer jeito na pilha em meus braços, como se não possuísse nenhum valor. Continuei ali, imóvel, com dificuldade de sustentar todo aquele peso.

— Pode ir — ele ordenou enfim. Como sempre, obedeci.

Com muito esforço, levei o monte de cartas até o correio.

Isto não é da sua conta, Aspen. Você está aqui para proteger a monarquia. E isto protege a monarquia. Concentre-se em America. O mundo ao seu redor pode ir para o inferno. O importante é ter America.

Endireitei-me e fiz o que devia.

— E aí, Charlie?

Ele assoviava enquanto recebia a pilha de cartas.

— Dia cheio hoje.

— Parece que sim. Hum, esta carta… O rei não tinha o endereço à mão mas disse que você teria — falei, apontando para a carta dirigida a Lamay no topo.

Charlie desdobrou o papel para ver qual era o destinatário e a leu rapidamente. Ao terminar, parecia consternado. Ele olhou para os lados antes de levantar os olhos para mim e perguntar em voz baixa:

— Você leu isto?

Neguei com a cabeça. Engoli em seco, me sentindo culpado por não admitir que já conhecia o conteúdo da carta. Talvez eu pudesse ter evitado, mas estava apenas cumprindo meu dever.

— Humm — Charlie murmurou enquanto girava em sua cadeira. Acabou batendo em uma pilha de cartas já separadas.

— Qual é, Charles?! — Mertin reclamou. — Levei três horas para separar isso!

— Desculpe. Vou arrumar. Bom, Leger, duas coisas.

Ele pegou um envelope solitário e me entregou.

— Primeiro: isto chegou para você.

Reconheci imediatamente a letra da minha mãe.

— Obrigado — eu disse, apertando o papel nas mãos, desesperado por notícias.

— Sem problemas — ele respondeu despreocupado. Em seguida, pegou um cesto de arame e prosseguiu:

— Segundo: você poderia me fazer um favor e levar estes restos de papel para a fornalha? É melhor ir imediatamente.

— Claro.

Charlie assentiu. Botei minha carta no bolso para poder segurar melhor o cesto.

As fornalhas ficavam próximas ao quartel dos soldados. Chegando lá, coloquei o cesto no chão antes de abrir a porta cuidadosamente. As brasas estavam meio apagadas, então joguei os papéis aos

poucos para que o ar pudesse entrar.

Se não tivesse sido tão cauteloso, provavelmente não teria percebido a carta para Lamay enfiada no meio dos envelopes vazios e pedaços de papel com endereços errados.

Charlie, o que você estava pensando?

Parei uns instantes, pensativo. Se eu a levasse de volta, ele saberia que tinha sido pego. Eu queria que ele soubesse disso? E por acaso queria que ele fosse pego?

Lancei a carta no fogo e observei para ter certeza de que queimaria. Tinha feito o meu trabalho, e o resto da correspondência seria enviado. Não haveria a quem culpar, e muitas vidas seriam poupadas.

Já havia mortes suficientes, dor suficiente.

Fui embora e lavei as mãos quanto àquilo. A verdadeira justiça eventualmente chegaria para quem estivesse certo ou errado naquela situação. Naquele momento, era difícil dizer.

De volta ao meu quarto, abri o envelope, ansioso por notícias de casa. Não gostava que minha mãe ficasse sem mim. Era reconfortante poder enviar dinheiro a ela, mas sempre me preocupava com a segurança da família.

Parecia que o sentimento era mútuo.

Sei que você a ama, mas não seja burro.

Claro, ela estava dois passos à minha frente e adivinhava coisas sem precisar de muitas evidências. Soube sobre America antes de eu contar; sabia quando eu ficava com raiva mesmo que eu não abrisse a boca. E lá estava ela, do outro lado do país, alertando-me para não fazer algo que tinha certeza de que eu faria.

Observei o papel. O rei parecia estar no meio de um acesso de maldade, mas eu estava certo de que conseguiria me manter longe do seu alcance. Minha mãe nunca dava maus conselhos, mas ela não sabia como eu era bom no meu trabalho. Rasguei a carta e joguei-a na fornalha a caminho do encontro com America.



EU HAVIA PLANEJADO TUDO NOS MÍNIMOS DETALHES. Se America chegasse nos próximos cinco minutos, ninguém nos notaria. Sabia que era arriscado, mas não conseguia ficar longe dela. Precisava dela.

A porta rangeu ao abrir, e então se fechou rapidamente.

— Aspen?

Ouvi a voz dela como tantas vezes antes.

— Como nos velhos tempos, hein?

— Onde você está?

Saí de trás da cortina e a ouvi se sobressaltar.

— Você me assustou — ela disse, brincalhona.

— Não foi a primeira vez nem será a última.

America tinha muitas qualidades, mas a discrição não era uma delas. Enquanto tentava chegar até mim no meio da sala, ela bateu no sofá, em duas mesas de canto e tropeçou na borda de um tapete. Não queria deixá-la nervosa, mas ela realmente precisava ser mais cuidadosa.

— Shhh! O palácio inteiro vai saber que estamos aqui se você continuar arrastando as coisas desse jeito — sussurrei, em um tom mais provocativo que preocupado.

Ela riu baixinho.

— Desculpe. Podemos acender a luz?

— Não — respondi, me posicionando melhor em sua direção. — Se alguém notar o brilho debaixo do vão da porta, podemos ser pegos. Esta sala não é muito vigiada, mas não quero vacilar.

Finalmente ela chegou até mim, e o mundo inteiro ficou melhor no segundo em que toquei sua pele. Abracei-a por um instante antes de conduzi-la a um canto.

— Aliás, como você sabia deste lugar?

Dei de ombros.

— Eu sou guarda. E sou muito bom no que faço. Conheço todo o palácio, tanto por fora como por dentro. Cada caminho, cada esconderijo, mesmo os cômodos mais secretos. Por acaso também conheço as rotas de patrulha, as áreas menos vigiadas e as horas em que há menos guardas no palácio. Se um dia você quiser espionar o palácio, eu sou o cara para ajudá-la.

Com uma palavra, ela demonstrou seu orgulho e incredulidade:

— Incrível.

Dei-lhe um cutucão de leve, e ela sentou ao meu lado. Os fracos raios da lua mal a iluminavam. Ela sorriu mas logo ficou séria.

— Você tem certeza de que isso é seguro?



Eu sabia que ela estava lembrando das costas de Woodwork e das mãos de Marlee; que pensava na vergonha e na perda que enfrentaríamos caso fôssemos descobertos. E isso se tivéssemos sorte. Mas eu tinha fé na minha capacidade.

— Confie em mim, Meri. Uma série de coisas extraordinárias teria que acontecer para que nos encontrassem aqui. Estamos seguros.

A dúvida não saiu de seus olhos, mas quando a envolvi com meu braço, ela se recostou em mim, precisando daquele momento tanto quanto eu.

— Como vão as coisas? — Foi bom poder fazer essa pergunta, afinal.

O suspiro forte que ela soltou me pegou de surpresa.

— Tudo bem, acho. Muita tristeza, muita raiva.

Sem perceber, sua mão tinha ido parar instintivamente sobre um ponto da minha perna logo acima do joelho — o lugar exato em que ela brincava com o furo da minha calça jeans. Ela prosseguiu:

— Meu maior desejo é apagar os últimos dois dias e trazer Marlee de volta. Carter também, embora nem o conhecesse.

— Eu o conhecia. Grande cara.

A imagem de sua família passou pela minha cabeça. Me perguntei como estariam sobrevivendo sem seu provedor.

— Parece — continuei — que ele disse a Marlee o tempo todo que a amava e tentou ajudá-la a suportar aquela tortura.

— É verdade. Pelo menos no começo. Fui tirada de lá antes de terminar.

Sorri e beijei-lhe a testa.

— É, ouvi falar sobre isso também.

Um segundo depois de dizer isso, me perguntei por que eu não dissera que tinha *visto* tudo acontecer. Eu já sabia o que ela tinha feito antes de os funcionários começarem a cochichar sobre o assunto. Parecia, contudo, que eu guardara o ocorrido dessa forma: através da surpresa e, geralmente, admiração dos outros.

— Estou orgulhoso de você por não ter saído de lá sem brigar. É a minha garota — concluí.

Ela se aconchegou ainda mais em mim.

— Meu pai também estava orgulhoso. A rainha disse que eu não devia agir daquele modo, mas que estava feliz por mim. Confuso. Como se quase tivesse sido uma boa ideia, mas não. E, no final, não mudou nada.

Abracei-a forte. Não queria que America duvidasse daquilo que era tão natural nela.

— Foi uma boa ideia. Significou muito para mim.

— Para você?

Era estranho admitir minhas preocupações, mas ela precisava saber.

— De vez em quando, fico pensando sobre como a Seleção fez você mudar. Você está rodeada de cuidados, e tudo é tão maravilhoso. Pergunto-me se você é a mesma America. Sua atitude me mostrou que você é, que eles ainda não ganharam você.

— Ah, eles já me ganharam, mas não a esse ponto — ela disparou, com a voz firme. — Na maior parte do tempo, este lugar me lembra de que não nasci para isso.

Então sua raiva se transformou em tristeza. Ela se virou para mim e enterrou a cabeça em meu peito, como se fosse capaz de, com um pouco mais de esforço, esconder-se sob minhas costelas. Eu

queria mantê-la em meus braços, tão próxima do meu coração que ela seria praticamente parte dele. Queria espantar toda a dor que viesse em sua direção.

— Ouça, Meri — comecei, sabendo que para chegar às coisas boas é preciso passar pelas ruins —, em relação a Maxon, ele é um ator. Sempre com a expressão perfeita, como se estivesse acima do bem e do mal. Mas ele é só uma pessoa, e tem problemas como todo mundo. Sei que você se preocupa com ele, ou não estaria aqui. Mas você precisa saber que não é real.

Ela assentiu, e tive a sensação de que aquilo não era uma novidade completa para ela, como se uma parte dela sempre tivesse esperado por isso.

— É melhor você saber agora. E se você descobrisse depois do casamento que as coisas são assim?

— Eu sei — ela murmurou. — Andei pensando nisso.

Tentei não ligar para o fato de que ela já tinha imaginado uma vida casada com Maxon. Era parte da experiência. Cedo ou tarde, ela pensaria nisso. Mas era passado.

— Você tem um coração grande, Meri. Eu sei que você não consegue simplesmente deixar as coisas para trás. Mas não há nada de errado em desejar. É isso.

Ela ficou quieta, refletindo sobre minhas palavras.

— Me sinto tão idiota.

— Você não é idiota — discordei.

— Sou sim.

Precisava fazê-la rir.

— Meri, você me acha inteligente?

— Claro — ela respondeu, num tom de voz mais suave.

— É porque eu sou. Na verdade, sou inteligente demais para amar uma menina idiota. Então trate de parar com isso agora.

Ela deu uma risada tão baixa quanto um sussurro, mas suficiente para atravessar a tristeza. Eu mesmo já sofrera muito por causa da Seleção, e agora precisava compreender melhor o sofrimento dela. Ela não tinha pedido para participar do sorteio. Eu tinha. A culpa era minha.

Quis me explicar uma porção de vezes, implorar pelo perdão que ela já me dera. Eu não merecia. Talvez agora. Talvez aquele fosse o momento em que eu finalmente poderia me desculpar.

— Sinto que magoei tanto você — ela falou, a voz carregada de vergonha. — Não entendo como você ainda pode me amar.

Respirei fundo. America agia como se *ela* precisasse de perdão, quando claramente era o contrário.

Não sabia como explicar. Não existiam palavras grandes o suficiente para conter o que eu sentia por ela. Nem mesmo eu conseguia entender tudo aquilo.

— As coisas são assim. O céu é azul, o sol é quente, e Aspen ama America para sempre. O mundo foi feito para ser assim.

Senti sua bochecha se mexer em meu peito, abrindo um sorriso. Se não conseguisse pedir desculpas, talvez pudesse ao menos deixar claro que aqueles últimos minutos na casa da árvore tinham sido um erro. Continuei:

— De verdade, Meri, você é a única garota que desejei na vida. Não posso imaginá-la com outra pessoa. Tentei me preparar para isso, caso acontecesse, e… não consegui.

Quando faltaram palavras, nossos corpos falaram. Nada de beijos, apenas abraços silenciosos; eles

eram tudo de que precisávamos. Senti tudo o que sentira em Carolina, e tive a certeza de que podíamos voltar a ser como antes. Talvez até mais.

— Não podemos ficar muito tempo mais aqui — avisei, desejando que não fosse verdade. — Confio muito na minha habilidade, mas não quero forçar.

Ela se levantou, contrariada. Puxei-a para um último abraço, na esperança de que ele fosse suficiente para me sustentar até que pudesse vê-la novamente. Ela me apertou com força, como se estivesse com medo de me deixar ir. Eu sabia que os próximos dias seriam difíceis para ela, mas independente do que acontecesse, eu estaria ao seu lado.

— Sei que é difícil de acreditar, mas sinto muito por Maxon ter se mostrado tão ruim. Queria você de volta, mas não queria vê-la magoada. Principalmente, não desse jeito.

— Obrigada — ela resmungou.

— É sério.

— Eu sei — ela disse, hesitante. — Ainda não acabou. Não enquanto eu estiver aqui.

— É, mas eu conheço minha garota. Você vai continuar para que sua família receba o dinheiro e a gente possa se ver. Só que Maxon só teria uma chance se pudesse voltar no tempo.

Apoiei o queixo sobre sua cabeça e a mantive perto de mim o máximo que pude.

— Não se preocupe, Meri. Tomarei conta de você.



TINHA A VAGA SENSAÇÃO DE ESTAR SONHANDO. America estava do outro lado do salão, amarrada a um trono. Maxon apoiava a mão em seu ombro e tentava subjugá-la. Os olhos dela, cheios de preocupação, estavam cravados nos meus, e ela lutava para tentar chegar até mim. O olhar dele era ameaçador; Maxon parecia muito com o pai naquele momento.

Eu sabia que precisava chegar até ela e desamarrá-la para fugirmos. Mas não conseguia me mexer. Eu também estava amarrado, a uma estrutura igual à de Woodwork. O medo percorreu minha espinha, um medo frio e paralisante. Não importava o quanto tentássemos, jamais seríamos capazes de salvar um ao outro.

Maxon caminhou até uma almofada e pegou uma coroa sofisticada para colocar na cabeça de America. Embora seu olhar estivesse desconfiado, ela não lutou quando ele a pousou sobre seus cabelos ruivos e brilhantes. Só que a coroa não ficava parada. Escorregava vez após vez.

Inabalável, Maxon tirou do bolso algo similar a um gancho com duas pontas. Ele ajeitou a coroa e a fixou com o gancho na cabeça de America. Assim que o grampo penetrou, senti duas facadas intensas nas costas e gritei de dor. Esperei pelo sangue, mas ele não veio.

Em vez disso, observei o sangue brotar dos grampos na cabeça de America, misturando-se com o vermelho de seus cabelos e grudando em sua pele. Maxon sorria enquanto prendia grampo após grampo. Eu gritava cada vez que um deles rasgava a pele de America. Horrorizado, assistia o sangue jorrar de debaixo da coroa e afogá-la.

Acordei de repente. Havia meses que não tinha um pesadelo desses, e nunca tivera um com America. Sequei o suor da testa, lembrando a mim mesmo que aquilo não era real. Ainda assim, a dor dos grampos ecoava em minha pele e eu me sentia tonto.

Imediatamente, meus pensamentos foram a Woodwork e Marlee. No meu sonho, eu teria assumido toda a dor se isso poupasse o sofrimento de America. Será que Woodwork sentira o mesmo? Será que desejara ser castigado duas vezes para poupar Marlee?

— Tudo certo, Leger? — Avery perguntou.

O quarto ainda estava escuro; ele devia ter escutado minha agitação.

— Sim, desculpe. Foi um pesadelo.

— Tudo bem. Também não estou conseguindo dormir direito.

Me virei para ele, apesar de não conseguir enxergar nada. Apenas militares de alta patente tinham quartos com janelas.

— O que houve? — perguntei.

— Não sei. Podemos conversar um pouco?

— Claro.

Avery sempre fora um ótimo amigo. O mínimo que eu podia fazer era ceder a ele alguns minutos do meu sono.

Escutei-o sentar, ponderando o que diria.

— Andei pensando sobre Woodwork e Marlee. E sobre a senhorita America — começou.

— Sobre o quê, especificamente? — perguntei, me sentando também.

— No começo, quando vi a senhorita America correr para Marlee, fiquei com raiva. Por acaso ela era burra? Woodwork e Marlee haviam cometido um erro e precisavam pagar por isso. O rei e o príncipe Maxon tinham que manter o controle, certo?

— Certo.

— Mas então as criadas e os mordomos começaram a falar sobre o assunto e de certa forma elogiar

a senhorita America. Aquilo não fez sentido para mim, porque eu achava que ela tinha agido errado. Só que, bem, eles estão aqui há muito mais tempo do que nós. Devem ter visto muito mais coisas. Talvez saibam de algo. E se sabem, e consideram que a senhorita America tinha razão para fazer o que fez… então o que eu não sei?

Entrávamos em terreno perigoso. Avery, contudo, era meu amigo — o melhor que já tivera. Confiaria minha vida a ele, e o palácio era um lugar onde um aliado podia ser muito útil.

— É uma ótima pergunta. Faz a gente pensar.

— Exatamente. É como quando estou de guarda no gabinete do rei. O príncipe está lá trabalhando, aí sai para fazer alguma coisa. O rei Clarkson então pega o trabalho do príncipe e desfaz metade. Por quê? Será que não podia ao menos explicar para o filho? Eu achava que ele o estivesse treinando.

— Não sei. Controle?

Assim que pronunciei a palavra, me dei conta de que era uma explicação verdadeira, ao menos em parte. Às vezes suspeitava que Maxon não sabia completamente o que se passava. Continuei:

— Talvez Maxon não seja tão competente quanto o rei acha que deveria ser a essa altura.

— E se o príncipe for *mais* competente e o rei não gostar?

Contive o riso.

— Difícil acreditar. Maxon parece distraído o tempo todo.

— Hum… — Avery se mexia na escuridão. — Talvez você esteja certo. Parece que as pessoas julgam Maxon diferente do rei. E falam da senhorita America como se a considerassem a futura princesa, caso pudessem escolher. Se ela é desobediente, talvez o príncipe Maxon também seja, não?

Os questionamentos de Avery levantavam hipóteses que eu não queria admitir. Será que Maxon estava contra o pai? Se sim, será que também estava contra a coroa e tudo o que ela representava? Nunca fui fã da monarquia, e acho que não seria capaz de odiar pra valer alguém que a combatesse.

Meu amor por America, por outro lado, era maior do que qualquer outra coisa. E como Maxon estava entre mim e esse amor, nada do que ele dissesse ou fizesse seria capaz de torná-lo uma pessoa decente aos meus olhos.

— Não sei — respondi honestamente. — Ele não evitou o que aconteceu com Woodwork.

— É, mas isso não quer dizer que tenha compactuado — Avery disse, já bocejando. — É o que eu acho. Somos treinados para observar todos que chegam ao palácio e procurar segundas intenções. Talvez devêssemos fazer o mesmo com as pessoas que já estão aqui.

Achei graça.

— Acho que você está certo — reconheci.

— Claro que estou. Sou o cérebro de toda essa operação — ele falou, ajeitando os cobertores e deitando novamente.

— Então é hora de dormir, cabeção. Precisaremos da sua inteligência amanhã — brinquei.

— É para já.

Ele ficou em silêncio talvez por um minuto antes de abrir a boca novamente:

— Ei, obrigado por ouvir.

— Quando quiser. Não é para isso que servem os amigos?

— É — ele concordou no meio de outro bocejo. — Sinto falta de Woodwork.

Suspirei.

— Eu sei. Também sinto.



AS INJEÇÕES NÃO ME INCOMODAVAM TANTO, mas ardiam muito durante a hora seguinte à aplicação. O pior é que me davam uma espécie de energia pulsante e esquisita que durava quase o dia inteiro. Não era raro encontrar um punhado de guardas correndo em círculos no jardim ou assumindo as tarefas mais pesadas só para gastá-la. O doutor Ashlar fazia questão de limitar o número de soldados que a recebiam por dia.

— Soldado Leger — o médico chamou.

Entrei em seu consultório e fiquei de pé ao lado do pequeno leito perto de sua mesa. A ala hospitalar era grande o bastante para acomodar a todos, mas era melhor fazer aquilo individualmente.

Ele me cumprimentou com um aceno, e baixei a calça alguns centímetros. Me recusava a estremecer quando o antisséptico frio tocava minha pele ou quando a agulha a perfurava.

— Pronto — ele disse contente. — Converse com Tom sobre as vitaminas e os suplementos.

— Sim, senhor. Obrigado.

A picada latejava a cada passo que eu dava, mas não queria demonstrar.

Tom me entregou algumas pílulas e um pouco de água. Depois de engoli-las, rubriquei um papelzinho e recebi meu dinheiro, que deixei no quarto antes de sair para cortar lenha. A necessidade de me mexer já era incontrolável.

Cada machadada liberava um pouco do meu desespero. Me sentia sobrecarregado com as injeções, as perguntas de Avery e aquele sonho sinistro.

Pensei no que o rei dissera sobre America ser uma das descartáveis. A vitória dela parecia improvável no momento, já que estava tão decepcionada com Maxon. Ainda assim, me perguntei: o que aconteceria se a vencedora fosse alguém que o rei nunca quisesse que levasse a coroa?

E se Marlee era mesmo uma das favoritas — talvez até a escolha pessoal do rei —, em quem ele estaria apostando suas fichas agora?

Tentei me concentrar, mas meus pensamentos ficavam turvos devido a meu desejo insaciável de movimento. Desferi golpes e mais golpes, só parando duas horas mais tarde, por não haver mais nada que cortar.

— Há uma floresta inteira ali atrás se você precisar de mais.

Me virei e dei com o velho tratador de cavalos, que sorria.

— Acho que já acabei — respondi. Enquanto recuperava o fôlego, tinha certeza de que os piores efeitos da injeção já tinham passado.

Ele se aproximou.

— Você parece melhor. Mais calmo.

Ri, sentindo a medicação se estabilizar na corrente sanguínea.

— Hoje eu precisava queimar um tipo diferente de energia.

Ele sentou no toco que servia de apoio para as toras; parecia bem à vontade. Eu não fazia ideia do que pensar sobre aquele cara.

Esfreguei as mãos suadas na calça, tentando pensar no que dizer.

— Ei, desculpe pelo outro dia. Não era minha intenção ser chato. Eu…

Ele ergueu a mão para que eu parasse por ali e emendou:

— Sem problemas. Eu também não queria pressionar você. É que já vi muitas pessoas deixarem o mal ao seu redor torná-las duras ou teimosas. No fim das contas, perdem a chance de tornar o mundo um lugar melhor porque só conseguem enxergar o pior.

Continuei com a sensação de que algo em seu rosto e em seu tom de voz me era familiar.

— Sei o que você quer dizer — falei, chacoalhando a cabeça. — Não quero ser assim, mas sinto raiva demais. Às vezes tenho a sensação de saber demais. Ou de que fiz coisas que não posso consertar. E isso não sai da minha cabeça. E quando vejo acontecer algo que não deveria acontecer…

— Você não sabe direito o que fazer.

— Exatamente.

Ele concordou com a cabeça e acrescentou:

— Bom, eu começaria pensando sobre as coisas boas. Depois, perguntaria a mim mesmo como posso torná-las ainda melhor.

Eu ri.

— Isso não faz sentido.

— Pense a respeito — ele falou, endireitando o corpo.

Na volta para o palácio, tentei me lembrar de onde o conhecia. Talvez ele vivesse em Carolina antes de ir trabalhar lá. Montes de Seis costumavam vagar pelo país. Independente de onde ele esteve e das coisas que viu, não deixou que nada o abatesse. Eu devia ter perguntado seu nome, mas nos encontrávamos tanto que imaginei que logo toparia com ele novamente. Quando eu não estava com um péssimo humor, ele até que parecia um cara bem bacana.

Depois de me lavar, segui em direção ao quarto, ainda pensando nas palavras do tratador de cavalos. Quais eram as coisas boas? Como melhorá-las?

Peguei o envelope em que guardava o dinheiro. Não precisava gastar um centavo no palácio, então enviava tudo para a minha família. Geralmente.

Rabisquei um bilhete para minha mãe:

Desculpe não ser muito desta vez. Tive que usar para outra coisa. Envio mais semana que vem. Amo vocês, Aspen.

Enfiei pouco menos da metade do meu salário e a carta no envelope. Então peguei outra folha de papel.

Eu sabia de cor o endereço de Woodwork; já o escrevera dúzias de vezes. O analfabetismo era mais comum do que muita gente imaginava, mas Woodwork tinha tanto medo de ser tachado de burro ou inútil que fui o único guarda a quem ele confiou esse segredo.

Dependendo de uma série de fatores — lugar, tamanho da escola, se tinha muitos Sete —, era possível receber uma década de educação e não aprender quase nada.

Não é que Woodwork tenha caído nas lacunas do sistema educacional — ele fora jogado em um grande abismo.

Agora, não fazíamos ideia de onde estava, como estava, ou se Marlee continuava a seu lado.

Senhora Woodwork,

É o Aspen. Todos sentimos muito pelo seu filho. Espero que a senhora esteja bem. Aqui vai o que sobrou do último soldo dele. Queria garantir que a senhora recebesse. Cuide-se.

Ponderei se deveria escrever mais. Não queria que ela pensasse que estava recebendo esmolas, por isso achei melhor ser breve. Mas talvez, de tempos em tempos, eu pudesse enviar algo a ela anonimamente.

A família era boa, e Woodwork ainda estava por aí. Eu precisava tentar ajudá-los.



ESPEREI ATÉ TER CERTEZA de que todos dormiam e então abri a porta de America. Fiquei empolgado ao encontrá-la ainda acordada. Eu passara o dia desejando que ela me esperasse, e o jeito que ela inclinou a cabeça e se aproximou de mim me deu a impressão de que já esperava me encontrar naquela noite.

Como sempre, deixei a porta aberta e me ajoelhei ao lado da cama.

— Como vão as coisas?

— Tudo bem, acho. — Dava para notar por sua voz que não era bem assim. — Celeste me mostrou este artigo hoje. Não sei se quero falar disso. Estou tão cansada dela.

Qual era o problema daquela garota? Será que se achava capaz de torturar os outros e conseguir a coroa através de trapaças? Sua presença contínua no palácio era mais um exemplo do péssimo gosto de Maxon.

— Acho que com Marlee fora, ele vai demorar para dispensar alguém, não?

Ela deu de ombros de maneira tão triste e breve que parecia ter gasto toda sua energia no gesto.

— Ei — chamei, pondo a mão sobre seu joelho —, vai ficar tudo bem.

America abriu um sorriso fraco.

— Eu sei. Só sinto saudades dela. E estou confusa.

— Confusa sobre o quê? — perguntei, ajeitando-me em uma posição mais confortável para ouvir.

Sua resposta veio desesperada.

— Sobre tudo: o que faço aqui, quem sou eu. Pensei que soubesse… — ela esfregou as mãos, como se quisesse escolher as palavras certas. — Não sei nem explicar direito.

Olhei para America e me dei conta de que a perda de Marlee e a descoberta do verdadeiro caráter de Maxon a tinham exposto a verdades que ela não queria enxergar. Isso desfez seu encanto talvez rápido demais. Parecia paralisada, receosa de dar qualquer passo por não conhecer as armadilhas ao longo do caminho. America tinha me visto perder o pai e aguentar as chibatadas de Jemmy, e testemunhou minha luta para manter minha família segura e alimentada. Mas ela só *vira* tudo isso; nunca sentira na pele. Sua família estava intacta — com exceção de seu irmão idiota —, e ela nunca perdera nada de verdade.

Talvez com exceção de você, imbecil, parte de mim acusava. Afastei o pensamento. O foco no momento era ela, não eu.

— Você sabe quem é, Meri. Não deixe eles mudarem você.

Ela mexeu a mão, como se estivesse prestes a tocar a minha. Só que não o fez.

— Aspen, posso lhe perguntar uma coisa?

Seu rosto ainda estava repleto de preocupações. Concordei com a cabeça.

— É meio estranho. Se para ser princesa eu não precisasse casar com ninguém, se fosse apenas um cargo que eu pudesse escolher, você acha que eu seria capaz?

Eu esperava qualquer coisa, menos aquilo. Foi difícil crer que ela ainda considerava a hipótese de se tornar princesa. Mas talvez não considerasse. Era só uma especulação, e ela tinha dito que pensava naquilo sem estar ao lado de Maxon.

Levando em conta a maneira como ela tinha lidado com tudo que acontecera em público, pude imaginar que se sentiria impotente ao enfrentar as coisas que se passavam atrás de portas fechadas. America era boa em várias coisas, mas…

— Perdão, Meri. Não acho. Você não é calculista como eles — respondi, tentando demonstrar que não era um insulto. Na verdade, estava feliz por ela não ser esse tipo de pessoa.

Ela franziu as sobrancelhas finas.

— Calculista? Como assim?

Soltei um suspiro, tentando pensar em como explicar sem entrar em muitos detalhes.

— Estou em toda parte, Meri, e escuto muita coisa. Há muita agitação no sul, nas áreas com grande concentração de castas inferiores. Segundo os guardas mais antigos, essas pessoas nunca concordaram muito com os métodos de Gregory Illéa, e já faz tempo que há conflitos na região. Dizem por aí que foi por isso que o rei ficou fascinado pela rainha. Ela veio do sul, e sua escolha acalmou as coisas por uns tempos. Parece que já não é mais assim.

Ela refletiu sobre minhas palavras e comentou:

— Isso não explica o que você quis dizer com calculista.

O que poderia acontecer se eu compartilhasse com ela o que sabia? Ela tinha mantido nosso relacionamento em segredo por dois anos. Podia confiar nela.

— Outro dia, antes dessa história de Halloween, eu estava em um dos escritórios. Eles discutiam sobre simpatizantes dos rebeldes no sul. Pediram-me que levasse umas cartas para a ala postal em segurança. Havia mais de trezentas cartas, America. Trezentas famílias rebaixadas de casta por não terem denunciado alguma coisa ou por terem ajudado alguém que o palácio considerava uma ameaça.

Ela chegou a perder o ar, e pude notar dezenas de situações se desenrolando diante de seus olhos.

— Eu sei — continuei. — Dá para imaginar? E se fosse você? Você só sabe tocar piano, e de repente, tem que arrumar emprego em um escritório. Como encontrar um emprego na área? A mensagem é bem clara.

A preocupação dela mudou de foco.

— E Maxon… ele sabe disso?

Era uma boa pergunta.

— Acho que sim. Falta pouco para ele governar sozinho.

Ela assentiu. Deixei que absorvesse a informação junto com todas as outras que descobrira recentemente sobre seu "namorado".

— Não conte para ninguém, certo? Um deslize como esse poderia custar meu emprego — alertei, acrescentando mentalmente: "e muitas outras coisas".

— Claro. Já esqueci.

Seu tom de voz era leve e tentava mascarar suas preocupações. Seu esforço me fez sorrir.

— Sinto saudades de estar com você, longe de tudo isso. Saudades dos nossos problemas de antes — lamentei. O que eu não daria para estar irritado porque ela tinha me preparado um jantar…

— Entendo o que você quer dizer — ela disse, com um riso sincero. — Andar às escondidas pelo meu quintal é tão mais fácil do que no palácio.

— E desdobrar-me para arrumar uma moedinha para você era melhor que não ter nada para oferecer — acrescentei, dando uma batidinha no jarro ao lado de sua cama. Sempre achei um bom sinal ela mantê-lo por perto mesmo antes de eu chegar ao palácio. — Eu não sabia que você guardava todas até a véspera da sua partida — completei, lembrando do impressionante peso que senti quando America virou o jarro sobre minhas mãos.

— Claro que eu guardava! — ela exclamou, orgulhosa. — Quando você estava longe, elas eram tudo o que me restava. Às vezes, eu as despejava em cima da cama só para juntá-las de novo. Era bom ter algo que você tinha tocado.

Ela era como eu. Nunca peguei nada dela para guardar, mas armazenava cada momento como se

fosse um objeto. Eu repassava essas memórias sempre que as coisas estavam mais calmas. Passava mais tempo com ela do que ela jamais imaginara.

— O que você fez com elas? — America quis saber.

Abri um sorriso.

— Estão em casa, esperando.

Antes de America partir para a Seleção, eu tinha guardado um pouco de dinheiro para me casar com ela. Mais recentemente, pedi à minha mãe que separasse um pouco de cada pagamento para mim. Tinha certeza de que ela sabia qual era o destino daquele dinheiro. Mas entre todas as minhas economias, aquelas moedinhas eram a coisa mais preciosa.

— Esperando o quê?

Um casamento decente. Alianças de verdade. Nossa casa própria.

— Isso eu não posso dizer.

Eu lhe contaria tudo em breve. Ainda estávamos percorrendo nosso caminho de volta um para o outro.

— Ótimo — ela falou, fingindo estar irritada. — Guarde seus segredos. E não se preocupe por não ter nada para me dar. Já estou feliz por tê-lo aqui, por finalmente podermos acertar as coisas, mesmo que não seja como nos velhos tempos.

Franzi a testa. Estávamos assim tão distantes do que já tínhamos sido? Tão distantes que ela precisava afirmar com todas as letras? Não. Não para mim. Ainda éramos os mesmos de Carolina, e eu precisava fazer com que se lembrasse disso.

Queria dar o mundo a ela, mas tudo o que tinha no momento eram as roupas do corpo. Olhei para baixo, arranquei um botão e o ofereci a ela.

— Literalmente, não tenho nada mais a oferecer, mas você pode agarrar-se a isto, uma coisa que toquei, e pensar em mim a qualquer hora. Pode ter certeza de que estarei pensando em você também.

Ela pegou o botãozinho dourado da minha mão e olhou para ele como se eu lhe tivesse dado a lua. Seus lábios tremiam e ela respirava devagar, como se estivesse prestes a chorar. Talvez eu tivesse estragado tudo.

— Não sei como fazer isso agora — confessou. — Sinto que não sei mais fazer nada. Eu… eu não esqueci você, certo? Você ainda está aqui.

Ela levou a mão ao peito, e vi seus dedos se cravarem na pele, na tentativa de acalmar o que quer que se passasse em seu coração.

Sim, ainda havia um longo caminho a percorrer, mas sabia que passaria rápido se o percorrêssemos juntos.

Sorri. Já não precisava saber mais.

— Isso basta para mim.



EU TINHA OUVIDO FALAR DO CHÁ para as moças da Elite e sabia que America não estaria no quarto quando bati na porta.

— Soldado Leger — Anne disse ao abrir, com um grande sorriso. — Que prazer em vê-lo.

A essas palavras, Lucy e Mary se aproximaram para me cumprimentar.

— Olá, soldado Leger — Mary disse.

— A senhorita America não está no momento. Chá com a família real — Lucy acrescentou.

— Ah, eu sei. Gostaria de conversar com as senhoritas um momento.

— Claro — Anne disse, indicando o interior do quarto.

Caminhei até a mesa, e as três logo puxaram a cadeira para mim.

— Não — insisti. — Vocês é que devem sentar.

Mary e Lucy ocuparam os dois assentos. Anne e eu ficamos de pé.

Tirei o chapéu e apoiei a mão no encosto da cadeira de Mary. Queria que ficassem à vontade para falar comigo e esperava que deixar a formalidade de lado ajudasse.

— Em que podemos ajudar? — Lucy perguntou.

— Estou apenas verificando a segurança. Queria saber se vocês notaram alguma coisa incomum. Pode parecer bobo, mas os mínimos detalhes podem nos ajudar a manter as garotas da Elite seguras.

Era verdade, mas não era exatamente da nossa alçada ir atrás dessas informações.

Anne inclinou a cabeça, ponderando. Já Lucy cravou os olhos no teto, pensativa.

— Acho que não — Mary quebrou o silêncio.

— De diferente, só o fato de a senhorita America estar menos ativa desde o Halloween — comentou Anne.

— Por causa de Marlee? — chutei.

Todas confirmaram com a cabeça.

— Acho que ela ainda não superou — Lucy disse. — Não que eu a culpe por isso.

— Claro que não — Anne disse, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Então além de frequentar o Salão das Mulheres e comparecer às refeições, ela praticamente só fica no quarto?

— Sim — Mary confirmou. — A senhorita America já tinha feito isso antes, mas ultimamente parece que quer ficar escondida.

A partir disso, deduzi duas coisas importantes. Primeiro: America já não passava tempo a sós com Maxon. Segundo, nossos encontros ainda passavam despercebidos, mesmo para as pessoas mais próximas a ela.

Os dois detalhes inflaram meu coração de esperança.

— Há algo mais que a gente deva fazer? — Anne perguntou.

Achei graça. Era o tipo de questão que eu teria feito se fosse ela, para tentar me antecipar aos problemas.

— Acho que não. Prestem atenção nas coisas que veem e escutam, como sempre, e sintam-se à vontade para me contatar diretamente se acharem que algo está errado.

Seus rostos estavam ansiosos para agradar.

— Você é um guarda maravilhoso, soldado Leger — Anne elogiou.

Neguei com a cabeça.

— É apenas meu trabalho. E, como vocês sabem, a senhorita America é da minha província. Quero cuidar dela.

Foi a vez de Mary se dirigir a mim:

— Acho tão engraçado vocês dois virem da mesma província e agora você ser praticamente o guarda-costas dela. Vocês moravam perto em Carolina?

— Mais ou menos — tentei manter nossa proximidade vaga.

Lucy abriu um sorriso radiante.

— Você chegou a conhecê-la mais nova? Como ela era na infância?

Não consegui conter um sorriso.

— Topei com ela algumas vezes. Era uma menina moleque. Sempre na rua com o irmão. Teimosa feito uma mula e, pelo que lembro, muito, mas muito talentosa.

Lucy achou graça.

— Então, praticamente a mesma de sempre — ela comentou, e todos riram.

— Praticamente — confirmei.

Essas palavras alimentaram ainda mais os sentimentos em meu peito. America era familiar para mim por mil razões. E, sob os vestidos de gala e as joias, essas razões ainda estavam lá.

— Preciso descer. Não quero perder o *Jornal Oficial*.

Estendi o braço sobre as garotas para apanhar o chapéu.

— Talvez seja bom irmos com você — Mary sugeriu. — Está quase na hora.

— Claro.

O *Jornal Oficial* era o único programa de televisão que os funcionários podiam assistir. E havia apenas três lugares para tal: a cozinha, a oficina onde as criadas costuravam e um amplo espaço de convivência que era mais usado como local de trabalho do que como área de lazer. Eu preferia a cozinha. Anne foi à frente, com Lucy e Mary logo atrás, junto comigo.

— Eu ouvi algo sobre visitas, soldado Leger — Anne disse, fazendo uma pausa para conversar. — Mas pode ser apenas boato.

— Não, é verdade — repliquei. — Não sei detalhes, mas ouvi que chegarão duas comitivas.

— Viva! — Mary exclamou, sarcástica. — Serei condenada a passar toalhas de mesa de novo. Ei, Anne, seja sua tarefa qual for, podemos trocar? — perguntou, acorrendo a Anne. Logo as duas estavam discutindo sobre as tarefas que ainda nem tinham recebido.

Ofereci o braço a Lucy.

— Madame.

Ela sorriu, passou a mão pelo meu braço e empinou o nariz.

— Senhor.

Atravessamos o corredor. Enquanto as três conversavam sobre afazeres incompletos e vestidos com barra por fazer, me dei conta de que costumava ficar muito feliz quando passava o tempo com as criadas de America.

Podia ser Seis com elas.

Sentei no balcão com Lucy de um lado e Mary do outro. Anne circulava pedindo silêncio, pois o *Jornal Oficial* estava prestes a começar.

Cada vez que as câmeras focavam nas garotas, eu notava algo de errado. America parecia deprimida. Pior: estava tentando disfarçar, e falhava miseravelmente.

O que a preocupava tanto?

Pelo canto do olho, vi Lucy retorcendo as mãos.

— O que houve? — sussurrei.

— Alguma coisa está errada com a minha senhorita. Posso ver em seu rosto.

Lucy levou a mão à boca e começou a roer as unhas.

— O que será que aconteceu com ela? — continuou. — A senhorita Celeste parece pronta para dar o bote. O que faremos se ela ganhar?

Pus a mão em seu colo e, milagrosamente, ela se acalmou e me lançou um olhar maravilhado. Tinha a impressão de que as pessoas ignoravam o nervosismo de Lucy.

— A senhorita America ficará bem.

Ela concordou, sentindo-se reconfortada por minhas palavras.

— Mas eu gosto dela — Lucy cochichou. — Quero que fique. Parece que todo mundo vai embora quando quero que fiquem.

Então Lucy tinha perdido alguém. Talvez muitas pessoas. Passei a entender um pouco melhor seus problemas de ansiedade.

— Bom, você vai ter que me aturar pelos próximos quatro anos — comentei, dando-lhe uma leve cutucada. Ela sorriu e segurou as lágrimas nos olhos.

— Você é muito simpático, soldado Leger. Todas achamos isso — ela disse, passando o dedo pelos cílios.

— Bom, vocês também são senhoritas muito simpáticas. Sempre fico feliz em vê-las.

— Não somos senhoritas — ela respondeu, baixando o olhar.

Discordei:

— Se Marlee ainda é uma senhorita por ter se sacrificado por alguém que amava, então vocês com certeza também são. Na minha opinião, vocês se sacrificam todos os dias. Cedem seu tempo e sua energia aos outros, o que é exatamente a mesma coisa.

Reparei que Mary deu uma olhada na nossa direção antes de voltar a encarar a televisão. Anne também deve ter escutado minhas palavras, porque parecia inclinada para ouvir melhor.

— Você é o melhor guarda que temos, soldado Leger.

Sorri.

— Quando estamos aqui em baixo, podem me chamar de Aspen.



OLHAR PARA A PAREDE PERDIA A GRAÇA depois de meia hora montando guarda. Já passava muito da meia-noite, e tudo o que eu podia fazer era esperar o amanhecer. Pelo menos meu tédio significava que America estava segura.

O dia tinha passado sem grandes acontecimentos, exceto pela confirmação da chegada de visitas.

Mulheres. Muitas mulheres.

Em parte, ficava animado com a notícia. As damas que visitavam o palácio tendiam a ser menos agressivas fisicamente. Suas palavras, porém, poderiam deflagrar guerras se ditas na entonação errada.

Os membros da Federação Alemã eram velhos amigos, o que nos favorecia em termos de segurança. Os italianos eram uma caixinha de surpresas.

Pensei em America a noite inteira, imaginando o que significava sua expressão no *Jornal Oficial*. Contudo, não sabia ao certo se devia perguntar sobre isso. Deixaria em suas mãos: se sentisse vontade de contar, eu ouviria. Por ora, ela precisava se concentrar no que vinha adiante. Quanto mais tempo ela ficasse no palácio, mais tempo eu a teria comigo.

Alonguei os ombros e ouvi meus ossos estalarem. Só mais algumas horas. Aprumei o corpo e flagrei um par de olhos azuis me espiando da ponta do corredor.

— Lucy?

— Oi — ela respondeu, entrando no corredor. Logo atrás vinha Mary, trazendo um pequeno cesto coberto por um pano.

— A senhorita America tocou o sino para chamá-las? Está tudo bem? — perguntei, colocando a mão sobre a maçaneta para abrir a porta para as duas.

Lucy pôs a mão delicada no peito; parecia nervosa.

— Ah, está tudo bem. Hum, viemos ver se você estava aqui.

Fiz uma cara de estranhamento e afastei a mão da maçaneta.

— Bem, eu estou. Precisam de algo?

Elas trocaram olhares antes de Mary falar:

— Reparamos que você tem feito muitos turnos nos últimos dias. Imaginamos que poderia estar com fome.

Mary puxou o pano do cesto, revelando uma pequena seleção de pães, bolos e brioches que provavelmente tinham sobrado dos preparativos para o café da manhã.

Abri um sorriso no canto da boca.

— É muita gentileza de vocês, mas, primeiro, não posso comer no trabalho; e segundo, acho que vocês já repararam que sou um cara bem forte.

Flexionei o braço, arrancando risinhos das duas.

— Posso tomar conta de mim mesmo — concluí.

— Sabemos que você é forte — Lucy disse, inclinando a cabeça para o lado —, mas aceitar ajuda também é um tipo de força.

Suas palavras quase me deixaram sem ar. Desejei que alguém tivesse dito aquilo para mim meses antes. Eu poderia ter evitado tanta dor…

Observei o rosto das duas. Elas lembravam America naquela última noite na casa da árvore: esperançosas, empolgadas, ternas. Meus olhos se voltaram para o cesto de comida. Eu continuaria com isso? Afastaria as poucas pessoas que me davam a sensação de ser eu mesmo?

— O plano é o seguinte: se alguém aparecer, vocês dizem que me imobilizaram no chão e me

forçaram a comer. Combinado?

Mary sorriu e estendeu o cesto.

— Combinado.

Peguei um pedaço do pãozinho de canela e dei uma mordida.

— Vocês também vão comer, certo? — perguntei enquanto mastigava.

Lucy esfregou as mãos com entusiasmo antes de caçar algo no cesto. Mary logo fez o mesmo.

— Então, como estão as imobilizações de vocês? — brinquei. — Quer dizer, preciso garantir que nossa história seja convincente.

Lucy cobriu a boca com a mão enquanto ria.



— Por incrível que pareça, isso não faz parte do nosso treinamento.

Arregalei os olhos.

— Como assim? São as coisas mais importantes por aqui. Limpar, servir e lutar em combates corpo a corpo.

Ambos riam enquanto comiam.

— É sério — continuei. — Quem é a responsável? Vou escrever uma carta para ela.

— Vamos comentar com a chefe das criadas pela manhã — Mary prometeu.

— Ótimo — concordei, para logo em seguida dar outra mordida e balançar a cabeça, fingindo indignação.

Mary engoliu o pedaço que estava em sua boca e disse:

— Você é tão engraçado, soldado Leger.

— Aspen.

Ela sorriu novamente e continuou:

— Aspen. Você vai ficar depois que acabar o serviço obrigatório? Tenho certeza de que se você se inscrever, o palácio irá aceitá-lo como guarda permanente.

Depois que me tornara Dois, meu desejo era continuar como soldado… mas no palácio?

— Acho que não. Minha família está em Carolina. Tentarei servir lá se puder.

— Que pena — Lucy sussurrou.

— Não fique triste ainda. Tenho quatro anos pela frente.

Ela abriu um sorrisinho.

— Verdade.

Mas dava para notar que Lucy ainda não estava bem. Lembrei de seu comentário mais cedo, de que as pessoas com quem se importava tendiam a ir embora. Me senti ao mesmo tempo feliz e incomodado por, de algum modo, ter me tornado importante para ela. Ela era importante para mim, claro. Assim como Anne e Mary. Só que meu contato com as três se dava quase exclusivamente através de America. Como eu tinha me tornado importante para elas?

— Sua família é grande? — Lucy quis saber.

Fiz que sim com a cabeça.

— Três irmãos: Reed, Beckner e Jemmy, e três irmãs: Kamber e Celia, que são gêmeas, e Ivy, a mais nova. Mais a minha mãe.

Mary começou a cobrir o cesto de novo.

— E seu pai? — ela perguntou.

— Morreu faz alguns anos.

Eu finalmente podia contar isso sem desmoronar por dentro. Antes, falar da morte do meu pai me dava uma sensação de fraqueza, porque eu ainda precisava dele. Todos precisávamos. Mas tive sorte. Às vezes, os pais de família simplesmente desapareciam em meio às castas inferiores, deixando suas famílias para trás, para lutarem sozinhas ou perecerem.

Meu pai, porém, fez o possível até o fim. A vida sempre seria difícil por sermos Seis, mas ele nos mantinha numa situação estável, para termos um pouco de orgulho do que fazíamos e de quem éramos. Eu queria ser como ele.

Os pagamentos eram melhores no palácio, mas eu proveria melhor minha família se estivesse mais perto de casa.

— Sinto muito — Lucy disse suavemente. — Minha mãe também morreu há alguns anos.

Saber que Lucy havia perdido a pessoa mais importante de sua vida fez com que eu redesenhasse a imagem que tinha dela na cabeça, preenchendo todas as lacunas.

— Nunca mais é a mesma coisa, não é?

Ela sacudiu a cabeça e baixou os olhos para o tapete.

— Ainda assim — falou —, precisamos buscar as coisas boas.

Ela levantou o rosto, e pude entrever uma exígua esperança em sua expressão. Não consegui tirar os olhos dela.

— Curioso você dizer isso.

Ela olhou para Mary e depois para mim.

— Por quê?

Dei de ombros.

— Apenas é.

Enfiei o último pedaço de pão na boca e limpei os farelos dos dedos.

— Obrigado, senhoritas, pela comida, mas é melhor vocês irem. Não é lá muito seguro circular pelo palácio à noite.

— Tudo bem — Mary disse. — Já estava na hora de melhorarmos nossas habilidades na luta corpo a corpo mesmo.

— Pule sobre Anne — aconselhei. — Nunca subestime o elemento surpresa.

Ela riu novamente.

— Não vamos subestimar. Boa noite, soldado Leger — ela se despediu, já seguindo pelo corredor.

— Esperem — pedi.

Ambas pararam. Indiquei a parede com uma passagem secreta.

— Não querem ir pelos fundos? Eu ficaria bem mais aliviado — sugeri.

Elas sorriram.

— Sem problemas.

Mary e Lucy acenaram ao passar por mim. Quando chegaram até a parede, Mary puxou a maçaneta, mas Lucy cochichou algo. Mary concordou com a cabeça e sumiu escadaria abaixo, e Lucy voltou até mim.

Ela remexia as mãos, seu tique nervoso reaparecendo à medida que se aproximava.

— Não sou… Não sou boa com palavras — ela confessou, balançando o corpo de leve. — Só queria agradecer por ser tão simpático conosco.

— Não é nada — respondi, balançando a cabeça.

— Para nós, é.

Seus olhos estavam cheios de uma intensidade que eu nunca vira antes. Ela continuou:

— Não importa o número de vezes que as criadas da lavanderia ou da cozinha nos digam que temos sorte, não nos sentimos assim a não ser que alguém admire nosso trabalho. A senhorita America faz isso, o que não esperávamos. E você também faz. Vocês dois são bondosos sem se esforçarem para isso — ela abriu um sorriso ao dizer as palavras. — Só achei que você devia saber o quanto isso é importante. Talvez ainda mais para Anne, mas ela nunca admitiria.

Eu não sabia como reagir. Depois de refletir por uns instantes, a única coisa que me veio à mente foi:

— Obrigado.

Lucy assentiu e, incerta do que dizer, partiu rumo à passagem na parede.

— Boa noite, senhorita Lucy.

Ela se virou para mim, e parecia que eu tinha lhe dado o melhor presente do mundo.

— Boa noite, Aspen.

Quando ela se foi, meus pensamentos se voltaram para America. Ela aparentara muita preocupação no *Jornal Oficial*, mas me perguntei se tinha noção da mudança que seu comportamento causava nas pessoas ao seu redor. Seu pai tinha razão: ela era boa demais para o palácio.

Eu precisava arrumar tempo para lhe dizer o quanto ela ajudava as pessoas sem perceber. Por ora, esperava que ela estivesse descansando, sem se preocupar com seja lá o que estivesse…

Meus pensamentos foram interrompidos por três mordomos que passaram correndo por mim; um deles chegou a tropeçar. Enquanto seguia para o fim do corredor para descobrir do que corriam, a sirene soou.

Nunca a escutara antes, mas sabia o que aquele som significava: rebeldes.

Disparei de volta e escancarei a porta do quarto de America. Se havia correria, talvez já estivéssemos em desvantagem.

— Droga, droga, droga — resmunguei. America precisava se vestir o mais rápido possível.

— Hein? — ela disse, sonolenta.

Roupas. Precisava encontrar roupas.

— Levante-se, Meri! Onde estão seus malditos sapatos?

Ela jogou o cobertor longe e levantou, dando com os pés em cima dos sapatos.

— Aqui. Preciso do roupão — ela disse, apontando para ele enquanto ajeitava os sapatos. Fiquei feliz por ter entendido a urgência rapidamente.

Peguei o roupão todo dobrado ao pé da cama e comecei a procurar o lado certo.

— Deixe para lá. Eu carrego.

Ela o arrancou da minha mão e eu a apressei até a porta.

— Você precisa correr — alertei. — Não sei o quão perto estão.

Ela concordou com a cabeça. Dava para sentir a adrenalina pulsando dentro de mim. Envolvi America em meus braços na escuridão, embora soubesse que aquele não era o momento para isso.

Pressionei meus lábios contra os dela, enroscando a mão em seus cabelos e a puxando para mim. Idiotice. Muita, muita idiotice. Mas parecia certo em milhares de sentidos. A sensação era de que fazia uma eternidade desde a última vez que tínhamos nos beijado tão profundamente, mas nos deixamos envolver sem dificuldades. Seus lábios eram cálidos, e o gosto familiar de sua pele ainda estava lá. Debaixo de um leve aroma de baunilha, reencontrei seu cheiro: o aroma natural exalado por seu cabelo, suas bochechas e seu pescoço.

Eu poderia ter ficado ali a noite inteira, e percebi que ela também, mas precisava levá-la a um abrigo.

— Vá. Agora — ordenei, empurrando-a para o corredor. Não olhei para trás ao dobrar a esquina. Me preparei para encarar o que quer que estivesse à minha espera.

Saquei o revólver e olhei para os lados em busca de algo suspeito. Vi o rastro do vestido de uma criada que entrava em um dos abrigos secretos. Esperava que Lucy e Mary já tivessem chegado até Anne e as três estivessem escondidas, longe do perigo.

Ao ouvir o som inconfundível de disparos, avancei pelo corredor rumo à escadaria principal. Pelo barulho, os rebeldes estavam concentrados apenas no primeiro andar. Ajoelhei no canto da parede à

espera dos passos que se aproximavam.

Instantes depois, alguém correu escada acima. Levei menos de um segundo para identificá-lo como um intruso. Mirei e atirei, atingindo o homem no braço. Gemendo, o rebelde caiu para trás, e vi um guarda saltar para capturá-lo.

Ouvi um estrondo na outra ponta do corredor. Os rebeldes tinham descoberto a escada lateral e subiam para o segundo andar.

— Se encontrarem o rei, matem-no! Levem o que conseguirem carregar. Eles precisam saber que estivemos aqui! — alguém berrava.

Me aproximei o mais silenciosamente possível daquela gritaria, me escondendo pelos cantos e olhando várias vezes antes de seguir adiante. Quando me virei, notei outros dois uniformes. Gesticulei para que se abaixassem e se movessem devagar. Quando chegaram mais perto, identifiquei Avery e Tanner. Eu não podia ter pedido reforços melhores. Avery era muito bom de mira, e Tanner sempre se esforçava além do seu dever, já que tinha mais a perder do que os outros.

Tanner era um dos poucos soldados recrutados depois de casado. Já nos contara várias vezes como a esposa reclamava por ele usar a aliança no polegar — o anel pertencera a seu avô, mas eles não tinham dinheiro para mandar ajustar. Ele prometeu à mulher que essa seria a primeira coisa com que gastaria ao voltar para casa, junto com uma aliança melhor para ela.

Ela era a America dele. Mantinha sempre a concentração por causa dela.

— O que houve? — Avery sussurrou.

— Acho que acabei de ouvir o líder. Ordenou que os rebeldes matassem o rei e roubassem o que fosse possível.

Tanner se levantou, com a arma em punho, em posição de espreita.

— Precisamos encontrá-los para garantir que estejam seguindo para os andares de cima, longe do abrigo — falou.

Assenti.

— Talvez sejam mais do que damos conta, mas se agirmos discretamente, acho que…

Na outra ponta do corredor, uma porta se abriu de repente. Um mordomo corria com dois rebeldes em seu encalço. Tratava-se do jovem mordomo, o da cozinha. Parecia perdido e aterrorizado. Os rebeldes aparentemente carregavam ferramentas de fazenda, então pelo menos não poderiam devolver nossos tiros.

Virei na direção deles, estabilizei o peso do corpo e mirei.

— Pro chão! — gritei para o mordomo, que obedeceu.

Acertei um dos rebeldes na perna. Avery acertou o outro, mas seu tiro, intencionalmente ou não, pareceu muito mais letal.

— Vou amarrar os dois — Avery avisou. — Encontrem o líder.

Vi o mordomo levantar e correr para um dos quartos. Não importava que qualquer um poderia entrar ou sair facilmente; ele precisava da ilusão de segurança.

Escutei mais gritos, mais disparos, e concluí que aquele era um dos ataques pesados. Tentei me concentrar. Tinha uma missão, e ela era tudo o que eu podia enxergar.

Tanner e eu nos esgueiramos até o terceiro andar. Pelo caminho, encontramos várias mesas, obras de arte e vasos destruídos. Um rebelde pichava a parede com uma espécie de tinta pastosa que certamente trouxera consigo. Me aproximei rapidamente por trás e lhe dei uma coronhada. Ele caiu, e eu abaixei para revistá-lo atrás de armas.

No instante seguinte, uma nova leva de disparos soou na outra ponta do corredor. Tanner me arrastou para trás de um sofá tombado. Quando o barulho cessou, espiamos para calcular o perigo.

— Conto seis rebeldes — ele disse.

— Eu também. Posso pegar dois, talvez três.

— Isso basta. Os outros devem correr. Ou talvez estejam armados…

Olhei ao redor. Com o estilhaço de um espelho quebrado, cortei uma tira do estofado do sofá e enrolei no vidro.

— Use isto se chegarem perto demais.

— Boa — Tanner comentou, antes de mirar nos rebeldes. Fiz o mesmo.

Os disparos foram rápidos, e cada um de nós acertou dois rebeldes antes de os outros dois correrem na nossa direção, e não na contrária. Lembrando das ordens de manter os rebeldes vivos para interrogatório, mirei nas pernas, mas eles se moviam tão depressa que errei os tiros.

Tanner e eu observamos os dois: o primeiro, enorme, desviou para o lado de Tanner; o outro, um cara mais velho, descabelado e com um olhar insano, veio na minha direção. Guardei a arma e me preparei para a briga.

— Droga. Você ficou com o mais fácil — Tanner comentou antes de saltar uma cadeira e avançar com toda a força contra seu oponente.

Eu estava uma fração de segundo atrás. O rebelde mais velho se aproximou aos berros, suas mãos curvadas como garras. Agarrei um de seus braços e feri seu peito com a faca improvisada.

Ele não era lá muito forte; parte de mim chegou a ter pena. Ao segurar seu braço, pude sentir seus ossos facilmente.

Ele gemeu e caiu de joelhos. Puxei seus braços e pernas para trás e os amarrei. Enquanto dava o nó, alguém me agarrou pelas costas e me atirou contra um retrato na parede, me fazendo cortar a testa no vidro.

Fiquei atordoado. O sangue atrapalhava minha visão, tornando difícil reagir. Senti uma ponta de pânico antes de relembrar meu treinamento. Abaixei, e ele me segurou pelos ombros novamente. Como uma alavanca, lancei o corpo dele para a frente.

Apesar de ser muito maior que eu, o rebelde se estatelou no chão coberto de destroços. Procurei uma corda mais resistente, mas logo caí sob o peso de outro rebelde.

Eu estava imobilizado, com os braços presos por um homem gigante que sentava sobre a minha barriga.

— Me leve até o rei — ele ordenou. Sua voz era áspera; seu hálito fétido e pantanoso.

Sacudi a cabeça.

Ele soltou meus braços e me segurou pelo colarinho, se aproximando do meu rosto. Antes que eu pudesse atacá-lo com as mãos, ele bateu minha cabeça no chão, me atordoando mais uma vez. Minha cabeça girava e comecei a sentir falta de ar. O rebelde apertava meu crânio, me obrigando a encará-lo.

— ONDE ESTÁ O REI?

— Não sei — respondi ofegante, lutando contra a dor na minha cabeça.

— Vamos lá, rapazinho — ele provocou. — Entregue o rei, e pode ser que saia dessa vivo.

Eu não podia revelar o abrigo. Apesar de odiar o que o rei fazia, entregá-lo implicava entregar America, e isso estava fora de questão.

Eu podia mentir. Ganhar tempo suficiente para escapar da situação.

Ou podia morrer.

— Quarto andar — menti. — Sala escondida na ala leste. Maxon está lá também.

Ele riu, deixando escapar o hálito nojento.

— Não foi difícil, foi?

Permaneci calado.

— Se você tivesse me contado quando perguntei pela primeira vez, talvez eu não tivesse que fazer isto.

Ele pôs as mãos em volta do meu pescoço e começou a apertar. Mais uma tortura para minha cabeça, que àquela altura parecia que ia explodir. Minhas pernas se debatiam e ergui a cintura na tentativa de tirá-lo de cima de mim. Inútil. Ele era simplesmente grande demais.

Senti meus membros pararem de funcionar. Todo o oxigênio escapava do meu corpo.

Quem contaria à minha mãe?

Quem cuidaria da minha família?

… pelo menos beijei America uma última vez.

… última vez.

… vez.

Em meio à tontura, ouvi um disparo e senti o enorme rebelde perder as forças e cair para o lado. Minha garganta emitia ruídos bizarros ao puxar o ar novamente para dentro do corpo.

— Leger? Você está bem?

Minha visão escurecia, então não pude enxergar o rosto de Avery. Mas ouvia sua voz. Era o suficiente.



APÓS O ATAQUE, o comando militar fez uma reunião na ala hospitalar, já que muitos soldados estavam internados.

— Encaramos como um sucesso a perda de apenas dois homens esta noite — o comandante anunciou. — Considerando o número de rebeldes, nossas poucas baixas são um testemunho a favor do treinamento e da capacidade de cada um de vocês.

Ele fez uma pausa, como se esperasse nossos aplausos, mas estávamos exaustos demais para isso.

— Detivemos vinte e três rebeldes para julgamento após interrogatório, o que é fantástico. Contudo, estou desapontado com a contagem de corpos — nesse momento, ele nos encarou. — Dezessete. *Dezessete* rebeldes mortos.

Avery baixou os olhos. Já tinha confessado que dois eram dele.

— Vocês não devem matar, a não ser que outro soldado esteja sob ameaça direta, ou que a família real seja atacada. Precisamos dessa escória viva para os interrogatórios.

Escutei uns muxoxos pela enfermaria. Eu não gostava daquela ordem. Poderíamos acabar as coisas muito mais rápido se simplesmente eliminássemos os rebeldes que invadiam o palácio. Mas o rei queria suas respostas, e diziam por aí que havia torturas especiais para extrair informações dos rebeldes. Esperava nunca descobrir quais eram.

— Dito isso, todos vocês fizeram um excelente trabalho para proteger o palácio e reprimir o ataque. Quem não estiver entre os poucos pacientes graves pode seguir a escala habitual. Se possível, durmam um pouco, e preparem-se. O dia será longo com o palácio nesse estado.

O chefe dos mordomos achou melhor que a família real e as garotas da Elite realizassem suas tarefas do lado de fora enquanto os funcionários trabalhavam para deixar o palácio apresentável de novo. As visitantes da Federação Alemã e da realeza italiana chegariam em poucos dias, e as criadas já estavam sobrecarregadas com os preparativos.

O sol escaldante, o cansaço extremo e o uniforme engomado me deixavam desconfortável. Somando-se a isso a dor terrível do machucado na minha cabeça, as feridas ocultas do estrangulamento e um ferimento na perna que eu nem sabia como tinha adquirido, estava praticamente em frangalhos.

A única coisa boa daquele dia era poder ficar perto de America. Ela estava sentada ao lado de Kriss, planejando a organização do evento. Com exceção de Celeste, nunca tinha visto America irritada com as outras garotas, mas sua linguagem corporal denunciava que ela não estava feliz com a companhia. Kriss, porém, parecia completamente alheia a isso; não parava de falar com America e, de tempos em tempos, lançava um olhar para Maxon. Fiquei incomodado ao notar que America fazia o mesmo, mas duvidei que seus sentimentos tivessem mudado. Como ela poderia olhar para ele e não lembrar dos gritos de Marlee?

As tendas e mesas espalhadas pelo gramado davam a impressão de que a família real estava realizando uma festa no jardim. Se não tivesse visto com meus próprios olhos, jamais adivinharia que o palácio havia sido saqueado. Todos ali costumavam esquecer os ataques e seguir em frente.

Não sabia se ignoravam os ataques porque pensar muito sobre eles os tornava mais assustadores, ou simplesmente porque não havia tempo a perder. Ocorreu-me que, se a família real parasse para pensar sobre os ataques, talvez descobrissem um jeito melhor de impedi-los.

— Não sei nem por que me dou ao trabalho — o rei disse, um pouco alto demais. Em seguida,

entregou um papel a alguém e ordenou discretamente: — Apague as anotações de Maxon; só servem para causar distrações.

Enquanto essas palavras preenchiam meus ouvidos, minha visão era ocupada apenas pelo olhar de America. Ela me observava atentamente. Pude notar sua preocupação com as bandagens na minha cabeça e com meus passos mancos. Pisquei para ela na tentativa de acalmá-la. Não tinha certeza se conseguiria passar o dia inteiro fazendo rondas e depois ainda pegar o posto de guarda na frente de seu quarto à noite. Mas se esse fosse o único meio de…

— Rebeldes! Corram!

Olhei depressa para os portões do palácio. De certo alguém se confundira.

— O quê? — perguntou Markson.

— Rebeldes! Dentro do palácio! — berrou Lodge. — Estão chegando!

Vi a rainha levantar num piscar de olhos e, sob a proteção de suas criadas, correr para uma entrada secreta na lateral do palácio.

O rei juntou sua papelada. No lugar dele, estaria mais preocupado com meu pescoço do que com qualquer informação vazada, seja qual fosse.

America ainda estava em sua cadeira, paralisada. Dei um passo em sua direção, mas Maxon entrou na minha frente e jogou Kriss em meus braços.

— Corra! — ordenou.

Hesitei um pouco, pensando em America.

— Corra! — repetiu.

Fiz o que era preciso e disparei a correr; Kriss não parava de gritar o nome de Maxon. Em poucos segundos, tiros já ecoavam, e o palácio foi inundado por uma multidão composta quase igualmente por rebeldes e soldados.

— Tanner! — gritei, impedindo-o de seguir para a batalha.

Botei Kriss em seus braços e instruí:

— Siga a rainha.

Ele obedeceu sem questionar, e voltei para buscar Meri.

— America, não! Volte! — Maxon gritava.

Segui seu olhar repleto de pânico e vi America correndo freneticamente para a floresta com rebeldes em seu encalço.

Não.

O ritmo dos disparos dos guardas acentuava os passos de America, apressados e arriscados. Os rebeldes, com suas sacolas lotadas, quase a alcançavam. Pareciam mais jovens e atléticos que os da noite anterior. Cheguei a me perguntar se não eram seus filhos, tentando terminar o que os pais haviam começado.

Saquei o revólver e me posicionei. Estava com a nuca de um rebelde na mira. Disparei três tiros rápidos. Errei todos quando ele ziguezagueou e correu para trás de uma árvore.

Maxon ensaiou uns passos desesperados rumo à floresta, mas seu pai o agarrou antes de ele ir longe demais.

— Parem! — Maxon gritou, livrando-se do braço do pai. — Vocês vão acertá-la! Cessar fogo!

Embora America não fosse da família real, eu duvidava que alguém ficaria bravo caso matássemos aqueles rebeldes sem mais delongas. Corri para a frente, posicionei-me de novo e atirei duas vezes. Nada.

Maxon me agarrou pelo colarinho.

— Eu disse cessar fogo!

Apesar de eu ser uns cinco centímetros mais alto do que ele, e geralmente considerá-lo um covarde, a fúria em seus olhos naquele momento impunha respeito.

— Perdão, senhor.

Ele me soltou com um empurrão, para depois me dar as costas e passar a mão no cabelo. Nunca o tinha visto tão consternado. Me lembrou de seu pai quando estava prestes a explodir.

Tudo que ele demonstrava por fora, eu sentia por dentro. Uma das garotas da Elite desaparecera; a única mulher que eu já amara estava perdida. Não sabia se ela seria capaz de correr mais rápido que os rebeldes ou encontrar um esconderijo. Meu coração acelerava de medo e se despedaçava com o desespero ao mesmo tempo.

Prometera a May que não deixaria ninguém machucá-la. Falhei.

Olhei para trás, sem saber ao certo o que esperava encontrar. As garotas e os funcionários já estavam seguros. Não havia ninguém além do príncipe, do rei e de uns dez guardas.

Maxon finalmente nos encarou. Sua expressão era a de um animal enjaulado.

— Encontrem-na. Encontrem-na agora! — berrou.

Considerei a possibilidade de simplesmente correr floresta adentro, na tentativa de alcançar America antes dos rebeldes. Mas como a encontraria?

Markson deu um passo à frente.

— Venham, rapazes. Vamos nos organizar.

Fomos atrás dele.

Meus passos estavam vacilantes e eu tentava me acalmar. Precisava estar atento a tudo. *Vamos encontrá-la*, prometi a mim mesmo. *Ela é mais forte do que imaginam.*

— Maxon, vá para junto de sua mãe — ouvi o rei ordenar.

— O senhor não pode estar falando sério. Como posso ficar em um abrigo enquanto America está desaparecida? Ela pode estar morta!

Olhei para trás e vi Maxon se contorcer e arfar, quase vomitando só de pensar naquilo.

O rei Clarkson endireitou o corpo de Maxon, agarrando-o firme pelos ombros, e o sacudiu.

— Recomponha-se! Precisamos de você a salvo. Vá. Agora.

Maxon cerrou os punhos e flexionou levemente os cotovelos; por uma fração de segundo, pensei seriamente que daria um soco no pai.

Talvez escapasse à minha alçada, mas tive certeza de que o rei poderia acabar com Maxon se quisesse. Eu não desejava a morte do cara.

Depois de ofegar algumas vezes, Maxon soltou-se das garras do pai e seguiu para o palácio, pisando firme.

Logo voltei os olhos para a floresta, torcendo para que o rei não notasse que alguém tinha testemunhado a cena. Eu pensava cada vez mais sobre a insatisfação do rei com o trabalho do filho, mas depois disso, não pude deixar de considerar que a coisa ia muito além de algumas anotações erradas na papelada.

Por que alguém preocupado com a segurança do filho agiria de maneira tão… *agressiva* com ele?

Me juntei aos outros soldados bem quando Markson começava a falar:

— Algum de vocês tem familiaridade com esta floresta?

Todos permanecemos calados.

— É muito grande e, como vocês podem ver, fica bastante densa após alguns metros de caminhada. As muralhas do palácio se estendem por mais de cem metros floresta adentro até se encontrarem. Esse trecho do muro, porém, não está com a manutenção em dia. Os rebeldes não teriam dificuldade para pular pela parte danificada, especialmente se levarmos em conta como foi fácil que superassem os trechos mais fortes da barreira, na frente.

Maravilha.

— Vamos nos espalhar numa linha de frente e avançar devagar. Devemos procurar pegadas, objetos caídos, galhos quebrados… qualquer coisa que sirva de pista até o lugar para onde a levaram. Quando escurecer, voltamos para buscar lanternas e reforços.

Então ele encarou cada um de nós e concluiu suas orientações:

— Não quero voltar de mãos abanando. Ou recuperamos a senhorita com vida, ou o seu corpo, mas não deixaremos o rei ou o príncipe sem respostas esta noite. Entendido?

— Sim, senhor! — gritei, e os outros fizeram o mesmo.

— Ótimo. Espalhem-se.

Tínhamos avançado poucos metros quando Markson estendeu o braço e me deteve.

— Você está mancando muito, Leger. Tem certeza de que pode participar? — perguntou.

Meu sangue subiu e fiquei a ponto de explodir, como Maxon alguns minutos antes. Nada me impediria de ir atrás dela.

— Estou perfeitamente bem, senhor — assegurei.

Markson me examinou novamente.

— Precisamos de uma equipe forte. Talvez você devesse ficar.

— Não, senhor — repliquei rapidamente. — Nunca desobedeci ordens, senhor. Não me force a fazer isso agora.

Meu olhar era absolutamente sério, e ele certamente o notou quando o encarei, determinado a prosseguir. Ele abriu um leve sorriso quando assentiu e seguiu seu caminho em direção às árvores.

— Tudo bem. Vamos.

Tudo parecia em câmera lenta. Gritávamos por America e parávamos à espera de uma resposta; várias vezes, a brisa mais leve ou o ruído mais suave bastavam para nos enganar. De vez em quando alguém descobria uma pegada, mas a terra estava tão seca que a trilha se desfazia dois passos à frente, nos deixando apenas com a sensação de tempo perdido. Duas vezes encontramos pedaços de tecido presos em arbustos, mas nada que correspondesse às roupas que America vestia. O pior foi encontrar algumas poucas gotas de sangue. Ficamos uma hora parados para examinar a copa de cada árvore, analisar cada grão de terra que poderia ter sido revirado por passos.

A noite começava a cair e logo perderíamos a luz.

Enquanto os outros avançavam, fiquei para trás por um minuto. Em qualquer outra circunstância, teria achado tudo aquilo lindo. A luz, filtrada pelas folhas, parecia o espírito dos raios de sol. As árvores tocavam-se no alto, como se estivessem desesperadas por companhia. A sensação geral que o lugar provocava era de fascínio.

E eu precisava me preparar para a possibilidade real de voltar sem America. Pior: podia voltar com seu cadáver nos braços.

Doía só de pensar. Pelo que eu lutaria no mundo senão por ela?

Eu estava em busca das coisas boas. E ela era a única coisa boa em mim.

Segurei as lágrimas e permaneci forte. Só precisaria continuar lutando.

— Certifiquem-se de ter vasculhado todos os lugares — Markson relembrou. — Se a mataram, podem tê-la pendurado ou tentado enterrá-la. Atenção.

As palavras dele renovaram minha dor, mas me esforcei por continuar.

— Senhorita America! — gritei.

— Estou aqui!

Apurei os ouvidos, com medo demais de acreditar.

— Estou aqui! — a voz repetiu.

America apareceu correndo, suja e descalça. Guardei a arma e abri os braços para ela.

— Graças aos céus — eu disse, aliviado.

Quis beijá-la naquele mesmo instante, mas saber que ela estava respirando, e nos meus braços, teria que bastar.

— Estou com ela! Está viva! — avisei os outros e observei uniformes vindo na nossa direção.

Ela tremia um pouco e dava para perceber que ainda estava atordoada com toda aquela situação.

Não ligava para o ferimento na perna: America ficaria em meus braços de qualquer jeito. Peguei-a no colo e ela se segurou no meu pescoço.

— Estava com muito medo de encontrar seu corpo por aí — admiti. — Você está ferida?

— Um pouco, nas pernas.

Olhei para baixo e vi uns arranhões cobertos de sangue. De modo geral, tivemos sorte.

Markson parou na nossa frente, tentando esconder sua felicidade por encontrá-la.

— Senhorita America — perguntou —, você tem algum ferimento?

— Apenas uns arranhões na perna.

— Eles tentaram machucá-la?

— Não. Eles não me pegaram.

Essa é a minha garota.

Todas as expressões eram um misto de choque e alegria com a notícia, mas Markson certamente era o mais contente.

— Penso que nenhuma das outras garotas correria mais rápido do que eles.

America suspirou, aliviada, e sorriu.

— Nenhuma das outras é uma Cinco.

Comecei a rir, assim como os outros. Nem toda experiência nas castas inferiores era inútil.

— Bom argumento — Markson comentou, dando um tapinha nas minhas costas sem tirar os olhos de America. — Vamos levá-la de volta.

Ele liderou o caminho, gritando mais algumas instruções.

— Sei que você é rápida e esperta, mas fiquei apavorado — contei a ela durante o percurso.

Ela levou os lábios ao meu ouvido e confessou:

— Menti para o oficial.

— O que você quer dizer? — cochichei de volta.

— Eles chegaram a me alcançar.

Encarei-a, imaginando o que seria tão ruim a ponto de ela não querer contar na frente dos outros.

— Não fizeram nada, mas uma menina me viu — America continuou. — Ela fez uma reverência e foi embora.

Fiquei aliviado e, em seguida, confuso.

— Reverência?

— Também fiquei surpresa. Ela não parecia brava ou ameaçadora. Na verdade, parecia uma garota normal.

Depois de uma pausa, acrescentou:

— Ela estava com livros, um monte de livros.

— Parece que isso acontece bastante — contei. — Ninguém faz ideia do que fazem com eles. Meu palpite é que usam para fazer fogueiras. Acho que é frio onde eles vivem.

Cada vez ficava mais evidente que os rebeldes queriam apenas arruinar tudo o que o palácio possuía: obras de arte, muralhas ou mesmo a sensação de segurança… E tomar as estimadas posses do rei para simplesmente tacar fogo era como mostrar um enorme dedo do meio para a monarquia.

Se eu não tivesse vivenciado pessoalmente a crueldade que os rebeldes eram capaz de demonstrar, teria achado graça.

Os outros soldados estavam tão próximos que ficamos calados pelo resto da caminhada, mas a distância ficava mais curta com America tão perto de mim. Cheguei a desejar que o percurso fosse maior. Depois do que acontecera, não queria sequer perdê-la de vista.

— Os próximos dias talvez sejam cheios para mim, mas tentarei vê-la em breve — sussurrei quando o palácio despontou no horizonte. Era hora de devolvê-la a eles.

— Tudo bem — ela disse, se inclinando na minha direção.

— Leger, leve-a ao doutor Ashlar, e tire o dia de folga. Você fez um bom trabalho hoje — Markson disse, dando tapinhas nas minhas costas mais uma vez.

Os corredores estavam repletos de funcionários, que ainda limpavam os vestígios do primeiro ataque. As enfermeiras na ala hospitalar vieram tão depressa que não tive tempo de falar com America novamente. Mas ao deitá-la no leito e reparar em seu vestido esfarrapado e suas pernas arranhadas, não pude deixar de pensar que era culpa minha. Olhando em retrospecto para a origem de tudo aquilo, tive certeza que sim. Já estava na hora de começar a consertar o estrago.

America dormia quando me esgueirei até a ala hospitalar naquela noite. Ela estava mais limpa, mas seu rosto ainda demonstrava preocupação, mesmo em repouso.

— Oi, Meri — sussurrei ao me aproximar de seu leito.

Ela não se mexeu. Não ousei sentar, nem mesmo com a desculpa de que estava verificando se a garota que salvei passava bem. Permaneci de pé, vestido com o uniforme recém-passado que usaria apenas pelos poucos minutos necessários para desabafar.

Estendi a mão para tocá-la, mas desisti. Olhei bem em seu rosto adormecido e comecei a falar:

— Eu… eu vim pedir desculpas. Por hoje. Quer dizer… — respirei fundo. — Eu devia ter corrido atrás de você. Devia ter protegido você. Mas não fiz nada disso, e você quase morreu.

Breves contrações em seus lábios indicavam que America sonhava.

— Para ser honesto, peço desculpas por muito mais do que isso — admiti. — Sinto muito por ter perdido a cabeça na casa da árvore. Sinto muito por ter dito para você enviar aquele formulário idiota. É que eu sempre achei… — engoli em seco — sempre achei que com você eu poderia fazer as coisas direito.

Fiz uma pausa antes de continuar:

— Não consegui salvar meu pai. Não consegui proteger Jemmy. Mal posso sustentar minha família, então pensei que talvez pudesse dar a você a chance de uma vida melhor do que a que eu tinha a oferecer. E convenci a mim mesmo de que esse era o jeito certo de amá-la.

Observei-a por alguns instantes, desejando que eu tivesse coragem para confessar essas coisas quando ela estivesse em condições de responder e dizer como eu errei.

— Não sei se posso desfazer minhas escolhas, Meri. Não sei se voltaremos a ser como antes. Mas não vou deixar de tentar. Eu vivo por você — disse, dando de ombros. — Você é a única coisa pela qual eu já quis lutar.

Havia muito mais a dizer, mas ouvi a porta da ala hospitalar se abrindo. Mesmo no escuro, o terno de Maxon era inconfundível. Tratei de me retirar, com a cabeça baixa, para dar a impressão de que estava apenas fazendo a ronda.

Ele sequer notou minha presença. Mal olhou para mim enquanto seguia em direção ao leito de America. Observei-o puxar uma cadeira e sentar ao seu lado.

Não pude evitar o ciúme. Desde aquele primeiro dia no apartamento do irmão dela — desde o momento em que descobri o que sentia por America —, fora obrigado a amá-la de longe. Mas Maxon podia sentar ao seu lado, tocar sua mão: o abismo entre suas castas não importava.

Detive-me à porta, sem tirar os olhos da cena. A Seleção havia desgastado o laço entre mim e America, e Maxon era uma lâmina afiada, capaz de cortá-lo completamente se chegasse perto demais. E eu não tinha uma ideia clara do quão perto America o deixava chegar.

Tudo o que podia fazer era esperar, e dar a America o tempo de que ela parecia precisar. Para ser sincero, o tempo de que nós todos precisávamos.

Só o tempo poderia resolver nossa situação.





A FAVORITA



INTRODUÇÃO

A PRIMEIRA COISA A COMENTAR sobre a história de Marlee é que demoramos um século para encontrar um título. Estávamos aqui à caça de algo que sintetizasse a melhor amiga incrível e otimista que se apaixonou e, nossa, como eu adoro Marlee!

Demorou bastante.

Quando finalmente chegamos em *A favorita*, a escolha fazia todo o sentido. Ela era amada pelo povo e por America. E quando se tratava dos leitores, era a personagem que vocês mais queriam conhecer melhor.

Me senti muito feliz por poder contar a história dela, porque isso me deu uma oportunidade única como escritora. Agora tenho uma cena dos meus livros, uma cena que realmente me doeu escrever, contada de três perspectivas diferentes. E tive a chance de contar a história dela de um jeito um pouco diferente, o que foi bem legal para mim como autora.

De certa forma é revigorante. A história de amor de America estava envolta em tantas escolhas que era difícil para ela seguir em frente. A história de amor de Marlee é simples e linda, e explica uma característica dela que só fui entender na hora de escrever *A herdeira*: quando Marlee toma uma decisão, é melhor NÃO ficar no caminho dela.

Kiera



PARTE I

AJEITEI A PARTE DE CIMA DO VESTIDO na altura dos ombros. Carter estava quieto, e seu silêncio me dava mais calafrios do que a temperatura baixa nas celas do palácio. Tinha sido horrível ouvir seus grunhidos de dor enquanto os guardas arrancavam toda a sua esperança a pauladas, mas pelo menos dava para saber que ele estava respirando.

Tremendo, encolhi os joelhos contra o peito. Outra lágrima escorregou pela minha bochecha e agradeci; era a única coisa quente sobre a minha pele. Nós sabíamos. Sabíamos que ia acabar assim. E ainda assim nos encontramos. Como poderíamos ter parado?

Me perguntava como morreríamos. Forca? Tiro? Algo muito mais elaborado e doloroso?

Não podia deixar de torcer para que o silêncio de Carter fosse um sinal de que ele já tivesse partido. Ou, se não, de que ele seria o primeiro. Eu preferia que minha última lembrança fosse a morte dele do que sofrer sabendo que a última lembrança dele seria a minha. Mesmo naquele momento, sozinha na cela, tudo o que eu queria era que a dor dele acabasse.

Alguma coisa se mexeu no corredor, e meu coração disparou. O que era? Será que era o fim? Fechei os olhos rápido para tentar segurar as lágrimas. Como isso tinha acontecido? Como eu tinha passado de participante amada da Seleção para alguém com o rótulo de traidora que aguardava sua punição? Ah, Carter… Carter, o que foi que fizemos?

Eu não me considerava uma pessoa vaidosa. Ainda assim, quase todo dia depois do café da manhã eu sentia que precisava voltar ao quarto e retocar a maquiagem antes de ir para o Salão das Mulheres. Sei que era bobeira: Maxon só me veria de novo no fim do dia. E nessa hora, claro, eu trocaria de roupa e me maquiaria de novo mesmo.

Não que as coisas que eu fizesse parecessem surtir algum efeito. Maxon era educado e simpático, mas acho que não possuíamos a ligação que outras garotas tinham com ele. Havia algo de errado comigo?

Apesar de meus dias no palácio serem maravilhosos, eu não deixava de sentir que as outras garotas — bom, algumas delas ao menos — entendiam alguma coisa que me escapava. Antes de ser uma Selecionada, eu me achava divertida, bonita e inteligente. Mas agora que estava no meio de um bando de garotas cuja missão diária era impressionar um garoto em particular, me sentia apagada, chata e pequena. Percebi que deveria ter prestado bem mais atenção às minhas amigas da província, que pareciam sempre com pressa para encontrar um marido e se estabelecer na vida. Elas passavam o tempo falando de roupas, maquiagem e garotos, enquanto eu me dedicava mais ao que os meus tutores me ensinavam. Sentia que tinha deixado de aprender uma lição importante, e agora ficara deploravelmente para trás.

Não. *Eu só precisava continuar tentando, era isso. Havia decorado tudo da aula de história de Silvia no começo da semana. Até tomara algumas notas para ter à mão caso esquecesse alguma coisa. Queria que Maxon me considerasse inteligente e madura. Também queria que ele me*

achasse bonita, por isso julgava que essas idas ao quarto eram necessárias.

Será que a rainha Amberly fazia isso? Ela parecia estonteante o tempo todo sem fazer esforço.

Parei na escada para conferir o sapato. Um dos saltos parecia raspar no tapete. Como não vi nada de estranho, segui em frente, ansiosa para chegar no Salão das Mulheres.

Joguei o cabelo por cima do ombro ao me aproximar do primeiro andar e voltei a me concentrar em descobrir se ainda faltava alguma coisa. Sempre quis ganhar. Eu não tinha passado muito tempo com Maxon, mas ele parecia gentil e divertido e...

— Ahh! — Meu salto ficou preso na beira da escada e caí com tudo no chão de mármore. — Ai — murmurei.

— Senhorita! — Levantei a cabeça e vi um guarda correndo na minha direção. — Está tudo bem?

— Sim. Nada ferido além do orgulho — respondi, corando.

— Não sei como as mulheres conseguem andar com esses sapatos. É um milagre que vocês não vivam quebrando o tornozelo.

Ri quando ele me ofereceu a mão.

— Obrigada.

Comecei a ajeitar o cabelo e endireitar o vestido.

— Não tem de quê. A senhorita tem certeza de que não se machucou?

Ele me examinou com um olhar atento à procura de arranhões ou cortes.

— Dói um pouco no quadril onde bati, mas de resto estou ótima — falei, o que era verdade.

— Talvez eu devesse acompanhar a senhorita até a ala hospitalar, só para garantir.

— Não precisa, de verdade — insisti. — Estou bem.

Ele suspirou.

— Seria muito incômodo a senhorita ir mesmo assim? Se estiver machucada e eu não tiver feito nada para ajudar, vou me sentir péssimo. — Os olhos azuis dele eram terrivelmente convincentes. — E eu aposto que o príncipe iria querer que a senhorita fosse.

O argumento era justo.

— Tudo bem — cedi. — Eu vou.

Um sorriso apareceu no canto de sua boca.

— Ótimo — ele disse, e em seguida me pegou no colo. Levei um susto.

— Acho que não precisa disso — protestei.

— Faço questão. — Ele começou a caminhar, então não consegui descer. — Agora, corrija-me se eu estiver enganado, mas a senhorita é a Marlee, certo?

— Sim, sou.

Ele continuava a sorrir, e não pude deixar de sorrir de volta.

— Tenho me esforçado para decorar o nome de todas as Selecionadas. Para ser sincero, não acho que fui o melhor no treinamento e não faço ideia de como vim parar no palácio. Mas quero garantir que não se arrependam da decisão, então tento pelo menos aprender os nomes. Assim, se alguém precisar de alguma coisa, vou saber de quem estão falando.

Gostei do seu jeito de falar. Era como se contasse uma história, ainda que contasse apenas um fato sobre si mesmo. Seu rosto era animado e sua voz, vibrante.



— Bom, você já está fazendo mais do que o necessário — elogiei. — E não se diminua tanto. Tenho certeza de que foi um recruta excelente para ter sido mandado para cá. Os comandantes devem ter visto muito potencial em você.

— A senhorita é muito gentil. Poderia me relembrar de onde veio?

— Kent.

— Ah, eu sou de Allens.

— Verdade? — Allens era logo a leste de Kent, ao norte de Carolina. Éramos vizinhos de certa forma.

Ele fez que sim com a cabeça sem parar de andar.

— Sim, senhorita. Esta é a primeira vez que saio da minha província. Bom, a segunda, se contarmos o treinamento.

— Eu também. É meio difícil se acostumar com o clima.

— É mesmo! Estou esperando o outono chegar, mas nem sei se aqui tem outono.

— Pois é. O verão é legal, mas não todo dia.

— Exatamente — ele disse, firme. — Dá pra imaginar como o Natal deve ser sem graça?

Soltei um suspiro.

— Não tem como ser muito bom sem neve.

Eu falava sério. Sonhava com o inverno o ano inteiro. Era minha estação favorita.

— Não deve nem passar perto disso — ele concordou.

Eu não sabia por que estava sorrindo tanto. Talvez por causa da sensação de que a conversa fluía fácil. Para mim, nunca tinha sido fácil conversar com um garoto. Eu tinha consciência da minha falta de prática, mas era bom pensar que talvez não precisaria me esforçar tanto como tinha imaginado.

Ele diminuiu a velocidade quando nos aproximamos da ala hospitalar.

— Você poderia me botar no chão? — perguntei. — Não quero que eles pensem que quebrei uma perna ou coisa parecida.

Ele achou graça.

— Tudo bem.

Ele me pôs no chão e abriu a porta para mim. Lá dentro, uma enfermeira estava sentada a uma escrivaninha.

O soldado falou por mim:

— A senhorita Marlee levou um pequeno tombo no corredor. Provavelmente não foi nada, mas queríamos ter certeza.

A enfermeira levantou na hora, aparentemente feliz por ter algo pra fazer.

— Ah, senhorita Marlee, espero que não tenha se machucado muito.

— Não. Só está doendo um pouquinho aqui — eu disse tocando o quadril.

— Vou examiná-la agora mesmo. Muito obrigada, soldado. Pode voltar ao seu posto.

O guarda se despediu acenando com a cabeça e virou para sair. Um pouco antes de as portas fecharem, ele piscou pra mim e abriu um sorriso, e eu fiquei lá, rindo sozinha feito uma idiota.

*

Voltei ao presente quando as vozes no corredor ficaram mais altas. Escutei as saudações dos guardas, emendadas umas nas outras. Todos diziam a mesma palavra: *alteza*. Maxon estava ali.

Corri para a janelinha gradeada da minha cela. Vi a porta da cela do outro lado do corredor — a cela de Carter — se abrir e Maxon entrar com sua escolta. Estiquei o pescoço ao máximo para ouvir o que diziam, mas apesar de distinguir a voz de Maxon, não consegui decifrar palavra nenhuma. Também ouvi alguns murmúrios de resposta e tive certeza de que eram de Carter. Ele estava acordado. E vivo. Suspirei e tremi ao mesmo tempo, e então ajeitei mais uma vez o tule nos ombros.

Depois de alguns minutos, a porta da cela de Carter se abriu de novo e observei Maxon se aproximar da minha. Os guardas lhe deram passagem e fecharam a porta assim que ele entrou. Ele me olhou e exclamou:

— Meu Deus, o que fizeram com você?!

Maxon caminhou até mim enquanto desabotoava o paletó.

— Maxon, eu sinto tanto — chorei.

Ele tirou o paletó e o pôs sobre mim.

— Foram os guardas que rasgaram sua fantasia? Eles te machucaram?

— Nunca quis ser infiel. Nunca quis te magoar.

Ele levou as mãos ao meu rosto.

— Marlee, me escute. Os guardas bateram em você?

Fiz que não com a cabeça.

— Um deles arrancou as asas quando me empurrou pela porta, mas não fizeram mais nada.

Ele suspirou, claramente aliviado. Que homem bom era ele: ainda preocupado com meu bem-estar mesmo depois de ter descoberto o que Carter e eu fizemos.

— Eu sinto tanto — sussurrei de novo.

As mãos de Maxon desceram até meus ombros:

— Estou começando a entender como é inútil lutar contra uma paixão. Jamais culparia você por isso.

Encarei seus olhos ternos e falei:

— Tentamos nos segurar. Juro que tentamos. Mas eu amo Carter. Eu me casaria com ele amanhã mesmo… se não fôssemos estar mortos até lá.

Baixei a cabeça e comecei a soluçar incontrolavelmente. Queria agir mais como uma dama nessa situação, aceitar o castigo com nobreza. Mas parecia tão injusto. Era como se estivessem me tirando todas as coisas antes mesmo de elas serem minhas de verdade.

Maxon começou a acariciar delicadamente as minhas costas.

— Você não vai morrer.

Encarei-o sem acreditar.

— O quê?

— Você não foi condenada à morte.

Deixei escapar um suspiro aliviado e o abracei.

— Obrigada! Muito obrigada! É mais do que merecemos!

— Pare! Pare! — ele insistiu, chacoalhando meus braços.

Recuei, envergonhada por ter quebrado o protocolo depois de tudo que já tinha feito.

— Você não foi condenada à morte — ele repetiu —, mas ainda terá que ser punida. — Ele fez uma pausa, olhou para o chão e balançou a cabeça. — Sinto muito, Marlee, mas vocês dois serão

açoitados em público amanhã de manhã.

Ele parecia ter dificuldade para sustentar meu olhar; se eu não soubesse quem ele era, teria pensado que conhecia a dor à nossa espera.

— Sinto muito — ele repetiu. — Tentei evitar isso, mas meu pai insiste que o palácio precisa manter as aparências. E como o vídeo de vocês dois juntos já circulou, não há nada que eu possa fazer para convencê-lo a mudar de ideia.

Limpei a garganta.

— Quantos golpes?

— Quinze. Acho que o plano é fazer Carter sofrer bem mais do que você, mas mesmo assim a dor vai ser absurda. Sei que às vezes as pessoas até desmaiam. Sinto muito, muito mesmo, Marlee.

Ele parecia decepcionado consigo mesmo. E eu só conseguia pensar no quanto ele era bom.

Endireitei o corpo, na tentativa de mostrar a ele que eu era capaz de lidar com a situação.

— Você vem aqui com a oferta de poupar minha vida e a vida do homem que eu amo, e ainda pede desculpas? Maxon, nunca tive tanto a agradecer.

— Vão rebaixar vocês dois a Oito — ele disse. — Todo mundo vai assistir.

— Mas Carter e eu ficaremos juntos, certo?

Ele confirmou com a cabeça.

— Então o que mais posso pedir? Eu aceito ser açoitada por isso. Eu aceitaria ser açoitada no lugar dele também se isso fosse possível.

Maxon abriu um sorriso triste.

— Carter literalmente pediu para ser açoitado no seu lugar.

Também sorri. E mais lágrimas — lágrimas mais felizes — me encheram os olhos.

— Não me surpreende.

Maxon balançou a cabeça de novo.

— Quando acho que estou começando a entender um pouco o que significa amar, vejo vocês dois, um pedindo para que o outro seja poupado. Então me pergunto se realmente entendo alguma coisa.

Apertei um pouco mais o paletó ao meu redor.

— Você entende. Sei que entende. — Encarei bem seus olhos. — Já ela… Talvez precise de um tempo.

Ele riu baixo.

— Ela vai sentir sua falta. Ela costumava me incentivar a ir atrás de você.

— Só uma amiga de verdade abriria mão de ser princesa pela outra. Mas eu não nasci para você nem para a coroa. Já encontrei o meu amor.

— Ela me disse algo uma vez — ele falou devagar — que jamais vou esquecer. Ela disse: “o amor verdadeiro é geralmente o mais inconveniente”.

Corri os olhos pela cela e concordei.

— Ela estava certa.

Permanecemos em silêncio por mais uns instantes até que falei de novo:

— Estou com medo.

Ele me abraçou.

— Vai acabar rápido. O pior será a prévia do açoite, mas pense em outra coisa enquanto eles estiverem falando. E depois vou tentar arranjar para vocês os melhores remédios, os que são reservados a mim, para que vocês sarem depressa. — Comecei a chorar. Sentia medo e gratidão e

mil outras coisas. — Por ora, você precisa dormir o máximo que puder. Falei para Carter descansar também. Vai ajudar.

Concordei com a cabeça no ombro dele, e Maxon me apertou com mais força.

— O que ele disse? — perguntei. — Ele está bem?

— Ele levou uma surra, mas está melhor agora. Me pediu para dizer que te ama e que você precisa fazer tudo o que eu falar.

Suspirei, reconfortada por aquelas palavras.

— Tenho uma dívida eterna com você.

Maxon não respondeu. Apenas manteve o abraço até eu me acalmar. Depois, me beijou na testa e virou para sair.

— Adeus — sussurrei.

Ele sorriu para mim e deu duas batidas na porta. Um guarda apareceu para acompanhá-lo.

Voltei a encostar na parede e encolhi as pernas por baixo do vestido, improvisando o paletó de Maxon como cobertor. Me deixei ser levada de volta às minhas lembranças…

*

Jada passava hidratante no meu corpo, um ritual que eu amava cada vez mais. Embora ainda fosse cedo — tínhamos acabado de jantar — e eu não estivesse com o menor sono, o deslizar daquelas mãos hábeis pelos meus braços indicava que o dia tinha chegado ao fim e que eu podia relaxar.

Aquele dia tinha sido especialmente cansativo. Além de um roxo no quadril — que teoricamente deveria estar com uma bolsa de gelo em cima —, o Jornal Oficial *fora bem estressante. Nos apresentaram de verdade para o público, e Gavril perguntou a todas o que achávamos do príncipe, o que nos fazia sentir saudade de casa e como ia nosso relacionamento com as outras. Respondi com uma voz que mais parecia um piado de passarinho. Apesar das minhas tentativas de manter a calma, minha voz subia uma oitava a cada resposta, tamanha era minha ansiedade. Com certeza Silvia teria algo a comentar sobre isso.*

Claro que não pude deixar de me comparar com as outras. Tiny não se saiu muito bem, então pelo menos não fui a pior das piores. Mas era difícil dizer quem tinha ido melhor. Bariel ficou tão à vontade diante da câmera; Kriss também. Não me surpreenderia se as duas chegassem à *Elite.*

America também estava maravilhosa. Isso não deveria ter me surpreendido, mas agora me dei conta de que nunca tive amigas de casta inferior. Me senti tão esnobe por isso. America era minha confidente mais íntima desde que chegamos ao palácio. E se eu não era capaz de figurar entre as concorrentes mais fortes, a presença dela no topo me deixava animada.

Claro que eu sabia que qualquer uma seria melhor para Maxon do que Celeste. Eu ainda era incapaz de acreditar que ela tinha rasgado o vestido de America. E saber que ainda por cima ela escapara ilesa era desanimador. Eu não conseguia imaginar ninguém contando a Maxon o que Celeste tinha feito, o que a deixava livre para continuar a nos torturar. Entendia que ela quisesse ganhar — caramba, todas nós queríamos —, mas ela ia longe demais. Eu não a suportava.

Felizmente, os dedos ágeis de Jada tiravam toda a tensão do meu pescoço, e a figura de Celeste começou a se apagar, assim como minha voz estridente e a postura incômoda e a lista de preocupações que acompanhava os esforços para me tornar princesa.

Quando uma batida soou na porta, tive esperança de que fosse Maxon, apesar de saber que isso não tinha fundamento. Talvez fosse America, e então poderíamos tomar um chá na minha sacada ou dar um passeio nos jardins.

Mas quando Nina atendeu a porta, deu com um guarda — aquele que eu tinha conhecido mais cedo — parado no corredor. Ele lançou um olhar por cima de Nina, sem se incomodar com o protocolo.

— Senhorita Marlee! Vim ver como está!

Ele parecia tão animado com a visita que não consegui segurar o riso.

— Entre, por favor — convidei, interrompendo meu momento de vaidade e levantando. — Sente. Posso pedir para as criadas nos servirem um pouco de chá.

Ele negou com a cabeça.

— Não quero tomar seu tempo. Só queria ter certeza de que você não ficou aleijada com aquele tombo.

Pensei que estivesse com as mãos para trás para manter o mínimo de formalidade, mas na verdade ele estava escondendo um buquê de flores, que me entregou fazendo graça, com um gesto pomposo.

— Oun! — exclamei, aproximando o buquê do rosto. — Obrigada!

— Não foi nada. Sou amigo de um dos jardineiros, e ele arrumou as flores pra mim.

Nina se aproximou discretamente.

— Quer que eu arrume um vaso, senhorita?

— Por favor — respondi, entregando as flores. — Para a sua informação — eu disse, voltando a olhar para o guarda —, estou muito bem. Um pequeno roxo, mas nada sério. E aprendi uma valiosa lição sobre salto alto.

— Que botas são infinitamente melhores?

Ri de novo.

— Claro. Tenho planos de adicionar muito mais botas ao meu guarda-roupa.

— Você será a única responsável pelo novo rumo na moda do palácio! E, quando isso acontecer, poderei dizer que te conheci.

Ele riu da própria piada e nós dois continuamos ali, sorrindo um para o outro. Tive a sensação de que ele não queria ir embora… e então percebi que eu também não queria que ele fosse. O sorriso dele era tão terno, e fazia tempo que eu não ficava tão à vontade com alguém.

Infelizmente, ele se deu conta de que seria estranho permanecer no meu quarto e fez uma reverência rápida.

— Acho melhor ir embora. Meu turno é longo amanhã.

— De certa forma, o meu também — respondi com um suspiro.

Ele sorriu.

— Espero que se sinta melhor. Tenho certeza de que vou te ver por aí.

— Eu também. E obrigado por ser tão prestativo hoje, soldado… — olhei para o distintivo antes de completar: — Woodwork.

— Sempre às ordens, senhorita Marlee.

Ele fez outra reverência e, em seguida, retirou-se para o corredor.

Shea fechou a porta com delicadeza quando ele saiu.

— Que cavalheiro. Vir aqui para ver como a senhorita está — comentou.

— Pois é — Jada concordou. — Os soldados nem sempre acertam, mas esse lote parece bom.

— Esse soldado com certeza é bom — eu disse. — Preciso falar dele para o príncipe Maxon. Talvez o soldado Woodwork mereça uma recompensa por sua gentileza.

Fui para a cama mesmo sem estar cansada. Durante as horas de sono, o número de criadas caía de três para uma, e esse era o máximo de solidão que eu podia ter. Nina trouxe um vaso azul que ficava lindo com as flores amarelas.

— Coloque aqui, por favor — pedi, e ela o pôs bem ao lado da minha cama.

Fiquei olhando as flores, e um sorriso se insinuava em meus lábios. Eu sabia que jamais falaria com o príncipe Maxon sobre o soldado Woodwork, apesar de ter acabado de dizer que o faria. Não sabia bem por quê, mas tinha certeza de que o guardaria pra mim.

O rangido da porta se abrindo me fez acordar sobressaltada. Levantei na hora e puxei o paletó de Maxon para cima dos ombros.

Um guarda entrou sem nem se dar ao trabalho de me encarar nos olhos.

— Estenda as mãos.

Estava tão acostumada com todos acrescentando "senhorita" às frases que demorei um segundo para responder quando ele falou comigo desse jeito. Por sorte, esse guarda não parecia a fim de castigar minha lentidão. Estiquei os braços na frente do corpo e ele os algemou com correntes pesadas. Quando soltou o peso das correntes, meu corpo até pendeu um pouco para a frente.

— Ande — ele ordenou, e eu o segui pelo corredor.

Carter já estava lá, com uma aparência péssima. As roupas dele estavam ainda mais imundas do que as minhas, e ele parecia ter dificuldade para manter o corpo ereto. No instante em que me viu, porém, seu rosto se acendeu num sorriso que lembrava fogos de artifício, fazendo uma ferida em seu lábio reabrir e começar a sangrar. Consegui abrir o menor dos sorrisos antes que os guardas começassem a nos conduzir rumo à escadaria ao final do corredor.

Com base nas nossas fugas para os abrigos, eu sabia que o palácio tinha mais passagens secretas do que qualquer um poderia supor. Na noite anterior fomos levados para as celas através de uma porta que eu sempre tinha pensado ser um armário de toalhas. Seguíamos agora pelo mesmo caminho para o primeiro andar.

Quando terminamos de subir, o guarda que nos conduzia vociferou:

— Esperem.

Carter e eu ficamos atrás da porta entreaberta, à espera de sermos escoltados para a nossa dolorosa e humilhante punição.

— Sinto muito — ele murmurou.

Levantei os olhos para ele, e mesmo com o lábio ensanguentado e o cabelo desgrenhado, só conseguia enxergar o garoto que insistiu em me levar para a ala hospitalar, o garoto que me trouxe flores.

— Eu não sinto — repliquei com a voz mais firme possível.

Num instante, todos os momentos roubados que compartilhamos me passaram pela cabeça. Vi todas as vezes em que nossos olhares se encontraram e desviaram logo em seguida; todas as vezes em que fiz questão de ficar parada num cômodo quando sabia que ele estava por perto; cada piscada sua quando eu entrava na sala de jantar; cada riso baixo que eu deixava escapar ao passar por ele no

corredor.

Tínhamos construído um relacionamento no meio de todas as nossas obrigações no palácio, e se naquele momento eu estivesse caminhando para a minha morte, me esforçaria ao máximo para aceitar a situação e me dar por satisfeita. Eu tinha encontrado minha alma gêmea. Eu sabia disso. E havia muito amor no meu coração para que sobrasse espaço para o arrependimento.

— Vamos ficar bem, Marlee — Carter prometeu. — Não importa o que aconteça daqui para a frente, vou cuidar de você.

— E eu vou cuidar de você.

Carter se inclinou para me beijar, mas os guardas o detiveram.

— Basta! — um deles gritou conosco.

Finalmente a porta se abriu por inteiro, e Carter foi empurrado para fora antes de mim.

O sol da manhã entrava pelas portas da frente e inundava o palácio, e precisei olhar para o chão para conseguir aguentar. Por mais desnorteante que fosse a luz, os gritos ensurdecedores da multidão à espera de assistir o espetáculo eram piores. Quando irrompemos do lado de fora, ergui a cabeça, apertei os olhos e pude avistar uma área com assentos especiais ao meu lado. Doeu no coração ver America e May bem na fileira da frente. Depois de o guarda me dar um empurrão e quase me derrubar, levantei o olhar mais uma vez à procura dos meus pais, rezando para que eles já tivessem partido.

Minhas preces não foram atendidas.

Eu sabia que Maxon era bondoso demais para fazer isso. Se ele tinha tentado evitar que eu recebesse qualquer punição, não poderia ter sido ideia dele fazer minha mãe e meu pai assistirem tudo ao vivo. Não queria ceder nenhum espaço do meu coração para a raiva, mas eu sabia quem era o responsável por isso, e uma brasa de ódio pelo rei começou a arder dentro de mim.

De repente, arrancaram o paletó de Maxon dos meus ombros e me botaram de joelhos diante de um bloco de madeira. Removeram as correntes de metal e amarraram tiras de couro nos meus punhos.

— É um crime para pena de morte! — alguém anunciou. — Mas, em sua misericórdia, o príncipe Maxon poupará a vida destes dois traidores. Vida longa ao príncipe Maxon!

As tiras nos punhos tornavam tudo muito real. O medo tomou conta de mim e comecei a chorar. Olhei para minhas mãos delicadas, para lembrar delas como eram naquele instante, desejando que pudesse usá-las para secar as lágrimas. Então me voltei para Carter.

Embora a estrutura a que ele estava amarrado dificultasse, ele esticou o pescoço para poder me ver. Foquei nele. Eu não estava só. Tínhamos um ao outro. A dor era temporária, mas eu teria Carter para sempre. Meu amor, para sempre.

Ainda que eu pudesse sentir o corpo tremer de medo, também sentia um orgulho estranho. Não que algum dia fosse me gabar de ser açoitada por amor, mas me dei conta de que algumas pessoas jamais saberiam como é especial ter alguém. Eu sabia. Eu tinha uma alma gêmea. E faria qualquer coisa por ele.

— Eu te amo, Marlee — Carter gritou sobre o ruído da multidão. — Vamos ficar bem, eu prometo.

Minha garganta estava seca. Não consegui responder. Acenei com a cabeça, para que ele soubesse que eu tinha ouvido, mas fiquei decepcionada comigo mesma por ser incapaz de dizer que também o amava.

— Marlee Tames e Carter Woodwork! — Virei em direção ao som de nossos nomes. — Vocês dois estão destituídos de suas castas. São os mais inferiores dos inferiores. São Oito!

O povo comemorou, divertindo-se com nossa humilhação.

— E para infligir em ambos a vergonha e a dor que trouxeram à Sua Majestade, vocês serão açoitados com quinze golpes. Que suas cicatrizes lhes recordem dos seus muitos pecados!

O homem deu um passo para o lado e ergueu os braços para ser ovacionado uma última vez. Observei os mascarados que tinham amarrado Carter e eu se aproximarem de um balde fundo e puxarem varas longas e encharcadas. Os discursos tinham chegado ao fim, e o show estava prestes a começar.

Dentre as diversas coisas que poderia ter pensado, naquele exato instante lembrei de uma aula de história de anos atrás. Nosso tutor comentou que diziam que antigamente os maridos tinham autorização para bater nas mulheres, mas apenas se usassem uma vara que não fosse mais espessa do que seu polegar.

A vara que estávamos prestes a encarar não passaria nesse teste.

Desviei o olhar quando eles começaram a agitar as varas, se preparando. Carter respirou fundo algumas vezes, depois engoliu em seco e voltou a focar em mim. De novo, meu coração se encheu de amor. Os açoites seriam bem piores para ele. Talvez saísse dali sem conseguir nem andar, mas se preocupava comigo.

— Um!

Não estava nem um pouco preparada para o golpe e gritei com o impacto. Depois, a dor diminuiu por um instante, e pensei que talvez não seria tão ruim. Então, do nada, minha pele começou a arder. A ardência aumentou e aumentou até…

— Dois!

Eles marcavam com precisão o intervalo entre os golpes. Assim que a dor atingia o pico, eles a renovavam. Comecei a gritar pateticamente enquanto observava as mãos tremerem de agonia.

— Vamos ficar bem! — Carter insistiu, aguentando a própria tortura para amenizar a minha.

— Três!

Depois desse golpe, cometi o erro de fechar as mãos, pensando que isso diminuiria a dor. Muito pelo contrário: a pressão a deixou dez vezes pior, e soltei um som estranho e gutural.

— Quatro!

Aquilo era sangue?

— Cinco!

Era sangue com certeza.

— Vai acabar logo — Carter prometeu. Soava tão fraco. Eu queria que ele poupasse suas energias.

— Seis!

Não dava. Eu não aguentava mais. Não havia como tolerar mais dor do que aquilo. Mais dor seria morte na certa.

— Amo… você.

Esperei o próximo golpe vir, mas parecia ter havido um descompasso na sessão.

Ouvi alguém gritar meu nome; quase parecia que iam me salvar. Tentei olhar para os lados, o que foi um erro.

— Sete!

Gritei no ato. Apesar de a espera pelos golpes ser quase insuportável, ser pega de surpresa por eles era ainda pior. Minhas mãos tinham sido rasgadas; eram agora uma massa inchada de carne viva. E quando a vara desceu de novo, meu corpo desistiu, e felizmente o mundo ficou escuro e pude voltar

aos meus sonhos do passado…

Os corredores davam uma sensação de vazio tão grande. Agora que restavam apenas seis de nós, o palácio começava a parecer grande demais. Como a rainha Amberly vivia assim? Devia ser uma vida muito isolada. Às vezes me dava vontade de gritar só para ouvir alguma coisa.

Uma gargalhada melodiosa me chegou aos ouvidos, e quando virei na sua direção dei com America e Maxon no jardim. Ele estava com as mãos para trás enquanto ela caminhava de costas, agitando os braços no ar como se contasse uma história. Quando ela concluiu, exagerando os gestos, Maxon inclinou o corpo para a frente e fechou os olhos de tanto rir. A impressão era de que ele mantinha as mãos para trás porque se não se segurasse acabaria tomando minha amiga nos braços ali mesmo, naquele instante. Maxon aparentemente sabia que tal atitude seria botar o carro na frente dos bois, que America poderia se assustar. Eu admirava a paciência dele e me alegrava em ver que avançava rumo à melhor escolha que poderia fazer para si mesmo.

Talvez eu não devesse ficar tão alegre em perder, mas não conseguia evitar. Os dois eram bons demais juntos. Ele oferecia controle ao caos dela; ela, leveza à seriedade dele.

Continuei a assistir à cena, enquanto pensava que pouco tempo antes nós duas estivemos naquele mesmo lugar, e quase lhe confessei um segredo meu. Mas segurei a língua. Confusa como estava, sabia que não podia dizer nada.

— Lindo dia.

Quase dei um pulo ao ouvir isso, mas assim que meu cérebro reconheceu a voz dele, deu início a uma série de outras reações. Corei, meu coração disparou, e me senti uma completa boba por ficar tão contente em vê-lo.

Ele abriu um sorriso travesso que me fez derreter.

— É mesmo — eu disse. — Como você está?

— Tudo bem — ele respondeu, mas com um sorriso menor e a testa franzida.

— O que houve? — perguntei baixinho.

Ele engoliu em seco, pensativo. Depois, olhou ao redor para conferir se estávamos a sós e aproximou o rosto do meu.

— Há algum horário em que todas as criadas saem do quarto? — sussurrou. — Em que eu possa ir conversar com você?

Que vergonha do barulho alto que meu coração fazia diante da ideia de ficar a sós com ele.

— Sim. Elas saem para almoçar juntas mais ou menos à uma.

— Vejo você um pouco depois da uma, então.

Ele se retirou, com um sorriso que ainda parecia triste. Talvez eu devesse ter me preocupado mais, me interessado mais em saber o que o afligia. Mas só conseguia pensar em como estava feliz porque o veria de novo em breve.

Voltei a olhar através da janela e a observar America com Maxon. Eles passaram a caminhar lado a lado. Na mão dela, uma flor, que ela carregava sem cuidado, balançando para a frente e para trás. Maxon ensaiou tirar a mão das costas e passar pelo ombro dela, mas logo fez uma pausa e a pôs de novo atrás de si.

Suspirei. Eles perceberiam cedo ou tarde. E eu não sabia se queria ou não que isso acontecesse. Não estava pronta para deixar o palácio. Ainda não.

Mal toquei no almoço. Estava ansiosa demais. E apesar de não ter chegado aos exageros que fazia por Maxon algumas semanas antes, me peguei olhando meu reflexo em qualquer superfície que eu passava para conferir se estava tudo no lugar.

Não estava. Os olhos dessa Marlee eram maiores, e sua pele brilhava mais. Até a postura estava diferente. Eu estava diferente.

Pensei que a ausência das criadas me ajudaria a relaxar, mas isso só me deixou mais ansiosa. O que ele precisava dizer? Por que precisava dizer a mim? Era sobre mim?

Esperei com a porta aberta, o que foi uma tolice, porque tive certeza de que ele me observou andar em círculos por um tempo antes de limpar a garganta.

— Soldado Woodwork — eu disse, um pouco animada demais, de novo com voz de passarinho.

— Olá, senhorita Marlee. Agora é um momento bom? — ele perguntou antes de entrar com passos incertos.

— Sim. As criadas acabaram de sair e só voltam daqui a uma hora mais ou menos. Por favor, sente — convidei com a mão estendida para a mesa.

— Acho melhor não, senhorita. Tenho a sensação de que preciso falar rápido e sair.

— Ah.

Eu tinha alimentado uma espécie de esperança frágil em torno do encontro, por mais idiota que isso fosse, e agora… Bom, não sabia o que esperar.

Percebi o tamanho do desconforto dele e me senti mal. Não conseguia suportar a ideia de que eu contribuía com isso de alguma maneira.

— Soldado Woodwork — comecei em tom baixo. — Pode me dizer o que quiser. Não precisa ficar tão nervoso.

Ele respirou fundo.

— Viu? É esse tipo de coisa.

— O quê?

Ele balançou a cabeça e recomeçou:

— Isso não é justo. Não te culpo por nada. Na verdade, queria vir aqui e assumir isso e pedir perdão.

Franzi a testa.

— Ainda não entendi.

Ele mordeu o lábio, me observando.

— Acho que te devo desculpas. Desde que te conheci, passei a mudar meu trajeto na esperança de te ver de passagem no corredor ou de te dar um oi.

Tentei esconder o sorriso. Eu fazia a mesma coisa.

— Nossas conversas estão entre os melhores momentos que tive no palácio. Ouvir sua risada, ou escutar você falar do seu dia, ou comentar com você algum assunto que talvez nenhum de nós entenda direito, enfim… adoro isso tudo.

Os lábios dele se curvaram naquele sorriso travesso, e ri baixo ao pensar naquelas conversas. Eram sempre curtas demais ou cochichadas demais. Não havia ninguém com quem eu gostasse de falar mais do que com ele.

— Também adoro — admiti.

O sorriso dele vacilou.

— Acho que é por isso que precisamos parar.

Será que alguém realmente tinha me dado um soco no estômago, ou eu estava imaginando coisas?

— Acho que estou ultrapassando o limite. Minha intenção sempre foi ser simpático com você, mas quanto mais te vejo, mais tenho a sensação de que preciso esconder alguma coisa. E se preciso esconder, é porque estou ficando próximo demais de você.

Pisquei para não chorar. Eu tinha feito a mesma coisa desde o primeiro dia, dizendo a mim que não era nada mesmo sabendo que era.

— Você é dele — o soldado continuou, agora com os olhos baixos. — Sei que você é a favorita do povo. Claro que é. A família real com certeza vai levar isso em conta antes de o príncipe fazer sua escolha final. Será que continuar cochichando com você nos corredores é um ato de traição? Deve ser.

Ele balançou a cabeça mais uma vez na tentativa de ordenar os sentimentos.

— Você tem razão — sussurrei. — Vim pra cá por causa dele e prometi ser fiel. Se existe entre nós algo que pode ser considerado mais do que platônico, temos que cortar.

Ambos ficamos parados, com os olhos fixos no chão. Eu estava com dificuldade de respirar. Claramente, minha esperança era de que a conversa tivesse ido na direção oposta, mas só tive consciência plena disso quando ela não foi.

— Não devia doer tanto — murmurei.

— Não, não devia — concordou ele.

Baixei a cabeça e comecei a esfregar a palma da mão num lugar do peito que me doía. Levantei o olhar de repente e vi Carter fazendo exatamente a mesma coisa.

Nesse momento tive certeza. Certeza de que ele sentia seja lá o que eu sentia. Talvez não devesse ter acontecido, mas como negar agora? E se Maxon me escolhesse mesmo? Seria obrigada a dizer que sim? E se eu ficasse presa ali, casada com um homem enquanto observava a pessoa que eu queria de verdade circulando pela minha casa todos os dias?

Não.

Eu não ia fazer isso comigo mesma.

Deixando de lado todos meus conceitos de como uma dama deveria se comportar, corri para fechar a porta. Então voei até Carter, pus a mão atrás do seu pescoço e o beijei.

Ele hesitou por uma fração de segundo antes de me envolver em seus braços e me abraçar como se a vida dele dependesse disso.

Quando nos afastamos, ele balançou a cabeça e maldisse a si mesmo:

— Perdi essa guerra. Sem chance de retirada agora.

Mas embora as suas palavras estivessem cheias de remorso, o sorrisinho no seu rosto denunciava que ele estava tão feliz quanto eu.

— Não posso ficar sem você, Carter — eu disse, usando pela primeira vez o nome que ele me revelara recentemente.

— Isso é perigoso. Você compreende, não é? Nós dois podemos acabar mortos.

Fechei os olhos e fiz que sim com a cabeça enquanto lágrimas desciam pelo meu rosto. Viver com ou sem o amor dele: *para mim, as duas opções significavam flertar com a morte.*

*

Acordei ao som de gemidos. Por um segundo, não sabia onde estava. Então tudo desabou de novo sobre mim. A festa de Halloween. O açoite. Carter…

O cômodo era mal iluminado. Olhando ao redor, vi que o espaço era suficiente apenas para os leitos em que eu e ele nos esparramávamos. Tentei me apoiar para levantar e soltei um grito agudo na hora. Me perguntei por quanto tempo minhas mãos ficariam inúteis.

— Marlee?

Me virei para Carter, me erguendo sobre os cotovelos:

— Estou aqui. Estou bem. Tentei usar as mãos.

— Ah, querida, sinto muito — a voz dele soava como se ele tivesse pedras na garganta.

— Como você está?

— Vivo — ele brincou. Estava deitado de barriga para baixo, mas dava para ver o sorriso em seu rosto. — Dói só de mexer.

— Quer ajuda?

Levantei devagar e o contemplei. Ele estava coberto com um lençol da cintura pra baixo, e eu não fazia ideia do que podia fazer para aliviar sua dor. Vi uma mesa no canto do quarto com frascos e bandagens em cima, além de um pedaço de papel, e me arrastei até ela.

Ele não tinha assinado, mas eu conhecia a caligrafia de Maxon.

Quando vocês acordarem, troquem os curativos. Usem a pomada no frasco. Apliquem com algodão para evitar infecções e tentem não apertar demais as gazes. Os comprimidos também vão ajudar. Depois descansem. Não tentem sair do quarto.

— Carter, tem remédios para nós.

Com cuidado, desrosqueei a tampa usando apenas a ponta dos dedos. O cheiro da substância levemente espessa lembrava ervas.

— O quê? — ele perguntou virando o rosto para mim.

— Também temos gazes e um guia de instruções.

Olhei as minhas mãos cheias de bandagens e tentei pensar em como ia me virar com aquilo.

— Eu ajudo você — Carter se ofereceu como se lesse a minha mente.

Abri um sorriso.

— Vai ser difícil.

— Com certeza — ele murmurou. — Não foi bem assim que imaginei a primeira vez que você me veria pelado.

Não consegui conter a risada que saiu da minha boca. E me apaixonei de novo. Em menos de um dia, tinha sido espancada e rebaixada a Oito, e agora esperava um exílio para sabe-se lá onde. Ainda assim, eu ria.

Que princesa poderia ter mais que isso?

Era impossível medir quanto tempo tinha passado, mas não tentamos chamar ninguém ou bater na porta.

— Imagina para onde vão nos mandar? — Carter perguntou.

Eu estava no chão, ao lado dele, correndo a ponta dos dedos pelo seu cabelo curto.

— Se pudesse escolher, preferiria um lugar quente em vez de frio.

— Também tenho a impressão de que vai ser um desses dois extremos.

Suspirei.

— Estou com medo de não ter casa.

— Não fique. Posso estar um pouco inútil no momento, mas consigo cuidar da gente. Até sei como construir um iglu se formos parar num lugar frio.

Achei graça.

— Sabe mesmo?

Ele confirmou com a cabeça.

— Vou construir o iglu mais lindo, Marlee. Todo mundo vai ficar com inveja.

Dei vários beijos na cabeça dele.

— Você não é inútil, aliás. Não é que…

Um som veio da tranca da porta, que se abriu em seguida. Três pessoas entraram cobertas com capuzes e capas marrons. Senti uma pontada de medo.

Então a primeira pessoa tirou o capuz e se revelou. Arfei surpresa e levantei com um pulo para abraçar Maxon, esquecendo de novo dos machucados e gemendo de dor.

— Vai passar — Maxon prometeu enquanto eu recolhia as mãos. — Leva uns dias para tudo voltar ao normal, mas, Carter, até você vai voltar a andar sozinho logo. Vai sarar mais rápido que a maioria das pessoas.

Maxon se voltou para as outras duas figuras encapuzadas.

— Estes são Juan Diego e Abril. Trabalhavam no palácio até hoje. Agora vocês vão trocar de lugar com eles. Marlee, se quiser ir com Abril para o canto, os cavalheiros e eu desviaremos o olhar enquanto vocês trocam de roupa. Aqui — ele disse ao me entregar uma capa parecida com a dela. — Isto vai lhes dar um pouco de privacidade.

Olhei para o rosto tímido de Abril.

— Claro.

Fomos para um canto, ela tirou a saia e me ajudou a vesti-la. E eu tirei o vestido e o entreguei a ela.

— Carter, vamos ter que colocar sua calça de volta. Vamos ajudar você a levantar.

Mantive o rosto virado para o lado enquanto tentava não ficar tensa com os sons que Carter emitia.

— Obrigada — sussurrei a Abril.

— Foi ideia do príncipe — ela explicou baixinho. — Ele deve ter passado o dia inteiro examinando os registros à procura de alguém que tivesse vindo do Panamá quando descobriu para onde vocês iriam. Nós nos vendemos como funcionários ao palácio para sustentar nossa família. Hoje vamos voltar pra casa.

— Panamá. Estávamos curiosos para saber onde iríamos parar.

— Seria uma grande crueldade o rei mandar vocês para lá depois de tudo — ela murmurou.

— Como assim?

Abril lançou um olhar por cima do ombro para o príncipe, para ter certeza de que ele não nos escutava.

— Cresci como Seis lá, e já não foi bom. Os Oito? São mortos por diversão de vez em quando.

Abri a boca, incapaz de acreditar.

— O quê?

— De meses em meses a gente encontrava morto, no meio da rua, alguém que tinha passado um tempão pedindo esmola. Ninguém sabe quem faz isso. Outros Oito talvez? Os Dois e Três ricos? Rebeldes? Mas acontece. Vocês dois tinham muitas chances de morrer.

— Agora segure meu braço — Maxon instruiu, e me virei para ver Carter inclinado contra o príncipe, já com um capuz na cabeça.

— Muito bem. Abril, Juan Diego, os guardas vão vir para este quarto. Usem as gazes e caminhem como se estivessem feridos. Acho que o plano deles é simplesmente botar vocês num ônibus e despachar os dois. Apenas mantenham a cabeça baixa. Teoricamente, vocês são Oito. Ninguém vai ligar.

— Obrigado, Alteza — Juan Diego disse. — Nunca pensei que veríamos nossa mãe de novo.

— Sou *eu* que agradeço — Maxon emendou. — A disposição de vocês para deixar o palácio salvou a vida deles. Não esquecerei o que vocês fizeram por eles.

Olhei Abril uma última vez.

— Muito bem — Maxon disse ao pôr de novo o capuz. — Vamos.

Com Carter mancando e apoiado em Maxon, o príncipe nos conduziu para o corredor.

— As pessoas não vão desconfiar? — perguntei aos sussurros.

— Não — Maxon respondeu enquanto conferia o caminho a cada esquina. — Funcionários de nível mais baixo, como faxineiros e ajudantes de cozinha, não podem aparecer no andar de cima. Quando é absolutamente necessário que eles subam as escadas, se cobrem deste jeito. Qualquer um que nos vir vai pensar que terminamos uma tarefa e estamos voltando para o quarto.

Maxon nos conduziu por uma longa escadaria que terminava num corredor estreito com uma fileira de portas.

— Aqui — ele chamou.

Acompanhamos o príncipe porta adentro. No pequeno cômodo, uma cama estava encaixada em um dos cantos, com um minúsculo criado-mudo ao lado. Parecia que uma garrafa de leite e uns pães nos esperavam, e minha barriga roncou só de ver comida. Um tapete fino estendia-se bem no meio do piso, e havia algumas prateleiras na parede onde ficava a porta.

— Sei que não é muito, mas vocês estarão seguros aqui. Sinto não poder fazer mais.

Carter balançou a cabeça.

— Como você pode nos pedir desculpas? Era para nossa vida ter acabado algumas horas atrás; mas estamos vivos, juntos e temos um lar. — Maxon e ele trocaram um olhar. — Sei que o que fiz foi tecnicamente uma traição, mas não tinha nada a ver com falta de respeito por você.

— Eu sei.

— Ótimo. Então quando digo que ninguém neste reino será mais leal a você do que eu, espero que acredite.

Carter contraiu o corpo de dor e se desequilibrou sobre o príncipe.

— Vamos pôr você na cama.

Ajudei a apoiar o outro ombro de Carter e, junto com Maxon, o deitamos de bruços. Ele ocupou a maior parte da cama, então eu teria que dormir aquela noite no tapete.

— Uma enfermeira virá ver como vocês estão de manhã — Maxon explicou. — Podem tirar uns

dias de descanso, mas precisam passar o máximo de tempo possível aqui dentro. Cuidarei para que o nome de vocês apareça na escala de trabalho oficial daqui a três ou quatro dias, e então alguém da cozinha lhes dará algo para fazer. Não sei exatamente qual será o trabalho, mas deem o seu melhor naquilo que pedirem. Tentarei ver como vocês estão sempre que puder. Por ora, ninguém saberá que estão aqui. Nem os guardas, nem a Elite, nem mesmo suas famílias. Vocês vão interagir com um grupo pequeno de funcionários do palácio, e as chances de eles reconhecerem vocês são mínimas. Ainda assim, daqui em diante seus nomes serão Mallory e Carson. Esta é a única forma que tenho de proteger vocês.

Levantei o olhar para ele e pensei que, se pudesse escolher um marido para minha melhor amiga, seria ele.

— Você fez tanto por nós. Obrigada.

— Gostaria de ter feito mais. Vou tentar recuperar alguns objetos pessoais, se conseguir. Além disso, há algo mais que eu possa fazer por vocês? Se for razoável, prometo tentar.

— Uma coisa — Carter disse com a voz cansada. — Quando puder, pode encontrar um sacerdote para nós?

Precisei de um segundo para compreender a intenção por trás daquele pedido, e no instante em que compreendi, meus olhos se encheram de lágrimas de felicidade.

— Perdão — ele acrescentou. — Sei que não é o mais romântico dos pedidos de casamento…

— Eu sei, mas é um pedido mesmo assim — balbuciei.

Observei os olhos dele marejarem. Por uns momentos, até esqueci que Maxon estava no quarto.

— Será um prazer. Não sei quanto tempo vai levar, mas vou dar um jeito. — Ele sacou do bolso os remédios do andar de cima e os deixou ao lado da comida. — Usem a pomada de novo hoje à noite e descansem o máximo que puderem. A enfermeira cuidará do resto amanhã.

Concordei com a cabeça.

— Vou tomar conta de nós dois.

Com um sorriso, Maxon se retirou do quarto.

— Quer comida, noivo? — perguntei.

Carter abriu um sorriso largo.

— Ah, obrigado, noiva, mas na verdade estou meio cansado.

— Tudo bem, noivo. Por que você não dorme um pouco?

— Eu dormiria melhor se minha noiva estivesse comigo.

E então, esquecendo da fome, me enfiei naquela cama minúscula. Metade do meu corpo pendia da beirada, enquanto a outra metade estava esmagada sob Carter. Mas o sono me veio com uma facilidade impressionante.



PARTE II

EU CONTRAÍA AS MÃOS O TEMPO TODO. Finalmente sararam, mas às vezes, depois de um dia longo, minhas palmas inchavam e latejavam. Naquela noite, até meu pequeno anel apertava. Encontrei a parte que estava arrebentando e fiz uma nota mental para pedir a Carter um novo no dia seguinte. Tinha perdido a conta de quantas alianças de barbante já tínhamos usado, mas ter aquele símbolo na mão significava muito pra mim.

Peguei a pá de novo e tirei a farinha que caíra na mesa para jogar no lixo. Enquanto isso, outros funcionários da cozinha esfregavam o chão ou guardavam os ingredientes. Tudo já estava preparado para o café da manhã, e logo poderíamos dormir.

Respirei fundo quando duas mãos envolveram minha cintura.

— Olá, esposa — Carter disse ao beijar minha bochecha. — Ainda trabalhando?

Ele tinha o cheiro de seu trabalho: grama cortada e luz do sol. Eu tinha certeza de que ficaria preso nos estábulos — onde estaria longe dos olhos do rei —, assim como eu estava enterrada na cozinha. Em vez disso, Carter andava por aí com dezenas de outros zeladores, escondido à vista de todos. Ele voltava para dentro à noite com a vida lá fora grudada no corpo, e por um momento eu tinha a sensação de também ter estado ao ar livre.

— Quase acabando — respondi com um suspiro. — Vou para a cama quando arrumar aqui.

Ele roçou o nariz no meu pescoço.

— Não seja perfeccionista. Posso massagear suas mãos se quiser.

— Seria perfeito — falei baixinho.

Eu ainda amava minhas massagens no fim do dia — talvez ainda mais agora que era Carter quem as fazia —, mas quando o expediente terminava bem depois da hora de dormir, geralmente passava sem esse luxo.

Às vezes, meu pensamento se apegava às lembranças dos meus dias de antes. Como era bom ser adorada, ser o orgulho da minha família, como eu me sentia bonita. Era difícil passar de ser servida o tempo todo para a que serve o tempo todo; ainda assim, eu sabia que as coisas poderiam ser piores, bem piores.

Tentei manter o sorriso no rosto, mas o olhar dele foi além.

— O que houve, Marlee? Você tem andado cabisbaixa ultimamente — ele cochichou sem me soltar.

— Sinto muita falta dos meus pais, especialmente agora que o Natal está tão perto. Não paro de pensar em como estão. Se estou triste deste jeito sem eles, como eles se viram sem mim? — Apertei os lábios, como se assim pudesse espremer toda a preocupação. — E sei que é bobeira ligar pra isso, mas não vamos poder trocar presentes. O que eu poderia dar a você? Um pedaço de pão?

— Eu adoraria um pedaço de pão!

Achei graça desse entusiasmo.

— Mas eu nem poderia usar minha própria farinha para fazer um pão pra você. Teria que roubar.

Ele me beijou na bochecha.

— Verdade. Além disso, da última vez que roubei alguma coisa, era bem grande, e recebi mais do

que merecia, e já estou feliz com o que tenho.

— Você não me roubou. Não sou uma chaleira.

— Humm — ele ficou pensando. — Talvez você é que tenha me roubado. Porque lembro com clareza que um dia pertenci a mim mesmo, mas agora sou todo seu.

Sorri.

— Eu te amo.

— Também te amo. Não se preocupe. Sei que é um período difícil, mas não é pra sempre. E temos muito pelo que agradecer este ano.

— Temos. Desculpe por estar tão desanimada hoje. Só me sinto…

— Mallory!

Virei ao ouvir chamarem meu novo nome.

— Onde está Mallory? — um guarda perguntou ao entrar na cozinha. Estava com uma garota que eu jamais tinha visto.

Engoli em seco antes de responder.

— Aqui.

— Por favor, venha.

Havia urgência na voz dele, mas o "por favor" me deixou menos assustada. A cada dia eu me preocupava mais com a possibilidade de alguém contar ao rei que Carter e eu vivíamos na casa dele em segredo. Eu sabia que, se isso acontecesse, o açoite pareceria mais um prêmio do que um castigo.

Beijei a bochecha de Carter e disse:

— Já volto.

A garota agarrou minha mão quando passei por ela.

— Obrigada. Vou esperar você aqui.

Franzi a testa, confusa.

— Tudo bem.

— Contamos com a sua mais absoluta discrição — o guarda disse enquanto me conduzia pelo corredor.

— Claro — respondi, ainda sem entender.

Entramos na ala dos soldados, o que me deixou ainda mais confusa. Uma pessoa da minha condição não tinha permissão para frequentar essa parte do palácio. Todas as portas estavam fechadas, exceto uma, guardada por outro soldado com rosto calmo, mas olhar preocupado.

— Apenas faça o melhor que puder — alguém disse dentro do quarto. Eu conhecia aquela voz.

Cheguei perto da porta e contemplei a cena. America deitada numa cama com o braço sangrando enquanto sua criada principal, Anne, examinava a ferida sob olhares do príncipe e de dois guardas.

Anne, sem tirar os olhos da ferida, gritava ordens para os guardas:

— Alguém traga água fervente. A bolsa de primeiros socorros deve ter antisséptico, mas quero água também.

— Eu pego — ofereci.

O rosto de America se animou e nossos olhares se encontraram.

— Marlee.

Ela começou a chorar, e percebi que estava perdendo a batalha contra a dor.

— Já volto, America. Aguente firme!

Corri para a cozinha e peguei umas toalhas no armário. Ainda bem que já havia água fervente numa

chaleira; despejei um pouco num jarro.

— Cimmy, você vai precisar encher a chaleira de novo — avisei com pressa e saí rápido demais para que ela reclamasse.

Em seguida fui atrás de bebida. As melhores garrafas ficavam guardadas perto do rei, mas às vezes usávamos conhaque nas receitas. Eu já era mestra em fazer costeletas de porco com conhaque, frango ao molho de conhaque e um creme batido com conhaque para a sobremesa. Peguei uma garrafa na esperança de que fosse ajudar.

Eu entendia um pouco de dor.

Ao voltar, encontrei Anne passando um fio por uma agulha enquanto America tentava controlar a respiração. Deixei a água e as toalhas atrás de Anne e fui até a cama com a garrafa.

— É para a dor — expliquei ao levantar a cabeça de America para ajudá-la a beber. Ela tentou engolir, mas acabou tossindo mais do que bebendo. — Tente de novo.

Sentei ao seu lado, longe do braço ferido, e mais uma vez levei o gargalo aos lábios dela. Ela tomou mais dessa vez. Depois de engolir, levantou os olhos para mim e disse:

— Estou tão feliz por você estar aqui.

Eu estava com o coração partido de vê-la com tanto medo, ainda que ela já estivesse a salvo. Não sabia o que tinha acontecido, mas ia fazer o máximo para melhorar as coisas.

— Sempre estarei ao seu lado, America. Você sabe disso. — Abri um sorriso e tirei uma mecha do cabelo dela que estava sobre a testa. — Que diabos vocês estavam fazendo?

Deu para notar a hesitação nos olhos dela.

— Parecia uma boa ideia — foi o que respondeu.

Inclinei a cabeça para o lado.

— America, sua cabeça está cheia de más ideias. Ótimas intenções, péssimas ideias — falei, tentando segurar o riso.

Ela apertou os lábios, como que para dizer que sabia bem do que eu falava.

— Essas paredes abafam bem o som? — Anne perguntou aos guardas. Aquele devia ser o quarto deles.

— Muito bem — um deles respondeu. — Não escuto muita coisa neste canto do palácio.

Anne acenou com a cabeça.

— Ótimo. Pois bem, todos para o corredor. Senhorita Marlee — ela continuou. Fazia tanto tempo que ninguém além de Carter me chamava pelo meu verdadeiro nome que senti vontade de chorar. Não tinha noção do quanto meu nome significava para mim —, preciso de mais espaço, mas você pode ficar.

— Não vou atrapalhar, Anne — prometi.

Os rapazes se retiraram para o corredor e Anne assumiu o controle. Ao vê-la conversar com America e se preparar para dar os pontos, não pude deixar de ficar impressionada com tanta calma. Eu sempre gostara das criadas de America, especialmente de Lucy, que era muito, muito doce. Mas aquela situação me fez enxergar Anne de um jeito completamente novo. Era uma pena que alguém tão capaz de lidar com uma crise não pudesse ser mais do que uma criada.

Anne finalmente começou a limpar a ferida, que eu ainda era incapaz de identificar. America gritava com a toalha na boca. Embora odiasse fazer isso, eu sabia que precisava imobilizá-la para que ela ficasse quieta. Subi em cima dela e concentrei toda a minha energia em manter seu braço esticado.

— Obrigada — Anne murmurou ao tirar um pequeno fragmento negro com a pinça.

O que era aquilo? Sujeira? Asfalto? Ainda bem que Anne era cuidadosa. Só o ar já bastaria para deixar America com uma infecção horrível, mas Anne claramente não deixaria isso acontecer.

America gritou de novo e tentei acalmá-la:

— Vai acabar logo, America — falei, pensando nas palavras que Maxon me dissera antes do açoite e nas palavras de Carter durante o castigo. — Pense em algo feliz. Pense em sua família.

Pude notar que ela tentava, mas era evidente que não estava funcionando. A dor era demais. Então lhe dei mais conhaque, um gole atrás do outro até Anne terminar.

Quando tudo acabou, comecei a me perguntar se America sequer se lembraria do que tinha acontecido. Depois que Anne cobriu a ferida com gazes, nós duas recuamos e assistimos America cantar uma canção natalina infantil enquanto traçava com o dedo desenhos imaginários na parede.

Anne e eu achamos graça de seus gestos desajeitados.

— Alguém sabe pelo menos onde os cachorrinhos *estão*? — America perguntou. — Por que estão tão longe?

Cobrimos a boca, rindo a ponto de chorar. O perigo tinha passado, America havia sido bem cuidada e agora só pensava na emergência dos cachorrinhos em sua cabeça.

— Talvez seja melhor guardarmos isso para nós — Anne sugeriu.

— Sim, também acho — suspirei. — O que você acha que aconteceu com ela?

Anne ficou tensa.

— Sou incapaz de arriscar um palpite sobre o que estavam fazendo, mas posso afirmar com certeza que aquela era uma ferida de bala.

— Bala? — perguntei, espantada.

Anne confirmou.

— Uns centímetros mais para a esquerda e ela podia ter morrido.

Baixei o olhar para America, que tinha passado a cutucar as bochechas com os dedos, aparentemente só pra saber qual era a sensação.

— Que bom que ela está bem agora.

— Mesmo se ela não fosse minha patroa, acho que ainda gostaria que se tornasse princesa. Não sei o que teria feito se a perdêssemos — Anne falou, não só como criada, mas como súdita. Eu sabia exatamente o que ela queria dizer.

Concordei com a cabeça.

— Estou feliz por ela ter podido contar com você esta noite. Vou chamar os rapazes para que a levem ao quarto. — Agachei ao lado de America. — Ei, estou indo agora. Mas tente não se arrebentar de novo, certo?

Ela fez que sim com a cabeça lentamente.

— Sim, senhora.

Com certeza ela não se lembraria disso.

O guarda que tinha me chamado estava agora de pé no fim do corredor, de vigia. O outro estava sentado no chão bem ao lado da porta, mexendo os dedos de nervosismo enquanto Maxon caminhava em círculos.

— E então? — o príncipe perguntou.

— Ela está melhor. Anne cuidou de tudo, e America está… Bom, ela tomou bastante conhaque, então está meio fora de si. — A letra da música de Natal que ela tinha cantado ecoou na minha

cabeça e deixei escapar uma risadinha. — Podem entrar agora.

O guarda no chão se levantou como um raio, e Maxon seguiu logo atrás dele. Fiquei com vontade de parar os dois e perguntar algumas coisas, mas talvez não fosse o momento.

Caminhei a passos cansados para o quarto, destruída depois de passada a adrenalina. Ao me aproximar, vi Carter sentado no corredor em frente à porta.

— Ah! Você não precisava me esperar — eu disse baixinho, na tentativa de não incomodar ninguém.

— Eu a coloquei na nossa cama — ele disse. — Por isso decidi esperar aqui fora.

— Você colocou quem na nossa cama?

— A menina da cozinha. Aquela que estava com o guarda.

— Ah, certo. — Sentei ao seu lado. — O que ela queria comigo?

— Parece que você vai treiná-la. O nome dela é Paige, e de acordo com a história que ela acabou de me contar, esta noite foi *bem* interessante.

— Como assim?

Ele baixou ainda mais a voz:

— Ela era prostituta. Disse que America a encontrou e a trouxe para cá. Então o príncipe e America estiveram fora do palácio esta noite. Você faz alguma ideia do motivo?

Neguei com a cabeça.

— Só sei que acabei de ajudar Anne a costurar o ferimento a bala de America.

A expressão chocada de Carter era reflexo da minha.

— O que eles fizeram para se arriscar tanto?

— Não sei — respondi com um bocejo. — Mas tenho a sensação de que foi por uma boa causa.

Embora topar com prostitutas e tiroteios não parecesse muito saudável, havia uma coisa que eu sabia sobre Maxon: ele sempre lutava para fazer o que era certo.

— Vamos — Carter disse. — Você pode dormir ao lado de Paige. Eu durmo no chão.

— Sem chance. Para onde você for, eu vou — rebati. Eu precisava estar ao lado dele naquela noite. Tanta coisa passava pela minha cabeça, e ele era meu único porto seguro.

Lembrei de achar uma tolice da parte de America ficar brava com Maxon por causa do meu açoite, mas agora fazia sentido. Apesar de todo o respeito que eu tinha por ele, não conseguia evitar sentir um pouco de raiva por ele ter deixado America se machucar. Pela primeira vez, fui capaz de ver meu castigo pelos olhos dela. Nesse momento, tomei consciência de quanto a amava, e de quanto ela devia me amar. Se America sentiu metade da preocupação que eu tive com ela, era mais do que suficiente.

Uma semana e meia tinha se passado, e nada parecia ter voltado ao normal ainda. Em todo lugar que eu ia, as conversas ainda giravam em torno do ataque. Fui uma das poucas pessoas com sorte. Enquanto muitos foram assassinados cruelmente por todo o palácio, Carter e eu nos refugiamos com segurança no nosso quarto. Ele estava do lado de fora cuidando dos jardins quando ouviu os tiros, e assim que percebeu o que se passava, disparou para a cozinha, me buscou, e ambos corremos para o quarto. Ajudei-o a empurrar a cama contra a porta, e depois deitamos em cima dela para fazer mais peso.

Enquanto as horas passavam, eu tremia em seus braços, apavorada de pensar que os rebeldes

poderiam nos encontrar e imaginando se havia alguma chance de eles terem piedade de nós. Não parava de perguntar a Carter se não deveríamos tentar fugir do palácio, mas ele insistia que era mais seguro ficar onde estávamos.

— Você não viu o que vi, Marlee. Acho que não conseguiríamos.

Então esperamos, atentos aos sons dos inimigos e aliviados quando os amigos finalmente passaram pelo corredor batendo nas portas. Era estranho pensar que, quando entrei naquele quarto, o rei era Clarkson, mas quando saí, era Maxon.

Eu ainda não era nascida da última vez em que a coroa fora entregue a um novo rei. Agora parecia uma mudança natural para o país. Talvez porque eu sempre seguira Maxon com alegria em qualquer situação. E, claro, o trabalho que cabia a Carter e a mim no palácio não diminuiu, de modo que não havia muito tempo para pensar no novo governante.

Eu estava preparando o almoço quando um guarda chegou à cozinha e me chamou pelo meu novo nome. Na última vez em que isso tinha acontecido, America estava sangrando, então logo fiquei preocupada. E eu não sabia bem o que significava o fato de Carter, coberto de suor pelo trabalho no jardim, já estar acompanhando o guarda.

— Você sabe do que se trata? — cochichei para Carter enquanto o guarda nos conduzia escada acima.

— Não. Não acho que estamos encrencados, mas a formalidade de uma escolta é… desconcertante.

Enlacei a mão na dele. A minha aliança ficou um pouco torcida por causa disso e o nó se aninhou entre os dedos.

O guarda nos levou até a Sala do Trono, geralmente reservada para a recepção de convidados ou cerimônias especiais relacionadas à coroa. Maxon estava sentado no fundo da sala, com a coroa na cabeça. Parecia tão sábio. Meu coração se encheu de orgulho ao ver America sentada no trono menor ao lado do novo rei. Ainda não havia coroa para ela — só depois do casamento —, mas ela usava uma tiara no cabelo que parecia um sol brilhante, e já tinha ar de rainha.

Ao lado, conselheiros sentados a uma mesa reviam pilhas de papéis e não paravam de tomar notas.

Acompanhamos o guarda ao longo do tapete azul. Ele parou bem em frente ao rei Maxon, curvou-se e deu um passo para o lado, deixando Carter e eu diante dos tronos.

Carter abaixou a cabeça depressa.

— Majestade.

Eu o acompanhei com uma reverência.

— Carter e Marlee Woodwork — ele começou com um sorriso. Meu coração queria explodir ao ouvir meu nome completo e verdadeiro de casada. — À luz dos seus serviços à coroa, eu, seu rei, tomo a liberdade de desfazer os castigos infligidos a vocês no passado.

Carter e eu nos entreolhamos, sem saber ao certo o que isso significava.

— Evidentemente, o castigo físico não pode ser mudado, mas as outras condenações podem. É verdade que vocês dois foram rebaixados à casta Oito?

Era bizarro ouvi-lo falar assim, mas suponho que existiam regras a serem seguidas. Carter respondeu por nós dois:

— Sim, Majestade.

— E também é verdade que vocês têm morado no palácio, realizando o trabalho de Seis pelos últimos dois meses?

— Sim, Majestade.

— Também é verdade que você, Marlee Woodwork, serviu à futura rainha quando esta estava fisicamente debilitada?

Sorri para America.

— Sim, Majestade.

— É também verdade, Carter Woodwork, que você tem amado e cuidado de sua esposa, uma ex-Elite e, portanto, uma valiosa filha de Illéa, dando a ela o melhor que poderia ter nessas circunstâncias?

Carter baixou o olhar. Era como se eu pudesse ler seus pensamentos, imaginando se tinha me dado o bastante.

Respondi de novo:

— Sim, Majestade!

Reparei que meu marido piscou para segurar as lágrimas. Tinha sido ele a me dizer que aquela vida não duraria para sempre; era ele quem me animava quando os dias eram longos demais. Como podia pensar que não fazia o bastante?

— Em retribuição aos seus serviços, eu, rei Maxon Schreave, dispenso ambos de suas castas. Vocês já não são mais Oito. Carter e Marlee Woodwork, vocês são os primeiros cidadãos de Illéa a não terem casta.

Estreitei os olhos.

— Não temos castas, Majestade?

Arrisquei um olhar para America e vi seu rosto radiante voltado para mim, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Exato. Vocês agora têm a liberdade de escolher duas coisas. Primeira: devem decidir se gostariam de continuar a chamar o palácio de lar. Segunda: podem me dizer a profissão que gostariam de ter. Não importa a decisão: minha noiva e eu ficaremos contentes em lhes fornecer casa e apoio. Mas, mesmo depois disso, vocês não terão casta. Serão apenas vocês mesmos.

Virei para Carter, completamente atônita.

— O que você acha? — ele perguntou.

— Devemos tudo a ele.

— De acordo. — Carter endireitou o corpo e se voltou para Maxon. — Majestade, minha esposa e eu ficaríamos felizes em permanecer na sua casa e servi-lo. Não posso falar por ela, mas amo meu cargo de zelador. Sou feliz por trabalhar ao ar livre e pretendo continuar enquanto for capaz. Se algum dia o posto de zelador principal estiver disponível, eu gostaria de ser levado em conta para ocupá-lo, mas de resto estou contente.

Maxon fez que sim com a cabeça.

— Muito bem. E você, Marlee Woodwork?

Olhei para America.

— Se a futura rainha me aceitar, adoraria ser uma de suas damas de companhia.

America dançou um pouco no assento e levou as mãos ao coração.

Maxon a olhou como se ela fosse a coisa mais linda do planeta.

— Talvez dê para perceber que era para isso que ela torcia. — O novo rei limpou a garganta e se endireitou no trono, dirigindo-se aos homens à mesa. — Registre-se que Carter e Marlee Woodwork foram perdoados dos seus crimes passados e que agora vivem sob a proteção do palácio. Diga-se ainda que ambos não têm casta e estão acima de qualquer segregação.

— Está registrado! — um homem gritou em resposta.

Assim que terminou de falar, Maxon levantou e tirou a coroa, enquanto America simplesmente pulou do assento e correu para me abraçar.

— Eu estava torcendo para que você ficasse — ela falou quase cantando. — Não posso seguir em frente sem você!

— É brincadeira, não é? Eu tenho muita sorte de servir a rainha.

Maxon se juntou a nós e apertou firme a mão de Carter.

— Tem certeza de que quer continuar como zelador? Você pode voltar a ser guarda e até um conselheiro, se quiser.

— Tenho certeza. Nunca tive cabeça para esse tipo de coisa. Sempre fui bom com as mãos, e esse tipo de trabalho me faz feliz.

— Muito bem — Maxon disse. — Avise se um dia mudar de ideia.

Carter fez que sim com a cabeça enquanto me envolvia com o braço.

— Ah! — America exclamou para logo voltar ao trono aos pulinhos. — Quase esqueci!

Ela pegou uma caixinha e voltou radiante para perto de nós.

— O que é isso? — perguntei.

Ela sorriu para Maxon.

— Prometi que estaria no seu casamento e não cumpri. E apesar de ser um pouco tarde, pensei que poderia compensar com um presentinho.

America estendeu a caixa para nós, e mordi o lábio de ansiedade. Todas as coisas que sonhara para o meu casamento — um vestido lindo, uma festa fantástica, um quarto cheio de flores — ficaram faltando. A única coisa que tive no dia foi um noivo absolutamente perfeito, e estava tão feliz que deixei todo o resto de lado.

Mesmo assim, era bom receber um presente. Tornava tudo mais real.

Abri a caixa e, lá dentro, encontrei duas simples e belas alianças de ouro.

Levei a mão à boca.

— America!

— Tentamos ao máximo acertar o tamanho — Maxon disse. — E se vocês preferirem outro metal, ficaremos felizes em trocar.

— Acho os anéis de barbante uma graça — America disse. — Espero que guardem esses que estão usando agora para sempre. Mas achamos que mereciam algo um pouco mais permanente.

Olhei para as joias, incapaz de crer que eram reais. Era engraçado: duas coisas tão pequenas e de valor incalculável. Eu estava prestes a chorar de felicidade.

Carter tirou os anéis da minha mão, entregou a Maxon e pegou o menor da caixa.



— Vamos ver como fica — ele disse antes de tirar com cuidado o barbante do meu dedo e o segurar enquanto deslizava a aliança de ouro no lugar.

— Um pouco folgada — eu disse, brincando com ela. — Mas perfeita.

Empolgada, peguei o anel de Carter, que já tirava o velho barbante para guardar junto com o meu. A aliança dele serviu perfeitamente. Coloquei a mão sobre a dele e apertei os dedos.

— É demais! — eu disse. — É muita coisa boa para um dia só.

America veio por trás de mim e me envolveu em seus braços.

— Tenho a sensação de que muitas coisas boas estão por vir.

Eu a abracei enquanto Carter foi apertar novamente a mão de Maxon.

— Estou tão feliz em ter você de volta — cochichei.

— Eu também.

— E você vai precisar de alguém para te impedir de passar dos limites — provoquei.

— Você está de brincadeira? Preciso de um exército inteiro para me impedir de passar dos limites.

Comecei a rir.

— Nunca serei capaz de te agradecer o bastante. Você sabe, não é? Sempre estarei ao seu lado.

— Então isso já é agradecimento suficiente.





CENAS DE CELESTE



A CHEGADA

— SÓ MAIS ALGUNS MINUTOS, SENHORITA — o chofer avisou.

Aquela viagem estava demorando uma eternidade. O carro era bacana e tudo, nada do que reclamar quanto a isso, mas eu realmente não suportava a espera. Àquela altura, todas as garotas da Costa Oeste já estavam no palácio ou perto dele. Enquanto isso, eu desperdiçava um tempo precioso seguindo para o aeroporto de Carolina. Por que eu não podia ter partido direto de Clermont? O palácio com certeza tinha dinheiro para pagar voos separados.

Quando entramos na pista para o aeroporto, comecei a juntar minhas coisas; enfiei a escova e as balinhas de volta na bolsa. Quando o carro finalmente parou, conferi o rosto no espelho pela última vez. Esfreguei a pele perto do olho. Aquilo era uma ruga? Não, era só a luz. Ainda assim, se uma sombra era capaz disso, imagine o que mais alguns anos não fariam.

— Senhorita? — o motorista chamou.

Levantei o olhar para ele, ainda me perguntando se eu realmente parecia tão cansada quanto meu reflexo me fazia crer.

— A senhorita se importaria? — ele perguntou ao me estender uma revista aberta na página de um anúncio recente que eu tinha feito para uma coleção de roupas de praia.

Tentei não deixar transparecer meu nojo diante de um homem muito mais velho e gordo basicamente babando em cima de uma foto minha de biquíni. Os sorrisos eram importantes no meu ramo de trabalho, e se eu ia me tornar princesa, precisaria ser adorada por todos. Assim, fiz uma cara simpática ao pegar a revista da mão dele.

— Obrigado. Minha filha é uma grande fã.

— É? — perguntei, aliviada por ser para ela.

— É, ela é linda e estuda esses anúncios mais do que estuda matemática para a escola. Ela quer muito ser modelo.

Estreitei os olhos.

— Mas se você é motorista, ela deve ser uma Seis?

— É — ele confirmou, como se sua condição fosse segredo. Nenhuma era. — Temos esperança de casá-la com alguém de casta mais alta, mas não acho que vamos chegar num Dois. Mas ela cruza os dedos e trabalha duro, caso isso venha a acontecer.

Não perguntei quais eram os planos dele. Às vezes envolviam homens atrás de uma esposa para se exibir. Às vezes envolviam o pagamento de altas somas de dinheiro — embora menos do que a compra de uma nova casta custaria. E, em raras ocasiões, envolviam amor. Achei que não era esse o caso da filha dele, e nem me importava.

— Muito bem, então vou fazer uma dedicatória especial pra ela.

Rabisquei as palavras *Não desista dos seus sonhos!*, tomando cuidado para não cobrir minha imagem, e em seguida assinei meu nome em grande estilo ao pé da página.

— Aqui está — eu disse. — Diga a ela que desejo boa sorte.

— Vou dizer! Muita sorte para a senhorita, também — ele me desejou quando saí do carro.

A sorte ia bem, obrigada, mas eu não precisava dela. Eu tinha um plano.

Baixei os óculos escuros e ajeitei a margarida no cabelo. Era ali que tudo começava para mim: aquela era minha primeira oportunidade de mostrar às outras garotas que elas estavam diante da futura rainha.

Eu conhecia as concorrentes, e era a única Dois relevante na disputa. Algumas das outras talvez fossem mais ricas, mas eu já tinha um público que me adorava, o que a monarquia não podia desprezar. E alguém abaixo de Dois? Bom, só estaria perdendo tempo.

Abri a porta e adentrei o aeroporto com classe. Foi bem fácil reconhecer as outras garotas, que também vestiam calças escuras e camisas brancas, então caminhei em linha reta até elas. Por trás dos óculos escuros pude notar que a chegada impactante já tinha começado a surtir efeito. Ashley, a Três, parecia desolada só pela minha presença, e Marlee, a Quatro, parecia igualmente hipnotizada. Ah, a Cinco também estava lá! America. Eu sabia que ela estaria no meu grupo já que passaríamos por Carolina, mas fiquei surpresa. Ela parecia bem arrumada.

Tive certeza de que seria divertido observá-la. Simplesmente não havia a menor chance de uma caipira como ela passar sequer o primeiro dia sem se humilhar, quer estivesse arrumada ou não.

— Olá — Marlee cumprimentou, hesitante.

Tirei os óculos escuros e a olhei de cima a baixo. Bem bonita, mas o cabelo parecia fino. E se os olhos sempre tivessem esse ar de preocupação, ela estaria fora em uma semana.

— Quando partimos?

— Não sabemos — America respondeu com um tom surpreendentemente afiado para quem fala com uma superior. — Você estava demorando para aparecer.

Dei uma boa olhada nela também. Gostaria de poder dizer que era feia, mas na verdade era até mais bonita ao vivo do que na foto. Também não era uma coitadinha, o que provavelmente a ajudaria na competição. Talvez America fosse me divertir menos do que imaginava.

— Desculpem, mas muita gente queria se despedir de mim — respondi. Com certeza ela tentava lembrar onde tinha visto meu rosto antes. Recordar que eu tinha fãs talvez sacudisse a memória dela. — Não pude evitar.

Ela não pareceu me reconhecer. Bom, paciência.

O piloto apareceu e eu o conquistei no ato. Eu não precisava da aprovação daquelas meninas patéticas, mas com certeza queria ganhar a de todas as outras pessoas.

Embarcamos no avião, e ficou bem óbvio que America nunca tinha voado antes. Eu duvidava até que tivesse carro. Observei Ashley pegar um papel e começar a registrar a experiência, enquanto Marlee fez amizade com America instantaneamente. Por mais luxo que eu tivesse na vida, era difícil competir com um avião particular da realeza, e eu queria fazer inveja a alguém com os assentos de couro e o champanhe delicioso. Havia um telefone ao lado da minha poltrona; eu poderia ligar para alguém. Mas quem? A cabeça de vento da minha mãe? Meu agente? Minha manicure que mal falava inglês?

Não havia ninguém.

Botei a máscara de sono e fingi dormir. Eu estava com a aparência cansada, então o descanso me faria bem.

Fiquei ali deitada, sonhando com a vida no palácio. Eu seria uma princesa espetacular. Quer dizer, se colocassem Maxon e eu lado a lado, formávamos praticamente uma réplica dos pais dele. E que lindos sairíamos nas nossas fotos juntos… Eu já conseguia enxergar isso acontecendo. Na minha

cabeça, eu piscava e lançava um olhar brincalhão para o príncipe por trás de um leque, fazendo com que ele se apaixonasse por mim um pouco mais a cada dia.

— Celeste, por outro lado… — alguém cochichou.

Sem me mover, sintonizei os ouvidos na conversa.

— Eu sei. Só faz uma hora que a conhecemos e eu já estou torcendo para ela voltar para casa.

Reconheci a voz de America, então a risada que veio em seguida devia pertencer a Marlee.

— Não quero falar mal de ninguém, mas ela é tão agressiva! — Sou mesmo. Obrigada por notar. — E Maxon nem está perto. Fico meio tensa por causa dela.

Contive um sorriso, satisfeita comigo mesma. Sentia pena das outras, mas elas simplesmente tinham que ir pra casa. Eu havia nascido para isso. Precisava disso.

— Não fique — America respondeu calmamente. — Esse tipo de garota cai fora da competição naturalmente.

Meu sorriso desapareceu imediatamente. O que ela queria dizer? Eu ia ser a número um entre as competidoras. Linda, famosa, rica… Eu ficaria surpresa se Maxon não me escolhesse para o seu primeiro encontro.

Disse a mim mesma para não me deixar abalar com aquelas meninas. Minha intenção era permanecer indiferente e concentrar todas as energias no príncipe. Mas também comecei a me perguntar se precisava de um plano B… Algo que mantivesse as outras conscientes da própria insignificância. Mantive os olhos encobertos e comecei a tramar.



O BEIJO

DESCI OS LÁBIOS PELO PESCOÇO DE MAXON, desejando que não fosse um esforço. Ele era bem bonito, até divertido de vez em quando. E, céus, ele era o príncipe. Será que isso já não deveria tornar cada segundo emocionante?

Mais do que qualquer outra coisa, eu me sentia apenas cansada. O trabalho que dava ser desse jeito o dia inteiro, todos os dias, era insustentável. Minha esperança era que depois de ganhar pudesse ser eu mesma. Eu era mais suave do que isso, mais discreta do que isso. Mas se baixasse a guarda, tinha a sensação de que tudo estaria acabado.

Com Maxon, eu sempre precisava estar ligada. Tinha que ser charmosa, divertida, sexy, elegante e mil outras qualidades que se esperam das garotas ao mesmo tempo. E embora soubesse que era capaz de ser todas essas coisas, seria bom poder variar e desligar o bom humor para ter um momento de tristeza, ou desplugar a sensualidade e ser fofa.

E quando eu não estava com ele, tinha que estar constantemente atenta por causa das outras garotas. Isso estava ficando mais fácil, já que Marlee tinha eliminado a si mesma e Natalie era muito avoada para representar uma ameaça real. Eu tinha posto tanta pressão em cima de Elise que com certeza ela ia desmoronar a qualquer momento, e America estava com a autoestima baixa desde que o povo se voltou contra ela. A disputa ia se resumir a Kriss e a mim — eu sabia. Ela era o único obstáculo entre mim e a fama eterna.

Enterrei as unhas no cabelo de Maxon e senti um leve calafrio quando os dedos dele escorregaram para a parte de baixo das minhas costas nuas. Não foi uma sensação ruim, mas bem no fundo sentia que alguma coisa estava faltando.

Meu corpo entrou no piloto automático, correndo uma mão pelo peito dele e o provocando com meus lábios enquanto meu cérebro fazia hora extra.

Maxon era um cavalheiro… mas era também um homem. Quantas palavras doces seriam necessárias para tirá-lo daquele corredor e levá-lo para meu quarto? Se calculara bem as coisas — e tinha certeza que sim —, aquela noite poderia me levar à final sem muito mais trabalho. Uma gravidez antes do casamento implicaria necessariamente um fim abrupto da Seleção e um casamento logo em seguida. E eu sabia que ele queria filhos. Afinal, ele falava disso o tempo inteiro. Ele provavelmente nem se importaria.

Enrosquei a perna nele, suspirando. Maxon parecia mais do que alegre quando baixou a boca até meu ouvido:

— Eu nunca tinha beijado alguém deste jeito.

— Mas você parece tão experiente! — provoquei, voltando a me apoiar contra ele.

Eu ia conseguir que ele subisse para o meu quarto, com certeza. Ele estava desesperado por esse tipo de atenção, desesperado para sentir *alguma coisa*. E eu poderia lhe dar isso.

Desci os lábios pelo pescoço dele, e ele inclinou a cabeça para o lado a fim de facilitar o movimento. Dei uma risadinha e mais um beijo enquanto o ouvia suspirar.

Será que eu tinha feito um trabalho tão bom que ele me amava? Ele estava tão feliz ali, tão grato

pelos meus beijos. Devia me amar. A única alternativa era ele estar tão solitário quanto eu, e nessa situação qualquer uma serviria. Mas, de novo: Maxon era um cavalheiro.

De repente o corpo dele virou uma pedra, como se ele tivesse perdido o interesse.

Não, não, não!

Subi a boca e mordisquei a orelha dele, algo de que ele parecia gostar. Beijei o queixo dele, soltando um gemido a cada movimento. Deslizei a mão pelos braços dele e tentei enlaçar os dedos dele nos meus…

Nada deu certo.

Dei um passo para trás e o olhei com doçura.

— Algo errado, querido?

Ele olhava fixamente para a escuridão. Me virei para conferir o que ele tanto observava. Até onde enxerguei, o corredor estava vazio.

— Preciso ir — ele anunciou.

— O quê? Não, espere — supliquei quando ele começou a se mexer. — Planejei uma noite maravilhosa para nós. Tem tanta coisa que eu queria te mostrar.

Maxon fez uma pausa e me encarou, confuso.

— Me mostrar?

— Sim — confirmei, chegando perto e esfregando o nariz na bochecha dele. — No meu quarto.

Recuei para observá-lo. Queria ler o que se passava na mente dele, mas não parecia estar em conflito. Parecia mais que Maxon estava à procura da maneira mais gentil de me dispensar.

— Peço desculpas. Meu comportamento foi inapropriado esta noite, e eu a levei a criar expectativas erradas. Você é uma garota muito bonita — ele disse, sorrindo. — Com certeza sabe disso. Ainda assim, eu não deveria ter… Sinto muito. Boa noite.

Maxon disparou escada acima, subindo dois degraus por vez, antes que eu pudesse pensar em um jeito de seduzi-lo de novo.

O QUE TINHA ACONTECIDO?

Tirei os saltos e me esgueirei pela escadaria. Um pedido de desculpas não era o mesmo que uma explicação, e eu *exigia* uma explicação. Dava para ouvir os passos apressados dele, e o segui pronta para lhe dizer poucas e boas. Ao chegar no segundo andar, me escondi no canto e o observei entrar no último corredor daquela ala. Só restava uma pessoa daquele lado do andar.

Depois de tudo o que tinha acabado de acontecer ele estava correndo para America Singer?

Entrei no meu quarto como um furacão e bati a porta.

— Senhorita? — Veda perguntou.

Joguei um sapato nela, que logo foi seguido pelo outro.

— SAIAM DAQUI! — gritei. — Todas vocês! Fora!

Minhas criadas cobriram a cabeça e correram, tentando escapar antes que qualquer outra coisa pudesse atingi-las.

Rasguei páginas de livros e atirei potes de cosméticos contra a parede. Arranquei os cabelos e os lençóis da cama. Olhei ao redor à procura de coisas para destruir. Nada no quarto era meu de verdade… com exceção dos vestidos. Sentei no chão do closet e comecei a despedaçar chiffon, rendas e cetim. Era boa a sensação de arruiná-los.

Eu precisava de uma tesoura! Deixaria tudo ainda melhor!

Fui até a penteadeira e vasculhei as gavetas atrás da tesoura de cabelo com que Veda aparava

minhas pontas duplas.

E então vi o meu reflexo de relance.

Eu estava coberta de suor, o batom todo borrado dos beijos que dera no escuro em um garoto que não amava. Meu cabelo parecia um ninho de passarinho e meu olhar estava desvairado.

Eu nunca tinha ficado tão feia.

— O que você está fazendo? — sussurrei à garota irreconhecível.

Balancei a cabeça para ela. Não sentia nada além de pena por aquela beleza incrível que se tornara um monstro.

Soltei tudo o que tinha nas mãos de volta na gaveta e fui para o chuveiro. Tirei o vestido microscópico e me arrastei para dentro, deixando a água cair sobre mim enquanto apoiava a cabeça nos azulejos.

Ele foi atrás de America. Ele ficou todo animado comigo e fugiu para ela. Será que ele a prensava contra a parede agora? Será que estava com ela na cama?

Afastei o pensamento. Não importava as intenções de Maxon, America era pura demais para se deixar levar.

Eu não sentia ciúmes. Nem mesmo raiva. Acima de tudo, me sentia suja.

Valia a pena?

Depois de todo esse tempo sob os holofotes, uma vida inteira sendo adorada, eu me recusava a ficar em segundo plano.

Como princesa, como rainha, eu seria lembrada para sempre. Eu precisava disso…

Mas será que valia a pena dormir com alguém de quem nem gostava de verdade só para conseguir isso? Valia a pena ter um bebê que eu nem queria de verdade?

Sentei no chão com a cabeça erguida na direção da água para enxaguar esse pensamento. Talvez eu devesse uma a America por ter me salvado de mim mesma naquela noite. Não que algum dia eu fosse contar isso a ela.

Me enrolei na toalha e voltei para o quarto, chocada com a bagunça que tinha feito. Lembrava de ter feito tudo aquilo, mas não imaginava que tinha sido tão feio.

Primeiro o mais importante. Escovei o cabelo; não podia deixá-lo cheio de nós. Então passei hidratante e procurei um roupão decente.

Em seguida, fui até a campainha e chamei Veda. Me perguntei quanto tempo ela demoraria depois de eu ter jogado um sapato na sua cabeça.

Corri os olhos pelo quarto. Havia uma porção de coisas de que eu mesma podia me encarregar. Refiz a cama e organizei a penteadeira. Quando Veda apareceu, com as mãos no peito de preocupação, eu já tinha feito tudo o que podia.

— Você vai precisar de uma vassoura — avisei enquanto ela contemplava a bagunça. — E… traga outra pra mim.

Ela as trouxe com uma rapidez que eu sequer imaginava possível. Cuidei dos papéis e ela ficou com o pó. Juntei os vestidos arruinados para ela, que pegou também os retalhos do chão.

— Desculpe — murmurei.

Veda arregalou os olhos. Eu nunca tinha me desculpado por nada.

— Não se preocupe, senhorita. Sempre é possível reutilizar os pedaços que sobraram.

Quando meu quarto voltou a parecer normal, me enfiei na cama, mais cansada do que jamais estivera. Não sentia apenas o peso de um dia, mas de semanas.

Eu não podia desistir. Mas também ficava cada vez mais claro que não podia continuar. Não daquele jeito.

O amor não estava em jogo. Eu podia me acostumar com isso. Mas como eu poderia me tornar mais preciosa para Maxon do que alguém que ele amava de verdade? Eu tinha muitas das qualidades valorizadas. Só precisava fazer com que ele enxergasse. Tinha que mostrar a ele que podia ser rainha.



— VOCÊ ACHA QUE ELA VAI VOLTAR? — Elise pensou em voz alta enquanto calçava outro par de sapatos. Achei que aquele par específico tinha sido dado para mim, mas com tantos presentes era difícil controlar. Nós sequer tínhamos nos dado ao trabalho de levá-los da sala que Maxon havia separado para nossa própria comemoração de Natal, apenas ele e a Elite. Quer os sapatos fossem meus ou dela, eu não ia brigar por isso. Esse tipo de coisa era passado.

— Ela vai voltar — insisti. — Ela não é de desistir.

Kriss jogou uma echarpe de pele por cima dos ombros, sinal definitivo de que ela estava para sair do palácio, na minha opinião. Por que Maxon lhe daria *pele* se pensava em mantê-la em Angeles?

— Não acho que se trata de desistir — ela conjecturou. — Tem mais a ver com ser capaz de se reerguer. Vocês viram como ela ficou depois da saída de Marlee, e agora é o pai dela. Eu estaria arrasada.

— Eu também — Elise reconheceu.

— E eu — concordei.

Olhei para aquela pilha de presentes, me perguntando se Maxon me daria uma mala extra para levar tudo aquilo para casa. Com certeza eu partiria a qualquer momento. Se alguém colocasse Elise, Kriss, America e eu lado a lado, eu ainda pareceria de longe a escolha mais óbvia para princesa. Eu admitia que parte de mim ainda se apegava à esperança de conseguir de algum jeito…

Mas eu sabia — talvez até antes que o próprio Maxon — que seria America.

A pouca vaidade que me restava precisava que fosse ela. A ideia de perder para outra pessoa me botava em parafuso. Ela era a única concorrente à minha altura.

America também era, talvez, minha única amiga.

Acho que ela não me chamaria de amiga, não quando tinha suas irmãs e ainda falava de Marlee como se ela estivesse presente. Mas tudo bem. Eu não precisava que ninguém me considerasse uma amiga. Ter uma pessoa para chamar assim já me bastava.

Talvez eu pudesse trabalhar nisso quando voltasse para casa. Algumas daquelas joias abririam muitas portas.

— Vamos fazer uma promessa — Kriss disse. — No ano que vem, não importa onde estejamos, vamos todas trocar cartões de Natal pelo correio.

Abri um sorriso. Eu ia receber cartões no ano seguinte.

— America ia gostar, eu acho — Elise acrescentou. — Seria algo para distraí-la da tristeza que essa época do ano vai trazer.

— Muito bem notado, Elise. É uma promessa — afirmei. Nós duas trocamos um olhar. Era pouco provável que algum dia ela me perdoasse de verdade, mas uma conversa amistosa era um passo enorme, mais do que eu merecia.

— Será que precisamos pedir umas cestas? — Kriss perguntou. — Não faço nem ideia de como começar a levar tudo isso para o quarto.

— Ele é generoso demais — eu disse, com uma sinceridade do fundo do coração. Maxon Schreave

tinha sido bom demais para mim.

— Quem é generoso demais?

Todas nos voltamos ao som da voz de Maxon e nos pusemos de pé.

— Você, claro — Kriss se derreteu. — Ainda estamos explorando as pilhas de presentes.

Ele deu de ombros.

— Fico feliz por terem gostado.

— Tudo muito bem pensado — Elise disse; sua voz soava ainda mais baixa com ele por perto.

Ele sorriu para cada uma de nós e observou uma a uma com um olhar decidido antes de limpar a garganta.

— Elise, Kriss, vocês poderiam por favor voltar para o quarto? Preciso falar a sós com Celeste. Logo vou visitar cada uma de vocês.

Fiquei gelada. Era isso! Tudo tinha chegado ao fim, e ele ia me contar agora. Eu me perguntei se era essa a sensação pouco antes de um desmaio.

— Claro — Kriss fez uma reverência e foi em direção à porta, seguida por uma ansiosa Elise.

Maxon e eu a observamos esgueirar-se para fora, o rosto coberto pelo cabelo negro brilhante como se não a fôssemos notar se não a olhássemos nos olhos. Assim que saiu, soltei uma risadinha, ao passo que Maxon sacudiu a cabeça.

— Acho que eu a deixo nervosa.

Revirei os olhos.

— Tudo a deixa nervosa, mas você com certeza a deixa ainda mais.

Ele estreitou os olhos.

— Mas eu nunca deixei *você* nervosa. Nem no começo.

Abri um sorriso.

— Não sou do tipo que se intimida fácil.

— Eu sei — ele disse, para em seguida dar a volta e sentar no sofá em que eu estava sentada antes. — Sente-se, por favor.

Me juntei a ele e passei a mão pela saia do vestido. Maxon continuou:

— Essa é uma das coisas de que mais gosto em você, na verdade. Admiro sua tenacidade, sua garra para viver. Acho que vai ser bem útil.

— Depois que eu sair do palácio, você quer dizer?

O sorriso dele diminuiu.

— Sim. Depois que você sair do palácio — ele confirmou, balançando a cabeça. — Não dá para esconder nada de você, dá?

Apertei os lábios, me esforçando muito para não chorar. Parte de mim se sentia aliviada, mas a maior parte se sentia destruída.

Eu perdi.

— Eu pretendia explicar tudo antes de dizer isso. Ainda posso explicar se você quiser.

Ouvir uma lista dos meus defeitos em voz alta? Não, obrigada.

— Tudo bem — respondi com a voz mais animada que consegui produzir. — Espere, então é Kriss? Quer dizer, America está fora, e você já percebeu como Elise é frágil.

Maxon endireitou o corpo.

— Não tenho a liberdade de fazer comentários sobre a possível vencedora. Mas America está voltando ao palácio.

— Está? — perguntei, quase sem ar. Fiquei entusiasmada. Porque eu sabia que o retorno dela era um sinal de sua vitória. Se ele não a quisesse, não seria cruel a ponto de fazê-la voltar ao palácio só para ser rejeitada.

— Sim, ela deve chegar amanhã.

— Será… Será que preciso sair agora, ou posso ficar para vê-la?

Notei um brilho de confusão nos olhos dele. Embora eu tivesse lidado com Elise de formas mais diretas, meu método para derrubar America consistia em alfinetá-la sutilmente na frente de Maxon. Bom, talvez nem sempre sutilmente. Sem dúvida minha empolgação para vê-la novamente era uma surpresa para ele.

Ele se inclinou para a frente no sofá e pôs a mão no meu joelho.

— Você não vai partir ainda. Convidei todas as Selecionadas para voltarem para uma última comemoração.

Levei a mão à boca, chocada e encantada. Eu devia tantas desculpas que jamais pensara que teria a oportunidade de pedir. Sem saber, Maxon foi bom demais para mim uma última vez.

— Todas vão estar aqui para uma reunião mais pessoal, e depois teremos um banquete e o anúncio final.

Segurei as mãos dele, com lágrimas transbordando dos olhos.

— Queria sentar aqui e dizer que teria sido boa para você. Queria dizer que teria sido tão fiel, tão orgulhosa… — Dei de ombros. — A verdade é que eu seria boa para mim mesma. Não sei se sou capaz de amar alguém, não do jeito que você a ama.

Mesmo sem mencionar o nome de America, pude enxergar como o brilho de seus olhos mudou ao pensar nela.

— Acho que você é capaz — ele disse. — Talvez não *agora* — ele admitiu, com um olhar que me fez rir. — E você nem precisa começar a amar já. Ame a si mesma um pouco mais, até não aguentar mais a vida sem amar alguém.

Concordei com a cabeça.

— Obrigada.

— De nada.

Sequei as lágrimas, cuidando para deixar a maquiagem no lugar.

— Ouça — retomei. — Quando você for contar a Elise, seja o mais delicado possível. Ela… Eu não sei o que ela vai fazer.

Ele franziu a testa.

— Ela é a próxima que vou ver. A conversa com Kriss vai ser alegre, e eu sabia que você era durona demais para ser abalada pela notícia. Mas estou preocupado com Elise.

— Talvez se você levar uma bebidinha…

— Pode até ser — ele disse, rindo, para depois me encarar e perguntar: — Você está bem?

— Por incrível que pareça… estou. É meio bom que acabou. E estou feliz pela… outra pessoa.

— Acho que o futuro reserva grandes coisas para você.

— Talvez. Olha, não vamos arrastar isso. Eu estou bem, sério. E você tem que falar com as outras ainda.

Maxon suspirou.

— Tenho. — Chegando mais perto, me deu um último beijo no rosto. — Nunca vou esquecer sua garra e entusiasmo. Mal posso esperar para ver o que vai fazer daqui para a frente.

Com essas palavras, ele se afastou e me lançou o mais breve dos olhares antes de sair do salão.

Me reclinei de novo no sofá, frustrada e agradecida ao mesmo tempo. America tinha me dito que eu não precisava de um homem para conseguir o que queria, e estava certa. Maxon me dissera para amar a mim mesma mais um pouco, e foi um bom conselho.

Eu sairia dali mais forte, mais digna. Eu estava entre as quatro finalistas da Elite. Não era pouco. E eu ainda era jovem, bonita, ambiciosa. Havia mais à minha espera.

Me endireitei no sofá e corri os olhos pelo salão. Elise, na sua pressa de escapar, deixara os sapatos dourados no chão. Abaixei e os experimentei.

Serviram perfeitamente. Não importava o que ela tinha pensado, eu lembrava de ter aberto a caixa com aqueles sapatos dentro, e eles eram meus com certeza. Levantei e caminhei até o quarto com eles nos pés.

Eram os sapatos perfeitos para os primeiros passos de uma nova vida, uma vida que ia começar quando America se tornasse a noiva de Maxon e eu deixasse o palácio.

Pela primeira vez, não me preocupei em parecer bonita ou não. Me sentia linda.





A CRIADA

— POR QUE VOCÊ NÃO ME DISSE? — sussurrei para Aspen; mal se ouviam as palavras por conta do ruído do avião.

De repente, ele tinha se tornado inalcançável de novo. Eu era capaz de listar as idades e manias de cada um dos irmãos dele, contar a história por trás da longa cicatriz em seu braço e explicar em detalhes a saudade enorme que ele sentia do pai. Mas agora que eu sabia a verdade, tudo isso parecia falso. Apesar das três semanas de conversas intermináveis e beijos escondidos, era quase como se eu não o conhecesse.

Eu mexia na costura do uniforme, nervosa. Depois de todos os vestidos lindos que tinha usado na casa dos Singer — e até das roupas antigas da senhorita America —, os trajes de trabalho pareciam ásperos demais. Sempre bem passados, sempre engomados, sem folga para brincar, dançar ou sequer dar um abraço. Apenas mais uma jaula.

— Eu estava com medo de colocá-la numa situação embaraçosa.

Dava para notar que havia mais coisas que ele queria dizer. Ele costumava ser tão confiante. Essa era uma das muitas características que me atraíram nele, e também uma das nossas diferenças mais marcantes. No geral, eu achava que éramos parecidos. Dedicados quase até demais; o tipo de gente que os outros subestimam porque demoramos para organizar os pensamentos; o tipo de gente que mantém algumas partes de si escondidas nas sombras. Mas ele tinha confiança. Era determinado. Assumia riscos. Eu queria ser tão corajosa quanto ele.

Tão corajosa quanto a senhorita America.

O primeiro amor dele?

Arrisquei uma espiada no rosto dele e consegui notar sua frustração.

— Me apaixonar por você era a última coisa que eu esperava que fosse acontecer — ele disse. — E eu já perdi alguém especial para mim uma vez.

Passei os olhos pelo corredor do avião. Só consegui enxergar um pedaço do cabelo da senhorita, que o enrolava nos dedos, preocupada.

Especial para mim.

Voltei a encará-lo. Ele continuou:

— Achei que você não ia querer ficar comigo se soubesse que a última garota de quem gostei é a mesma que você veste toda manhã.

As lágrimas despontaram em meus olhos, mas lutei contra elas. Eu as tinha segurado tantas vezes nos últimos tempos. E graças a Aspen.

— Eu te contei tudo — balbuciei, ainda contendo a dor. — Foi terrível dizer o quanto já estive perto da felicidade, o quanto me sentia arrasada no palácio, o quanto gostar de você arruinou minha relação com Anne e Mary.

— Elas não têm nada a ver com a gente — ele rebateu rápido.

— Elas têm tudo a ver com a gente. E ela também — acrescentei, apontando com a cabeça na direção da senhorita America. — Assim como sua família, o príncipe e o meu pai. Porque vivemos

com eles, Aspen. Não dá para ter um relacionamento numa bolha. Ele não sobrevive.

Aspen piscou algumas vezes, como se minhas palavras tivessem atingido um dos cantos mais distantes do seu coração. E então balançou a cabeça.

— Você tem razão. E é por isso que precisa saber: não importa o quanto eu tenha desejado que desse certo, aquele relacionamento não ia durar. Ele nunca viu a luz do dia.

— Nem o nosso — suspirei, me negando a desviar o olhar.

Nós dois tínhamos que assumir a responsabilidade pelo que éramos e por tudo o que havíamos construído — e pela rapidez com que isso desmoronava.

— Pensei que era melhor assim. No começo, pelo menos. Mas não quero que continue desse jeito.

Eu estava tão cansada de desculpas. Elas pareciam chover de toda parte. *Você não pode se apaixonar por causa da sua casta. Não pode ficar com a sua mãe porque ela está doente. Não pode se sentir segura porque nem o palácio é suficiente para proteger você.* Um motivo bobo atrás do outro, formando um muro entre mim e uma vida com qualquer tipo de alegria.

— O que eu posso fazer, Lucy? — ele implorou baixinho. — Diga o que você quer.

Virei para ele.

— A verdade.

Aspen se endireitou na cadeira como que se preparando. Eu não sabia se existia alguma pergunta que ele tivesse medo de escutar, mas comecei com aquela que eu tinha mais medo de fazer:

— Você ainda a ama?

Ele começou a negar com a cabeça quase que na mesma hora, mas eu o detive:

— Não me diga o que você acha que eu quero ouvir. Não tente me proteger. Conte tudo…

Um guarda levantou a cabeça por cima do assento algumas fileiras atrás, o que me fez ficar em silêncio de novo, olhando para Aspen e esperando.

Ele engoliu em seco.

— Acho que parte de mim sempre vai amá-la. Não consigo me livrar do impulso de lutar por ela, de salvá-la. Não sei se é um amor romântico, mas sei que está aqui. E sei que quando o príncipe se casar com ela, o que com certeza vai acontecer, não vou aceitar bem. Porque é difícil ver uma coisa que você queria desaparecer.

Baixei a cabeça. Claro.

— Mas sei também — ele prosseguiu —, que se ela quisesse ficar comigo de novo, eu passaria todos os dias relembrando este momento com você e me perguntando: "e se?". Levou anos para ela ter esse efeito sobre mim. Com você, foram semanas.

Senti minhas bochechas ficarem vermelhas. Eu queria tanto acreditar que eu estava tão presa a ele quanto ele estava preso a mim.

— Ela tentaria? Ela pediria para voltar?

Na casa dela, a senhorita America tinha berrado que a relação dela com Aspen era passado. Mas se isso era verdade, por que os dois pareciam tão sensíveis ao assunto?

Ele pensou por um instante antes de responder.

— Não. Ela vai se casar com o príncipe.

Aproximei o rosto.

— Isso é escolha do príncipe, não dela. Você está pressupondo que Sua Alteza vai pedir a mão dela. Mas e se ele não pedir? Ela então ia querer você? Ela tem algum motivo para acreditar que você estará à espera?

Eu conseguia ver nos seus olhos que ele não queria responder. Por fim, ele acabou fazendo que sim com a cabeça.

Me afastei, enterrando o corpo no encosto do assento. Anne tinha razão: mirei muito alto.

— Lucy — Aspen suplicou. — Lucy, olhe para mim.

Suas palavras eram carinhosas, cheias dos nossos segredos. Implorava para eu não desistir. E eu havia sentido tudo aquilo. A maneira como ele me fazia rir e a sensação dos seus dedos acariciando minhas bochechas. O tom doce e áspero de sua voz no meu ouvido, as piscadelas que ele me lançava discretamente nos corredores.

Reuni meus últimos fragmentos de força e o encarei.

— Por favor, não fale comigo com tanta intimidade, senhor. Não desejo de forma alguma me envolver com um homem comprometido.

Tomei vários fôlegos descompassados, lutando para me manter inteira. Virei o rosto para a janela, observando o trajeto rumo ao nosso ensolarado lar. Não queria pensar nas complicações da nossa convivência no palácio, então me concentrei no momento, no aqui e no agora. Se eu conseguisse suportar cada minuto, poderia vencer todos.

— Lucy — ele insistiu. — Prometo a você que vou dar um jeito nisso. Agora.

Eu o ouvi levantar e arregalei os olhos quando o vi caminhar para trás em direção à senhorita. Agora? Mas, céus, o que ele poderia dizer a ela *agora*? Ele ia contar sobre nós? Será que ela me odiaria?

Não, ela não podia. Estive ao lado dela por meses. Cuidei dela depois das humilhações e da perda de sua amiga mais íntima. Eu tinha feito sacrifícios por ela, e ela por mim. Nenhuma outra garota da Elite teria pensado na possibilidade de arrastar as criadas para o abrigo reservado à família real. A senhorita America não hesitou. Eu tinha apoiado a cabeça no ombro dela na noite de sua apresentação. Ela me vestiu com suas roupas como uma irmã. Ela me defendeu.

Meu coração palpitou com a esperança impossível: a senhorita poderia se alegrar por mim.

Por um belo instante, fui consumida por uma ansiedade radiante. Talvez eu tivesse sofrido por nada!

Ouvi o barulho de alguém sentando. Era Aspen, uma fileira atrás de mim, do outro lado do corredor. Ele não me olhou. Ele não fez nada.

Então ele não estava livre. Nem eu.

Dentro do palácio, parei atrás da minha senhorita, grata por outra pessoa ter vindo pegar o casaco dela. Eu temia que ela pudesse ler meu olhar se me aproximasse demais.

Aspen se afastou para falar com um superior, e a senhorita America foi conduzida até uma recepção de boas-vindas.

Ninguém notou quando escapei para o Grande Salão. Dali, poderia seguir para o corredor através de uma porta lateral e voltar a ser invisível.

Tentei não deixar a frustração tomar conta de mim. Pelo menos eu tinha casa. Meu pai ainda estava por perto. Eu havia provado o amor duas vezes na vida. Não durou, mas era mais do que Mary e Anne jamais tiveram.

Eu deveria ser grata.

Mas eu estava cansada de agradecer por uma vida vivida pela metade.

Segui pelas escadas para o andar de baixo. Quando cheguei ao fim, notei que a sala de convivência estava vazia. Eu estava só, afinal. Desabei sobre uma das cadeiras antigas, frágil e puída, e deixei virem as lágrimas. Enterrei o rosto entre as mãos, tentando segurar e soltar tudo ao mesmo tempo. Deus, como doía. Doía pensar nos lábios dele nos meus, em todas as possibilidades que ele me sussurrara em cômodos escuros. Ele parecia tão real, tão possível.

Mas eu estava me enganando. Tinha sido tão fácil me agarrar a ele depois de anos de tristeza; fora como o brilho da Estrela do Norte no meio da noite.

Simplesmente não era para ser. Não para alguém como eu.

Não importava.

Era hora de me livrar das esperanças a que eu tinha me apegado e encarar o que estava por vir. Eu trabalharia como criada até não ser mais considerada bonita o bastante ou apta o bastante para ser um dos rostos do palácio. Quando isso acontecesse, eu passaria a fazer parte da equipe da lavanderia. Cuidaria do meu pai até o fim de seus dias e dedicaria a vida a serviço da coroa. Isso era tudo o que eu tinha.

— Lucy.

Levantei a cabeça com tudo. Aspen tinha se aproximado sem eu perceber. Secando as lágrimas, levantei e comecei a caminhar em direção ao alojamento das criadas.

— Por favor, me deixe em paz. Isso só vai piorar as coisas.

— Eu tentei falar com ela, mas ela está com medo de enfrentar Maxon. Ela não está pronta para ouvir. De manhã, garanto que ela vai saber que já segui em frente.

— Se você tem um pouco de consideração, não faça isso comigo. Você sabe que já sofri bastante. Não preciso de outra mentira.

Eu já tinha caminhado até o meio da sala quando Aspen agarrou meu braço e me obrigou a encará-lo.

— Não é mentira, Lucy.

Eu queria acreditar, aceitar a expressão em seu rosto como verdade. Mas como poderia, se ele tinha guardado esse segredo, se ele tinha prometido dar um jeito e fracassado?

— Vou odiar você para sempre por partir meu coração — jurei. — Mas você sabe o que é pior?

Aspen negou com a cabeça.

— O pior é que vou amá-lo para sempre também. Você salvou minha vida. Eu estava me escondendo dentro de mim mesma, e você me fez parar com isso. Essa é a pior parte.

Ele arregalou os olhos, pasmo.

— Como? Como salvei você?

Dei de ombros.

— Simplesmente por existir. Você perdeu seu pai, eu perdi minha mãe; nós dois tivemos que nos virar com quase nada. Vimos os rebeldes de perto. Fomos obrigados a guardar muitos segredos. Mas você não se deixou abalar por isso. Pensei que se você podia se manter forte, eu também podia.

Olhei para cima, com ódio de mim mesma por ter tanta vontade de ver o rosto dele. Fiquei chocada ao ver seus olhos cheios de lágrimas.

— Minha mãe nasceu Quatro — ele confessou. — Abriu mão de tudo para ficar com meu pai. Às vezes eles conversavam sobre o começo do casamento. Sem casa, mas com um sorriso no rosto.

Ele balançou a cabeça; seus lábios quase se ergueram num sorriso.

— Ele abriu mão de tanta coisa por ela — Aspen retomou. — Usava sapatos quase sem sola, mas

então dobrava a esquina e lhe comprava uma laranja. Ela adora laranjas. Quando ela tinha que trabalhar mas estava doente, ele cumpria as tarefas dela e as dele, mesmo que isso significasse passar dias sem dormir. E minha mãe? Foi abandonada pela família. Trocou uma vida limpa e segura por um apartamento abarrotado de crianças. E depois ele morreu, e ela continuou a se sacrificar.

Aspen parou, talvez triste por ela ou pelo pai. Talvez apenas por si mesmo.

Ver o lábio dele tremendo era demais para mim, e voltei a chorar.

— Então esse é o único tipo de amor que conheço na vida. Quando você ama alguém, você se sacrifica. E eu me negava a deixar os outros se sacrificarem por mim — ele insistiu, pondo um dedo no peito. — Eu queria ser o herói. America e eu brigávamos o tempo todo por causa disso. Ela estava disposta a descer uma casta por mim, mas eu não queria deixar. *Eu* queria ser o único a ceder, o único provedor, o único protetor. E então me dei conta de que de alguma forma tinha conseguido isso sem fazer nada.

Aspen ergueu os braços e os deixou cair, como se estivesse muito cansado.

— E você provavelmente não faz ideia — ele sussurrou —, mas fez o mesmo por mim.

Enxerguei-o todo embaçado por causa das lágrimas.

— Como assim?

Ele enlaçou os dedos nos meus.

— Todo dia você diz ou faz alguma coisa que me desafia e me transforma. Você acha que anda, Lucy? Pois eu acho que você voa. Você se vê de uniforme? Eu vejo você numa capa. Você é uma heroína, uma heroína da natureza mais discreta e autêntica.

Olhei fixamente para o chão. Ninguém falava de mim daquela maneira. Eu era apenas uma criada. Apenas uma Seis. Não era importante.

Senti os dedos dele soltarem minha mão e segurarem meu queixo, pedindo — não forçando — que eu olhasse para ele. E olhei.

— É por isso que você não pode desistir. Heróis não desistem.

Tentei disfarçar o sorriso mordendo a bochecha.

— Você me tornou melhor. E eu quero ser melhor por você. Quero ser melhor *com* você.

Me equilibrei na ponta dos pés e encostei a testa na dele.

— Mas você já é o melhor, Aspen. Do jeito que é.

A respiração dele vacilou.

— Isso significa que estou perdoado?

— Quero ser sua — desabafei. — Você sabe. Desde o começo.

Ele sorriu, e havia uma ponta de malícia nesse sorriso.

— Verdade. Nunca vou esquecer.

— Nem eu.

Horas depois de a senhorita America ter anunciado que ficaria no palácio e que iria lutar, decidi lutar também. Quando encontrei Aspen numa de suas rondas naquela noite, balbuciei um convite torto para comermos juntos. Ele pareceu tão impressionado que quase lhe dei as costas e saí correndo… mas então ele disse sim. E desde então tenho encarado tudo de peito aberto. Minhas ansiedades, minhas esperanças, meus sentimentos.

Aspen, por outro lado…

Recuei e olhei bem fundo nos olhos dele.

— Eu te amo, Aspen. Tenho mais certeza disso do que de qualquer outra coisa. Mas não posso ficar

com você se você ainda estiver preso à senhorita America.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Sei que eu disse que sempre sentiria algo por ela, e é verdade. Fomos íntimos demais para isso não acontecer. Mas tudo o que sou é seu. E prometo: amanhã de manhã, haja o que houver, vou consertar as coisas.

Não duvidei de suas palavras. Podia perdoar seus erros, e ele perdoaria minha raiva, e no dia seguinte recomeçaríamos do zero. Porque, de verdade, havia muito tempo pela frente.

— Por favor, não me decepcione — falei baixinho.

— Nunca — ele jurou, levando a boca em direção à minha.

Tive vontade de ficar ali a noite toda, abraçada com Aspen, sentindo a promessa se concretizar dentro dele. Aspen me puxava para si, e o mundo inteiro parecia belo e seguro.

Um assovio baixo chamou nossa atenção.

— Ah, olá, soldado Avery — gaguejei, me afastando e ajeitando o vestido. — O soldado Leger e eu, hã, estávamos… Hum…

Olhei para Aspen pelo canto do olho. Ele apenas sorria.

— Olha, eu sabia que isso ia acontecer há semanas, então não precisa me explicar nada — o soldado Avery disse, sorrindo, enquanto atravessava a sala de convivência.

— Já vai para a cama? — Aspen perguntou.

Ele agitou o braço ao redor.

— Você não percebeu? Estamos todos em alerta. Esqueci o cinto. Vou pegá-lo e ir direto para o meu posto. O anúncio será amanhã de manhã, então todos estão trabalhando.

Cobri a boca, chocada e empolgada e aterrorizada ao mesmo tempo. Teríamos uma nova princesa no dia seguinte!

— Sei que você acabou de voltar, mas está de guarda esta noite, fazendo a segurança da senhorita America.

Avery deu um tapinha simpático no ombro de Aspen antes de partir para o quarto.

Aspen olhou para mim.

— Acho que isso quer dizer que vou resolver a questão logo cedo.

Ri, com a sensação de que nada podia me conter, nem as muralhas do palácio, nem as costuras do meu vestido.

— Eu te amo, Lucy. Você cuida de mim, eu cuido de você?

Não era uma promessa, mas um convite. E eu fiz que sim com a cabeça, aceitando, dando o primeiro passo rumo a um futuro maior do que qualquer um de nós havia imaginado.



DEPOIS DE
A ESCOLHA

EPÍLOGO BÔNUS

SENTI CÓCEGAS NO OMBRO E O COCEI, ainda sonolenta. Na segunda vez, virei de lado instintivamente. Mas as cócegas continuavam, subindo pelas minhas costas. *Ah.* Não se tratava de uma brisa qualquer ou de uma pluma que escapara do travesseiro.

Eram beijos.

Com os olhos ainda fechados, sorri comigo mesma quando Maxon afastou uma mecha do meu cabelo para descobrir outro lugar para beijar. Acordar sentindo a respiração dele na pele me lembrou de como acabamos emaranhados nos lençóis para começo de conversa.

Ri quando sua boca tocou um ponto sensível no meu pescoço.

— Bom dia, querida — ele sussurrou.

— Bom dia.

— Estava pensando… — ele começou, murmurando as palavras contra a minha bochecha à medida que eu me virava para ele. — Já que é meu aniversário, você acha que poderíamos passar o dia inteiro na cama?

Sorri e forcei meus olhos sonolentos a se abrir.

— E quem vai governar o país?

— Ninguém. Por mim, contanto que tenha America em meus braços, o país pode desmoronar.

Seu cabelo estava uma bagunça completa, e seu corpo estava tão quente que cada partícula de mim não desejava mais nada além de ficar ao seu lado. O crescimento do nosso amor me fascinava. Quando achava que já tinha lhe dado tudo, descobria um novo trejeito, ouvia uma nova história, vivia novas experiências… e meu coração se expandia ainda mais.

— Mas e a festa? Passamos semanas planejando — reclamei.

Ele apoiou a cabeça na mão e respondeu:

— Humm. Tudo bem, a gente faz uma pausa de dez minutos para ver como está a festa e depois volta.

Maxon me envolveu em seus braços e me cobriu de beijos enquanto eu dava risada.

Estávamos tão distraídos que nem escutamos o mordomo abrir a porta.

— Majestade, uma ligação de…

Antes que conseguisse terminar, Maxon jogou um travesseiro nele, e o mordomo voltou para o corredor e fechou a porta. Um segundo depois, ouvimos uma voz abafada dizer:

— Perdão, Majestade.

Eu já estava acostumada com a falta de privacidade desde que passara a viver no palácio. Em comparação a outros momentos constrangedores, esse até que foi um dos melhores. Cobri a boca na tentativa de esconder a risada, e Maxon sorriu ao notar minha expressão.

— Acho que isso responde minha pergunta.

Sentei para beijar sua bochecha e senti um pouco de tontura.

— Ai…

— Tudo bem?

— Uhum — balbuciei, cobrindo a boca. — Sentei rápido demais.

Maxon correu a mão pelas minhas costas e me inclinei para perto dele.

— Que horas é a festa mesmo? — ele perguntou.

— Às seis. Todo mundo vem. Até minha mãe.

— Ah, então vai ser uma festa e tanto!

Dei um tapinha nele.

— Você não vai esquecer isso nunca? Foi só uma vez.

— America, sua mãe dançou no chafariz no Ano-Novo — ele explicou, com os olhos cheios de um divertimento infantil. — Foi incrível. Jamais esquecerei.

Soltei um suspiro.

— Em todo caso, não se atrase. Vou me vestir. Vejo você no café da manhã.

— O.k.

Levantei puxando o lençol da cama e me enrolei nele.

Maxon se recostou na cama e me observou sair.

— De todos os seus vestidos, esse é meu favorito.

Mordi o lábio e lancei um último olhar para Maxon antes de abrir a porta que dava para a minha suíte. Jamais chegaria o dia em que eu me cansaria dele.

Mary, claro, me esperava. Estava acostumada a me ver voltar do quarto de Maxon ou flagrá-lo correndo para fora do meu, mas sempre me recebia com um sorrisinho de quem sabia das coisas.

— Bom dia, Majestade — ela me cumprimentou, com uma reverência. — A noite foi boa, então?

— Tire já esse sorriso do rosto! — provoquei, para em seguida atirar o lençol contra ela e correr para o banheiro.

Eu estava preocupada com o corte do meu vestido, mas ficou incrível no meu corpo. Todas as cabeças se voltaram para mim quando entrei no salão. Tentei aceitar aquela atenção com elegância. Mesmo depois de dois anos de casamento, ainda demorava um pouco para me acostumar com os holofotes.

May correu para o meu lado.

— Você está radiante, Ames!

— Obrigada. Você também está linda.

Toquei um dos seus cachos perfeitos, maravilhada com a rápida adaptação da minha irmã à vida da realeza. Não que estivesse surpresa. Ela sempre fora encantadora e animada, de modo que se tornou a queridinha da imprensa quase imediatamente quando chegou a Angeles com o resto da minha família. Várias fotos minhas estampariam os jornais na manhã seguinte, mas haveria o dobro de fotos de May.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Só um pouco distraída. Vá se divertir. Preciso garantir que tudo corra bem.

— Me divertir? É pra já! — E saiu feito um foguete, acenando para gente que decerto nem conhecia, brilhando por toda a parte.

A festa já estava no auge, e os convidados pareciam se divertir. A decoração era simples; a iluminação, agradável; e os músicos, excelentes. Eu esperava que tudo agradasse Maxon.

Percorri o salão experimentando alguns aperitivos pelo caminho. Nenhum parecia especialmente

maravilhoso. As comidas favoritas de Maxon não eram necessariamente as minhas; só restava torcer para que os outros também gostassem.

Fiquei na ponta dos pés e corri os olhos pelo salão. Se Maxon tivesse me escutado, já estaria ali em algum lugar. Não o encontrei, mas consegui ver Marlee. Ela se aproximou voando assim que me viu, deixando Carter para trás com alguns guardas.

— A festa está fantástica, America! — exclamou, beijando minha bochecha.

— Obrigada. Estou tentando encontrar Maxon. Você o viu?

Ela começou a procurar comigo.

— Eu o vi entrar, mas não faço ideia de onde esteja agora.

— Humm. Vou ter de dar uma volta. Como está Kile?

Marlee sorriu, ansiosa.

— Bem. Estou tentando me acostumar com a ideia de deixar a babá botá-lo para dormir.

Kile tinha pouco mais de um ano, e Marlee simplesmente o adorava — assim como eu. Ele era o único "homem" que podia passar o tempo no Salão das Mulheres sem pedir permissão.

— Tenho certeza de que ele está bem, Marlee. E vai ser bom para você e Carter passar um tempo sozinhos.

Ela concordou com a cabeça.

— Tem razão. Estamos nos divertindo tanto. Mas espere para ver: é difícil se separar dos filhos, mesmo que só por um instante.

Abri um sorriso.

— Posso imaginar. Mas vá e prove um pouco da comida, Marlee. A gente se fala depois.

— Certo.

Ela me deu outro beijo e voltou para o lado de Carter.

Rodei pelo salão à procura do meu marido. Quando finalmente o encontrei, meu coração se acendeu. Não só pela felicidade de vê-lo, mas porque ele estava conversando com Aspen.

A bengala já era coisa do passado, mas Aspen ainda mancava de vez em quando, especialmente quando cansado. Todos consideramos sua recuperação um verdadeiro milagre, mas se existia alguém capaz de sarar por pura e simples força de vontade, esse alguém era Aspen.

Ambos pareciam bem absortos na conversa, e me aproximei de mansinho.

— O primeiro ano foi difícil? Um monte de gente diz que é, mas vocês dois pareciam tão bem — disse Aspen.

Ele e Lucy planejavam se casar pouco depois de mim e Maxon, mas o pai dela ficou doente e os planos foram adiados. Ele acabou se recuperando, mas mesmo depois disso Aspen enrolou mais do que o necessário. Eu suspeitava que tivesse medo de Lucy mudar de ideia, e me sentia culpada por isso. Os dois eram tão perfeitos um para o outro que Aspen jamais precisaria duvidar. E quando a cerimônia finalmente aconteceu, fiquei tão feliz quanto no meu próprio casamento.

Maxon soltou um suspiro.

— Difícil dizer. Acho que a parte do casamento não foi tão difícil quanto os deveres que vinham junto. Era muita coisa pedir a ela para assumir o papel de rainha quando mal tinha se acostumado com a ideia de ser princesa.

— Vocês brigaram?

— Está brincando? É a nossa especialidade!

Ele e Aspen riram juntos, e quis me sentir ofendida, mas não dava. Era verdade: éramos muito bons

em discutir. Ainda assim, a frequência das brigas já tinha diminuído bastante.

— Não sei por que tanta pressão em torno disso — Aspen comentou, parando de rir. — Passamos tanto tempo querendo casar. Por que sinto tanto peso agora que casamos?

— É o título — replicou Maxon, e tomou um gole de champanhe. — Ser marido dá medo. A sensação é de que se tem mais a perder. Para mim, esse título é mais preocupante do que o de rei. Bem mais.

— Sério?

— Sério.

Aspen ficou calado, refletindo sobre essas palavras.

— Veja — retomou Maxon. — Não é que eu esteja enxotando vocês; vocês são sempre bem-vindos aqui. Mas talvez você e Lucy precisem do seu próprio canto.

— Quê? Tipo uma casa?

— Dê uma procurada. Leve Lucy com você e veja se conseguem encontrar um lugar de que gostem, que passe a impressão de que pode se tornar um projeto de vocês dois. Talvez seja mais fácil construir uma vida juntos numa casa sua de verdade.

— Marlee e Carter se dão bem aqui.

— Mas são um casal diferente.

Aspen baixou os olhos. Pude notar que alguma coisa nisso tudo lhe dera a sensação de ter falhado.

Maxon lhe deu um tapinha nas costas e prosseguiu:

— Poucas pessoas têm minha confiança como você. Você fez muito por mim e por America. Vá procurar. Veja se há um lugar por aí do agrado dos dois. Se houver, considere um presente nosso.

— É o seu aniversário. Você é que deveria receber presentes — Aspen protestou, mas com um sorriso no rosto.

— Tenho tudo que quero. Um país em crescimento, um casamento feliz e bons amigos. Um brinde, meu caro.

Aspen ergueu a taça sem deixar de sorrir, e ambos beberam. Pisquei para segurar as lágrimas de felicidade e apoiei a mão sobre o ombro de Maxon.

Ele se virou e abriu um sorriso que iluminou seu rosto.

— Aí está você, minha querida.

— Feliz aniversário!

— Obrigado. Esta é realmente a melhor festa que já tive.

— Você se saiu bem, Meri — Aspen acrescentou.

— Muito obrigada aos dois — agradeci, e me virei para Maxon. — Preciso roubar você por alguns segundos.

— Claro. Conversamos mais depois — Maxon prometeu a Aspen antes de me seguir para fora do salão.

— Por aqui — indiquei, puxando-lhe pelo braço.

— Perfeito! — ele disse quando pusemos os pés no jardim. — Uma pausa da loucura.

Rindo, apoiei a cabeça em seu ombro. Sem que eu precisasse dizer, ele nos conduziu até nosso banco. Sentamos, ele de frente para a floresta, eu de frente para o palácio.

— Champanhe? — ofereceu, aproximando a taça.

— Não, obrigada.

Ele tomou um gole e suspirou de contentamento.

— Foi uma escolha maravilhosa. De verdade, America, este aniversário é o melhor que eu podia querer. Bom, quase. Teria gostado mais da opção que propus de manhã.

— Talvez ano que vem — comentei, sorrindo.

— Vou cobrar.

Respirei fundo para me preparar e comecei:

— Sei que temos uma noite cheia pela frente, mas queria dar seu presente de aniversário.

— Ah, querida, você não precisava me dar nada. Cada dia ao seu lado é um presente. — Ele se inclinou para a frente e me beijou.

— Bem, eu não tinha planejado te dar um presente, mas então o presente surgiu por si só.

— Muito bem — ele disse, apoiando a taça no chão. — Estou pronto. Onde está?

— Esse é o único problema… — ensaiei, com as mãos já trêmulas. — Ele só chega daqui a uns sete ou oito meses.

Ele sorriu, mas estreitou os olhos.

— Oito meses? Mas o que poderia levar…

Suas palavras se perderam no ar, e seus olhos deixaram meu rosto para focar na minha barriga. Ele parecia esperar que eu estivesse diferente, que já estivesse enorme. Mas fiz o possível para esconder tudo: o cansaço, as náuseas, os enjoos súbitos com a comida.

Ele apenas observava. Eu esperava um sorriso, uma gargalhada, pulos e mais pulos. Mas ele permanecia ali, como uma estátua, tão paralisado que comecei a ficar assustada.

— Maxon? — chamei, tocando sua perna. — Maxon, você está bem?

Ele fez que sim, ainda com o olhar perdido na minha barriga. Com os olhos marejados, disse calmamente, como que em êxtase:

— Não é extraordinário? De repente, amo você cem vezes mais. E não achava que fosse possível amar uma pessoa que ainda nem conheci.

Em seguida, Maxon finalmente levantou os olhos para mim e perguntou:

— Vamos mesmo ter um bebê?

— Sim — falei baixinho, também com os olhos cheios de lágrimas.

Seus olhos se iluminaram.

— É menino ou menina?

— É cedo demais para saber — respondi por entre lágrimas de alegria. — O médico ainda não pode dizer muita coisa além de que com certeza tem alguém aqui.

Maxon pousou a mão delicadamente sobre minha barriga.

— Vamos diminuir sua jornada de trabalho, claro, ou talvez eliminá-la por completo, se preciso. E podemos deixar mais criadas a seu serviço.

— Não seja bobo. Mary e Paige bastam. Além disso, você sabe que minha mãe vai querer ficar aqui, e Marlee e May estarão por perto. Terei gente demais para cuidar de mim.

— Como deve ser!

Joguei a cabeça para trás dando risada, mas quando olhei para ele de novo, deparei com um rosto sombrio.

— E se eu for como ele, America? E se for um pai horrível?

— Maxon Schreave, isso é impossível. Você provavelmente vai ser generoso demais. Vamos ter de contratar a babá mais rígida do mundo só para compensar.

Ele achou graça.

— Nada de babás rígidas. Só as alegres.

— Como quiser, Majestoso Marido.

Maxon limpou a garganta e secou as lágrimas.

— Suponho que seja um segredo nosso?

— Por enquanto.

Ele abriu um sorriso radiante.

— De qualquer forma, agora sinto vontade de comemorar de verdade.

Ele me botou de pé e me arrastou de volta para dentro com toda a pressa do mundo. Eu não conseguia conter o riso. Vi de relance a expressão em seu rosto — tão esperançosa e entusiasmada — e soube que aquele era só o começo da melhor época de nossas vidas.



POR ONDE
ELAS ANDAM?

KRISS AMBERS

DEPOIS DE PERDER A SELEÇÃO, Kriss voltou a Columbia para recomeçar. Ela deixou o palácio chateada por ficar em segundo lugar, mas só sentiu o impacto mesmo durante o casamento de Maxon e America. Ela ostentou uma expressão animada o dia inteiro, posou para fotos e dançou com os convidados, mas voltou para casa profundamente deprimida.

Kriss não saiu por mais de um mês. Só analisava seus passos e tentava descobrir o que poderia ter feito diferente. Ela se arrependia de ter desperdiçado seu primeiro beijo e não conseguia parar de pensar que era ela quem deveria ser rainha. Só voltou a ter vida social por causa da insistência dos pais e começou a trabalhar com o pai na universidade da região como assistente no Departamento de Comunicação.

No começo, ela odiava o emprego. As pessoas a abordavam o tempo todo para pedir uma foto com "aquela garota da Seleção", sem nem se darem conta de como aquele rótulo doía. Kriss pediu vários dias de licença médica por ser incapaz de lidar com a vida fora de casa. Quase sempre, ia para a biblioteca e trabalhava nas áreas mais isoladas do prédio. Temia que sua vida fosse ser assim para sempre, e não sabia se algum dia alguém a enxergaria como outra coisa que não a garota que Maxon quase escolheu.

Cerca de seis meses depois de começar a trabalhar na universidade, houve uma festa de boas-vindas para um professor que tinha passado mais de um ano coletando amostras de plantas nas selvas de Hondurágua. Um botânico entusiasmado, o professor Elliot Piaria recebia elogios por sua determinação e talento, principalmente sendo tão jovem. Kriss não queria ir à festa, mas quando chegou se sentiu bem ao ver que estava bem longe do centro das atenções naquele dia. E ela ficou encantada de conhecer o professor, especialmente quando os apresentaram e a primeira pergunta dele foi "Do que você dá aula?". Afastado de quase toda tecnologia durante a Seleção inteira, Elliot não tinha conhecimento da disputa, e a atitude naturalmente madura de Kriss não deixava à mostra que ela era sete anos mais jovem do que ele.

Os dois se esbarravam com frequência, e Elliot não parava de perguntar a Kriss por que ela não lecionava, convencido de que o intelecto dela era mais adequado a uma sala de aula do que a um cubículo. Ela se animava toda com a atenção dele, e aquilo crescia em seu coração mais do que ele podia imaginar.

Elliot sentia atração por Kriss, e ela gostava do fato de ele ser uma das poucas pessoas que a via como ela era e não como uma ex-Selecionada. Ela passou a ficar cada vez mais confiante e voltou à sua alegria de sempre. Os dois começaram a namorar logo depois que Kriss conseguiu um cargo de

professora de matemática, uma função que não a empolgava a não ser pelo fato de ela estar lecionando.

Ela hesitava em se entregar ao amor por Elliot, com medo de sair magoada de novo. Elliot, porém, estava cada vez mais fascinado por ela e a pediu em casamento espontaneamente num dia em que a pegou de bom humor. Elliot queria agir rápido, com medo de que Kriss mudasse de ideia se esperasse muito. Os dois se casaram um mês depois do pedido, e depois da cerimônia, Kriss finalmente se deu conta de que Elliot a amava pelo que ela era e não tinha qualquer intenção de se separar.

Eles permanecerem em Columbia, embora a natureza curiosa de Elliot acabasse por levá-los aos limites de Illéa à procura de coisas novas para estudar. Não tiveram filhos, mas criaram vários animais de estimação, muitos deles exóticos, que também se tornaram objetos de estudo.

NATALIE LUCA

DEPOIS DE SER DISPENSADA DA SELEÇÃO, Natalie foi para casa consolar a família pela perda da irmã, Lacey. Natalie nunca tinha passado dificuldades antes, e aquela foi uma provação quase insuportável para sua família. Os pais dela quase se divorciaram logo depois da morte de Lacey, incapazes de lidar com uma perda tão terrível. Mas Natalie conseguiu confortá-los, e os relembrou do jeito alegre da filha falecida e de que a última coisa que Lacey iria querer era que os dois se separassem por causa dela. Havia muito de verdade nisso. Muitas amigas de Natalie e Lacey tinham pais separados, e ambas temiam o mesmo destino quando crescessem, apesar de seus pais nunca brigarem.

Natalie considerou uma grande vitória ser a cola que unia os pais, e sabia que Lacey também teria ficado orgulhosa. Foi depois disso que Natalie se deu conta de que ela mesma devia procurar sua felicidade. As limitações de Natalie nos estudos eram sempre motivo de críticas, mas Lacey sempre a lembrava de que ela era única e bela tal como era.

No casamento de Maxon e America, ela voltou a ser como antes e foi provavelmente o destaque da festa, dançando mais animada do que nunca, com todo o incentivo de America. Natalie não tinha ficado muito triste por não ser a nova princesa. Ao ver as mãos contidas e a postura mais ereta de America, ela se deu conta de que não gostava mesmo das regras que aquele tipo de vida trazia. Ela queria ser ela mesma de qualquer jeito.

Depois que a comoção em torno da Seleção se desfez, Natalie começou a trabalhar na joalheria de sua família e a aprender mais sobre design. Sua personalidade naturalmente excêntrica fez dela uma excelente designer de joias e, depois de se esforçar muito, conseguiu aprender o processo de produção com o pai.

Mais ou menos dois anos depois do fim da Seleção, ela lançou a própria linha de joias, e sua fama por causa do concurso conquistou a atenção de uma clientela composta de celebridades. Atrizes e cantoras sempre usavam suas joias, sem falar de sua amiga querida, a rainha de Illéa.

Bela e agitada, Natalie se casou com um ator e se tornou Dois antes do fim das castas. Pouco tempo depois, eles se divorciaram, já que o estilo desencanado de Natalie não combinava com a vida de casada e ela era mais feliz sozinha. Como sempre odiara intensamente a ideia de divórcio, mas ao mesmo tempo era incapaz de suportar as limitações de um relacionamento, Natalie passou por tempos difíceis. No final, conseguiu aceitar a própria decisão. Como virou Dois, fez testes para alguns filmes e conseguiu papéis de coadjuvante em comédias. Muitos debatiam quanto da performance dela era mesmo atuação.

Natalie conversava com America de vez em quando, mas a pessoa dos tempos de Seleção com

quem mais tinha contato era Elise. Embora a amizade das duas tenha sido à distância pelo resto de suas vidas, suas personalidades diferentes se encaixavam bem, e elas se reuniam nos momentos mais importantes da vida.

ELISE WHISKS

ELISE TOMOU A DERROTA NA SELEÇÃO como uma humilhação pública e, depois do ataque violento no dia do anúncio do noivado, jamais conseguiu voltar a pôr os pés no palácio de novo, nem mesmo para o casamento de Maxon e America.

O que Elise não sabia era que a guerra com a Nova Ásia era só aparência. Havia começado por conta de uma desavença boba no comércio e foi amplificada e perpetuada pelo rei Clarkson. Ele sustentava a guerra para que o público prestasse menos atenção nos problemas internos e manipulava o recrutamento a fim de manter sob controle as castas inferiores e os rebeldes em potencial. Maxon tinha notado algo estranho um pouco antes do início da Seleção, e sua visita à Nova Ásia confirmara suas suspeitas. As batalhas aconteciam em áreas mais pobres, pois o presidente de Nova Ásia procurava proteger as cidades maiores e mais importantes, com medo de que Clarkson fosse capaz de destruí-las. Milhares de pessoas morreram dos dois lados para nada.

Elise pensava que sua aliança era muito mais valiosa para a coroa do que realmente era e imaginava que seu casamento com Maxon traria uma paz que o rei jamais teve intenção de permitir. Mas Maxon havia começado a planejar com discrição uma forma de acabar com a disputa desde sua fatídica viagem. Pouco depois do começo de seu reinado, ele preparou um acordo de cessar-fogo e convocou Elise para ser sua embaixadora. Ela considerou uma honra poder servir ao seu país e à sua família e concordou em ir.

Numa de suas muitas viagens, ela teve um encontro público com o chefe de uma empresa que destinava parte do lucro para reconstruir as áreas mais arrasadas pela guerra. O filho do CEO se encantou pela maestria de Elise em etiqueta, línguas e literatura, isso sem falar de sua beleza. Ele se manteve em contato e, por fim, acabou por pedir a mão dela à família. Os pais de Elise aceitaram entusiasmados, sabendo que aquele jovem herdaria uma fortuna e tinha uma posição bem sedimentada na sociedade da Nova Ásia.

A alegria de Elise por agradar a família superou suas preocupações acerca de casar com alguém com quem se encontrara apenas algumas vezes, então ela confiou na decisão dos pais. Mudou-se para a Nova Ásia, sem se importar em saber se seria feliz de verdade com o novo marido. Para sua total surpresa, ela foi. Ele era incrivelmente generoso com ela; esperou que seu afeto crescesse e a idolatrou em todos os sentidos quando ela engravidou.

Elise mantinha a pose nas relações com a família, mas se gabava do marido bom e bonito sempre que entrava em contato com Natalie. Teve dois filhos, que se tornaram o orgulho do marido e de sua família. Estava apaixonada e feliz. Conquistou mais do que sonhara na vida, e nunca mais lamentou a

perda de sua chance de se tornar princesa.


Whites
Yukon
St George
Bankston
Baffin
N
O
E
S
Allin
Lakedon
Otaro
Denbeigh
Hudson
Labrador
Columbia
Calgary
Dakota
Hensport
Waverly
Belcourt
Sola
Kent
Allens
Angeles
Tamley
Jammins
Midston
Carolina
Zuni
Sumter
Clermont
Paloma
Bonita
Honduragua
Dominica
Panama

A SEREIA

Continue a leitura para ter um gostinho
do novo romance arrebatador de Kiera Cass!

Um

É ENGRAÇADO PENSAR NAS COISAS A QUE NOS APEGAMOS, nas coisas de que lembramos quando tudo acaba. Ainda consigo ver os painéis nas paredes da nossa cabine e recordar com precisão como o carpete era macio. Lembro do cheiro da água salgada permeando o ar e grudando na minha pele, e o som das risadas dos meus irmãos no outro quarto, como se a tempestade fosse uma aventura emocionante em vez de um pesadelo.

Mais do que qualquer sentimento de medo ou preocupação, pairava no ambiente um ar de irritação. A tempestade acabara com nossos planos; não haveria dança no convés principal naquela noite. Essas eram as desgraças que assolavam minha vida, tão insignificantes que dava quase vergonha de admiti-las. Mas isso foi há muito tempo, quando a minha realidade parecia ficção de tão boa que era.

— Se esse chacoalhar não parar logo, não vou ter tempo de ajeitar o cabelo antes do jantar — mamãe reclamou.

Levantei os olhos para ela do lugar em que estava, deitada no chão numa tentativa desesperada de não vomitar. O reflexo de mamãe no espelho lembrava um cartaz de cinema, e as ondas de seu cabelo pareciam perfeitas para mim. Mas ela nunca ficava satisfeita.

— Você tem que levantar do chão — ela continuou, baixando os olhos para mim. — E se o socorro chegar?

Caminhei com esforço até um dos divãs, como sempre fazendo o que me mandavam, embora não considerasse aquela posição necessariamente mais digna de uma dama. A nossa jornada até aquele último dia tinha sido bem comum, apenas uma viagem de família do ponto A ao B. Não consigo lembrar para onde íamos. Mas lembro que viajávamos em grande estilo, como de costume. Éramos uma das poucas famílias sortudas que sobreviveram à Grande Depressão com a fortuna intacta — e mamãe gostava de deixar isso bem claro para as pessoas. Assim, estávamos alojados numa suíte bonita com janelas de tamanho considerável e mordomos particulares ao nosso dispor. Eu cogitava chamar um deles pela campainha e pedir um balde.

Foi então, no meio daquele torpor do enjoo, que ouvi uma coisa. Soava quase como uma cantiga de ninar distante, que me deixou curiosa e, por algum motivo, com sede. Levantei a cabeça e vi minha mãe fazer o mesmo, procurando o som. A música era de uma beleza intoxicante, como o efeito de um cântico sobre devotos religiosos.

Papai enfiou a cabeça pela porta do quarto.

— É a banda? — ele perguntou. O tom de sua voz era calmo, mas o desespero em seu olhar era assustador.

— Talvez. Soa como se viesse de fora, não é? — mamãe respondeu, de repente sem fôlego e ansiosa. — Vamos lá ver.

Ela levantou com um salto e pegou um casaco. Fiquei chocada. Ela odiava sair na chuva.

— Mas mãe, e a sua maquiagem? Você acabou de dizer…

— Ah, isso… — ela disse, desconsiderando o comentário e balançando os ombros para acertar o caimento do cardigã cor de marfim. — Só vamos lá por um instante. Vou ter tempo de ajeitar a maquiagem quando voltar.

— Acho que vou ficar — falei.

Me sentia tão atraída pela música quanto eles, mas a umidade grudenta no rosto me lembrou de como eu estava quase a ponto de vomitar. Me aninhei ainda mais no divã, resistindo ao ímpeto avassalador de levantar e seguir meus pais.

Mamãe virou para trás e nossos olhares se cruzaram.

— Eu me sentiria melhor se você viesse comigo — ela disse com um sorriso.

Essas foram as últimas palavras da minha mãe para mim.

No exato momento em que abri a boca para argumentar, me encontrei de pé e já atravessando a cabine para segui-la. Não era apenas uma questão de obediência. Eu precisava subir ao convés. Precisava chegar mais perto da música. Se tivesse ficado no quarto, provavelmente teria ficado presa e afundado com o navio. Então poderia ter me juntado à minha família. No céu ou no inferno, ou em lugar nenhum, se tudo isso fosse mentira. Mas não.

Subimos as escadas, acompanhados ao longo do caminho por vários outros passageiros. Foi então que percebi que havia algo errado. Alguns corriam, abrindo caminho entre a multidão aos empurrões, enquanto outros pareciam sonâmbulos.

Pisei no convés sob uma chuva torrencial e fiz uma pausa ao cruzar a porta para contemplar a cena. Tapei os ouvidos bem forte com as mãos para silenciar os trovões que ressoavam e a música que hipnotizava, tentando me situar. Dois homens passaram correndo por mim e se jogaram ao mar sem hesitar. Mas a tempestade não estava tão ruim a ponto de precisarmos abandonar o navio, estava?

Olhei para o meu irmão mais novo e o vi saltitar sob a chuva como um gato selvagem que põe as garras em carne crua. Quando alguém perto dele tentou fazer o mesmo, eles começaram a se empurrar, como se lutassem pelas gotas. Dei meia-volta para procurar meu irmão do meio. Jamais o encontrei. Estava perdido na multidão que se acumulava contra o parapeito. Partiu antes mesmo que eu pudesse compreender o que estava acontecendo.

Então vi meus pais, de mãos dadas, com as costas contra o parapeito, se inclinando para trás como se não fosse nada. Eles sorriam. Eu gritava.

O que estava acontecendo? O mundo tinha ficado louco?

Uma nota invadiu meu ouvido e baixei as mãos. De repente, a canção era a única coisa que importava. Minhas preocupações se desfizeram. Parecia mesmo que o melhor seria estar na água, envolta nas ondas em vez de bombardeada pela chuva. A sensação devia ser deliciosa. Eu precisava bebê-la. Precisava encher meu estômago, meu coração, meus pulmões com ela.

Com esse único desejo pulsando no corpo, caminhei até a balaustrada. Seria um prazer beber aquilo até ficar cheia, até cada pedaço meu estar satisfeito. Eu mal tinha consciência de que estava me dependurando para fora, mal tinha consciência de qualquer coisa, até que o impacto duro da água no meu rosto me fez recobrar os sentidos.

Eu ia morrer.

Não!, pensei enquanto lutava para voltar à superfície. *Não estou pronta! Quero viver!* Dezenove anos não eram o bastante. Ainda havia muitas comidas para provar e muitos lugares para visitar. Um

marido, assim eu esperava, e uma família. Tudo isso, absolutamente tudo, desapareceria num instante.

É real?

Não tive tempo para duvidar da existência da voz que ouvia: *Sim!*

O que você daria para continuar viva?

Qualquer coisa!

Imediatamente, fui arrastada para longe do naufrágio. Foi como se um braço envolvesse minha cintura e me puxasse com destreza, me fazendo avançar rapidamente por entre os corpos até me desvencilhar de todos eles. Logo me vi deitada numa superfície dura, diante de três garotas de uma beleza inumana.

Por um momento, todo o horror e a confusão por que eu tinha acabado de passar se desfizeram. Não havia tempestade, família, medo. Só havia aqueles rostos belos e perfeitos. Apertei os olhos e as examinei.

— Vocês são anjos? — perguntei. — Eu morri?

A garota mais perto de mim — que tinha os olhos mais verdes que eu já tinha visto na vida e o cabelo vermelho brilhante esvoaçando em volta do rosto — se abaixou.

— Não. Você está bem viva — ela garantiu.

Fiquei boquiaberta, sem palavras. Se eu ainda estivesse viva, não sentiria os arranhões do sal garganta abaixo? Meus olhos não estariam queimando por causa da água? Eu ainda não estaria sentindo o rosto arder da queda? No entanto, me sentia perfeita, completa.

Ainda dava para ouvir os gritos ao longe. Ergui a cabeça, e logo depois das ondas avistei a popa do nosso navio, que balançava de modo surreal acima das águas.

Tomei vários fôlegos descompassados, confusa demais para compreender como estava respirando ao mesmo tempo que ouvia os outros se afogarem ao meu redor.

— Do que você se lembra? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Do carpete.

Vasculhei as lembranças. Já sentia que elas estavam ficando distantes e turvas.

— E do cabelo da minha mãe — acrescentei, com a voz fraca. — E depois eu estava na água.

— Você pediu para viver?

— Sim — disparei, me perguntando se ela podia ler minha mente ou se todo mundo tinha pensado o mesmo também. — Quem são vocês?

— Meu nome é Marilyn — ela respondeu com ternura. — Esta é Aisling — ela continuou, apontando para uma garota loira que me abriu um sorriso discreto e caloroso. — E aquela é Nombeko.

Nombeko era negra como o céu noturno e parecia não ter sequer um fio de cabelo.

— Somos cantoras — Marilyn explicou. — Sereias. Servas de Oceano. Nós a ajudamos. Nós… a alimentamos.

Franzi a testa.

— Do que o oceano se alimenta?

Marilyn lançou um olhar na direção do navio que naufragava. Quase todas as vozes já tinham se calado agora.

Ah.

— É nosso dever, e logo poderá ser o seu também. Se você der a Ela seu tempo, Ela vai te dar

vida. Deste dia em diante, pelos próximos cem anos, você não vai adoecer nem se machucar, e não vai envelhecer um dia sequer. Quando o tempo terminar, você receberá de volta a sua voz e a sua liberdade. E poderá viver.

— S-sinto muito — gaguejei. — Não entendo.

As outras sorriram atrás dela, mas seus olhos aparentavam tristeza.

— Seria impossível entender agora — Marilyn disse. Ela passou a mão pelo meu cabelo, já me tratando como se eu fosse uma delas. — Garanto a você que nenhuma de nós entendeu. Mas esse dia chegará.

Levantei com cuidado, chocada de ver que estava de pé sobre a água. Algumas pessoas ainda boiavam ao longe, batendo os braços contra a correnteza como se fossem capazes de se salvar.

— Minha mãe está lá — supliquei. Nombeko suspirou com olhos saudosos.

Marilyn passou o braço pelos meus ombros, olhando na direção do naufrágio. Então, sussurrou no meu ouvido:

— Você tem duas escolhas. Pode ficar conosco ou se juntar à sua mãe. *Se juntar a ela*. Não salvá-la.

Permaneci calada, pensando. Será que as palavras dela eram verdadeiras? Será que eu poderia escolher a morte? Se aquilo fosse real, poderia fazer o que ela sugeria?

— Você disse que daria qualquer coisa para viver — ela me lembrou. — Por favor, leve a promessa a sério.

Vi a esperança nos olhos dela. Ela não queria que eu fosse. Talvez tivesse visto mortes demais num dia só.

Fiz que sim com a cabeça. Eu ia ficar.

Ela me puxou para si e cochichou no meu ouvido:

— Bem-vinda à irmandade das sereias.

Fui tragada pela água e alguma coisa fria penetrou minhas veias. E embora isso me assustasse, não chegou a doer.

OITENTA ANOS DEPOIS

DOIS

— POR QUÊ? — ela perguntou com o rosto inchado do afogamento.

Estendi as mãos num alerta para que ela não se aproximasse mais. Mas estava claro que ela não tinha medo de mim. Ela buscava vingança. E ia conseguir de qualquer maneira.

— Por quê? — ela quis saber de novo. As algas-marinhas enroscadas na perna dela faziam um som monótono e molhado ao serem arrastadas pelo chão.

As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse segurar:

— Precisei.

Ela nem se abalou com a minha voz, apenas continuou avançando. Era isso. Eu finalmente pagaria pelo que fizera.

— Eu tinha três filhos.

Me afastei, à procura de uma escapatória.

— Eu não sabia! Juro que não sabia de nada!

Por fim, ela parou, a apenas alguns centímetros de mim. Fiquei à espera de que me batesse ou enforcasse, que encontrasse um jeito de vingar a vida que lhe tinha sido tirada tão cedo. Mas ela só ficou ali, com a cabeça inclinada para o lado enquanto me contemplava, os olhos esbugalhados e a pele azulada.

Então ela atacou.

Acordei sem fôlego, agitando o braço contra o vazio diante de mim até entender.

Um sonho. Não passava de um sonho. Levei a mão ao peito, na esperança de acalmar meu coração. Em vez de pele, meus dedos tocaram a capa da minha caderneta. Peguei-a e examinei as páginas montadas com cuidado, repletas de recortes de notícias. Ninguém mandou trabalhar nela antes de dormir.

Eu tinha acabado de terminar a página sobre Kerry Straus quando caí no sono. Ela era uma das últimas pessoas do nosso naufrágio mais recente que eu havia encontrado. Faltavam mais duas, e então eu teria informações sobre cada uma daquelas almas perdidas. O *Arcatia* talvez fosse meu primeiro navio completo. Ao observar a página de Kerry, reparei bem nos olhos brilhantes da foto que estava no site em sua memória. O site era feio, sem dúvida criado pelo viúvo entre as tentativas de servir algo mais criativo do que macarrão aos seus três filhos órfãos de mãe e a rotina sem fim do trabalho.

— Pelo menos você teve alguém — eu disse à foto dela. — Pelo menos havia alguém para chorar por você quando você se foi.

Eu queria ser capaz de explicar como a interrupção de uma vida plena era melhor do que o prolongamento de uma vida vazia. Fechei a caderneta e a botei no baú junto com as outras, uma para cada naufrágio. Havia apenas algumas pessoas capazes de entender o que eu sentia, e mesmo assim eu não tinha certeza se entendiam.

Com um suspiro pesado, me dirigi para a sala de estar, onde as vozes de Elizabeth e Miaka soavam mais altas do que me deixava confortável.

— Kahlen! — Elizabeth cumprimentou. Tentei manter a discrição enquanto conferia se todas as janelas estavam fechadas. Elas sabiam como era importante que ninguém nos ouvisse, mas nunca eram tão cautelosas quanto eu desejava. — Miaka acabou de ter outra ideia para o futuro dela.

Mudei o foco para Miaka. Pequena, de pele escura e sempre de bom humor, ela me ganhou nos primeiros minutos em que a conheci.

— Conte, por favor — pedi ao sentar na cadeira do canto.

Miaka me abriu um sorriso largo.

— Eu estava pensando em comprar uma galeria.

— Sério? — perguntei, com as sobrancelhas arqueadas de surpresa. — Então você vai passar da criação para os negócios?

— Acho que você jamais vai conseguir parar de pintar — Elizabeth disse, pensativa.

— É talentosa demais — concordei, acenando com a cabeça.

Havia anos que Miaka vendia sua arte pela internet. Agora mesmo, no meio da conversa, estava mexendo no celular, e tive certeza de que outra grande venda estava por vir. O fato de uma de nós ter um celular era quase ridículo — como se tivéssemos para quem ligar —, mas ela gostava de estar conectada ao mundo.

— Ser responsável por alguma coisa parece divertido, sabe?

— Eu sei — falei. — Ser proprietária de um negócio deve ser fascinante.

— Exatamente! — Miaka digitava e falava ao mesmo tempo. — Responsabilidade, individualidade. Não tenho nada disso agora, então talvez possa compensar mais tarde.

Eu estava prestes a dizer que tínhamos bastante responsabilidade, mas Elizabeth falou primeiro.

— Eu também tive uma ideia nova — ela cantarolou.

— Conta para a gente — Miaka pediu, para em seguida botar o celular de lado e sentar no colo de Elizabeth como se fosse uma cachorrinha.

— Cheguei à conclusão de que gosto mesmo de cantar. Acho que gostaria de continuar cantando, mas de um jeito diferente.

— Você seria uma vocalista fantástica numa banda!

Elizabeth se endireitou no assento, o que quase fez Miaka cair no chão.

— Era exatamente isso que eu tinha pensado.

Eu as observava, maravilhada ao perceber que três pessoas tão diferentes — nascidas em tempos e lugares e culturas distintas — fossem capazes de combinar tão bem.

— E você, Kahlen?

— Hein?

Miaka se endireitou.

— Algum sonho novo?

Já havíamos jogado esse jogo centenas de vezes para nos manter animadas. Eu tive dezenas de ideias ao longo dos anos. Já tinha pensado em ser médica, para compensar todas as vidas que tirei.

Dançarina, para poder controlar meu corpo de todas as maneiras. Escritora, para descobrir uma maneira de usar minha voz quer eu falasse ou não. Astronauta, caso precisasse botar mais espaço entre Oceano e mim.

Mas lá no fundo sabia que só havia uma única coisa que eu queria de verdade. Olhei para o grande livro de história que estava sobre minha cadeira favorita — o livro que eu tinha intenção de levar comigo para o quarto na noite anterior —, tomando cuidado para que a revista de noivas ainda estivesse escondida dos olhos das outras.

Sorri e dei de ombros.

— Os mesmos de sempre, os mesmos de sempre.

Engoli em seco ao botar os pés no campus. Ao contrário de algumas das minhas irmãs, os ouvidos humanos me deixavam à flor da pele. Mas mesmo agora eu ouvia a voz de Elizabeth na cabeça: "Não precisa ficar dentro de casa o tempo todo. Não vou viver assim", ela tinha prometido talvez duas semanas depois de começar sua nova vida conosco. E ela foi fiel à palavra. Não só saía, mas fazia questão de que o resto de nós também tivesse vida sempre que possível. Me aventurar fora de casa era metade um agrado a ela, metade a mim mesma.

Nossa casa atual era bem perto de uma universidade, o que era perfeito para mim. Isso significava um monte de gente andando de um lado para o outro no gramado e se reunindo em mesas de piquenique. Eu não sentia necessidade de ir em shows ou baladas ou festas, como Elizabeth e Miaka. Me contentava simplesmente em estar entre humanos, observá-los. Se me sentasse debaixo de uma árvore com um livro, era capaz de fingir ser um deles por horas.

Fiquei observando as pessoas passarem, encantada por estar num lugar tão amistoso que algumas pessoas acenavam para mim sem qualquer motivo. Se eu pudesse dizer olá para elas — apenas uma palavrinha minúscula e inofensiva —, a ilusão teria sido perfeita.

— … se ela não quiser. Veja, por que ela não diz alguma coisa pelo menos? — uma garota perguntou ao grupo de amigos ao seu redor. Imaginei-a como uma abelha-rainha, enquanto os demais eram as pobres operárias.

— Você tem toda a razão. Ela devia ter falado que não queria ir pra você, não pra todo mundo.

A rainha jogou o cabelo de lado.

— Bom, pra mim já chega. Não vou ficar com esses joguinhos.

Olhei bem para ela, certa de que jogava um jogo completamente diferente, que sem dúvida ganharia.

— Eu estou te dizendo, cara, podemos projetar isso — um rapaz de cabelo curto afirmava, acenando para o amigo.

— Não sei — respondeu o outro, um garoto um pouco acima do peso que coçava o pescoço enquanto caminhava rápido. Talvez tentasse deixar o amigo para trás, mas seu interlocutor tinha pés tão ligeiros e tanta motivação que poderia acompanhar um foguete.

— Só um pequeno investimento, cara. Podemos estourar.

Segurei um sorriso.

Quando a multidão se dispersou à tarde, fui para a biblioteca. Desde que nos mudamos para Miami, eu passava lá uma ou duas vezes por semana. Não gostava de fazer minhas pesquisas para a caderneta em casa. Já tinha cometido esse erro antes, e Elizabeth me criticara sem piedade por tomar

uma atitude tão mórbida.

— Por que você não vai logo procurar os cadáveres? — ela tinha dito. — Ou pede para Oceano te contar quais foram seus últimos pensamentos. Você quer saber isso também?

Eu compreendia a repulsa dela. Ela via minhas cadernetas como uma obsessão insana pelas pessoas que tínhamos assassinado. O que eu queria era que ela compreendesse como aquelas pessoas me assombravam, como seus gritos permaneciam comigo muito tempo depois de os navios afundarem.

Minha meta hoje era Warner Thomas, o penúltimo da lista de passageiros do *Arcatia*. Warner se revelou uma pesquisa relativamente fácil. Havia milhares de pessoas com o mesmo nome, mas assim que descobri todos os perfis de redes sociais que pararam de postar de repente seis meses atrás, tive certeza de que era ele. Warner era um sujeito alto e magro como um poste, e parecia tímido demais para falar com os outros pessoalmente. Aparecia como solteiro em toda parte, e me senti mal por pensar que isso fazia todo o sentido.

A última postagem no blog dele era de partir o coração:

Desculpem pelo texto curto, mas estou atualizando do celular. Vejam esse pôr do sol!

Logo abaixo, o sol se desfazia sobre as costas de Oceano.

Há tanta beleza no mundo! Não consigo deixar de pensar que coisas boas estão por vir!

Quase ri. A expressão dele em todas as fotos que encontrei me fazia pensar que ele nunca tinha exclamado nada na vida. Mas não pude afastar o pensamento de que alguma coisa tinha acontecido logo antes daquela viagem fatídica. Será que ele tinha motivos para achar que o rumo de sua vida estava mudando? Ou seria apenas mais uma das mentiras que contamos da segurança do quarto quando ninguém pode enxergar a falsidade das palavras?

Imprimi a melhor foto dele, uma piada que ele tinha postado, e algumas informações sobre seus irmãos. *Desculpe, Warner. Juro que não foi por mim que você morreu*.

Com isso resolvido, consegui focar em algo mais divertido. Eu tinha aprendido ao longo dos anos a compensar cada página devastadora da minha caderneta com alguma coisa feliz. Na noite anterior, tinha olhado uns vestidos antes de colar as últimas fotos de Kerry. Naquele dia, seriam bolos. Descobri a seção de culinária e carreguei uma pilha de livros até um espaço vazio no terceiro andar. Me debrucei sobre receitas, coberturas, arranjos de bolo. Preparei bolos imaginários, um de cada vez, desfrutando do mais consistente dos meus devaneios. O primeiro, um clássico com recheio de baunilha com cobertura azul-clara e enfeites de flores brancas. Três andares. Muito lindo. O seguinte tinha cinco andares; era quadrado, com uma fita preta e broches alinhados verticalmente na frente. Mais apropriado para um casamento à noite.

— Você vai dar uma festa?

Levantei os olhos e deparei com um garoto meio desleixado, loiro, que empurrava um carrinho cheio de livros. Ele usava um crachá meio gasto que eu não conseguia ler e vestia o uniforme de todo o aluno de faculdade: calça cáqui e uma camisa de abotoar com as mangas arregaçadas até os cotovelos. Ninguém mais inovava.

Contive o suspiro. Essa parte da sentença era inevitável. Atraíamos as pessoas naturalmente, e os

homens eram particularmente vulneráveis.

Baixei a cabeça de novo sem responder, na esperança de que ele entendesse o recado. Eu não tinha sentado nos fundos do último andar para socializar.

— Você parece estressada. Uma festa cairia bem.

Não consegui segurar um sorrisinho. Ele não fazia ideia. Infelizmente, ele tomou o sorriso como um convite para prosseguir.

Ele passou a mão no cabelo, o equivalente moderno para o "Bom dia, senhorita" e apontou para os livros.

— Minha mãe diz que o segredo para preparar bolos é usar uma travessa aquecida. Não que eu saiba como. Mal consigo preparar uma tigela de cereais sem queimar.

O sorriso sem graça dele sugeria que aquilo era bem provável, e fiquei levemente encantada quando ele enfiou uma mão no bolso, envergonhado.

Era uma pena, de verdade. Eu sabia que ele não era uma ameaça, e não queria magoá-lo. Mas eu estava prestes a recorrer à minha atitude mais grosseira e simplesmente sair andando quando ele tirou a mão do bolso e a estendeu para mim.

— Meu nome é Akinli, aliás — ele disse, à espera de que eu respondesse.

Fiquei boquiaberta. Não estava acostumada com pessoas insistentes diante do meu silêncio.

— Sei que é estranho — ele acrescentou, interpretando errado meu ar de confusão. — É um nome de família. Mais ou menos. Era o sobrenome da família da minha mãe.

Ele manteve a mão estendida, esperando. Normalmente, minha reação seria fugir. Mas algo naquele garoto parecia… diferente. Talvez a maneira como seu lábio se erguia num sorriso sem que ele percebesse, ou o jeito com que sua voz saía suave como as nuvens. Tive certeza de que ignorar aquele rapaz magoaria mais a mim do que a ele.

Com cuidado, como se eu pudesse quebrar a nós dois, apertei sua mão, esperando que ele não notasse como minha pele era fria.

— E você se chama…? — ele deu a deixa.

Suspirei, certa de que isso encerraria o diálogo apesar das minhas melhores intenções. Gesticulei meu nome, e os olhos dele se arregalaram.

— Ah, puxa. Então você estava lendo meus lábios esse tempo todo?

Fiz que não com a cabeça.

— Você ouve?

Fiz que sim.

— Mas não fala… Humm, tudo bem.

Ele começou a apalpar os bolsos enquanto eu tentava combater o medo que me tomava o corpo. Ao contrário de Miaka e Elizabeth, eu não achava tão emocionante me aproximar dos humanos. Para mim, só significava que eu tinha entrado numa região em que talvez quebrasse as regras.

Não havia muitas regras, mas eram absolutas. Permanecer em silêncio na presença dos outros, até a hora de cantar. Quando essa hora chegasse, deveríamos cantar sem hesitação. Quando não estivéssemos cantando, não deveríamos fazer nada que pudesse expor nosso segredo.

— Achei — ele anunciou, sacando uma caneta. — Não tenho papel, então você vai ter que escrever na minha mão.

Olhei para a pele dele, ponderando. Que nome deveria usar? O da carteira de motorista que Miaka tinha comprado para mim pela internet? O que usei para alugar nossa atual casa na praia? O que usei

na última cidade em que estivemos? Eu tinha uma centena de nomes para escolher.

Talvez tenha sido tolice, mas escrevi meu nome verdadeiro.

— Kahlen? — ele leu na mão.

Fiz que sim com a cabeça.

— Bonito. Prazer em conhecê-la.

Abri um sorriso tímido, ainda desconfortável. Não sabia bater papo.

— É muito legal você frequentar uma faculdade tradicional apesar de usar linguagem de sinais. Eu me achava corajoso só por mudar de estado — ele disse, rindo de si mesmo.

Apesar de eu não estar à vontade, admirei o esforço dele para sustentar a conversa. Era mais do que a maioria das pessoas faria na situação dele. Ele apontou de novo para os livros.

— Então, hã, se você um dia der essa festa e precisar de ajuda com o bolo, juro que posso ser disciplinado por tempo suficiente para não estragar tudo.

Arqueei a sobrancelha para ele.

— É sério! — ele riu como se eu tivesse contado uma piada. — Enfim, boa sorte. Vejo você por aí.

Ele deu um aceno tímido e continuou a empurrar o carrinho pelo corredor. Fiquei observando. Eu sabia que ia me lembrar do seu cabelo, que parecia bagunçado pelo vento mesmo dentro da biblioteca, e da bondade do seu olhar. E me odiaria por lembrar de tudo isso se nossos caminhos voltassem a se cruzar num desses dias sombrios, dias como os que Kerry ou Warner me encontraram.

Ainda assim, fiquei grata. Não conseguia lembrar da última vez que tinha me sentido tão humana.

SOBRE A AUTORA



KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e atualmente mora em Christiansburg. Além da série A Seleção, também é autora de *A sereia*. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Mais informações:
www.kieracass.com
@kieracass
www.facebook.com/kieracass
www.facebook.com/theselection
www.youtube.com/user/kieracass
www.pinterest.com/kieracass

Copyright do texto © 2015 by Kiera Cass
Copyright das ilustrações © 2015 by Sandra Suy

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Happily Ever After

CAPA Erin Fitzsimmons
© 2015 by Gustavo Marx/ Merge Left Reps, inc

PREPARAÇÃO Nathália Dimambro

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0434-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br